FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 6 DE ABRIL DE 1968

ANO 47.º — NÚMERO 16 271

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA—TELEX 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Já causou 16 mortos a «fúria negra» nos Estados Unidos

O «retrato-robot» do suposto assassino do dirigente negro e apóstolo da não-violência, Martin Luther King. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»). Ler na pág. 14 uma discrição completa do homem que é procurado pela Polícia norte-americana.

NOVA YORK, 6 — (A.N.I.) — Milhares de guardas nacionais e tropas federais estiveram empenhados ontem à noite, em dominar a furia negra que lançou o terror nas ruas de muitas cidades do país, numa espantosa manifestação de violência e vandalismo.

O próprio presidente Johnson viu-se obrigado a ordenar o envio de tropas para Washington, um dos pontos mais afectados por esta explosão provocada pelo assassínio do dirigente integracionista Luther King.

A lista dos mortos já subiu pelo menos para 16, nesta onda ímpar de pilhagem, incêndio, agressão a tiro e à pedrada, que, segundo um activista negro, «ainda mal começou».

A MORTE DE KING PERMITE-NOS TOMAR O CAMINHO DA REVOLUÇÃO —afirma Carmichael

HAVANA, 6. — (A. N. I. e F. P.). — «A morte de Martin Luther King permite-nos tomar sèriamente o caminho da revolução» — declarou Stokely Carmichael, um dos dirigentes do «poder negro», em breve comunicação telefónica transmitida por Rádio Havana.

Matar o pastor King foi «um grande erro» — acrescentou — «e em face deste assassínio mais nenhum dirigente negro poderá dizer aos seus irmãos de raça: «Não queimem as cidades».

«A guerra de guerrilhas nas cidades irá desenvolver-se» — afirmou ainda Stokely Carmichael.

MAIS DE MIL PRESOS

Cinco homens foram mortos em Washington, quatro em Chicago, e os restantes em cidades que vão de Detroit (Michigan) a Tallahasse (Florida).

Há centenas de feridos. Mais de 350 só em Washington.

O numero de presos ultrapassa o milhar. Washington contribuí para este aspecto com mais de metade — 640.

Chicago (Illinois) foi assolada pela pilhagem e pelo incêndio, principalmente no West Side, onde a situação foi particularmente grave.

Detroit (Michigan), fulcro, no Verão passado, das piores desordens raciais que a História do país regista, foi abalada pelo latrocínio e também pelo fogo posto.

MOTINS EM 46 CIDADES

Ao princípio da noite, pelo menos 46 cidades comunicavam que estavam a ser flageladas pelos motins.

A esposa de Martin Luther King (ao centro) e dois dos seus filhos, á chegada a Atlanta do corpo do dirigente assassinado. À esquerda vê-se um irmão do «leader» morto e o seu sucessor, o rev.º Ralph Abernathy. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

80 PÁGINAS

O «Diário de Lisboa» de hoje, comemorativo do 47.º aniversário, inclui nas suas 80 páginas um suplemento com quarenta e sete artigos, crónicas, contos e reportagens, assinadas pelos nossos habituais colaboradores e por todos os componentes do quadro redactorial do «Diário de Lisboa».

Clamor em Inglaterra contra o projecto de armar guardas de certas prisões

Pelo nosso redactor MANUEL BEÇA

LONDRES, 4 — Uma comissão especialmente nomeada pelo Secretariado do Interior do Reino Unido acaba de apresentar um relatório em que recomendou vivamente ás autoridades uma medida considerada revolucionária: a distribuição de armas de fogo

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

O REI VAI NU...

Mais vale prevenir que remediar... Isto quem o diz é o povo, a boa gente sensata que até pode ser de poucas letras, mas vai andando arrimada à sabedoria que vem de geração em geração. Mas isto é, ao mesmo tempo, a regra de ouro da medicina moderna, como o sublinhou ontem o dr. Cristiano Nina, na conferência que fez para médicos, em comemoração do Dia Mundial da Saúde, definindo e resumindo o seu pensamento numa fórmula simples e incisiva: «mais do que curar doenças importa manter populações sãs». Talvez a estrutura psicológica do homem, o peso que sobre todos nós faz o espectáculo verdadeiramente maravilhoso das novas descobertas, a evolução rápida de técnicas cada vez mais requintadas, conduzem-nos irreprimivelmente para sucessivos e complexos tratamentos, em que deve haver alguma coisa do nosso ancestral instinto de luta, o desejo de sermos capazes de sustentar essa luta e sentirmos perto de nós a esperança de a ganharmos, o que será sublinhado se o inimigo que se defronta é a própria morte. «Teremos de proclamar categòricamente as consequências ruinosas de uma orgânica de assistência à doença, à lesão traumática e à deformação congénita biopsíquica, etc., a menos que se execute paralelamente um minucioso plano de medicina preventiva e de promoção da saúde, onde se integre uma boa parte dos avultados recursos daquilo a que só por ironia continuamos a chamar previdência social», resumiu o dr. Cristiano Nina. Por certo, nem toda a gente admitirá por inteiro todas as consequências de uma tal orientação. Mas o importante é que se ponham as dúvidas, não vá supor-se impossível formular pensamentos divergentes e suscitar o seu confronto. Até para que as pessoas façam o exercício de esfregar os olhos como quem diz que é verdade que não se tinham lembrado e que, afinal, o cortejo das verdades ao longo da História sofre inflexões que nem sempre se prevêem a tempo. Pensar é agradável. E, também, é útil.

VISADO PELA CENSURA

O MINUTO do primeiro golo

TURIM E LONDRES AO ALCANCE DE TODOS OS LEITORES DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Estão confirmadas as datas dos jogos entre as equipas do Benfica e do Juventus: 9 e 15 de Maio, respectivamente em Lisboa e em Turim. E sabe-se, também, de há muito, que a final da grande prova será disputada, em Londres, no dia 29 do mesmo mês.

Temos, assim, que Maio será um mês de grandes acontecimentos desportivos. E será, ao mesmo tempo, um mês inesquecível para alguns felizes leitores do «Diário de Lisboa»...

Já ontem aqui esclarecemos, em linhas gerais, quais as ba-

(Continua na página seguinte)

De ontem para hoje

A SAÚDE NO MUNDO DE AMANHÃ

No anfiteatro do Hospital de D. Estefânia falou ontem o dr. Cristiano Nina, director do Dispensário Central de Higiene Social de Lisboa. Tema da conferência: A saúde no mundo de amanhã. Presidiu a directora-geral de Saúde, dr.ª D. Maria Luisa Van Zeller. Disse o dr. Cristiano Nina: «De futuro e inadivelmente para o bem comum, a medicina terá de possibilitar a colheita dos mais preciosos frutos de uma ciência social amadurecida e, para isso, terá, certamente, de dispor de meios e de orgânica técnico-administrativa apropriada para cumprir com fundamentado realismo a esperança máxima dos biólogos: mais do que curar doenças, importa manter populações sãs. Teremos de proclamar categòricamente as consequências ruinosas de uma orgânica de assistência à doença, á lesão traumática e á deformação congénita biopsíquica, etc., a menos que se execute, paralelamente, um minucioso plano de medicina preventiva e de promoção da saúde, onde se integre uma boa parte dos avultados recursos daquilo a que só por ironia continuamos a chamar previdência social. Não há dúvida de que o abuso de drogas constitui ameaça á sanidade do futuro e parece ser já no presente causa saliente de sérias perturbações na adolescência desencaminhada. Sobre a sua repercussão na saúde do futuro bastara, como advertência, recordar a comprovação de acontecimentos desfavoráveis na mutação dos genes e na eclosão de graves embriopatias humanas.»

A CURVA DO CURVAL

É a curva do Curval, perto de Oliveira de Azemeis, um dos sítios fatídicos das nossas estradas. Está na estrada nacional Lisboa-Porto e muitos sentem já bem de perdido a vida. Mas a curva do Curval lá está impassível, sempre á espera de uma derrapagem, de carro que não se segure com heroicidade ao piso, para desfazer o carro em sucata e as vidas em pó e cinza. Ainda ontem. Um automóvel guiado pelo técnico de máquinas, sr. Hernâni Manuel Gamboa, de 29 anos, do Porto, foi embater numa viatura militar pesada. E mais uma cruz negra no rol da curva do Curval.

LÍNGUA E LITERATURA

No Museu dos Condes de Castro Guimarães, em Cascais, falou ontem D. Maria Helena Correia, versando o tema: «A cultura sócio-linguística portuguesa, historiando a língua e a literatura». Nos contactos e influências mutuas da língua e literatura portuguesas com outras línguas e literaturas, salientando sobretudo as relações com as línguas africanas e orientais.

CAMIONETA À MORTE

Tinha 21 anos e nascera em Fornos de Algodres, António Antunes Alexandre, soldado do Regimento de Infantaria, 2, em Abrantes. Estava para seguir para o Ultramar. Ia numa camioneta, em cima da carga. Ao passar em S. Salvador, perto de Viseu, caiu dela ao solo e foi logo lá morto.

ASSISTENTES DOS HOSPITAIS CIVIS

Ao concurso para duas vagas de assistentes de Ortopedia e Fracturas dos Hospitais Civis de Lisboa, concorreram os drs. Vieira Lisboa, Melo Franco, Coelho de Castro, Filipe Salreta e Rosmaninho Pereira. O júri, constituído pelos drs. Borja Araujo, José Botelheiro, Manuel Azevedo Gomes, Lino Ferreira e Luís Alpoim, aprovou todos os candidatos em mérito absoluto e, em mérito relativo os dois primeiros.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. dr. Neto de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência; eng.º Vasconcelos Raposo, governador do distrito autónomo de Ponta Delgada; general Mário Silva, comandante-geral da Guarda Fiscal; dr. António de Medeiros e Almeida e esposa; e dr. José Ribeiro Espirito Santo de Sá Viana Rebelo e sr. Hermano Saraiva.

NÃO MAIS VERÁ O FILHO

Na bifurcação da estrada Maceira-Lis, perto de Leiria, um automóvel guiado pelo sr. Manuel Espirito Santo, de Arrabalde de Aquém, foi chocar com outro conduzido pelo sr. Manuel do Rosário Coutinho e em que seguia o pai deste, sr. João Coutinho, de 51 anos. Ia este assistir á cerimónia do juramento de bandeira de um filho, em Leiria. Do choque resultou a morte do sr. João Coutinho, que não mais verá o seu filho...

O PROJECTO DE ARMAR GUARDAS DE ALGUMAS PRISÕES INGLESAS

(Continuação da página anterior)

a determinados guardas das prisões classificadas de «máxima segurança».

Segundo a comissão, em virtude das constantes fugas e desordens nos estabelecimentos prisionais, as grossas paredes exteriores das velhas fortalezas atrás das quais a sociedade encerra os indesejáveis (ás vezes por uma vida inteira) devem ser substituídas por rede de aço e as sentinelas exteriores deverão passar a utilizar armas de fogo, colocando-se em torres de vigia, como acontece nos Estados Unidos.

A simples recomendação — pois ainda se não passou e, provàvelmente, não se passara disso — levantou, por todo o país, uma verdadeira onda de protestos, pois o respeito pela pessoa humana é aqui um principio observado com fanatismo quase religioso.

Os mais veementes clamores surgiram da fonte que (para mim, pelo menos) era a mais inesperada — os próprios guardas prisionais.

Falando, ontem, na televisão, o chefe dos serviços de vigilância das cadeias inglesas declarou:

— Acho que tal procedimento representaria um lamentável retrocesso na nossa maneira de viver.

E pôs objecções de ordem vária, que posso dividir em três categorias: de ordem moral, legal e profissional. Segundo aquele circunspecto senhor, não está legalmente estatuido qual a posição perante a lei de um guarda que abata um preso em fuga. Por outro lado, a ele e aos colegas repugnaria fazê-lo e, no aspecto da profissão, o funcionário que, por triste e infeliz necessidade se visse obrigado a tal extremo, seria para sempre um homem marcado e nunca mais poderia estar em contacto directo com os reclusos, comentário do «Times»:

«Seria difícil conciliar as tarefas de guardar, num dia, de arma na mão, a porta da cadeia, e ser um funcionário prisional construtivo no dia seguinte. Para os prisioneiros, seria ainda mais difícil aceitar esta combinação de papeis. Mesmo que as armas jamais entrassem verdadeiramente nas prisões, seria muito difícil evitar, lá dentro uma atmosfera carregada... E qual a reacção do publico, se um dia, um guarda matasse um prisioneiro em fuga? Poderia essa medida ser considerada como justa e conveniente? E, acima de tudo, seria este perigoso esquema realmente necessário? Se se chegasse a um ponto em que bandos armados fossem libertar das prisões os seus camaradas, então, sim, havia que tomar medidas drásticas».

Ao que declarou o sr. Kenneth Younger, presidente do referido comité, nem entre os membros que o constituem houve completo acordo. Sete entre os dezassete que compunham mostraram-se contrários ás medidas aconselhadas embora fossem, na generalidade partidários de um maior rigor na disciplina e nas medidas de segurança.

Outra reacção desfavorável veio da Liga de Harvard para a Reforma Penal, constituida por juristas daquela reputada Universidade, que declarou, prontamente, que se recusaria a acreditar que o Secretário do Interior viesse jamais a seguir tão maus conselhos.

O documento não contorverso incluia, ainda, outras cláusulas! Os prisioneiros considerados mais perigosos, para a sociedade deverão ser dispersos por diversos estabelecimentos. Desta forma, evitar-se-ia uma concentração excessiva de delinquentes, como tem acontecido até aqui, o que é geralmente considerado como causa principal dos frequentes disturbios.

Em qualquer lista de «licenças de fim-de-semana em casa», embora esta experiência possa e deva continuar, com um grupo seleccionado.

A ajuizar por fontes tidas como geralmente bem informadas, o Secretário do Interior, que anunciou para breve a realização de diversas consultas a este respeito, não deve dar andamento ás medidas propostas pela comissão.

Entretanto, um pacato cidadão inglês de 24 anos Philip Barris só não vai experimentar a qualidade do sistema prisional do seu país durante 18 meses porque o juiz lhe suspendeu a sentença por dois anos. No dia 1 do corrente, Philip foi apanhado a conduzir em Londres o seu automóvel com pneus ligeiramente «carecas». De acordo com uma nova lei, entrada nesse mesmo dia em vigor, os condutores dos carros nessas circunstâncias estão sujeitos a ir parar atrás das grades e — disse ninguém os livra — pagarão pesadas multas, ficando por algum tempo, sem carta de condução.

Philip, comerciante não excepcionalmente abastado de bebidas alcoólicas, entregou ao Tesouro por ordem do juiz, que não demorou a apreciar o seu caso, a quantia de 30 libras e sofreu apreensão de carta pelo prazo de 18 meses.

Os pneus do seu automóvel, além de serem de marcas diferentes, o que é contra a nova lei, apresentavam um piso com menos de que os milímetros de espessura exigidos.

Apesar da multa «puxada» o que fez saltar o descuidado comerciante de vinhos para as primeiras páginas dos jornais, foi o facto de ter sido a primeira vitima da rigorosa legislação, que, embora entrada em vigor a um de Abril, não é mentira. Ele que o diga.

Turim e Londres ao alcance dos leitores do «Diário de Lisboa»

(Continuação da página anterior)

ses da nossa iniciativa (convidar **cinco** leitores a assistir ao Juventus-Benfica, em Turim, e **três** leitores a deslocarem-se a Londres para presenciarem a final da prova) **e aqui estamos hoje a fornecer novos elementos sobre o pouco que terá de fazer quem quiser candidatar-se a tão aliciantes viagens.**

Ao longo de dez dias, e a partir de 10 do corrente, o «Diário de Lisboa» publicará cupões em que os seus leitores devem vaticinar o tempo de jogo em que serão marcados os primeiros golos dos jogos Benfica-Juventus, no Estádio da Luz, e Juventus-Benfica, em Turim.

Essa indicação deve ser feita em numeros ordinais («1.º minuto, 14.º, 37.º, 64.º, etc.), devendo todos ter bem presente que um tento obtido, por exemplo, aos 37 minutos e 15 segundos foi marcado ao 38.º minuto. Recordação desnecessária, certamente, mas que aqui deixamos como aviso contra as distracções...

Os leitores que acertarem na resposta concernente ao jogo de Lisboa estão convidados, em numero de cinco, para a viagem a Turim, com todas as despesas pagas pelo «Diário de Lisboa». Se forem mais de cinco os acertantes, proceder-se-á a sorteio, perante representantes da autoridade e interessados que quiserem assistir.

O mesmo se passa quanto ao palpite sobre o MINUTO em que será marcado o primeiro golo do jogo de Turim. Só que o prémio, para três leitores, será a viagem a Londres e o grande espectáculo da final.

Importa ainda esclarecer que só serão considerados candidatos, para qualquer das duas viagens, os leitores que nos remetam a colecção dos DEZ CUPÕES que vamos publicar. Mas nesses cupões podem apresentar vaticínios diferentes, o que permite cobrir dez hipóteses, das noventa que cada jogo nos apresenta...

«DIÁRIO DE LISBOA»

O nosso prezado colega «Comércio do Funchal» transcreveu do «Diário de Lisboa» um dos comentários á política internacional (sobre a situação no Médio Oriente), do nosso estimado camarada João Gomes.

PORTUGAL
na LEFA de HAMBURGO
(23 de Agosto a 1 de Setembro de 1968)

O Fundo de Fomento de Exportação convida as firmas exportadoras do sector alimentar a participarem na representação nacional e levar a efeito naquele certame.

As respostas dos interessados deverão ser dirigidas por escrito aos Organismos de Coordenação Económica respectivos ou ao Fundo de Fomento de Exportação, até ao dia 15 do corrente, de acordo com as condições expressas no Boletim Fundexport n.º 422, de 4 do corrente mês.

Todas as informações serão prestadas pelo F. F. E., Rua Camilo Castelo Branco, 2, 3.º, Lisboa, telefones: 4 09 73, 7 27 48 e 5 91 56.

GUARDE A SUA BELEZA COMO UMA JÓIA!
PERFUMARIA ESTEFÂNIA
ONDE V. EXA ENCONTRA PRODUTOS DE BELEZA E PERFUMES DAS MAIS FAMOSAS MARCAS.
NOVIDADES UMA DAS MELHORES COLECÇÕES DE BIJUTARIA
RUA. PASCOAL DE MELO, 88 (à Estefânia) • Tel. 44438 • LISBOA

SA LISBOA
IV SALÃO DE ANTIGUIDADES
(Hoje: último sábado!)
VEJA NA F. I. L.
— MENSAGEM DE CULTURA E DE BOM GOSTO
HORÁRIO DE HOJE E AMANHÃ — das 15 às 24 horas
SERVIÇO DE RESTAURANTE E BAR ☆ TRANSPORTES ASSEGURADOS

Ora diga-nos...

— Gosta dos «hippies»?

Os jornais, as revistas, o cinema, a televisão, trazem-nos as notícias dum recente movimento de certa juventude: os «hippies». Deles, a maior parte do público, conhece apenas os seus aspectos exteriores. E se nós perguntássemos: «Gosta dos «hippies»?»

● — Não gosto muito — *respondeu-nos o sr. José Monteiro, fotógrafo da Força Aérea Portuguesa.*

— Porquê?

— Encontro pouca seriedade na sua maneira de ser. Não é que eles tenham um comportamento imoralista, mas eu é que não os levo a sério.

— Julga possível que entre nós o movimento aumente?

— Julgo que não. As atitudes dos «hippies» estão fora do âmbito da nossa educação.

● — Gosto — *disse-nos prontamente a sr.ª D. Helena Augusto, modista* — embora não saiba precisar muito bem. Acho-os engraçados.

— Por causa das flores?

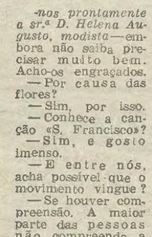
— Sim, por isso.

— Conhece a canção «S. Francisco»?

— Sim, e gosto imenso.

— E entre nós, acha possível que o movimento vingue?

— Se houver compreensão. A maior parte das pessoas não compreende a juventude.



● — Os «hippies» representam uma reacção contra a rotina do dia-a-dia, contra as fórmulas estereotipadas de que vivemos — *disse-nos o sr. Alberto Nobre Pontes, estudante.*

— Mesmo com flores?

— As flores foram uma das saídas que eles encontraram. No nosso mundo, eles só vêem violência. Por isso, em lugar de se entregarem á violência, atiram flores.

— É um movimento da juventude?

— Mais do que isso: é um movimento humano. Eles não tentam senão criar uma fraternidade entre os homens.

VIII Encontro da Imprensa não diária do Sul

MOURA, 6 — Em fins de Abril ou Maio, em dia a determinar, deverá efectuar-se, nesta vila, o VIII Encontro de Jornalistas da Imprensa não diária do Sul, organizado pelo periódico local «Jornal de Moura» e com o patrocínio do S. N. da I. C. P. e Turismo, Grémio Nacional da Imprensa Regional, Câmara Municipal e Comissão de Turismo, e, ainda, com a adesão dos organismos de Coordenação Económica, e das principais industrias locais.

O programa incluirá também visitas aos monumentos, e estabelecimentos de ensino ficoal e técnico.

O TURISMO NA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 6 — Começa a notar-se nesta cidade um certo afluxo de turistas, atraídos pela benignidade do clima e pelas belezas naturais da região.

O que não parece benigno, nem natural, é o estado de abandono exterior a que alguns proprietários continuam a votar os seus prédios, em especial no Bairro Novo.

De facto, existem posturas municipais sobre o assunto. E não consta que tenham desaparecido os últimos «trolhas» da Figueira da Foz, apesar da crise profunda que a construção civil hoje atravessa. Por isso, e porque está em jogo a aparência de uma cidade que tanto deve ao turismo, aqui fica uma pequena lembrança dedicada ao assunto.

Visita de estudo

Em visita de estudo, estiveram nesta cidade 65 alunos finalistas do Liceu de Lana do Castelo, acompanhados por quatro professores, entre os quais o reitor; e 39 do Liceu Nacional de Portimão, acompanhados de dois professores.

Os referidos estudantes visitaram os monumentos e as dependências da Universidade.

Cortejo da Queima de Fitas

De 20 a 23 do corrente, das 21 e 15 ás 22 horas, nas instalações da A. A. C., encontram-se abertas as inscrições dos carros alegóricos que tomam parte no cortejo da Queima das Fitas. O representante de cada carro deve apresentar a «circular» do mesmo e a inscrição só será aceite mediante o pagamento de 10$00 por cada elemento do carro.

FRIGORÍFICOS BOSCH DESDE 2.990$00
CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS
VELA, LDA. Av. António Augusto de Aguiar, 108—LISBOA

cine objectiva
de BOTAS & FINO, LDA.
artigos para fotografia e cinema
LISBOA 2
RUA NOVA DO ALMADA, 51
LISBOA 1
AV. DUQUE DE LOULÉ, 108
LISBOA 2
AV. DA LIBERDADE, 232 — DRUGSTORE
FARO
RUA D. FRANCISCO GOMES, 34

Diario de Lisboa
COIMBRA

OS EXERCÍCIOS DE FREQUÊNCIA DOS ALUNOS VOLUNTÁRIOS DA FACULDADE DE DIREITO

Estão marcados para as datas que vão indicadas os segundos exercícios de frequência dos alunos voluntários da Faculdade de Direito:

1.º ano — Direito Romano, 1.ª chamada, dia 17 de Abril; segunda, dia 26; Direito Português, 1.º, dia 18; 2.º, dia 27; Introdução ao Estudo do Direito, 1.ª, dia 19; 2.ª, dia 29; Direito Constitucional, 1.ª, dia 20; 2.ª, dia 30.

2.º ano — Direito Civil (Teoria Geral) — 1.ª, dia 22; 2.ª, dia 1 de Maio; Direito Administrativo, 1.ª, dia 23 de Abril; 2.ª, dia 3 de Maio; Economia Política, 1.ª, dia 24 de Abril; 2.ª, dia 3 de Maio; Direito Corporativo — 1.ª, dia 25 de Abril; 2.ª, dia 4 de Maio.

3.º ano — Direito Civil (Obrigações) — 1.ª, dia 17 de Abril; 2.ª, dia 26; Finanças, 1.ª, dia 20; 2.ª, dia 30; Direito Ultramarino, 1.ª, dia 19; 2.ª, dia 29; Economia, 1.ª, dia 18; 2.ª, dia 27.

4.º ano — Direito Comercial, 1.ª, dia 22 de Abril; 2.ª, dia 1 de Maio; Direito Processual Civil, 1.ª, dia 23 de Abril; 2.ª, dia 2 de Maio; Direito Civil (Reais), 1.ª, dia 24 de Abril; 2.ª, dia 3 de Maio; Direito Civil (Sucessões), 1.ª, dia 25 de Abril; 2.ª, 4 de Maio.

5.º ano — Direito Criminal, 1.ª chamada, 17 de Abril; 2.ª, dia 26; Internacional Privado, 1.ª, dia 18; 2.ª, dia 27; Direito Processual Criminal, 1.ª, dia 19; 2.ª, dia 29 de Abril.

Todas as provas começam ás 14 e 30, e será facultativa a comparência á primeira ou segunda chamada.

Os alunos ordinários e voluntários inscritos em disciplinas de um ano e de anos anteriores estão, também, obrigados á provas de frequência dessas disciplinas atrasadas, mesmo que nelas já tenham obtido frequências.

Dentro de dias, haverá informação sobre o limite da matéria exigida para as frequências.

Comemorações do 9 de Abril

A Agência da Liga dos Combatentes promove, na terça-feira, diversas cerimónias em comemoração do 50.º aniversário da batalha de La Lys, na primeira guerra mundial, em França.

De manhã, na igreja de Santa Cruz, será celebrada missa, seguida de romagens ao monumento aos Mortos da Guerra, na Avenida Sá da Bandeira, ao cemitério da Conchada e ao talhão privativo dos Combatentes.

Exames do 5.º ano na Faculdade de Medicina

Por despacho ministerial, foi autorizado o prolongamento da época dos exames dos alunos do 5.º ano da Faculdade de Medicina, que a frequentam segundo a reforma de 1930, até 15 de Novembro.

Problemas do trânsito citadino a reclamar solução definitiva

A Comissão Municipal de Trânsito entendeu propor e foi aprovado, que, no espaço ao lado da igreja de Santa Cruz, seja proibido o estacionamento de automóveis. Propôs, ainda, que o passeio da igreja seja ligado ao da Rua Visconde da Luz, para bem servir o público que aguarda os veículos dos transportes colectivos na Praça 8 de Maio.

Logo que foi tornada pública a resolução, houve reclamações de pessoas que alegaram diversas razões e prejuízos que a deliberação camarária causava ao público, mas não foram atendidas.

Durante algum tempo existiu apenas a proibição assinalada por uma placa colocada no passeio, mas, algum tempo depois, foram implantados marcos com correntes de ferro, impedindo que os veículos entrassem naquele espaço.

A Comissão Municipal de Trânsito oficiou a Câmara, solicitando que fosse retirada a proibição de estacionamento pelos prejuízos que causava aos turistas que desejassem visitar o velho templo de Santa Cruz, tão ligado á história de Coimbra e do País, pois não tinham lugar para estacionar, sendo em local muito afastado. A Câmara, em face desta reclamação, encarregou a Comissão Municipal de Trânsito de estudar o assunto, mas a verdade é que, até agora, ninguém sabe o que foi resolvido, e os marcos lá continuam, embora todos os dias tenham de ser afastados para dar passagem a veículos que vão levar mercadorias a estabelecimentos na Rua Martins de Carvalho.

Quem, como nós, apesar de, todos os dias, naquele local, aguardar o eléctrico que conduz a casa, e, muitas vezes, em hora de grande movimento, nunca deu que os automóveis a entrarem e a sairem daquele estacionamento prejudicassem o público. Todavia, no mesmo largo, entre as ruas da Moeda e Direita, lugar apertadíssimo, permite-se o estacionamento de automóveis, sabendo-se que, devido ao trânsito na rua Ferreira Borges e Visconde da Luz ser feito apenas no sentido Sul-Norte, todos os automobilistas que, da parte alta da cidade, desejem ir para o Largo da Portagem, para não darem a volta á Rua Dr. Manuel Rodrigues, descem pela estreitíssima Rua da Moeda.

Por outro lado, também não se compreende que a referida comissão se preocupe tanto com o estacionamento de quatro veículos junto da igreja de Santa Cruz, onde, de repetimos, não prejudicam ninguém, e deixe estacionar automóveis na Rua Visconde da Luz; com grandes transtornos á vida da cidade, salvo no dia do Natal quando, a pedido dos comerciantes, se proíbe o trânsito naquela artéria.

Há, ainda, um motivo que impressiona. A Comissão Municipal de trânsito toma as suas resoluções e apresenta-as á Câmara, que as aprova. Não consta, no entanto, que, a referida comissão proceda a um inquérito, pelo menos junto das entidades ouvidas, de modo a tirar conclusões, antes de apresentar as suas sugestões.

Quere-nos parecer que, se aquela comissão tivesse assim procedido, a Comissão Municipal de Turismo teria-lhe feito apontados os prejuízos que agora apontou á Câmara; e, por sua vez, os Bombeiros, pelo menos, teriam indicado, também, os transtornos que causam os carros estacionados na Rua Visconde da Luz, especialmente em caso de sinistro e que os pronto-socorros tenham de dar a volta á Rua Dr. Manuel Rodrigues para irem, por exemplo, ao Arco de Almedina.

J. M. S.

Interesses citadinos

A comissão de comerciantes que, recentemente, se avistou com os srs. presidente da Câmara Municipal e prof. dr. Bissaia Barreto, para lhes pedir a sua interferência a favor da construção de um hospital civil nesta cidade, foi, hoje, recebida pelo chefe do distrito, sr. eng.º Horácio de Moura, a quem fizeram igual solicitação.

Espectáculos para hoje

TEATROS
GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A flor do cacto», pela companhia de Laura Alves.
CINEMAS
AVENIDA — Às 21 e 30: «Adultério á italiana» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «A cruz de ferro» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O tesouro da Sierra Madre» (12 anos).

Farmácias de serviço

Nazaré — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605).
Figueiredo — Rua da Sofia (Tel. 22837).
Estádio — Rua do Brasil (Telef. 24410).
Montes Claros — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

SÃO CARLOS

A ópera «Tosca» em tarde cultural

No Teatro Nacional de S. Carlos, em continuação da Temporada de Ópera de 1968, cujo fim se está aproximando, realiza-se amanhã, pelas 16 e 30, a tarde cultural da ópera «Tosca», de Puccini, que será dirigida pelo distinto maestro Arturo de Basiel, encenada por Vittorio Patané Caravaglios e interpretada por elenco de excepcional classe: Gianna Galli, Aldo Bottion e Guiuseppe Taddei nos principais papéis e, ainda, Giancarlo Luccardi, Armando Guerreiro, Luís França e Manuel Leitão. Coro do Teatro Nacional de S. Carlos ensaiado pelos maestros Pellegrini e Pasquali. Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Cenários de Alfredo Furiga.

«A Fonte dos Milagres» na Academia de Santo Amaro

A Academia de Santo Amaro realiza amanhã, ás 21 e 30, um espectáculo com a opereta «A Fonte dos Milagres».

VARIEDADES

Ivone Silva reapareceu na revista «Pois, Pois...»

Ivone Silva que, por motivos de saúde, fora compelida a abandonar (durante alguns dias) a sua actuação na super-revista «Pois, Pois...» reapareceu inteiramente restabelecida e, novamente, no domínio absoluto do talento e prestígio que lhe outorgaram plano de todo o relevo na actual vanguarda teatral.

Apenas durante mais alguns dias, o público terá ensejo de aplaudir a empolgante super-revista moderna de grande espectáculo «Pois, Pois...», indesmentível coroa de glória para o fabuloso Raul Solnado que, nesta magnífica super-produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, atinge o ponto mais alto da sua carreira de comediante.

Original de José Galhardo e João Nobre, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa de António Paiva (dirigido por Josefina Soares), direcção musical de Carlos Dias, coreografia de Paulo José e encenação de Cortês, a super-revista «Pois, Pois...» é interpretada por um cartaz autênticamente rutilante: o fabuloso Solnado, a admirada actriz Ivone Silva, Barroso Lopes, Armando Cortês, Francisco Nicholson, Clarisse Belo, a voz apaixonante de Maria Tereso Quinta, o azougue e ritmo do «ballet» inglês «The Santyago Dancer's», a plástica de sonho da atracção brasileira Wanda Moreno, Dina Maria, Gabriel Cardoso, Gilberto Gonçalves, Simone Maria, Odete Antunes, Sara Rafael, Fernanda Franco e Nela Duarte, além de bailarinas e bailarinos internacionais.

MONUMENTAL

Eunice Muñoz à frente de grande elenco em «Deliciosamente Louca»

Prossegue com grande êxito, no Teatro Monumental a magnífica comédia «Deliciosamente Louca!», original de Michel André, na versão portuguesa de Armando Cortês.

Eunice Muñoz, na protagonista, dá-nos mais um desempenho para juntar ao seu galarim de êxito, tendo, a seu lado, também com interpretações geniais, Rui de Carvalho, Rogério Paulo, Henriqueta Maya e João Perry e, ainda, Clara Rocha, Madalena Braga, Vasco Morgado Jr e Vítor Espadinha. Este delicioso espectáculo, que, do primeiro ao último minuto, provoca torrentes de gargalhadas, está no cartaz todos os dias ás 21 e 45.

Aos sábados, ás 21 e ás 23 horas. Domingos á tarde, ás 16 horas e á noite ás 21 e 45.

COLISEU

Um grande elenco na récita popular da ópera «Tosca»

Uma das maiores obras do belo-canto e, simultâneamente, uma das mais apre-

(Continua na 8.ª página)

NOVO CASINO ESTORIL

MAORI HI-LINERS

THE CHARLIVELS

MARIA VALEJO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

THE SPECTRUM

EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

No CINEMA, às 21 e 30 (Maiores de 12 anos)

«BAILARINA»

A última produção de WALT DISNEY

AMANHÃ, ÀS 17 HORAS, «MATINÉE» INFANTIL (Maiores de 6 anos)

RIR! É O MAIS IMPORTANTE NA VIDA...

no MONUMENTAL 2 SESSÕES ÀS 21 e 23 H.

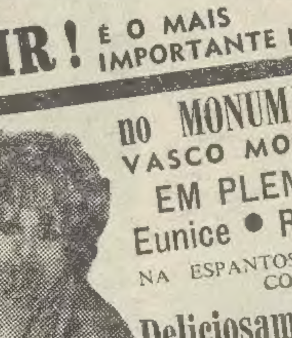
VASCO MORGADO APRESENTA

EM PLENO EXITO!

Eunice • Rui • Rogério

NA ESPANTOSA E DIVERTIDA COMÉDIA

Deliciosamente Louca!



RUI

(ADULTOS)

no elenco HENRIQUETA • PERRY • CLARA • MADALENA • VASCO MORGADO JR. • ESPADINHA

DUAS HORAS DE RISO TOTAL

NÃO DEIXE DE VER ESTE FABULOSO ESPECTÁCULO EM 5.º MÊS

AMANHÃ À TARDE ÀS 16 HORAS (ADULTOS)

TEATRO Telef 32 60 37

VARIEDADES

ADULTOS

HOJE: As 20.45 e 23 HORAS

ESTA É A ÚLTIMA SEMANA!

O MAIOR ESPECTÁCULO DE GARGALHADA!

RIA A BOM RIR COM

RAUL SOLNADO

o fabuloso da gargalhada «PRÉMIO DE IMPRENSA» como actor do ano graças às maravilhosas interpretações que oferece ao público NA SUPER-REVISTA

Pois, Pois...

com

IVONE SILVA

BARROSO • CORIEZ

NICHOLSON • CLARISSE

a voz diferente de MARIA TERESA QUINTA

o «ballet» inglês The Santyago Dancer's

a plástica impressionante da atracção brasileira WANDA MORENO

WANDA: o vulcão do Brasil

AMANHÃ, «MATINÉE» PELAS 16 HORAS

TEATRO ABC

TELEF. 366745

JOSÉ MIGUEL apresenta

HOJE: AS 20.45 E 23 HORAS

AMANHÃ: «Matinée» ás 16 horas

A REVISTA-SENSAÇÃO

ARROZ DE MIÚDAS

ADULTOS

CARLOS COELHO

UM ELENCO DE VEDETAS:

AIDA BAPTISTA • CARLOS COELHO

BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

ÓSCAR ACÚRCIO

DELFINA CRUZ

e a grande atracção o actor-cantor TONY DE MATOS

Coreografia de CHARLES

TEATRO Tel. 361740

MARIA VITÓRIA

ESTA É A ÚLTIMA SEMANA!

HOJE 2 SESSÕES: às 20.45 e 23 horas

O EMPOLGANTE CARTAZ QUE CONQUISTOU AS NOITES DE LISBOA!

a arrebatadora

Companhia Argentina de Revistas

da fabulosa

ETHEL ROJO

Adultos

direcção artística de HORÁCIO BARBA

na revista argentina

«RO... RO... ROJISIMO»

Mulheres maravilhosas e grandes atracções mundiais!

AMANHÃ, «MATINÉE» PELAS 16 HORAS

A INSÓNIA COMO ELA É

As clássicas oito horas de sono constituem uma necessidade real ou uma convenção social? Quais as diferenças psicológicas entre as pessoas que dormem bem e aquelas que dormem mal? Sedativos: solução ou problema? Selecções de Abril, que já se encontra à venda, resolve estas e outras questões do estranho mundo do sono. Não perca! Selecções, é uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

CAPITÓLIO

Tel. 320379

Às 21.45 (M. 17 anos)

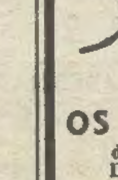
TRIUNFO ABSOLUTO

AS TRÊS PERFEITAS CASADAS

de Alejandro CASONA

pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

2.ª-FEIRA, em Setubal «A LOCOMOTIVA»



CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco de Borja, n.º 22

Telef. 677299

LISBOA

Às 19 horas

OS DIAS FELIZES

de SAMUEL BECKETT

Direcção de Artur Ramos

com

Glicínia Quartin e Ruy Furtado

Maiores de 17 anos

subsidiado pelo Fundo de Teatro

CASIMIRO

ITERCOIFFURE

Rua Nova do Almada, 64, 1.º, D. — Telef. 34038 — LISBOA

ENGLISH SPOKEN | ON PARLE FRANÇAIS | MAN SPINGHT DEUTSCH

SECÇÃO DE BELEZA | HOTEL TIVOLI | AV. DA LIBERDADE

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

DR. KILDARE — **Há um país, não sei onde. Nesse país aconselham as pessoas iradas a contar até 10 antes de falarem. O perigo de se seguir o conselho demasiado á risca consiste na habituação. A certa altura, uma pessoa já vai nos sete biliões, oitocentos milhões, quatrocentos e trinta mil e noventa e cinco unidades, ou seja: 7 800 430 095, isto contado ao ritmo das pulsações, e dá por si estranhamente modificado, apalpa-se, «by God (aí estas minhas leituras do Capitão Morgan!) by God, isto sou eu, ou é uma estátua»? Claro que ás vezes já nem tempo tem de perguntar nada, tanto de pedra está!**

Bom. Ontem contei até dez, talvez um pouco mais, convenhamos. O 3.º episódio kildérico teve o condão de me pôr num euforismo de ouriço. Não sei se vocês viram. Mas se ainda não viram deixem-se estar. Eu assumo-me na totalidade bode expiatório da comunidade e por todos vocês me revolto e revoltarei, grito e gritarei aqui d'el-rei, aqui d'el-rei!

Imaginem os médicos a passear o seu diletantismo nos corredores do hospital, a falar do novo anticâncer, o CTH, e da doença de Hodgkin; uma freira a cantar romântico á cabeceira do moribundo em potência; a Francesca que casa com o conde, por simples condão; o Gillespie-20-anos-atrás, e mais velho do que na actualidade, a atirar piropos á condessa de Brabante; o dr. Kildare e o colega escocês a discutir os problemas do cancro á mesa do chá e com o ar convicto de quem discute as apostas nos cavalos!

O processo de deseducação da realidade e da fantasia deixa-me amedrontado quanto aos estragos que ele possa causar quando servido por uma colossal máquina como é a televisão americana. Se bem pensarmos, este fenómeno explica muita coisa que a Imprensa diária, na sua urgência natural, não tem tempo de explicar. E engana-se muito quem pensa que o objectivo destes «Kildares», destas «Bonanzas», destas «Missões impossíveis», etc, etc., seja, candidamente, o de entreter com simplicidade e sem grandes preocupações intelectuais. Há muitos milhões de dólares investidos nestas séries — e o dólar, ao nível do milhão, pode alguma vez ser ingénuo?

SERENATA DE COIMBRA

— Tudo quanto tenho aqui dito, sobre a apresentação das serenatas de Coimbra, se aplica á sessão de ontem nos seus defeitos; no que se refere ás qualidades, nada do que eu já disse é válido. Tudo foi negativo — porque tudo redundou numa recaída súbita e mortal no convencional, nos narizes-de-cera, nos sepúlcros caiados que já não supunhamos ser possíveis na voz de actuais estudantes de Coimbra.

1 — Abusou-se do mito das escadinhas e da pedra morena. Cada «serenata» se está a transformar numa autêntica degola da imaginação. Intencionalmente, há um apelo á saudade — como se Coimbra fosse uma permanente sugestão á calva, ao remanso das pantufas, ao ventre bojudo, ao *«o senhor doutor ainda não chegou...»*, como se Coimbra fosse um pretexto morto de tristeza, pinga-amor de tricanices e chicanas. Não se está farto ainda de ver Coimbra transformada num Passeio Público De Fantasmas A Hora Do Entardecer?

2 — Quando se resolverá finalmente a nossa televisão a verificar que há gente viva em Coimbra? E que determinada actividade só se justifica quando... em actividade? Para demonstrar a vitalidade do fado de Coimbra não haveria nada melhor do que apresentar as reacções da população juvenil de quem o fado dependeria. Repare-se que a cena se repete de serenata para serenata: o grupinho limitadíssimo, constituído pelo «quanto baste» de intérpretes. O resto é pedra, estrelas, cenário, solidão, desoladora irrealidade. Presença viva de estudantes — nenhuma. Será para evitar distraí-los das suas preocupações que a R. T. P. os não visita nas suas «repúblicas», aí onde a autenticidade das canções seria posta á prova?

3 — No que respeita á interpretação, a serenata de ontem marca uma regressão nítida. As últimas conquistas no domínio da expressão e de contensão como que se evaporaram. Fernando Gomes Alves e José Manuel Santos procuraram restabelecer o domínio da garganta e do fôlego. Voltámos aos tempos em que melhor jogava futebol quem mais alto atirasse a bola. Houve o bom-senso de limitar o programa a quatro fados. A dose habitual de oito, vigente nos «TV Clubes», seria mortal para os telespectadores — e para a popularidade que a canção de Coimbra está ganhando em todo o País. Acontece que ao nível de cantar para a Ursa Maior, as palavras saem deformadas e a tal ponto que morrem na garganta. E como nem o espectáculo televisivo, nem a linha melódica ajudam muito, o certo é que se atinge o zero absoluto no desinteresse do público. E bem feito.

4 — Guardei para o fim desta breve crónica em que muitos outros problemas ficam por aflorar, duas palavras dirigidas ás letras dos fados de ontem. Como não nos sentirmos envergonhados de ver jovens universitários, de barbas na cara, entoar umas palavrinhas mortas pelo convencionalismo, pela ferrugem, pela literatice, pela ingenuidade mais primária? Quem, consciente da verdade que na juventude mora, não há-de doer-se de versinhos papalvos género

Fecha os olhos de mansinho
não os abras para ver (!)
que a vida, de olhos fechados,
custa menos a viver.

Como não lamentar a ressurreição de ninharias petulantes abrilhantadas pelo verniz falso das falsas emoções, género

Dizem que amor de estudante
não dura mais que uma hora.
Só o meu é tão velhinho
que inda não se foi embora.

Como não sentir que se pretende cortar cerce a seriedade perante a vida presente ou latente em tantas baladas e fados já conhecidos do público, com o chocho recurso ao engraxa-castas de versos assim:

A «cabra» da velha torre
meu amor, chora por mim.
Quando um estudante morre
os sinos tocam assim.

A quadra ajustava-se perfeitamente ao ambiente em que decorrera a serenata: pesado, fúnebre, caliginoso. A «cabra» chora? Pois que chore. Pelos estudantes vivos não chora ela. E é dos estudantes vivos que depende a vida da canção de Coimbra. A que ontem faltou ao encontro.

MÁRIO CASTRIM

HOJE PODE VER...

• **Às 20 e 55: O Cavaleiro da Tempestade**

A R. T. P. apresenta, esta noite, mais um episódio filmado da série «O Cavaleiro da Tempestade», hoje intitulado «Quando rufam os tambores», numa realização de Yamick Andrey, e que será interpretado pelos artistas Robert Ttchevany, Jacques Balutin, Gianni Esposite e Gills Pelletier.

• **Às 22: Eurovisão**

Numa transmissão directa de Londres, a R. T. P., apresenta, esta noite, por intermédio da Eurovisão a final do «Concurso Eurovisão da Canção 1968».

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

TEATRO VILLARET

HOJE • ADULTOS

2 SESSÕES: Às 21 e às 23 h.

Domingo, «matinée», às 16 h.

FLORBELA QUEIRÓS

VOLTOU À COMÉDIA

VENHA VÊ-LA EM

AGARRA QUE É MILIONÁRIO

UMA COMÉDIA PARA GENTE QUE GOSTA DE RIR COM O DINHEIRO DOS OUTROS

com

HENRIQUE SANTANA

IRENE ISIDRO

ARTUR SEMEDO

TOMÁS DE MACEDO

ANABELA

e FLORBELA

RAUL SOLNADO VAI VOLTAR EM FORÇA AO TEATRO VILLARET

SAPATARIA ORION

Sempre as últimas novidades para SENHORA e HOMEM

Rua Garrett, 42 — LISBOA

QUINZENA DO NOVO CINEMA PORTUGUÊS

Um certo descrédito rodeia ainda o cinema português que, diga-se, frequentemente se tem envolvido em aventuras pouco dignificantes que muito têm afectado a sua aceitação por parte do público.

Uma nova corrente, porém, surgiu no cinema português.

Com efeito, uma geração nova de cineastas procurou, nestes últimos anos, abrir um caminho inteiramente diferente do clima de medíocre comercialização que sempre tem dominado entre nós. Esta tem sido a obra de cineastas generosos e de talento, como António de Macedo, Artur Ramos, Ernesto de Sousa, Paulo Rocha, Manuel de Oliveira, Fernando Lopes, Alfredo Tropa, Faria de Almeida, e outros que, havia muito tempo, aguardavam a oportunidade de se revelarem.

A obra destes autores vai ser objecto, a partir do próximo dia 15 e até ao dia 27, de uma significativa apresentação no Cinema Monumental, graças a uma iniciativa da Casa da Imprensa e das Quinzenas do Bom Cinema.

A apresentação em conjunto das obras dos referidos cineastas vai surpreender muita gente que ainda não teve a oportunidade de tomar consciência dos problemas e das perspectivas em que o cinema português se debate presentemente, e no qual se evidencia, pela primeira vez, o sentido das responsabilidades comuns.

ÓPERA EM S. CARLOS:

«TOSCA» DE PUCCINI

Não foi excepcional (longe disso!) nem atingiu momentos de especial brilhantismo a récita de ontem com a *Tosca*, de Puccini. Manteve-se, sim, em nível mediano, correcto evidentemente, embora aquém do que poderia esperar-se de um teatro funcionando no regimen do S. Carlos: á base de elencos encabeçados por grandes vedetas internacionais. Essa mediania manifestou-se, aliás, nos dois aspectos essenciais de um espectáculo de ópera — vocal e cénico.

Aprofundemos um pouco estas impressões. De todos os artistas em cena, o barítono Giuseppe Taddei; e a quem coube o papel do sinistro «Scarpia»; é indiscutivelmente, o mais categorizado e o de maior reputação. Não se encontrará, talvez, no apogeu dos seus recursos de cantor. Isto, porém, quanto a volume de voz, pois o timbre permanece bonito e esmaltado e a sua escola de canto não está em causa. Mas a verdade é que a voz de Taddei, apesar de menos potente que há uns anos atrás, não deixou de sobressair no final grandioso do 1.º acto. Do actor tem de falar-se num tom muito diverso.

Nesse plano, Taddei mostra-se falho de subtileza e cultiva um estilo «antiquado» de representação, que o leva, com demasiada frequência, a «dirigir-se ao publico», com prejuízo da autenticidade da situação dramática.

Diga-se de passagem que o encenador Patané Caravaglios moldou o seu trabalho quase sempre de acordo com a linha tradicional. E as poucas «novidades» que trouxe não pareceram muito felizes. É o caso, nomeadamente, de duas cenas capitais do 2.º acto: quando o pintor «Cavaradossi» invectiva «Scarpia» violentamente e, quase no fim, na altura em que «Tosca» toma a decisão de assassinar o mesmo «Scarpia», para não ceder ás suas propostas desonestas. Patané, incidindo de preferência no elemento puramente espectacular e usando de uma liberdade que nada acrescenta á densidade dramática da acção (se é que não e diminui até), faz que «Cavaradossi» atente contra a vida de «Scarpia» servindo-se de um punhal que arrebata a um dos esbirros. Desta alteração resultou outra. Segundo a rubrica, «Tosca» mata «Scarpia» com uma faca que ela vê, por acaso, em cima da mesa posta para a ceia, quando procura reanimar-se, bebendo um pouco de vinho. Ora, na marcação de Patané, «Tosca» apanha do chão o punhal que «Mario Cavaradossi» não chegara a poder utilizar, e é com essa arma que liquida o «Barão Scarpia».

Após estas observações, prossigamos na apreciação dos cantores: Gianna Galli não possui a voz ideal para encarnar a protagonista da *Tosca*, mas faz o possível por torná-la mais encorpada. Isto sente-se, por vezes, com demasiada evidência. Mas o timbre é bonito e não faltaram inflexões de dicção bastante expressivas, como, por exemplo, nos duetos com «Cavaradossi». De salientar a figura elegante desta artista, o que não é indiferente para o papel que desempenhou.

Em contrapartida, Aldo Bottion («Cavaradossi») dispõe de uma voz cheia e volumosa. Precisa, é certo, de aperfeiçoar a sua escola de canto, mas quando o conseguir poderá ser um excelente tenor. No plano cénico cumpriu correctamente, dentro da discrição.

Giancarlo Luccardi foi um «Angelotti» mais que satisfatório e os elementos portugueses que tomaram parte nesta récita integraram-se com aprumo no conjunto. Um bravo a Luís França pela maneira como cantou e representou o papel de «Sacristão», não caindo em exageros caricaturais. Por sua vez, Armando Guerreiro confirmou aqueles predicados vocais que lhe são peculiares e estão muito acima do que se exige de um artista que se encarrega de papéis como o de «Spoletta».

Os cenários de Furiga criaram ambiente adequado. Boa a participação do Coro de S. Carlos. O maestro Arturo Basile, ao contrário do que acontecera na récita da «Traviata», teve no 3.º acto da «Tosca», tendência para arrastar os andamentos. Mas a sua experiência fez-se sentir ao longo do espectáculo. Quanto á Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, correspondeu denotadamente ao que lhe era pedido.

NUNO BARREIROS

MARCHAS POPULARES NO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DE NOVA LISBOA

A Câmara Municipal de Nova Lisboa prossegue nos preparativos para as comemorações do 56.º aniversário da fundação da cidade que decorrerão de 31 de Agosto a 21 de Setembro, integradas nas Festas da Cidade.

Estão já previsto alguns números de cartaz, entre os quais a Exposição-Feira e as Marchas Populares.

Responderam já nove bairros ao apelo da Câmara e os ensaios começarão em breve. É possível também que alguns dos concelhos do Huambo se associem com as suas marchas ás Festas da Cidade de Nova Lisboa.

Entretanto, a Câmara abriu concursos para a «Grande Marcha de Nova Lisboa-1968» e para um cartaz alusivo.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* A gerência do restaurante típico «Mil e Um», da Travessa da Espera, continua entregue ao artista Manuel Henriques.
* A artista Maria de Fátima gravou o seu primeiro disco comercial para a «Ophir».
* No Grupo Desportivo da Mouraria, na Rua do Terreirinho, 80, 1.º, passa a haver, a partir de hoje, todos os sábados á noite, sessões de fados e guitarradas, com fins beneficentes.

COLISEU

HOJE, às 21 e 30

(Maiores 17 anos)

O grande filme de espionagem

«BERLIM REUNIÃO DE ESPIÕES»

AMANHÃ

3 ESPECTÁCULOS 3

Às 15 horas

Entrada gratuita ás crianças dos 6 aos 10 anos

O filme português

«9 RAPAZES E UM CÃO»

Às 17.30 e 21.30

(Maiores 17 anos)

«BERLIM — REUNIÃO DE ESPIÕES»

Pensão Monumental

(Restauradores)

Magníficos aposentos.

Serviço de bom hotel.

R. da Glória, 21 — Tel. P. P. C. 369807

TELEVISORES BLAUPUNKT DESDE 6.490$00

JÁ COM UHF — CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS

VELA, LDA. Av. António Augusto de Aguiar, 108 — LISBOA

Carlos Mendes (Portugal); Cliff Richard (Grã-Bretanha); Gianni Mascolo (Suíça); Kristina Hautala (Finlândia); Karel Gott (Áustria); Claude Lombard (Bélgica); Claes Goeran (Suécia) e Massiel (Espanha)

LONDRES: FESTA DA EUROVISÃO

por JOSÉ VIEIRA (Especial para o «Diário de Lisboa»)

LONDRES, 6 — (Por Telex) — Do Minho aos Urais (será esta a Europa de de Gaulle), com um desvio africano, passando pela Tunísia, a Europa verá esta noite a festa maior da Eurovisão. Dezassete canções em terreiro à procura da Europa para uma consagração (justa?) que renderá milhões, a fama e o ouro. No Royal Albert Hall (lotação esgotada de 7 mil lugares, pagos em libras depauperadas, mas agora com um bom reforço eurovisivo...), assim como que um Coliseu em ponto grande, estarão os olhos e ouvidos da Europa.

A Imprensa londrina, finalmente, começou anteontem a dar o relevo devido ao Festival. Até então, muito pouco, quase nada...

FAVORITOS PARA ESTA NOITE?

À frente de todos, Cliff Richard com «Congratulions», composição extremamente comercial, cheia de ritmo que todos trauteiam e assobiam, corpo balouçando. Terá ela a primeira vitória bisada, logo no ano seguinte ao da anterior? Há muito quem o espere.

Norrie Paramor, famoso chefe de orquestra inglês que dirigirá a orquestra da BBC quando Cliff Richard cantar, confia e joga aberta sua terra. Depois afirma gostar das canções austríaca, 'portuguesa tamente na canção da sua terra. Depois afirma gostar das canções austríaca, portuguesa («leve, moderna»), france e espanhola. Cliff Richard, esse quer vencer e não lhe falta o apoio fortíssimo de uma máquina poderosa. E a canção pertence aos autores da triunfadora de Viena («Poppet on a String»), sabidões do melhor sentido comercial...

Cliff (bom amigo dos portugueses) afirmou-nos:

— Se eu não puder vencer, que ganhe Portugal. Tem uma boa canção, moderna, agradável.

E, em jeito de conclusão, estranhou:

Porque é que o vosso país não anos anteriores? São coisas... Cliff amigo.

Carlos Mendes descontraído e Massiel em foco

A representante de «nuestros hermanos», embora surgida à última hora, tem tido uma promoção em cheio.

Todo o mundo foi «inundado» com os seus discos, fotos e dados biográficos. Andou em «campanha de lançamento», numa roda-viva pela Europa e, em Paris, comprou «chez Courreges» um vestido mini-saia, branco e com flores bordadas à mão, que custou quase vinte e quatro contos...

E Carlos Mendes?

— Estou bem, descontraído à-vontade, diz-nos.

Chamam-lhe já o «rei» (estamos em Londres...) da simpatia.

Teve problemas com a organização, (Manuel Jorge Veloso também apontou defeitos na «máquina» que, inglesa, se supunha, perfeita: «prometeram uma trompa e não há trompa, prometeram colocar os músicos que levávamos, junto do cantor e tal não acontecerá.»

Apesar de tudo, Mendes apresentar-se-á calmo e com uma distinção notável e moderna, na linha de Amstrong Jones. (belo smoking, bela camisa de colarinho azul). No entanto, não deixou de ir a Canaby Street, a rua de Mary Quant, comprar vestuário «pop»... Um pormenor curioso: Carlos Mendes, que não usa relógio, chega sempre a tempo onde que que tenha de comparecer. E não faz esperar a Imprensa, ao contrário de muitos...

Para finalizar este telex, a poucas horas do começo da «gande batalha», outra curiosidade: contràriamente ao habitual nos anteriores festivais, o intervalo que antecede a votação não será com um «mini-acto de variedades», mas sim com a projecção de um filme sobre Londres—tempo exacto: 4 minutos e 30 segundos, que é quanto durará o intervalo — pois, agora que tocou a apertar o cinto, tudo serve para ajudar a velha Albion...

O acompanhamento musical intitula-se «Oranges and Unions». Pergunta-se — Para quem as laranjas, para quem os limões?...

O «Palmarés» do Festival

Desde que, em 1956, a Eurovisão criou, com carácter anual, o seu Grande Prémio da Canção Europeia, foram os seguintes os resultados obtidos (na passada quarta-feira, o «Diário de Lisboa» enumerou-os, em todas as suas edições), hoje, recordamo-los de novo:

1956 — Suíça: «Refrain» (Lys Assia).
1957 — Holanda: «Net als toen» (Cory Broken).
1958 — França: «Dors mon amour» (André Claveau).
1959 — Holanda: «Een beetje» (Teddy Scholten).
1960 — França: «Tom Pillibi» (Jacqueline Boyer).
1961 — Luxemburgo: «Nous les amoureux» (Jean Claude Pascal).
1962 — França: «Un premier amour» (Isabelle Aubret).
1963 — Dinamarca: «Dansevise» (Grete e Jorgen Ingmann).
1964 — Itália: «Non ho l'éta» (Gigliola Cinquetti).
1965 — Luxemburgo: «Poupée de cire, Poupée de son».
1966 — Áustria: «Merci Chérie» (Udo Urgens).
1967 — Grã-Bretanha: «Puppet on a string» (Sandie Show).

O JURI NACIONAL «TEM» 27 ANOS

Cada país concorrente tem o seu juri nacional que não poderá votar (naturalmente) na sua canção e que dispõe de 10 votos (tantos quantos os membros do juri).

Cada jurado tem, portanto, ao seu dispor um voto que aplicará como entender, não sendo, porém, permitidas abstenções. O juri português será o primeiro a comunicar a sua votação, pois nesta mantém-se a ordem da apresentação das canções.

E quem faz parte deste juri?

Eis a sua composição: D. Maria Helena Oliveira Simões (35 anos, dona de casa); D. Madalena Iglésias (29 anos, cançonetista); D. Maria João Aguiar (28, produtora e apresentadora de programas da Rádio e da TV); D. Isabel Maria Spencer Vieira Martins (16, estudante liceal); Dr. António Reis (38 anos, director da revista «Flama»); José Joaquim Machado Leite (33, empregado de escritório); António Moniz Pereira (28, componente do conjunto 1111); eng.º Bernardo M. Palma Mira Delgado (23, engenheiro de máquinas); Luís Fernando Cardoso Nandim de Carvalho (22, estudante universitário); e Pedro Manuel Mota Vaz do Castelo (21, locutor da Rádio).

Num festival de música jovem, temos também um juri jovem. A média da idade dos seus componentes é de 27 anos. E a «nossa» canção também é jovem de jovens e vitoriosa (ao nível caseiro, entenda-se) graças a um juri jovem.

E quando for chamado, pela BBC, a dizer de sua justiça o porta-voz (a porta-voz, aliás, pois trata-se de uma senhora) informará qual o resultado da nossa votação.) É a sr.ª D. Maria Manuela Furtado, do serviço de Relações Internacionais da RTP, que sempre tem desempenhado essa missão.

O juri reune-se, a partir das 18 horas, nos estudios da TV, donde só sairá pelas 24, pois das 18 às 20, a BBC transmitirá, directamente, o som do ensaio geral então a decorrer. Essa transmissão será gravada para a hipótese de qualquer membro do juri querer repetir a audição das canções. Dado que, iniciada a reunião do juri, nenhum dos seus elementos poderá sair do estúdio, a R. T. P. servirá ali a todos uma refeição volante.

Mais de 200 milhões de telespectadores

O espectáculo desta noite, como já dissemos, será transmitido em directo por grande número de países europeus, numa audiência de mais de 200 milhões de espectadores. Assim acontecerá com todos os que pertencem à Eurovisão: Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Jugoslávia, Luxemburgo, Mónaco, Noruega, Portugal, Grã-Bretanha, Suécia, Suíça e também pela Tunísia, integrada igualmente naquele organismo.

Transmitem-no também a Alemanha Oriental, Bulgária, Checoslováquia, Hungria, Polónia, Roménia e União Soviética, que formam a Intervisão.

Oito destas estações (Alemanha Ocidental, Finlândia, França, Holanda, Noruega, Grã-Bretanha — 2 canais — Suíça e Suécia) transmitem a cores esta grande final do Concurso Eurovisão da Canção.

Por outro lado, a rádio fará, igualmente, a transmissão integral do espectáculo, através das seguintes estações: Rádio Eireon (Irlanda), Rádio Nacional de Espanha e Cadeia de Rádio das Forças Armadas Britânicas em Colónia, Gibraltar, Chipre, Malta e Singapura.

Sophie Garel e Chris Baldo (Luxemburgo)

Luci Kapurso e Hamo Hajdarhodzic, representantes da Jugoslávia com os restantes elementos do seu conjunto

Acompanhe a votação e vote também

Ordem	País	Canção	Intérpretes	Voto do leitor	Classificação final
1	Portugal	Verão	C. Mendes		
2	Holanda	Morgen	R. Tober		
3	Bélgica	Quand tu reviendras	Claude Lombard		
4	Áustria	Tausend fenster	K. Gott		
5	Luxemburgo	Nous vivrons d'amour	G. Baldo e S. Garel		
6	Suíça	Guardando il sole	G. Mascolo		
7	Mónaco	A chacun sa chanson	Line e Willy		
8	Suécia	Det boerjar...	C. Hederstroem		
9	Finlândia	Kun kello käy	Kristina Hautala		
10	França	La source	Isabelle Aubret		
11	Itália	Mariana	S. Endrigo		
12	Inglaterra	Congratulations	O. Borre		
13	Noruega	Siress	C. Richard		
14	Irlanda	Chance of a lifetime	P. Geegan		
15	Espanha	La, la, la...	Massiel		
16	Alemanha	Ein hoch der liebe	Wiencke Myhre		
17	Jugoslávia	Jedan dan	Kapurso e Hamo		

Isabel Aubret (França); Odd Borre (Noruega); Pat McGeegan (Irlanda); Sérgio Endrigo (Itália), Ronnie Tober (Holanda) e Wencke Wyhre (Alemanha)

Line e Willy, representantes do Mónaco

Dezassete canções na casa das mil portas

É uma construção oval. Enorme, de tijolo vermelho, com uma cúpula, situada a 46 metros do solo. A cúpula é de vidro e ferro.

Tudo é grandioso neste Royal Albert Hall, cenário londrino para a festa maior da Eurovisão: 17 canções no gorjeio primaveril da Europa.

Ergue-se em frente dos jardins de Kensington e do enorme (também) Albert Memorial, ladeado pela Royal Geographical Society e pelo Royal College of Art.

Num país de instituições, numa capital de instituições, numa terra cheia de instituições que baloiçam e oscilam (algumas caem) pela força das convulsões e evoluções, o Royal Albert Hall tornou-se, também, uma instituição, com a sua silhueta redonda, onde há quase um século (foi inaugurado em Março de 1871) se encadeiam todos os espectáculos, alegres e populares, pomposos e solenes.

No dia da inauguração, a que presidiu a rainha Vitória, ali compareceu a fina-flor da «high society» de então, políticos e embaixadores.

E conta-se que a soberana ficou tão emocionada, diante da magnificência do Hall que foi o filho, o príncipe de Gales, seu herdeiro, que tomou o seu lugar na cerimónia.

Aquando do lançamento da primeira pedra do edifício, alguns anos antes, a rainha manifestara o desejo de que à designação projectada «Hall of Arts and Sciences», se antepusesse «Royal Albert», em memória de seu marido, morto em 1861.

● O elevador faz muito barulho

Para a época, a casa era sensacional. Hoje, as reparações e redecorações são constantes. As cadeiras são em forma de ferradura, com três filas de camarotes encimadas por um balcão e uma galeria sob o telhado. E as beneficiações são tão frequentes que se diz que são arranjadas duas cadeiras por dia. Dois homens trabalham durante todo o ano sobre o telhado, reparando vidros ou pintando as paredes.

Foram precisos quarenta quilómetros de fio eléctrico para iluminar o edifício. Há tempos calculou-se que existiriam umas 828 portas no edifício (outros falam de mil), mas ninguém sabe o número certo. Qual será a do triunfo?

A limpeza do edifício é o maior problema do Royal Albert Hall, que tem sete andares, 11 bares e bufetes, muitas escadas e vestiários para 1200 espectadores. Existe apenas um elevador, que não será utilizado durante o espectáculo, devido ao barulho que faz.

Assim, os alimentos têm de ser transportados, por escadas, para o restaurante e para os bares.

O terreno em que o Royal Albert Hall se encontra instalado foi adquirido com os rendimentos da Grande Exposição de 1851, mas a maior parte da construção foi custeada pelo público, a quem foi dada a possibilidade de comprar cada cadeira por 100 libras. Como compensação, o comprador (ou o seu herdeiro) poderia ocupar, livremente, essa cadeira, em qualquer espectáculo durante 999 anos.

A iniciativa foi um êxito, mas, mais tarde, surgiram os problemas, quando o público, munido de bilhete (que comprara), verificava que o seu lugar já estava ocupado pelo dono da cadeira.

Isso não acontecerá hoje. E o elevador não prejudicará as cantorias e as cadeiras estarão em forma. Tudo funcionará bem afinadinho (o problema da ressonância foi resolvido, dizem), que os ingleses são muito organizados e nunca gostaram de fazer fraca figura. Mesmo com a libra na mó de baixo, abriram os cordões à bolsa, os valentes...

ALCATIFA NO SISTEMA "TUFTING":
Exclusivo REALTUFO-MERAKLON
produzida por FERCOL (Seia)

Meraklon®
A fibra leve e resistente
Um produto POLYMER, s.p.a., do grupo
MONTECATINI-EDISON

A fibra **MERAKLON** é insensível às manchas: a sujidade não penetra, deposita-se simplesmente. Por isso, 90 % das manchas desaparecem ao passar de uma esponja ligeiramente humedecida.

As alcatifas de **MERAKLON** não se sujam, não se gastam, não feltram, ... são pràticamente eternas.

DIST. FLUMEN

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 6.ª página)

cidades óperas, «Tosca», obra-prima de Puccini, volta a cantar-se na dia 9 no Coliseu dos Recreios, em récita popular, com a qual prossegue a Temporada Popular de ópera que o Teatro Nacional de S. Carlos está a realizar no Coliseu dos Recreios.

Dirigida pelo distinto e grande maestro Arturo Basile, que conduz a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, «Tosca» é interpretada pelo mesmo grande elenco que a interpreta neste momento em S. Carlos e que tem os famosos cantores Gianna Galli, Aldo Bottion e Guiuseppe Taddei, nos principais papéis.

MARIA VITÓRIA

Últimos dias da revista «Ro... Ro... Rojisimo»

Falada em espanhol, mas aplaudida por todo a gente, a magnífica revista argentina «Ro... Ro... Roíisimo» encontra-se nos derradeiros dias de exibição, após ter atraído ao Teatro Maria Vitória autênticas multidões.

Um famoso elenco, com domínio absoluto da grande estrela sul-americana Ethe Rojo, interpreta esta realização de Horácio Barba: «Ro... Ro... Roíisimo», revista plena de humor, alegria e lindas mulheres.

No cartaz, figuras idolatradas pelas plateias de muitas latitudes: Ethel Rojo, Orlando Marconi, Alfonso Lusson, Alicia de Arzaga, Angel Eleta, Marino, Cadesito, The Rickels, The Moloneys, Rafaelillo e o espectacular «ballet» Red Star, integrado de mulheres verdadeiramente efuscantes.

À noite, pelas 20 e 45 e 23 horas, Lisboa ainda pode admirar «Ro... Ro... Roíisimo».

No CARREGADO o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE

Monserrate

o pormenor que distingue

Num ambiente de requinte... Monserrate, o pormenor que distingue!

A qualidade dos tabacos seleccionados pela Tabaqueira e a perfeição do multi-filtro fazem de Monserrate um cigarro muito puro e suave

FORMATO NORMAL - 20 GRAMAS

forma M 1 C

Monserrate uma nova marca de A TABAQUEIRA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

Título — «DA TERRA À LUA» («Rocket to the moon»—1967)
Realizador — Don Sharp
Intérpretes: Burl Ives, Troy Donahue, Gert Frob, Terry Thomas, Daliah Lavi, Lionel Jeffries, Denis Price

Não se pode ver este filme sem recordar *Os gloriosos malucos das máquinas voadoras*. Aliás, Don Sharp, autor desa adaptação de Julio Verne, foi quem se encarregou das sequências aéreas da referida película. Encontramos aqui mesmo tom, a mesma atmosfera, a mesma movimentação, o mesmo gosto pelos engenhos e inventos ousados, o mesmo jeito satírico, o mesmo tipo de *gag* (quase sempre previsível, mas ganhando um certo sabor com essa mesma previsibilidade), talvez até, em certos aspectos, o humor de Sharpo seja menos esquemático e haja no filme maior articulação dos vários elementos narrativos.

É evidente que *Da Terra á Lua* apenas vai buscar a Julio Verne um ponto de partida e o esqueleto de um enredo. Porque as intenções e o alcance ideológico da obra de Verne — recentemente reabilitada pela crítica francesa, de Butor a Forcault — ficam evidentemente de fora. O que neste filme conta é a criação de personagens bem caracterizadas (e para isso se recorre a um núcleo de actores de primeira categoria) e uma certa crítica das mitologias do progresso científico: as de ontem e as de hoje.

Sem ter uma originalidade bem vincada, o filme de Don Sharp impõe-se por certas qualidades indiscutíveis: um humor discreto, variado e oportuno, um certo estilo de comédia, que serve para enlaçar as várias histórias sentimentais, algumas cenas muito bem conseguidas e uma espiêndida reconstituição de ambientes. Resulta de tudo isto um espectáculo divertido e simpático, que se vê sempre com agrado.

Mas o verdadeiro espectáculo e motivo da nossa satisfação deverá ser o valor dos intérpretes. De um Burl Ives descontraído e alegre a um estupendo e surpreendente Gert Frobe (actor magnífico, que conhecemos de tantos papéis dramáticos, e agora descobrimos na composição da figura burlesca do professor Von Burlow, especialista em explosivos), de uma muito sedativa Daliah Lavi a um correctíssimo Thomas no melhor da sua forma Troy Donahue, e de um Terry (absolutamente delicioso nas cenas de sedução, e sinistro nas de sabotagem) a um sóbrio e inteligente Lionel Jeffries, sem falar de muitos outros actores que se distinguem em interpretações secundárias — tudo se conjuga para fazer de *Da Terra á Lua* um verdadeiro festival da arte de representar um certo tipo de comédia e de reconstituir, com uma ironia e uma ternura quase nostálgicas, toda a maravilha e ingenuidade de um determinado momento histórico.

EDUARDO PRADO COELHO

• NO EUROPA

Título — «A RAINHA VIKING» («The Viking Queen»).
Realizador — Don Chaffey, 1967.
Intérpretes — Don Murray, Carita, Donald Houston, etc.

A Rainha Viking! O título soa logo a *Um Milhão de Anos Antes de Cristo* (que, em português, se chamou simplesmente *Quando o Mundo Nasceu*), do mesmo autor (Don Chaffey), dirigido para a mesma coligação de produtoras (*Hammer-Seven Arts*), ou ainda *As Mulheres Pré-Históricas*, de Michael Carreras. Inscreve-se, portanto, numa linha definida traçada pelas casas produtoras que sabem (agora) que o publico mundial adere (presentemente) a este tipo de reconstituição histórica, fértil em anacronismos, delirante de imaginação (por vezes mal enquadrada, é certo), infantil de propósitos. Por isso, esta versão allgeirada está classificada para maiores de 12 anos e serão estes, certamente, os que farão o êxito (ou inêxito) da fitinha.

Sobre o filme, quantos seriam, efectivamente, aqueles que pensavam ir encontrar em *A Rainha Viking* uma obra histórica rigorosa de reconstituição e de análise crítica de uma época? Certamente ninguém pensaria pedir isso a um filme assinado por Don Chaffey. Seria demasiada ingenuidade. Portanto, que diferença fará que o rei dos *Vikings* (que morre logo no início) se chame Priamo (talvez por ter ascendência grega ou cretence, quem esbe?), e que o deus invocado pelos sacerdotes druidas fosse o helénico Zeus? Que importância terá também ver Romanos e Vikings na Bretanha, vestidos de forma bizarra e trocando frases ostensivamente modernas, onde o amor se consome em terraços e se esgota em banhos fortuitos? Que importância terão os *blue bandits* (os bandidos azuis, entenda-se *pintados de azul*), praticantes da guerrilha cavernícola, que esperam as grandes colunas do exército romano para as dizimar com pesados machados de pedra ou paleolíticos? Qual será a gravidade de um *rodeo* texano improvisado no acampamento romeno? Que importância terá descobrirem-se romanos grelhados *com elas* (ou *sem elas*) pelos druidas fanáticos? Tudo isto se desculpa com um sorriso de cumplicidade. Sim, dessa cumplicidade estabelecida numa sala escura, onde espectadores vêem cinema da mesma forma que se distraem tomando uma bica, ou lendo ao futebol. Afinal, o cinema é ainda uma forma de distracção inconsequente...

LAURO ANTÓNIO

REPOSIÇÕES

• NO EDEN

Título — «OS DEZ MANDAMENTOS» («The Ten Commandments»)
Realizador — Cecil B de Mille, 1956
Intérpretes — Yul Brinner, Charlton Heston, Anne Baxter, Yvonne de Carlo, etc.
(EM REPOSIÇÃO)

Mais do que falar de «Os Dez Mandamentos» (obra há muito entreada, e agora reposta nos nossos «écrans»), justifica-se que se digam algumas palavras sobre Cecil B. de Mille e o seu estilo de espectáculo monumental e deliberadamente americano.

Para tanto, nada melhor do que algumas citações generosas e compreensivas de Georges Sadoul que (no seu *Dictionnaire des Cineastes*) diz de Cecil B. de Mille: «Foi o criador das grandes realizações «*estilo Cecil B. de Mille*», mas evidenciou-se também no «western», na comédia mundana e no melodrama. Mais culto do que a maioria dos outros fundadores de Hollywood, procurando o grande êxito comercial, explorando a fórmula: «Sangue, Sexo e Bíblia», este diabinho foi um narrador maravilhoso. Aliava um real sentido plástico a um gosto de «novo rico» e incarnou até á sua morte (quase com 80 anos) a supremacia da industria do filme americano. Ê-lhe devido «O Maior Espectáculo do Mundo». Os seus filmes mais conhecidos foram certamente as superproduções bíblicas: «Os Dez Mandamentos» (1923 e 1956), «O Rei dos Reis» (1926), «O Sinal da Cruz» (1932), «Sansão e Dalila» (1950). Foi mais desigual nas reconstituições históricas, e se Delluc pôde admirar a sua «Joana d'Arc» (1917), atingiu por vezes o ridículo em «Cleópatra» (1934), «As Cruzadas» (1935) ou «Os Barqueiros do Volga» (1926). Notabilizou-se, por volta de 1920, na comédia de costumes: «Male and Female» (1919), «Fool's Paradise» (1920) ou «O Fruto Proibido» (1920), por vezes intercortadas por sumptuosos intermédios dançados. «The Goddess (Girl» (1929) continha uma crítica ás penitenciárias; foi, finalmente (é necessário não o esquecer!), um grande autor de «westerns», desde os inícios «The Squaw Man» (1913), «Cameo Kirby» (1914), até ao fim da sua carreira a «Unconquered» (1947). A sua obra-prima do género «Pacific Express» (1939), foi a impressionante epopeia dos pioneiros do caminho-de-ferro lançados á conquista do Oeste.»

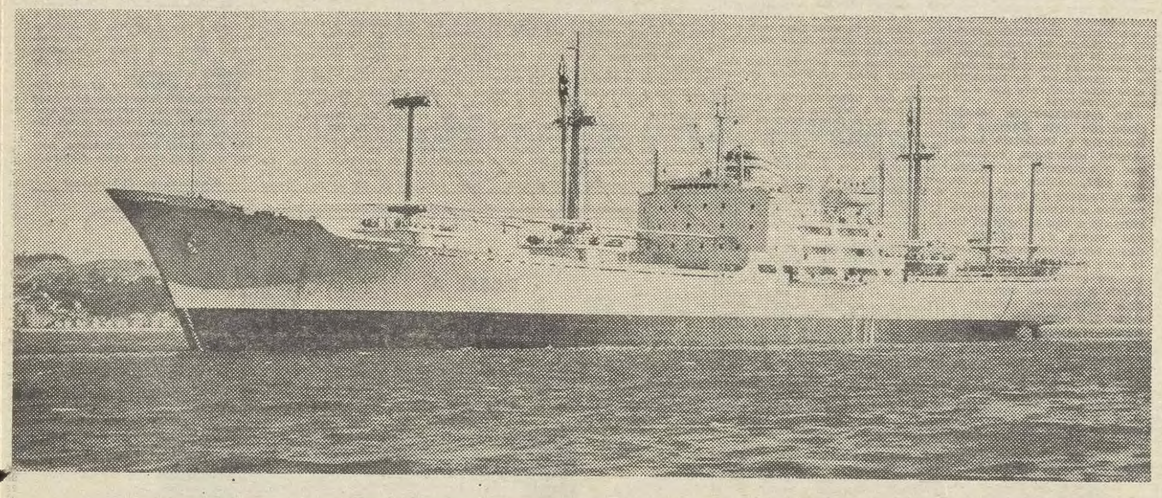
Nem os mais inveterados detractores do saudoso Georges Sadoul deixarão de concluir destas palavras a efectiva imparcialidade crítica, a isenção e (o que é mais) a simpatia e compreensão demonstradas pelo historiador ao falar de um cineasta como De Mille, cujos «Os Dez Mandamentos» representam (ao por ai) toda uma teoria estética, um postulado ideológico, uma concepção de espectáculo intrínsecamente «yanque» e que são, simultaneamente, o testamento cinematográfico do seu autor. E o que este testamento nos diz é que De Mille era estèticamente de mau gosto, ideológicamente puritano e espectacularmente de uma monumentalidade exterior e primária. — L. A.

TRINDADE
— F N A I —
O T. N. P. apresenta
HOJE, às 21.45 — (Adultos)
«NÃO SE SABE COMO»
de LUIGI PIRANDELLO
ÚLTIMA SEMANA

ACOMPANHANDO O PROGRESSO

SACOR

LUBRIFICANTES DE MARINHA



Cargueiro Rápido "PORTO"

sonarte

Entregue agora à Companhia Colonial de Navegação e construído nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, o navio desloca 21.300 toneladas a uma velocidade de 19 nós e apresenta entre outras as seguintes características: potência do motor 13.800 B. H. P.; 171,50 metros de comprimento; 8,50 metros de calado; 1.360 m³ de volume de câmaras frigoríficas de carga; 8 camarotes para passageiros e 53 para tripulantes, todos com ar condicionado.

No momento em que a maior e mais moderna unidade até hoje construída em estaleiros particulares portugueses entra ao serviço a SACOR está presente como fornecedora exclusiva de combustíveis e lubrificantes.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS CIDLA

AUMENTARAM EM PORTUGAL OS INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS

— assinala o relatório económico da Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã

O último Relatório Económico de Portugal, referente a 1967, organizado pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, contém uma análise pormenorizada sobre o desenvolvimento económico de Portugal, sobretudo no que respeita ao desenvolvimento do intercambio económico luso-alemão.

Segundo este relatório, embora Portugal deva, de uma maneira geral, continuar a ser ainda encarado como um país de economia predominantemente agrícola, com factores económicos industriais secundários, verifica-se, no entanto, que «a orientação industrial foi amplamente fomentada nos últimos anos e que o crescimento da industria tem sido mais acelerado que o da própria agricultura».

As conclusões do estudo elaborado pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã informam, contudo, que a economia portuguesa em 1967, «dados os efeitos do retrocesso da conjuntura, reduziu o ritmo de desenvolvimento e não atingiu as taxas gerais de crescimento dos anos anteriores». O facto teve os consequentes efeitos no comércio externo. Desde a segunda metade do ano passado, no entanto, a depressão diminuiu, e a economia, sobretudo no campo da indústria, registou ligeira recuperação.

Salienta a Câmara de Comércio e Industria Luso-Alemã que, nessa análise, foi indispensável dar especial atenção ás relações económicas e multilaterais do País, «uma vez que, em principio, não se poderia defender nem afirmar numa análise abstractamente bilateral os acontecimentos económicos, na presente fase da integração económica da Europa e das relações e interligações económicas mundiais».

O relatório acentua ainda que «a situação portuguesa financeira e monetária pode ser considerada absolutamente instável, o que provàvelmente dará bases ao País para uma mais rápida recuperação».

Quanto ao comércio externo: «Portugal tem ganho nos ultimos anos interesse crescente, tanto no sector da importação como no da exportação».

No decorrer do ano em estudo, a Republica Federal da Alemanha ocupou o primeiro lugar entre os fornecedores de Portugal, colocando-se á frente da Inglaterra e dos E. U. A. e manteve o lugar do terceiro mais importante comprador de produtos portugueses.

O relatório assinala ainda as conclusões do inquérito relacionado com o I Congresso dos Exportadores Portugueses, realizado na Alemanha em fins de 1967, entre as quais resultam: na Republica Federal da Alemanha existe um profundo interesse pela importação de produtos portugueses; o volume relativamente reduzido dos fornecimentos portugueses é motivado por uma série de factores para os quais têm que ser encontradas soluções por parte da oferta.

Recorda-se que os resultados do inquérito põem problemas importantes. Assim: *40 por cento* das respostas dos importadores alemães referem-se a ofertas mais favoráveis de outros países para os mesmos produtos (vinhos, miolo de amêndoa, cortiça; *22,6 por cento* dos importadores que responderam apontam a falta de iniciativa dos exportadores portugueses na apresentação de novos produtos; *21,3 por cento* das respostas sublinham as dificuldades resultantes do não cumprimento de prazos de entrega combinados; *20 por cento* dos importadores que responderam apontam como importante obstáculo comercial o não cumprimento das condições contratuais no fornecimento de produtos portugueses; *18,6 por cento* das respostas acentuam a reduzida capacidade de fornecimento portuguesa em relação ao volume da procura do mercado alemão; *13,3 por cento* dos importadores que responderam ao inquérito preferem a qualidade dos mesmos produtos de outros países; *9,3 por cento* dos importadores que responderam deparam com problemas de marca e de embalagem no comércio de produtos portugueses; *85,3 por cento* dos importadores alemães que responderam ao inquérito e que deparam com dificuldades na importação de Portugal, apontam como motivo as tarifas alfandegárias externas da C. E. E. para produtos de países terceiros; as taxas alfandegárias são mais elevadas para as mercadorias portuguesas do que para a oferta da C. E. E.

O relatório acentua, entretanto, que, como País de investimentos, Portugal ganha interesse crescente. Verifica-se, com efeito, que os investimentos estrangeiros mostraram, mesmo, em 1967, e apesar das tendências gerais de conjuntura, um aumento considerável. Os investimentos alemães em Portugal aumentaram entre fins de 1965 até 30 de Setembro de 1967 em + 96,4% frente a um crescimento dos investimentos alemães na E. F. T. A. em geral de sòmente em + 30,7 %.

Segundo os numeros inseridos no relatório, os investimentos alemães privados de capital em Portugal subiram de 28 milhões de marcos em 1965 para 45 milhões em 1966 e para 55 milhões em 1967.

Como factores essenciais desta preferência dada pelos investidores alemães a Portugal, a Camara sublinhou a situação financeira estável do País e a estabilidade da sua moeda.

Conclui o relatório que no futuro uma comparticipação crescente no mercado de Portugal será consideràvelmente influenciada por uma taxa igualmente crescente dos investimentos directos no mercado.

O RAMO AUTOMÓVEL NO QUADRO DE INTERESSES DAS COMPANHIAS DE SEGUROS

A carta que a seguir se publica é do sr. dr. Joaquim de Azevedo e Silva, advogado, como nos diz, de várias companhias de seguros, e refere-se ela a pontos de vista expressos no «Diário de Lisboa» sobre o seguro de automóveis.

Da carta do sr. dr. Azevedo e Silva apenas desejamos reter, para contestar, um único ponto: o de não ter sido intenção sua iniciar uma polémica, até porque não (lhe) escapa que o não dispor (ele) de um jornal (lhe) seria grande desvantagem».

Ora isso é que não. Como o sr. dr. vê, o jornal até está sendo seu, para dizer o que quer e como quer. Creia que até gostamos sinto, por exercício, que as nossas opiniões sejam contestadas porque, como dizem e é capaz de ser verdade, da discussão é que nasce a luz. Porque, efectivamente, não se trata de uma questão de princípios, não nos sentimos nada em posição ou em crença de finca-pé. Pelo contrário, trata-se de um problema que está em discussão aberta e relativamente ao qual um grupo de companhias de seguros, pela voz de um seu consultor, apresenta os seus pontos de vista, aos quais aqui se abre tribuna em boa e devida forma.

Em contrapartida, será com certeza admitido também o nosso direito de ter aferecido ponto de vista diferente, que, sem nenhum sinal de «magister dixit», nos pareceu ser pelo menos admissível à consideração das pessoas que sedão ao trabalho de pensar nestas coisas — nestas e noutras — mesmo que não tenham automóvel.

Que as companhias de seguros tenham opiniões diferentes? Onde está a dúvida? Pode ser que tenham ou pode ser que não tenham razão. Mas, ainda que não tenham razão, hão-de ter as suas razões e o certo é que o «Diário de Lisboa» existe para isso mesmo, precisamente para que, onde seja possível, se faça o justo confronto de opiniões diferentes.

Quanto á alternativa de deverem as seguradoras fazer todos os ramos de seguro ou poderem escolher apenas aqueles que tenham nível lucrativo mais atraente, também aí não decidimos coisa nenhuma, pois apenas adiantámos como elemento

(Continua na 21.ª página)

PASSE A
PÁSCOA
NO ALGARVE

Hotel Alvor Praia
(Classificado de luxo)
NUMA DAS MAIS BELAS PRAIAS DO ALGARVE
Requinte e conforto • Piscina de água de mar aquecida
Lojas, Bares, Grill, Snack, Sauna, Cabeleireiro, etc.
PREÇOS DE INVERNO
RESERVAS PELO TELEFONE 1380 – PORTIMÃO
«Hotel Alvor-Praia» Alvor • Algarve
CUF. S.P.P.-A

PARFUMS PHILIPPE VENET
***
MADAME
MADEMOISELLE
***
AGORA DISTRIBUIDOS
PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL
NOS SEUS DEPOSITÁRIOS OFICIAIS

VIDA MUSICAL

A Ópera Brasileira «Guarany» (de Carlos Gomes) vai ser cantada em Lisboa

Um grande acontecimento vai dar novo impulso ás relações culturais e artísticas luso-brasileiras: a representação no Teatro Nacional de São Carlos e no Coliseu dos Recreios da ópera brasileira «O Guarany», de Carlos Gomes, o maior vulto da musica brasileira do século passado. «O Guarany», que desde há muitos anos se não canta entre nós é uma das óperas estrangeiras mais cantadas em Itália e em França pois o seu autor, embora brasileiro de ascendencia portuguesa, foi estéticamente um compositor italiano.

Esta nova apresentação de «O Guarany» em Portugal será um espectáculo eminentemente luso-brasileiro, pois é dirigida pelo maestro português Silva Pereira e encenada por um regista português, Tomaz Ribas, e interpretada por um elenco luso-brasileiro: o português Carlos Jorge, no protagonista, os brasileiros Diva Pieranti, Lourival Braga e Pedro Stomper e o português Luís França, nos principais papéis. e, ainda, os portugueses Armando Guerreiro, Carlos Fonseca, Alcino Soares, etc.

Toda a imprensa brasileira tem dado grande relevo a este acontecimento que marca uma nova etapa das relações culturais luso-brasileiras.

Os cantores brasileiros chegarão a Lisboa no dia 7, estando a ser preparada uma recepção afectuosa.

Festival de Música em Llangollen

Vai realizar-se em Llangollen, no País de Galez, o Festival de Musica (Llangollen Eisteddfod) que decorrerá de 9 a 14 de Julho.

Como é já da tradição, podem concorrer a este Festival grupos corais, solistas (canto de canto como instrumentos) e grupos de dança e canções folclóricas, sem distinção de nacionalidades.

Os pormenores das obras que serão executadas no concerto podem ser obtidos na sede do Instituto Britânico em Portugal, Rua de Luís Fernandes, 3. Os Boletins de Inscrição, porém, devem ser pedidos directamente a «The Honorary Music Director International Musical Eisteddfod, Llangollen, North Wales, Great-Britain».

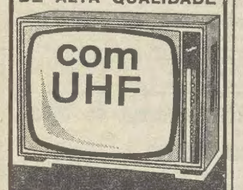
Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés

Em assembleia geral, foram eleitos os novos corpos gerentes da Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés. São presidentes da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal, respectivamente, os srs. José de Conceição Fernandes, Gaspar Octávio Passos de Almeida e José Duarte Correia Pedroso.

CEIA REGIONAL na Casa do Ribatejo

Decorre amanhã, ás 20 e 30 na Casa do Ribatejo, Rua do Salitre, 136, uma ceia á ribatejana, composta por bacalhau assado, favas á ribatejana, queijos de ovelha, arroz-doce, água-pé e vinho do Cartaxo. As inscrições efectuam-se pelo telef. 681384.

VEJA OS NOVOS TELEVISORES
SALORA
O TELEVISOR FINLANDÊS DE ALTA QUALIDADE



SALORA
O TELEVISOR FINLANDÊS DE ALTA QUALIDADE
totalmente fabricado e montado na Finlândia
QUALIDADE E TÉCNICA EXCEPCIONAIS • MELHOR IMAGEM, MELHOR SOM
À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA: R. António Enes, 20-1.º Tel. 535057
PORTO: Rua Formosa, 172 Tel. 26902

A Câmara da Figueira da Foz processada pela Companhia do Cabo Mondego

Figueira da Foz, 6 — Tendo a Camara Municipal desta cidade, numa das suas ultimas reuniões, recusado autorização á Companhia de Carvões e Cimentos do Cabo Mondego, para ampliação da sua fábrica de cimento (autorização já concedida pelo Governo), a administração da Companhia intentou uma acção contra o Municipio na respectiva comarca. A acção fundamenta-se na recusa da Camara em aprovar a ampliação das referidas instalações municipais.

A Camara vai, por sua vez, contestar a acção.

CARREIRAS AÉREAS

«Moças do chapéu vermelho» — iniciativa da Lufthansa

Os serviços de terra da Lufthansa vão caracterizar-se por uma atenção especial para as pessoas que precisam de ajuda, feito por um grupo de jovens que terão a denominação curiosa de «Moças do Chapéu Vermelho», para contornar dificuldades no aeroporto de chegada, como por exemplo, na inspecção de bagagens, conexões, vistos em passaportes e alfândega, condução, etc.; uniformização do encerramento de recepção, de 15 minutos, no tráfego interno, 30 minutos no tráfego europeu e 45 minutos no tráfego internacional.

Aquela companhia espera, este ano, elevar a quota de passageiros transportados, que foi, em 1967, de quatro milhões e trezentos mil, ou seja, mais 16.2 por cento que no ano anterior.

Em 1967 os aviões da Lufthansa efectuaram 90 000 voos com a duração de 195 000 horas, ou seja o mesmo tempo que um avião levaria em 20 anos de voo consecutivo.

Neste tempo, os aviões da Lufthansa percorreram 101 milhões de quilómetros e transportaram 231 milhões de toneladas de carga.

MILITARES FALECIDOS EM ANGOLA

LUANDA, 6 — (A. N. I. e L.) — Por desastre faleceram, em Angola, os soldados do recrutamento da província, 65/65, Paulino Abel Gonçalves, natural da Muxima, filho de Abel Gonçalves e de Domingas Calembe, e 249/67, Joaquim Ferreira Correia, natural de Montemor-o-Velho, filho de Alcino Diogo Correia e de Maria da Luz Ferreira.

com vista à cobertura do espaço português
ANGOLA

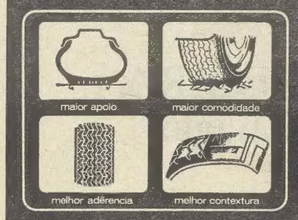
SÁ DA BANDEIRA

A partir de
6 de Abril de 1968
a Agência de
SÁ DA BANDEIRA
R. Pinheiro Chagas
tel. 413
caixa postal 678

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
PORTUGAL
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Trabalhamos mais para servir melhor.

a Firestone lança o novo radial SPORT 200

Neste pneu novo estão 68 anos de experiência Firestone.
A Firestone conhece todas as estradas do mundo - as que são, nos mapas, largos riscos coloridos e as que são tracejadas inquietantes. Conhece-as e domina-as!
O Novo Radial Firestone SPORT 200 - com quatro telas de reforço no piso, a superfície de apoio aumentada, o perfil estudado para uma travagem mais segura - dá máxima segurança nas curvas, máximo conforto, comportamento excepcional sob a chuva.
Tudo isto durante muito mais quilómetros!
Um carro - com os Novos Radiais Firestone SPORT 200 - dura mais quilómetros, com muito menos consumo!
O seu carro.



SPORT 200
tem garras para a estrada

A sua disposição na Firestone Portuguesa S.A.R.L. e nos seus Agentes em todo o País

ASSEMBLEIAS GERAIS

Shell Portuguesa

Presidida pelo dr. Fernando de Castro, realizou-se a assembleia geral da Shell Portuguesa, que apreciou e aprovou, por unanimidade, o relatório e contas do Conselho de Administração, assinado pelo doutor José Augusto Corrêa de Barros, presidente; duque Pozzo di Borgo, administrador delegado; e dr. Bráulio Barbosa, administrador; e, ainda, pelo director do Departamento de Finanças, dr. Afonso Howell.

Terminaram os seus mandatos, como administradores, os srs. doutor José Augusto Corrêa de Barros, dr. Bráulio Barbosa e W. N. Meredith, tendo sido reeleitos.

Também terminaram os seus mandatos de membros do Conselho Fiscal os srs. Eurico Miranda da Cruz e Fernando Geraldes Barba, que foram igualmente reeleitos.

Também foi reeleito, para secretário da Mesa da Assembleia Geral, o dr. Afonso Howell.

Da Companhia Eléctrica das Beiras

Sob a presidência do sr. dr. José Ribeiro Espírito Santo Silva reuniu a assembleia geral dos accionistas da Companhia Eléctrica das Beiras para apreciação do relatório, balanço e contas do exercício de 1967 e para proceder á eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1968 a 1970.

O presidente da direcção da companhia, sr. dr. André Velasco, fez a síntese da actividade empresarial e aludindo ao consumo de energia eléctrica no nosso País e ás taxas médias da evolução nos últimos quatro decénios, evidenciou a capacidade realizadora do sector da industria eléctrica nacional em regime de economia privada que soube assegurar com eficiência o funcionamento da produção e da distribuição da energia eléctrica com o equilíbrio preciso.

Procedeu-se depois á eleição dos corpos gerentes que ficaram constituídos da seguinte forma:

Mesa da Assembleia Geral — Presidente — dr. José Ribeiro Espírito Santo Silva; vice-presidente — Manuel Teixeira de Queiroz Pereira; secretários — eng.º Carlos de Seixas Rocha e Jaime Simões Lopes.

Direcção — Presidente — dr. André Daniel Calvo Velasco; vice-presidente — eng.º Inácio Nunes Ferreira; director-delegado — eng.º Manuel Gil Albuquerque d'Orey; directores — dr. Pedro Soares Pinto Mascarenhas Castelo Branco, dr. André d'Orey Velasco e dr. João António Santos Menano.

Conselho Fiscal — Presidente — Empresa Industrial do Freixo, representada pelo sr. eng.º Mamede de Sousa Fialho; vice-presidente — dr. José dos Santos Bessa; secretário — dr. Laércio Simões Lopes; vogais — eng.º Luís Le-Cocq de Albuquerque de Azevedo Coutinho, e Pinto Basto & C.ª, Ld.ª (representada pelo sr. Thomaz Pinto Basto).

Da Hidro Eléctrica do Douro

Realizou-se a assembleia geral da Hidro-Eléctrica do Douro, a que presidiu o dr. João Luís Sapateiro, pelo Banco de Fomento Nacional, secretariado pelo dr. António Alberto Monteiro, pela Caixa de Previdência do Distrito do Porto, e Pedro Spratley Pinto da Silva.

Aberta a sessão, foi dada a palavra ao dr. Sarmento de Beires, administrador da empresa, que leu a exposição que o dr. Pacheco de Amorim, ausente por motivo de doença, expressamente escreveu para este acto.

Foram depois votados o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, que mereceram aprovação unanime. A assembleia aprovou, também por unanimidade, a proposta do conselho de administração para a emissão de obrigações até ao limite do capital já realizado.

Por último, procedeu-se á eleição do vice-presidente e vice-secretários da mesa da assembleia geral, tendo sido eleitos para aqueles cargos, respectivamente, o eng.º José Rodrigo Carvalho, Alfredo M. Brito e dr. Carlos José Monteiro Guimarães Ponce de Leão.

Da Shell Portuguesa

Presidida pelo dr. Fernando de Castro, realizou-se a assembleia geral da Shell Portuguesa, que apreciou e aprovou por unanimidade o relatório e contas do conselho de administração, assinado pelo dr. José Augusto Correia de Barros, presidente: duque Pozzo di Borgo, administrador-delegado; e dr. Bráulio Barbosa, administrador. E, ainda pelo director do departamento de finanças, dr. Afonso Howell.

Terminaram os seus mandatos, como administradores, os srs. dr. José Augusto Correia de Barros, dr. Bráulio Barbosa e W. N. Meredith, tendo sido reeleitos.

Também terminaram os seus mandatos de membros do conselho fiscal os srs. Eurico Miranda da Cruz e Fernando Geraldes Barba, que foram igualmente reeleitos.

Também foi reeleito para secretário da mesa da assembleia geral o dr. Afonso Howell.

Da Metalúrgica Luso-Italiana

Sob a presidência do prof. Fernando Olavo Correia de Azevedo, reuniu-se a assembleia geral da Metalurgica Luso-Italiana, que aprovou por unanimidade os documentos relativos á actividade do exercício de 1967 bem como a proposta de aplicação dos resultados.

Procedeu-se á eleição dos corpos gerentes para o triénio 1968-1970, que ficaram com a seguinte constituição:

Assembleia Geral — Presidente — prof. Fernando Olavo Correia de Azevedo; vice-presidente Augusto de Lima Mayer; secretários, eng.º Delfim Maia Seco e dr. Joaquim Lourenço Bernardo.

Conselho de Administração — Com. Alcino Franchi, en.º António Guilherme Paulo Valada, eng.º Bernardino José Rodrigues, Ennio Franchi e com. Primo Cláudio Franchi.

Conselho Fiscal — Alfredo Julio dos Santos, cap. Amadeu Costa e dr. António José Lipari Garcia.

U. C. A. L.

No complexo fabril de Sete Casas (Loures) realizou-se a assembleia geral ordinária da U. C. A. L., tendo comparecido delegados representando cerca de 8000 produtores de leite da zona abastecedora de Lisboa, para discussão e apreciação do relatório e contas do ano findo e proceder á eleição dos corpos gerentes para o triénio 1968-70.

Depois de os membros da direcção terem feito uma exposição pormenorizada das actividades do organismo, foi referido o benefício colhido da publicação de alguns diplomas oficiais, que em ultima análise poderão cobrir os «deficits» verificados desde 1962.

O valor das imobilizações registadas no balanço atinge 107 mil contos, com uma amortização de 44 mil contos, ou seja cerca de 41 por cento. Os resultados líquidos, depois de feitas amortizações e provisões no valor de 7 mil contos, foram de 2046 contos, que a assembleia geral aprovou, concordando com a sua distribuição, na qual se inclui uma distribuição ás cooperativas de 740 contos através de bónus.

Também foi destacada a importância da unidade industrial de Loures no comércio dos produtos lácteos.

Tudo concorreria para que o total do leite vendido através da U. C. A. L. em Lisboa e nas áreas das cooperativas fosse, em 1967, de 73 milhões de litros, o que representa um acréscimo de 4,6 por cento em relação ao ano anterior, embora só de 0,7 por cento na cidade de Lisboa. As vendas directas feitas nos postos do organismo atingiram 25 mil contos.

Aprovados por unanimidade o relatório e contas, fezse a eleição dos corpos gerentes, que incluirão dois novos nomes, os dos eng.os Alfredo Freire e João Paulo de Matos, e foi ainda aprovada uma proposta de voto de louvor á direcção.

Abastecimento de água em Ilhavo

ILHAVO, 6 — Desde há muitos anos que o problema de abastecimento de água às praias da Barra e da Costa Nova e às Gafanhas tem merecido a atenção da Câmara deste concelho. Como já referimos oportunamente, com o estudo desse momentoso assunto gastaram-se centenas de contos. Sabemos que, presentemente, o presidente da Câmara deste concelho faz diligências no sentido de se conseguir a solução definitiva e conveniente. Dadas as diminutas possibilidades financeiras do Município, é óbvio que só por meio de auxílios ou de empréstimos o caso poderá ser resolvido. Segundo informações que nos chegam, tudo caminha para uma solução satisfatória — e oxalá que assim aconteça, a bem dos povos das regiões em referência e do progresso do concelho.

Façamos a justiça, porém, de afirmar que vários presidentes da Câmara tentaram já resolver o problema empregando, para isso, os melhores esforços e boa vontade.

Dizem os leitores...

PROBLEMA CITADINO

Recebemos do sr. José Hilário Antunes a seguinte carta, apontando a necessidade de arranjo de uma zona importante do Bairro da Madre de Deus:

«Sr. director — Existe no Bairro da Madre de Deus, ao fim da Rua Marquês de Olhão um aglomerado populacional constituído por 4 blocos de 5 andares, com 3 prédios cada bloco e a 3 fogos por piso, o que em média equivale mais ou menos a 600 pessoas que ali moram. Vai ser agora ali também inaugurada a Escola Técnica de Formação Acelerada, e faz pena ver um canto de tosca sebe cultivado de couves, com um muro para a Azinhaga da Bruxa, quebrado pelos anos e ao abandono completo pela Câmara Municipal, visível e a dois passos da escola a inaugurar.

«Dos autocarros — o n.º 9 e o n.º 42 que servem o bairro — só o n.º 9 aí passa para fazer ponto de partida a 10 minutos de distância. O n.º 42 nem se dá ao trabalho de servir «mais» aquela gente: se quiserem que o vão apanhar no largo onde *sua excelência* passa «Como ficaria bonito o ajardinamento daquele triângulo de 100 m2, os bocadinhos de muro reparados e os dois autocarros com términos e partida da praceta que aí tem raqueta própria! Esta raqueta, tornada mais pequena, faria o largo ainda maior para boa manobra dos autocarros, que assim passariam a servir melhor aquele aglomerado, a escola técnica e a escola primária também aí existentes, servindo da mesma forma todo o bairro.

«Por vezes as coisas não se fazem por não se conhecerem, e o dispêndio, neste caso pequeno, seria bastante rendável dada a melhoria que oferece. Aqui fica a ideia para os serviços competentes da Câmara Municipal de Lisboa e os agradecimentos a V.. sr. director, pela sua publicação», etc.

floral de sintra
RAMALHÃO - S. PEDRO DE SINTRA
TELEFONE 98 15 74
TUDO PARA JARDINS E PARQUES
exposição e venda
FILIAL DO Jardim primavera

As ligações entre Lisboa e a Outra Banda

Da «Transul», empresa concessionária das carreiras de passageiros na Outra Banda, com sede no Laranjeiro, recebemos uma carta em que aquela empresa responde a algumas das considerações feitas nas nossas colunas pelo sr. Jaime Alves, que comentava alguns aspectos por nós focados na série de artigos dedicados ás centrais de camionagem.

Nessa carta nos esclarecem ter aquela empresa pedido ao Governo licença para estabelecer carreiras de camionetas entre Almada, Seixal, Costa da Caparica e Praça de Espanha.

Festa de confraternização no Instituto de Odivelas

Com a presença do ministro da Marinha e um representante do ministro do Exército, realizou-se, esta tarde, a festa de confraternização das 26 alunas do Instituto de Odivelas que este ano terminam cursos liceais, comerciais ou de formação doméstica.

Foi representada a opereta «A apreensão de uma mãe», em adaptação de um conto de Julio Dinis, levada a cabo por Filipe Duarte e Penha Coutinho.

A festa, a que assistiram a subdirectora, sr.ª D. Ofélia Sena Martins e o corpo docente do Instituto, terminou com um chá em que tomaram parte as 354 alunas da instituição que hoje entram nas férias da Páscoa.

SEMANA DA PAIXÃO

O Centro Audiovisual de Línguas estará encerrado na Sexta-Feira de Paixão, dia 12 de Abril.
Também não haverá actividades no C. A. L. na segunda-feira, dia 8 de Abril, em memória de Martin Luther King.

PASSION WEEK

The Centro Audiovisual de Línguas will be closed on Good Friday, April 12.
Likewise there will be no activities in the C. A. L. on Monday April 8, in memory of Martin Luther King.

BELA MONTRA
MÓVEIS E DECORAÇÕES
MOBILIARIO SECULO XVII, ESTILO, NORDICO E COMERCIAL
R. RODRIGO DA FONSECA 14 Telefone: 53 44 57/59

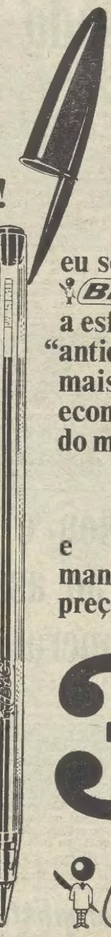
CRIADO (NA FIGUEIRA DA FOZ) O VET-CLUB DA BEIRA LITORAL

FIGUEIRA DA FOZ, 6 — Elevado numero de médicos veterinários da Beira Litoral reuniu-se nesta cidade, durante um almoço que teve por finalidade a criação de Vet-Club.

A reunião, que decorreu animada, foi presidida pelo prof. Freitas de Sousa, da Escola Superior de Medicina Veterinária, do distrito Vet-Club Português, que se deslocou de Lisboa expressamente, acompanhado pelo prof. Paulo Marques e dr. Taborda Duarte, a fim de expor aos médicos ali reunidos as normas da organização e os objectivos a atingir com a actividade dos Vet-Club.

Ao iniciar-se a troca de impressões acerca da fundação do Vet-Club da Beira Litoral, usou da palavra o dr. Matos Leiria, de Coimbra, que depois de saudar o presidente da sessão, leu a nota do «Diário de Lisboa» de 24 de Janeiro findo, com o título «Gente de Trabalho», na qual se enaltece a profissão médico-veterinária, e o seu importante papel nos sectores da higiene, saúde pública, economia e no fomento da produção pecuária.

Vários dos presentes falaram, depois, apresentando os seus pontos de vista acerca do assunto, tendo-se procedido, finalmente, á eleição da primeira direcção do novo Vet-Club, que ficou assim constituída: presidente, António Simões (intendente da Pecuária de Coimbra); vice-presidente, dr. José da Cruz Martins (intendente da Pecuária de Aveiro); secretário-geral, dr. José Maria Gualdino (delegado da J. N. P. P. de Coimbra); secretário para as relações exteriores, dr. José Francisco Nico (veterinário municipal na Figueira da Foz); secretário para as relações com a Imprensa, dr. Joaquim Gomes Borrego (médico veterinário na I. P. de Coimbra).



Bom dia!
eu sou BIC Cristal a esferográfica "antiderrapante" mais económica do mundo!
e mantenho o preço de
3.50
BIC MARCA REGISTADA
NOVA ESFERA ANTIDERRAPANTE
LAFOREST, LDA - Lisboa

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Ninhos de metralhadoras na colina do Capitólio

DECRETADO EM WASHINGTON O RECOLHER OBRIGATÓRIO

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — Na colina do Capitólio estão a ser montados ninhos de metralhadoras.

Por sua vez, tropas do Exército regular norte-americano receberam ordens para tomar posições em torno da Casa Branca, do edifício do Capitólio e nas áreas circunvizinhas.

Por seu turno o «mayor» de Washington decretou o recolher obrigatório na capital.

Perante os actos de violência dos negros, as autoridades do distrito de Columbia pediram ao presidente Johnson a mobilização das tropas federais.

Um contingente inicial de 500 soldados foi enviado em auxílio dos 1750 elementos da Guarda Nacional, que as autoridades do distrito da Columbia haviam já mobilizados.

O secretário de Imprensa da Casa Branca, George Christian, declarou que mais 1500 soldados estão de prevenção, prontos a intervir, caso os tumultos se venham a agravar.

Com efeito, bandos de jovens discolos percorrem as ruas da atemorizada capital norte-americana, pilhando e incendiando os estabelecimentos comerciais. Alguns organizam marchas diante da Casa Branca, gritando para os guardas «Dispara, mata-me». Foi morto um homem durante um recontro com a Polícia.

Os tumultos em Washington começaram nas zonas comerciais dos bairros pobres, a pouco mais de um quilómetro dos edifícios governamentais. Alastraram depois para o centro da cidade e, a meio da tarde, as montras dos estabelecimentos nas áreas comerciais mais próximas da Casa Branca, eram partidas e os estabelecimentos pilhados.

UM FUMO DENSO COBRE A CAPITAL

As sereias fizeram-se ouvir em todo o distrito de Columbia, onde 63 por cento dos 770 mil habitantes são negros. Uma área de quatro quarteirões da 7.ª rua — onde os hobitantes dos bairros pobres vizinhos podem conseguir empréstimos fàcilmente — foi incendiada.

Um fumo cinzento cobre a capital e, pouco a pouco, tem encoberto a cúpula do Capitólio.

Capital paralisada

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — A capital federal dos Estados Unidos tem o aspecto de uma cidade fantasma, paralisada pelo recolher, decretado ao fim da tarde, enquanto aqui e além uma dúzia de incêndios ainda lançam fumarada e chamas em diversos bairros. Três mortos, 350 feridos, 748 prisões constituem as primeiras cifras anunciadas pela Polícia em Washington.

Os 1200 polícias de Washington reforçados com 4000 guardas nacionais e soldados do Exército regular patrulham e mantêm a ordem. Carros de combate entraram na cidade. Passam nas avenidas mergulhadas na escuridão, tomando a direcção dos bairros norte e nordeste, onde ainda ardem alguns edifícios, aos quais os bombeiros por demais assoberbados não puderam acudir como seria de desejar.

À chegada de reforços maciços para as forças municipais (Polícia) permitirá às autoridades afrontar agora todas as novas tentativas de manifestações violentas, por parte dos negros em protesto contra o assassínio de Luther King. Com efeito, o assassínio deste fez explodir brutalmente uma manifestação, que mergulhou Washington, durante a tarde de ontem, num ambiente de Levante. Todavia nunca os acontecimentos, por mais trágicos que fossem, degenerariam em manifestações de massa. Tratou-se de pilhagens a que se entregavam pequenos grupos de jovens, correndo pela cidade, chegando a alcançar até 200 metros da Casa Branca e, durante a corrida, partindo vidraças dos escaparates e apoderando-se de tudo quanto lhes estivesse ao alcance da mão.

O GRANDE INQUÉRITO À INTELECTUALIDADE PORTUGUESA NO DECÉNIO CORRENTE

★

SITUAÇÃO DA ARTE

74 artistas, críticos, escritores e poetas depõem no primeiro grande inquérito sobre a situação da arte realizado em Portugal.

SITUAÇÃO DA ARTE

Um guia imprescindível para a compreensão do problema artístico português.

★

Col. «Estudos e Documentos»

424 págs. — 75$00

PUBLICAÇÕES EUROPA - AMÉRICA

Apartado, 8, Mem Martins

Delegação em Lisboa:

Rua das Flores, 45, 2.º

Delegação no Porto:

Rua de Entreparedes, 6, 2.º

O ministro soviético da Defesa, general Andrei Gretchko, quando foi recebido, no Cairo, pelo presidente Gamal Abdel Nasser.

O PAI DE LUTHER KING DÁ O SEU APOIO AO APELO DE JOHNSON

WASHINGTON, 6 — (R.). — O pai do dr. Martin Luther King, que se encontra doente, telegrafou, a noite passada, ao presidente Johnson, apoiando o seu apelo para que se ponha termo à violência racial.

Martin Luther King, pai do dirigente da campanha dos direitos civis, anteontem assassinado, declarava no seu telegrama: «Saiba, por favor, que apoio V. Ex.ª no vosso apelo ao povo americano para desistir da violência e permitir que a causa da não-violência, pela qual meu filho morreu, não seja vã».

O telegrama chegou à Casa Branca quando o presidente Johnson conferenciava com um grupo de dirigentes negros e funcionários governamentais.

O pai do dr. King, que vive em Atlanta, na Geórgia, foi convidado a assistir à conferência, mas os seus médicos dissuadiram-no de tal intento.

O «RETRATO-ROBOT» DO ASSASSINO

MEMPHIS, 6 — (F. P.) — Um homem de cabelo preto, muito curto e penteado para trás, medindo de 1 m e 85 a 1 m e 90, queixo largo, nariz comprido e aguçado, falando no tom cantante do Sul dos Estados Unidos — é este o «retrato-robot» do suposto assassino do pastor Luther King, segundo as declarações dos empregados do Hotel de onde partiu o tiro que abateu o paladino dos direitos cívicos e provocou os motins em cadeia nas cidades norte-americanas.

De acordo com aquelas declarações que constituem, ao que parece, o essencial dos indícios em que a Polícia assenta as suas esperanças, o homem teria pago adiantadamente com uma nota de 20 dólares, os oito dólares e meio pelo quarto número cinco do hotel. Passou a dispor, ao mesmo tempo, do uso do quarto de banho, de onde disparou sobre o pastor King, que se encontrava à janela do Motel Lorraine, a 65 metros, do outro lado da Rua Mulberry, num dos bairros da gente de cor de Memphis.

O homem vestia fato escuro, gravata estreita e negra sobre camisa branca.

Chegou àquele hotel, bastante modesta, na quinta-feira, às 15 e 15, pouco menos de três horas antes do crime. Não parece que fosse portador, nesta altura, da arma, a famosa espingarda «Remington» 30.06, com mira telescópica, que os laboratórios do F. B. I. examinam e que se tornou, com a espingarda de mira, de Oswald, a arma mais tristemente célebre dos Estados Unidos. Ainda de acordo com os mesmos depoimentos, o homem inscreveu-se no registo do hotel, agora em poder da Polícia, com o nome de John Willard.

O hóspede do quarto vizinho, o número quatro, Willy Anchutz, julga ter visto o assassino, saindo do quarto, a correr, depois do tiro, e levando um volume embrulhado em jornal. É possível, portanto, que durante a tarde, tenha saído para ir buscar a arma. Da janela do seu quarto, com um binóculo, pôde certamente observar os movimentos do dr. King, mas é provável que se tenha instalado no quarto de banho, de onde o ângulo de tiro era mais cómodo para executar o crime.

Outras testemunhas crêem tê-lo visto, caminhando, normalmente, e não correndo, depois de abandonar a arma em frente de um estabelecimento comercial, onde a espingarda foi encontrada, e antes de fugir num «Ford-Mustang» branco, que as Polícias americanas procuram.

Johnson e Bob Kennedy poderão assistir ao funeral em Atlanta

ATLANTA, 6 — (R.) — Esta cidade, terra natal do dirigente negro assassinado, dr. Martin Luther King, iniciou hoje um fim-de-semana de luto. Contudo, 10 000 homens da Guarda Nacional mantinham-se permanentemente de prevenção, para impedir qualsquer desordens raciais.

O dr. King, morto na quinta-feira em Memphis, no Tennessee, pela bala de um atirador branco emboscado, será sepultado na terça-feira, de manhã, no cemitério de South View, em Atlanta, ao lado dos túmulos de seus avós.

O funeral será precedido de missas na pequena igreja Baptista de Ebenezer, um templo de tijolo vermelho, onde o dr. King foi pastor.

O presidente Johnson e o vice-presidente Hubert Humphrey poderão vir de avião de Washinton para assistirem ao enterro, mas até agora não há a confirmação disso.

Espera-se que o senador Robert Kennedy, seu cunhado Sargent Shriver, novo embaixador em Paris, e o «mayor» de Nova York, John Lindsay, assistam ao funeral — anunciou um informador da Conferência da Chefia Cristã do Sul, a organização do dr. King.

O corpo do laureado com o Prémio Nobel da Paz, de 39 anos, acompanhado por sua mulher, Coretta, chegou ontem, a esta cidade, a bordo de um avião de transporte fretado pelo senador Bob Kennedy.

Atlanta não tem sido virtualmente até agora afectada pela onda de violência racial que varre os Estados Unidos, em consequência do assassínio do dr. King.

Dois jornalistas espancados

WASHINGTON, 6 — (A. N. I.) — Dois repórteres da United Press International, John Burnett e Donald Fulsom, foram espancados e roubados por um grupo de negros, no centro da área de maior agitação, em Washington, quando tentavam servir-se de uma cabina telefónica.

Não sofreram ferimentos graves, mas os seus atacantes roubaram-lhes 102 dólares e um gravador.

Filinto

DISCOTECA — TABACARIA — BRINDES

ÚLTIMAS NOVIDADES

Av. 5 de Outubro, 53-A — LISBOA

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Deixou de estar cercada a base de Khe Sanh

KHE SANH, 6 — (R.). — A base de fuzileiros navais americanos de Khe Sanh, que se encontrava cercada, foi hoje libertada por tropas americanas e sul-vietnamianas.

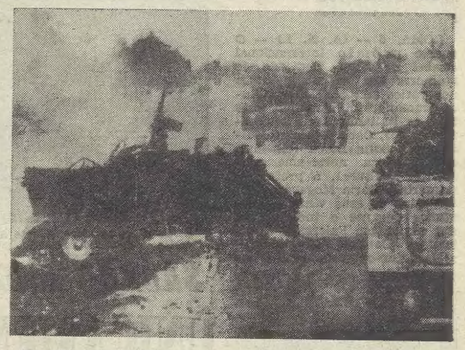
Unidades da Primeira Divisão de Cavalaria americana, transportadas de helicóptero para o interior da base, juntamente com tropas americanas e do Vietnam do Sul que atacavam pelo lado exterior, libertaram aquela base que estava cercada há mais de dois meses.

As primeiras tropas a chegar foram as do Vietnam do Sul, que foram recebidas pelos fuzileiros aos gritos de «Yipee, Yipee».

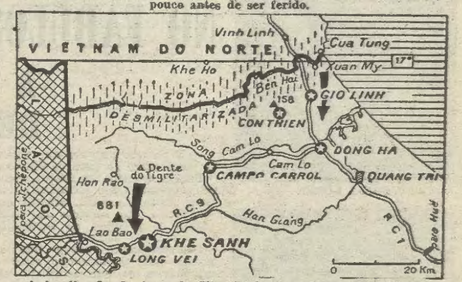
Logo que o som dos helicópteros se fez ouvir na base, as tropas governamentais chegaram em força, cobertas de lama, mas ufanas.

Um fuzileiro, ainda incrédulo, abraçou-se a um pequeno soldado sul-vietnamiano, com metade do seu tamanho, dizendo: «Podes crer que estou satisfeito por te ver aqui».

A hora de libertação soou para os 6000 fuzileiros americanos, que estiveram cercados por cerca de 12 000 soldados norte-vietnamianos, no extremo norte do Vietnam do Sul.



Carro blindado de transporte de pessoal, destruído pelos «vietcongs» durante um combate na área de Trang Bang, perto de Saigão. Esta imagem foi obtida por Al Chang, fotógrafo da Associated Press, pouco antes de ser ferido.



A localização da base de Khe Sanh, no extremo setentrional do Vietnam do Sul

Transferida para Washington a reunião de Honolulu

WASHINGTON, 6 — (F. P.) — A conferência de Honolulu vai finalmente realizar-se nesta cidade. Algumas horas depois de Johnson ter oficialmente anulado a sua viagem ao Hawai, devido à situação causada no país pelo assassínio do pastor Luther King, a Casa Branca revelava, com efeito, que o general William Westmoreland vinha a caminho da capital federal, onde é esperado hoje.

A MORTE DE KING CAUSOU PROFUNDO EFEITO NO VIETNAM

LONDRES, 6 — (R.). — As bandeiras americanas estão hoje a meia haste no Vietnam e amanhã serão realizados nas principais bases militares serviços funebres em memória do falecido dr. Martin Luther King.

Os dirigentes vietnamianos não fizeram até agora comentários sobre o adiamento da viagem a Honolulu do presidente Johnson, onde ia conferenciar sobre a paz, mas o assassínio de King propriamente dito causou profundo efeito nas tropas americanas.

A Rádio do Exército suspendeu os seus programas de música Pops, substituindo-os por outros géneros de música.

Por toda a parte, políticos e religiosos se associam na dor sentida tanto por pretos como brancos pela morte do galardoado com o Prémio Nobel da Paz.

A «FRENTE AMPLA» FOI PROIBIDA DE ORGANIZAR MANIFESTAÇÕES

RIO DE JANEIRO, 6 — (A. N. I.) — Invocando o acto institucional número dois, posto em vigor durante o Governo do marechal Castello Branco, e a lei de segurança nacional, o Governo brasileiro anunciou ontem à noite a proibição em todo o país de manifestações, reuniões, marchas e qualquer outra actividade de natureza política pela chamada «Frente Ampla», cujo «leader» é Carlos Lacerda, antigo governador do Estado da Guanabara.

O acto institucional em questão determina que a Polícia federal, em colaboração com as Polícias Estaduais, prendam todas as pessoas que desrespeitem as disposições nele contidas.

A medida determina também a apreensão de livros, jornais e quaisquer publicações, que divulguem manifestações sobre assuntos de natureza política.

A F. N. L. apoia Hanói

SAIGÃO, 6 — (F. P.) — A Frente Nacional de Libertação, comentando hoje, pela primeira vez, o discurso do presidente Johnson de 31 de Março e a rápida resposta de Hanói, deu a sua aprovação a esta última, condenando ao mesmo tempo a posição do presidente dos Estados Unidos.

Vai prosseguir a «democratização» checoslovaca

— decidiu a Comissão Central do Partido Comunista

PRAGA, 6 — (A. N. I.) — Terminou ontem, ao fim da tarde, a sessão plenária da Comissão Central do Partido Comunista da Checoslováquia, com a aprovação por unanimidade, do novo «programa de acção» e com a promessa de prosseguir a «democratização do país».

«A Comissão Central do Partido Comunista apoia inteiramente o desenvolvimento da democracia socialista e não permitirá o regresso às condições existentes antes do congresso do Partido, em Janeiro» — acentua-se na resolução final.

Na sessão foi aprovado o adiamento de eleições da comissão nacional e cancelada a decisão de expulsar do Partido os escritores Ivan Klima, Antonin Lisbm e Ludvik Vaculik, que tinha sido tomada em Setembro de 1967, visto considerar-se «inadmissível essa pena em casos de contradições ideológicas e de opiniões».

Foram também canceladas as «repreensões e medidas disciplinares» contra dois outros publicistas — Pavel Kohout e Milan Kuderna.

A comissão central prometeu ainda promover «a justa e plena reabilitação dos que sofreram em consequência de violações das leis socialistas, durante o período de 1949 a 1954», particularmente os «antigos combatentes da resistência», que foram perseguidos e sofreram discriminações na era estalinista.

«Imediatamente depois dos necessários inquéritos» — declara-se noutro passo da resolução — serão fornecidos esclarecimentos sobre o caso do general Jan Sejna, antigo dirigente político e deputado que, em Fevereiro fugiu para os Estados Unidos, ao que consta, com segredos relativos ao Pacto de Varsóvia.

Ao fim da tarde, o primeiro-ministro, Josef Lenard e o seu sucessor designado, Oldrich Cernik, informaram o presidente Ludvik Svoboda de que o Governo «se reune amanhã para debater a sua demissão».

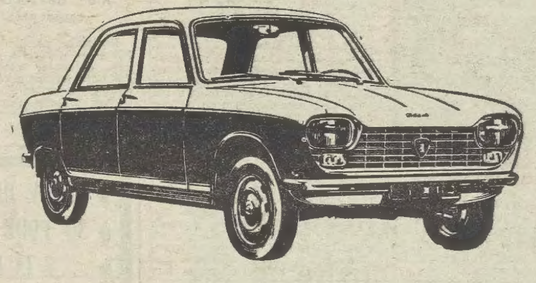
O assassino está prestes a ser detido

— afirmou em Memphis o procurador-geral

MEMPHIS (Tennessee), 6 — (A. N. I.) — O assassínio do dr. Luther King foi trabalho de um homem e as autoridades estão prestes a detê-lo — afirmou, ontem, o procurador-geral, Ramsey Clark que, por ordem do presidente Johnson, se encontra em Memphis para cooperar nas investigações acerca da morte do «leader» negro e para apresentar as condolências do Governo à viúva.

«As investigações alargaram-se a muitos quilómetros para lá das fronteiras do Tennessee. Já foram compilados muitos dados e estruturada uma série de pistas» — declarou Clark, sem entrar em pormenores, acentuando, no entanto, que o assassino não tinha sido ainda identificado.

O total do prémio oferecido a quem levar à captura do assassino é de 155 mil dólares (4490 contos).



204 PEUGEOT

MOCAR, LDA.

Av. Ant. Aug. de Aguiar, 19-A, 19-B - LISBOA

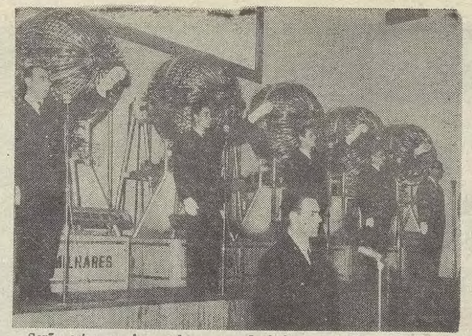
MOTOR - disposto transversalmente inclinado a 20°
Super quadrado — 4 cilindros
Cilindrada — 1130 c.c.
Taxa de compressão — 8.8/1
Potência — 58 HP
Regimen — 5800 r.p.m.
Cabeça em alumínio de câmaras bi-hemisféricas
Válvulas à cabeça
Cambota de 5 apoios
EMBRAIAGEM - de comando hidráulico
CAIXA DE VELOCIDADES - 4 velocidades para a frente, todas sincronizadas
SUSPENSÃO - traseira e dianteira independente
DIRECÇÃO - de cremalheira
TRAVÕES - de disco à frente, atrás de tambores, assistidos com servo-freio
PNEUS - 145 x 14
CONSUMO - entre 6, 8 e 8,5 l aos 100 Kms, segundo carga, percurso e velocidade
VELOCIDADE MÁXIMA - 142 Km/h

Sofia Loren e Anna Magnani premiadas

ROMA, 6 — (A. N. I.) — O quarto prémio internacional «Isabel de Este», dedicado ás mulheres que se distinguiram nos vários sectores da actividade humana, foi atribuido, este ano, ás italianas Anna Magnani (teatro), Carla Fracci (escultura) e Sofia Loren (cinema), á arqueóloga norte-americana Richter (cultura), á professora primária Rosaria Mogavero (por ter salvo os seus vinte e nove alunos durante o incêndio na sua escola, em Palermo), á holandesa Donhoff (jornalismo), a Nagy (ex-operária textil e hoje ministro da industria ligeira hungara), á escritora Anna Banfi (literatura), a Nouyeure Leonardi «Biky» (moda) e, finalmente, á senhora Lee, ministro inglês da cultura.

SOFIA LOREN

ANNA MAGNANI



Serão estas as cinco esferas que, de hoje a oito dias, «ditarão» o destino dos 29.250 contos de prémios do fabuloso sorteio da Páscoa.

SÁBADO ANDA A RODA

ÙNICAMENTE 25 000 BILHETES NO FABULOSO SORTEIO DA PÁSCOA

A EMISSÃO ESTÁ ESGOTADA DESDE QUINTA-FEIRA!...

— E eu que pensava que a sorte grande era só para os outros...

Para a «taluda» da Páscoa, como sempre, está frase rotineira ouvir-se-á, para a semana, através dos «guichets» dos serviços de pagamento de prémios, na repartição da lotaria da Misericórdia.

Paulatinamente, assim vão as nossas lotarias tornando ricos e milionários os que acreditam na sorte, mesmo quando pensavam que essa sorte esquiva e fugidia era só para os outros...

Efectivamente, quem poderá resistir a ganhar só para si o melhor de uma fortuna colossal de dezoito milhões, ou mesmo apenas nela comparticipar em simples «entrada»? — Sábado próximo «anda a roda». Sábado próximo, muitos serão os desiludidos e, em muito menor número os contemplados. Mas, que importa, quando está em jogo todo um futuro rico e feliz ao nosso alcance? — Saber que contra a simples apresentação de um papelucho se pode conquistar tudo o que a ambição nos promete?

Nove mil vezes mais multiplicarão o seu dinheiro, os que adregarem de escolher o número ambicionado. Nove mil vezes que, nuca simples «cautela» de quarenta escudos, se transformarão em sólidos 360 contos. Para os mais endinheirados, há o «décimo» que promete os 1.800 contos da sua parte alíquota. Para todos os outros, os 18 milhões do bilhete inteiro são obsessão de ultramilionário.

Já não há bilhetes na Misericórdia — facto sintomático — mas ainda restam, por aí, em mãos de comerciantes e ambulantes, muitos títulos que permitem a cada um, sonhar o próprio destino.

Conseguisse o redactor adivinhar o futuro, e poderia muito bem acontecer que estes comentários jamais viessem a luz do dia...

Mais de 3000 bilhetes serão premiados

Realiza-se no dia 13 — Sábado Maior — o sorteio dos 3.433 prémios da maior lotaria da Páscoa até hoje realizada entre nós. Isso equivale a um total de 29.250 contos em prémios, repartidos por 35 numeros de extracção individual — e entre eles o da cortejada sorte grande de 18.000 contos —, 600 prémios aos grupos de três e de dois algarismos finais, 297 de «centena» e aproximações ao numero do 1.º prémio e respectiva terminação. Os actos de extracção iniciam-se ás 19,30 horas sob a presidência do chefe de repartição da Lotaria Nacional, representante da autoridade administrativa e demais funcionários superiores e auxiliares. Os numeros contemplados serão apregoados, alternadamente, pelos srs. Augusto Valente e Manuel Gameiro.

Os serviços técnicos dos Emissores Associados de Lisboa assegurarão, em período de emissão especial, a radiodifusão integral da cerimónia. Apesar de que, como sempre, a sala de extracções será demasiado pequena para conter tantas e tamanhas curiosidades.

Para quem irão os 18.000 contos da «taluda»?

A nova fábrica da Mabor

(visitada hoje pelos seus agentes)

pode abastecer regularmente todo o mercado nacional

Em comemoração do seu 22.º aniversário e, simultâneamente, da entrada numa nova fase de expansão, a Mabor convidou para visitar hoje a nova unidade de manufactura de pneus no Lousado — que é a fábrica do género com maior área coberta em toda a Península — cerca de 450 pessoas em representação de mais de 200 firmas suas agentes.

A moderna unidade industrial, a laborar já em regime de plena produção, tem uma capacidade que permite, por si só, satisfazer as necessidades do mercado nacional, encaminhando ainda uma parte para a exportação, o que confere á Mabor uma dimensão que lhe permite ultrapassar os limites do espaço português e projectar-se nos mercados externos.

Os visitantes percorreram demoradamente as instalações da fábrica (300 metros de extensão), desde o armazém de materiais até ás gigantescas misturadoras de borracha com a altura de um prédio de quatro andares, os enormes moinhos e a tubuladora de tratamento térmico. Da secção de calandras, em que os tecidos são controlados por calibradores micrométricos, passaram ao departamento de produção de pneus radiais — a ultima palavra nesta industria, em que a Mabor é precursora em Portugal —, situada em zona especialmente climatizada e isenta de poeiras, e daí á secção de construção de pneus ligeiros e pesados. Percorreram, em seguida, os armazéns de pneus em «verdes», e finalmente a secção de vulcanização, inteiramente automatizada, de onde os pneus acabados saem á cadência de mais de um por minuto.

Por ultimo, os visitantes estiveram nos serviços sociais da fábrica, percorrendo ali as modernas instalações destinadas ao pessoal e assistindo á exibição de filmes técnicos sobre a produção e ensaio de pneus, em estrada e laboratório, e a documentários sobre a assistência técnica.

Os presentes reuniram-se então num almoço a que assistiram os dirigentes da empresa e técnicos da fábrica, e durante o qual usou primeiro da palavra o sr. conde da Covilhã, pioneiro desta industria em Portugal e grande obreiro do seu desenvolvimento. O presidente do conselho de administração da Mabor, de quem pode dizer-se ser hoje, na prática, um fiel intérprete da doutrina do mercado unico português e da nacionalização das fracções estruturais da industria de pneus e câmaras de ar, traçou o panorama do sector no nosso País, referindo os factores que condicionaram, e condicionam ainda, a sua evolução.

O sr. conde da Covilhã, ao examinar as circunstâncias que determinaram o comportamento do mercado de pneus no nosso País nos ultimos anos, pôs em relevo o aumento muito acentuado do parque automóvel nacional que, relacionado, com a entrada em funcionamento das linhas de montagem de veículos automóveis em Portugal, criou uma situação transitória de crise da oferta — fase já inteiramente ultrapassada pela Mabor, e que justificou a instalação da nova unidade industrial do Lousado, agora visitada, a qual constituiu uma acertada medida de previsão administrativa —, salientando ainda a incidência da expansão dos transportes em geral, influências a que vieram juntar-se ainda as solicitações da exportação,

As afirmações do sr. conde da Covilhã constituiram uma análise circunstanciada das directrizes da expansão da empresa.

com grande aumento da procura provocado pelo alto nível de qualidade dos pneus Mabor, e bem assim

(Continua na 18.ª página)

ANTIGUIDADES: NEGÓCIO DISCRETO E ÁRDUO MAS RENTÁVEL

Um negócio feito na penumbra é o das antiguidades, mas isto não quer dizer que seja um «negócio escuro». Acontece, apenas, ter pouca luz a maioria dos estabelecimentos dos antiquários.

Como definir esta actividade comercial?

Um negócio discreto, árduo e rendoso, poderá ser uma boa definição.

As pessoas que não se preocupam com antiguidades, ou não têm dinheiro para isso, decerto estranharão ver lojas quase sem clientes a maior parte dos dias e das horas de cada dia, progredir. Por isso, antiquário é quase sinónimo de comerciante discreto.

A receita, o segredo do lucro do antiquário está na cultura, nos conhecimentos, na discrição, no capital a empatar.

De facto, um antiquário não necessita de grandes multidões a perfurarem-lhe a loja, a mexer, revolver, deteriorar. Isso seria a bancarrota em pouco tempo. O antiquário tem o seu cliente certo. O coleccionador interessado sabe onde encontrar o que pretende e o comerciante sabe quem lhe interesse comprar.

É um negócio tranquilo, com conversas a meio tom no meio de velharias, recordações e pouco pó, pois a maioria destes estabelecimentos modernizou-se requintadamente nos últimos tempos, revelando um progresso do ramo que apraz registar. Por três motivos. Primeiro, porque há mais pessoas a interessarem-se por antiguidades. Segundo, porque isso revela um maior poder de compra. Terceiro, porque o comércio da especialidade tem, deste modo, ensejo para progredir.

E é assim, através de contactos, por vezes «ás escuras» (quer dizer, sem ver) que o comprador adquire uma nova peça que pode ter o significado de algumas centenas de contos. Isso só acontece através de uma confiança recíproca. Porque antiguidades é negócio honesto.

Uma única venda em 30 dias justifica, muitas vezes, a existência de um estabelecimento luxuoso. Depois há a eventualidade da venda das peças mais banais, embora valiosas, que contribui para aumentar o volume das receitas.

O negócio de antiguidades é o parente aristocrático do «bric-a-brac». Muitas vezes completam-se. As peças são outras, os preços são diferentes, o público também.

EXPORTAÇÃO É IMPORTANTE FONTE DE RECEITA

Um mercado muito vasto abre-se para os antiquários portugueses — o dos Estados Unidos.

O rico americano procura no «Velho Continente» objectos para adornar a sua casa moderna que os dólares enriquecem. Normalmente, compra durante as viagens de turismo. Mas isso também serve para estabelecer contacto. O antiquário fica informado do que interessa a esse novo cliente. Depois é só enviar fotos e informações da peça em questão, expedi-la, caso interesse e receber por transferência bancária.

«Não se pode dizer que a exportação seja uma nova coisa, pois desde há muito que temos velhos compradores «disse-nos um conceituado antiquário». Mas com o turismo esse movimento au-

(Continua na 18.ª página)

ROCKFELLER COMPRA VELHARIAS EM PORTUGAL

Antiguidades: um negócio discreto, sem muita clientela visível, mas com freguesia, entendida e até distante, capaz de escolher uma peça através de fotografia e de resenha descritiva e de enviar, na volta do telégrafo, uma ordem de pagamento de centenas de contos...

Quem compra essas peças mais banais?

Familias ricas interessadas na renovação da sua casa, no seu enriquecimento ou em mobilar uma nova moradia.

Esse é o «pinga-pinga» dos antiquários. O que menos conta, mas que ajuda.

Jóias antigas e modernas
Compramos por mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

«AOS COSTUMES DISSE NADA»

ENTRA UM CÃO NA HISTÓRIA

Baixa. Toda de verde. Uma expressão alarmada. E afinal um caso de todos os dias, de todas as horas: deixara o carro estacionado na Avenida D. Carlos I, á entrada da R. da Esperança, numa posição que prejudicava o transito.

A ré confirma. O agente autuante também: viu o carro parado, durante largo tempo, sem ninguém a bordo.

A senhora de verde — um verde esquecido, ou arrependido, ou farto de ser verde — esclarece que vive com dificuldades económicas e por isso não pagou a multa em bom tempo.

O automóvel é a sua enzada, o seu ganha-pão, é sózinha, precisa de ganhar a vida honradamente. Para mais, não tivera a mínima culpa na transgressão. Um cãozito que salta para a rua, que se mete debaixo do carro, um «encosto», uma pata partida, e eis a senhora de verde — verde de gasto, verde antigo, verde que não te quero verde — a agarrar no animal, a correr com ele onde possa tratá-lo...

O juiz ouve-a sem uma palavra, sem interromper. Conhece bem as pessoas, o mundo, as histórias, os truques. Pergunta apenas se tem testemunhas. Tem. O cãozinho saltou, de repente, a roda apanhou-o...

Depois do que a sentença mantém a multa, com a pena suspensa. A provar que a compreensão, o tacto na avaliação dos problemas podem morar perto dos artigos, dos parágrafos. E dos meandros do Código das Estradas. E dos mil problemas grampequenos desta Lisboa intransitável mente transitada.

O divórcio por mútuo consentimento vigorará em breve no Egipto

CAIRO, 6. — (R.). — Espera-se que em breve o Egipto introduza o divórcio por consentimento através de uma lei que aumentará os direitos das mulheres, neste país predominantemente muçulmano.

Ao abrigo de leis recentes a prática, honrada pelos tempos, permitindo a um marido libertar-se da mulher simplesmente por repetir por três vezes que se divorciava, foi abolida.

Agora, segundo a nova legislação, a mulher egípcia — durante séculos o parceiro sem importância do contrato matrimonial — poderá divorciar-se tão fácilmente como seu marido.

A nova proposta de lei — a «Lei do Estatuto Pessoal» — deverá ser apresentada á Assembleia Nacional, segundo se espera, dentro dos próximos meses. Significa que um juiz poderá conceder um divórcio quer seja pedido apenas pela esposa ou pelo marido.

Se ambas as partes concordarem antecipadamente com o divórcio antes do julgamento, este prosseguirá imediatamente.

A lei providenciará primeiro um «conselho familiar». Este, formado por parentes de ambas as partes, deverá tentar persuadir o casal a resolver os seus diferendos. Se o conselho falhar, a questão será referida ao juiz, que ficará em condições de pronunciar o divórcio, se estiver convencido da sua incompatibilidade.

A lei é criticada quer pelos conservadores quer pelos progressistas. Os conservadores argumentam que a intimidade das relações conjugais deve ser defendida. Dizem que alargar as disputas familiares pode apenas fazer com que elas se afastem, alargando o fosso entre os esposos.

Os progressistas dizem que a lei é demasiado vaga. Uma queixa é a de que ela ainda permite que um marido impeça a mulher de trabalhar.

A nova lei garante ás mulheres uma pensão temporária enquanto o divórcio está ainda pendente nos tribunais. Também terão a custódia dos filhos até aos 10 anos e das filhas até aos 12. As crianças devem então regressar ao pai.

DÃO FELICIDADE

Os anéis de Pedido, as Alianças de Casamento e de Compromisso da Ourivesaria BARATEIRO DE S. DOMINGOS — R. Barros Queiroz, 56.

O melhor Sortido de Ouro — Jóias — Pratas e Relógios aos melhores preços.

COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE
NO 2.º SÉCULO DE ACTIVIDADE
SEDE: LARGO DO CORPO SANTO, 13 — LISBOA
Telefone 3 03 21

GOSTA DE BOM QUEIJO?
SÓ PODE BEBER BOM AZEITE?
...E JÁ PROVOU AS NOSSAS AZEITONAS?
ENTÃO O CAMINHO É UM ÚNICO
CASA AGRICOLA SANTOS JORGE
• RUA BRAAMCAMP, 50-A (Tel. 48639)
• RUA CORONEL BENTO ROMA, 45-D (Tel. 711849)
VENDA DIRECTA AO PÚBLICO DOS PRODUTOS DA HERDADE DOS MACHADOS

NÓS NÃO! Mas de certeza alguém falou! Quem? Não sabemos O facto é que...
TODA A GENTE QUER COMPRAR MALHAS WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM
Está bem. Não estamos aqui para outra coisa.
Reservámos para si o tempo que for preciso para a ajudar na sua escolha
S.T.O.P.
Rua do Ouro, 260-264
Veja nas montras o STOP a colecção de malhas WOOLMARK

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 — Telef. 30013

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ
CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

Joalharia Mergulhão
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
CASA FUNDADA EM 1895
Rua de S. Paulo, 162 Telefone 3 00 13
LISBOA • PORTUGAL

As comemorações do 35.º aniversário do Grupo Desportivo da Lusalite

Incluído no programa comemorativo do 35.º aniversário do Grupo Desportivo da Lusalite, houve, hoje, no refeitório daquela fábrica um almoço de confraternização que reuniu cerca de cento e cinquenta dirigentes e empregados dos escritórios de Lisboa e daquele estabelecimento fabril na Cruz Quebrada.

Na mesa de honra viam-se os srs. dr. Ortigão Ramos e eng.º Jorge Abecassis, administradores, e engs. Benard Guedes, director da fábrica; Barreiros Calado, Celestino da Costa, Monteiro de Matos e Roque de Pinho, dos diversos serviços técnicos da Lusalite.

Durante o almoço que decorreu em ambiente de franca alegria e camaradagem, trocaram-se amistosos brindes.

O sr. eng.º Barreiros Calado, como presidente do Grupo Desportivo da Lusalite agradeceu a presença dos administradores, não esquecendo os ausentes e referiu-se ao desenvolvimento daquele grupo desportivo através da sua já longa existência.

Em seguida, os srs. dr. Ortigão Ramos e eng.º Jorge Abecassis ofereceram a entrega das taças às equipas de futebol da Lusalite, vencedoras dos encontros que, disputados no Estádio Nacional, precederam o almoço.

Por último e, também por entre salvas de palmas, foram distribuídos prémios aos cinco vencedores do concurso da pesca desportiva entre funcionários da Lusalite.

O negócio de antiguidades

(Continuação na página central)

mentou bastante. Todavia, com as restrições impostas pelo presidente Johnson e com a desvalorização da libra estamos a sentir alguma quebra», acrescentou.

ROCKFELLER COMPRA EM PORTUGAL

Um antiquário da nossa praça vendeu, recentemente, uma peça pela quantia de cerca de 800 contos. Bonito... Claro que o lucro foi de algumas centenas menos, pois a compra não fora barata. Muitas vendas há que de lucro só deixam o prestígio. Mas é impressionante ver estes homens num leilão, baixando quase imperceptivelmente a cabeça para mais um lance de cem das «grandes». Leilões de antiguidades há que são verdadeiros combates de gigantes.

Um outro antiquário orgulha-se de ter entre os seus clientes os nomes de Nelson Rockfeller e de Florence Mahoney. São as tais «tele-vendas» a que já nos referimos.

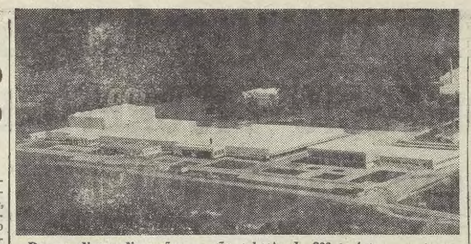
A maior parte das pessoas que visita o Salão de Antiguidades limita-se a observar o que gostaria de ter em suas casas. Mas não se apercebeu que ele foi a uma importante reunião de especialistas.

Apesar das restrições económicas, os norte-americanos continuam a ser uns bons compradores nos antiquários portugueses. E os europeus também o são. Mas, de qualquer maneira, não são eles a base deste negócio — os grandes coleccionadores portugueses continuam a marcar, apesar da diferença entre o escudo e o dólar.

IMPRENSA

«Correio do Ribatejo»

Completa 77 anos de publicação o nosso prezado colega «Correio do Ribatejo», o mais antigo jornal do distrito, fundado por João Arruda, cujo centenário se está a comemorar e dirigido por seu filho, sr. dr. Virgílio Arruda. Apresentamos-lhe e aos colaboradores as nossas felicitações.



De grandiosas dimensões — vão coberto de 300 metros — a nova unidade fabril de MABOR abre novos horizontes à empresa.

A visita à nova fábrica da Mabor

(Continuação na página central)

a pressão criada pela importação decorrente da crescente liberalização comercial internacional.

Os novos investimentos são superiores a 200 mil contos

O orador começou por afirmar no seu discurso:

— A Mabor iniciou a sua laboração há 22 anos, estabelecendo em bases sólidas a indústria portuguesa de pneus para veículos automóveis. De então para cá tem-se percorrido todo um caminho de valorização e progresso ao serviço da economia nacional. O crescimento do parque automóvel e a necessidade de evitar uma importação que se traduzia em pesado encargo para a nossa balança comercial e de pagamentos estiveram na raiz do empreendimento a que nos devotamos, com a colaboração prestigiosa da **General Tire**. Procurando acompanhar as solicitações do consumo, foi a Mabor autorizada, em 1965, a ampliar as suas instalações de maneira a produzir, anualmente, mais de 10 mil toneladas de pneus e câmaras de ar.

E precisou mais adiante:

— Os investimentos feitos com a nova unidade industrial são superiores a 200 mil contos, e o novo edifício fabril ocupa uma área de cerca de 30 mil metros quadrados. A grandeza desta realização e o progresso técnico que a caracteriza afirmam de maneira bem significativa toda a potencialidade da nossa organização industrial.

A caminho dos quatro milhões de pneus

O sr. conde da Covilhã forneceu depois alguns números elucidativos:

— Desde 1946, ano em que a Mabor produziu 32 670 pneus, num total de 597 toneladas de pneus e câmaras de ar, até 1967, em que se podem considerar findas as obras de expansão fabril e em que a produção atingiu 507 mil pneus e quase 8 mil toneladas, longo e frutuoso foi o nosso caminho. Até ao termo do ano transacto, lançámos no mercado cerca de 82 mil toneladas de pneus e câmaras de ar, compreendendo que se quatro milhões e meio de pneus e mais de três milhões de câmaras de ar.

O orador salientou seguidamente a importância da instalação, no nosso País, da indústria de montagem de automóveis e os seus reflexos no aumento do parque de veículos em circulação, factores que implicaram um mais rápido desenvolvimento da indústria de fabricação de pneus.

— Parece oportuno — afirmou — referir agora que a indústria portuguesa de pneus e câmaras de ar está a sofrer, nos últimos anos, uma forte concorrência internacional, que há-de ser encarada com especial atenção por todos quantos têm responsabilidades neste sector. A Mabor tem-se mostrado à altura dessas responsabilidades e, sólidamente estruturada, aproxima-se dos 70 por cento da produção nacional de pneus. Poucas actividades nacionais poderão exibir um progresso tão significativo.

E acrescentou:

— Posso dizer que a capacidade desta fábrica — com produção 22 vezes superior à original — seria, por si só, mais que suficiente para o abastecimento de todo o mercado nacional actual. Acontece, cumulativamente, que a entrada em laboração da Mabor Angolana permite libertar uma parcela importante da produção da Mabor e de toda a capacidade da indústria nacional de pneus, que revertem, assim, a favor do consumo, dia a dia maior, da Metrópole e serão canalizados para a exportação.

Um programa estimulante

— Com a sua actual dimensão — prosseguiu o orador —, dispondo de equipamento modernissimo e de técnicas de produção actualizadas, a Mabor tem diante de si um estimulante duplo programa a concretizar: prosseguir na adaptação às diversificadas exigências do mercado nacional e desenvolver a capacidade competitiva nos mercados externos, em defesa e reafirmação do prestígio que há muito conquistou no estrangeiro. E-me grato destacar, a propósito, a qualificada produção de pneus radiais, última palavra na tecnologia deste sector de actividade e que exige, a par de equipamento e métodos de fabrico adequados, mão-de-obra de alta experiência, que sòmente as mais avançadas empresas europeias do ramo possuem.

Referindo-se ao possível panorama futuro de sector, o sr. conde da Covilhã disse o seguinte:

— Não obstante as condições menos favoráveis da economia portuguesa, as perspectivas do comércio de pneumáticos continuam favoráveis. Embora o numero de veículos registados em 1967 tenha tido certo retraimento nos ultimos meses do ano, verificou-se ainda um ligeiro aumento em relação ao ano anterior. É de admitir, e desejar, que a actividade económica retome brevemente um ritmo de crescimento mais adequado aos objectivos nacionais.

E dirigindo-se aos agentes de vendas:

— A experiente rede de agentes da Mabor muito tem concorrido para o êxito desta industria. A Mabor e os seus agentes, quando perfeitamente integrados em objectivos e orientações comuns, constituem forte e respeitada unidade.

O sr. conde da Covilhã agradeceu depois a atenção que a Imprensa diária tem conferido aos problemas de base económica, e nomeadamente, no caso da Mabor, a saliência dada á sua nova fase de vida». E a terminar, dirigindo-se de novo aos agentes:

— Faço votos por que se materializem agora novas e agradáveis perspectivas da vossa actividade comercial, compensando-os das dificuldades dos ultimos anos. A todos apetecemos as maiores prosperidades. Estamos seguros de que a conjugação das nossas forças terá a correspondente e justa compensação. Esta obra é de todos e a todos interessará.

Homenagem dos agente ao conde da Covilhã

Findos os aplausos da assistência, usou da palavra, em nome dos agentes da Mabor, o sr. eng.º Manuel Valente, administrador da firma J. Valente & Irmão, S.A.R.L., de Castelo Branco, para agradecer o convite da empresa e sublinhar a importância da nova obra do Lousado.

— Estava já no espírito de muitos agentes — disse — prestar homenagem ao grande obreiro e empresário da industria de pneus em Portugal — o que até agora não foi possível apenas por falta de oportunidade concreta. Aproveito esta ocasião para, em nome de muitos dos agentes, e certamente exprimindo o sentimento de todos, homenagear a figura do homem que criou uma obra de primordial importância para a economia nacional e soube impulsioná-la e mantê-la com firmeza para uma expansão cada vez maior e mais segura.

A «Torre Olímpica»

com um restaurante giratório e 290 metros de altura é a nova atracção de Munique

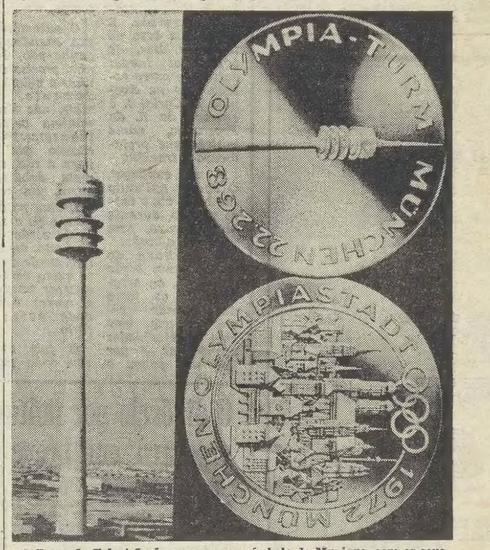
Munique, uma das mais belas cidades alemãs, tem agora uma nova atracção para quem a visita. E é uma atracção bem alta: uma torre. Assim, quem quiser ver do alto a bela München já não precisa de subir nem avião ou num helicóptero.

Com efeito, tendo acabado de ser inaugurada a nova torre da televisão de Munique, um elevador extremamente rápido leva os visitantes a uma altura de quase 200 metros. Se bem que seja um pouco exagerada a afirmação de um jornalista estrangeiro dizendo que nos dias de bom tempo se pode ver Veneza, está fora de duvida que do miradouro da torre se tem uma vista maravilhosa da grande cidade e dos seus arredores, até aos Alpes.

Esta nova atracção de Munique é um edifício de superlativos. O colosso, a que se deu o nome de «Torre Olímpica», por causa dos Jogos Olímpicos a disputar daqui a quatro anos nesta cidade, teria quase excedido em altura a Torre Eiffel, em Paris. Mas como as disposições de segurança da aviação só admitem uma altura de 290 metros, Munique conformou-se com o segundo lugar entre os edifícios da Europa Ocidental. Merecem, sem duvida, uma medalha de ouro os dois elevadores da torre. Com uma velocidade de 7 metros por segundo são os mais rápidos da Europa. Em 32 segundos, os elevadores transportam 30 pessoas a uma altura de 189 metros.

Neste ponto, pouco acima do chamado «Cesto dos Correios», dotado de todas as instalações modernas de televisão e de telefonia, está situado o «Cesto Panoramico», com uma plataforma aberta e outra fechada, uma plataforma especialmente segura para as crianças e um pequeno restaurante. Constitui a grande atracção deste «andar» um restaurante que gira em torno do eixo da torre, podendo-se escolher entre três velocidades diferentes (36, 53 ou 70 minutos são os tempos possíveis para a rotação).

A «Torre Olímpica» cumprirá a sua mais importante missão quando, no Verão de 1972, os Jogos Olímpicos disputados aos seus pés, no Oberwiesenfeld, forem transmitidos pela televisão para todo o mundo. Contudo, hoje, o grande publico já beneficia das vantagens da nova torre, pois verificou-se que a qualidade das transmissões da televisão na área sul melhorou consideràvelmente. A potência do novo posto emissor excede de 100% a da antiga torre. Assim, graças á grande altura da torre, está assegurada uma excelente qualidade das transmissões até nos vales mais distantes dos Alpes bávaros.



A Torre da Televisão é agora o novo símbolo de Munique, com os seus 290 metros de altura. A 189 metros do solo fica o restaurante que gira em torno do eixo da torre. Nesta gravura, á direita, vê-se a medalha cunhada em ouro e em prata quando da inauguração da «Torre No reverso recorda-se Munique medieva

PRIMAVERA DE NEVE NA REGIÃO DE MELGAÇO

MELGAÇO, 6 — Apesar da Primavera que, segundo o calendário, chegou já há quinze dias, nrvou intensamente durante a madrugada de ontem na região de Melgaço. Todos os montes que circundam esta vila apareceram totalmente cobertos de espessa camada de neve que, em Castro Laboreiro, atingiu quinze centímetros.

Em algumas regiões, este nevão da Primavera é considerado o maior deste ano.

Entertanto, a Estância Termal de Melgaço tem recebido últimamente inúmeros pedidos para reservar aposentos, não só de pessoas que pretendem tratar-se, mas também de muitos pescadores desportivos. Com efeito, contínua animadissima a pesca do salmão á linha, o que tem provocado a deslocação a esta região de amadores de diversos pontos do País.

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ✲ Telex 2782

O novo seminário do Instituto Missionário Nacional

O núncio apostólico em Portugal visitará, no dia 5 de Maio, as obras de construção do novo Seminário da Boa Nova, em Valadares (Gaia), pertencente ao Instituto Missionário Nacional, para cuja edificação Paulo VI ofereceu 150 000 dólares quando da sua visita a Fátima. As obras do moderno edifício estão muito adiantadas, e parte delas começará a funcionar em Outubro próximo.

Destina-se o novo seminário á preparação de elementos com vocação para a obra missionária no Ultramar e terá uma lotação de 100 a 150 alunos. As obras orçam pelos 12 mil contos, e aquele Instituto, com uma obra valiosa em todo o Ultramar português, está interessado na aquisição de fundos de toda a ordem. Foi facilitada uma visita ás obras, pelos representantes da Imprensa, ali recebidos pelo superior geral daquele Instituto.

Melhoram os feridos da derrocada de ontem

No hospital de Santo António, onde, como dissemos, foram internados, sentiram melhoras o aprendiz de trolha José Manuel Freitas Fernando, cujo estado deixou de ser desesperado e o pedreiro Gaspar Vieira Monteiro, vítimas do desmoronamento de uma velha parede, ocorrido ontem na Rua de São Dinis e no qual morreram três companheiros daqueles, ficando feridos outros três.

Entretanto, o funeral dos três infelizes trabalhadores que perderam a vida no desastre esteve amanhã do Instituto de Medicina Legal.

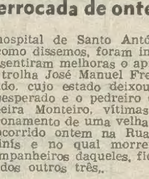
Ocorrências policiais

Queixou-se na P. S. P. o sr. Angelo Lucio da Fonseca Figueiredo, Rua D. João IV, 17, contra uma sua servical acusando-a, por suspeita, de ser autora de um furto de objectos no valor de 2000$00.

AS NOTÍCIAS DA
ÚLTIMA HORA
encontra-as na
Edição da noite
do «Diário de Lisboa»
NO PORTO, O LEITOR PODE COMPRAR A EDIÇÃO DA NOITE A PARTIR DAS 21 E 30 NOS SEGUINTES LOCAIS

vendedores
Rua Sá da Bandeira (frente ao Café «A Brasileira») — Praça da Liberdade (frente ao Café «Imperial» e do lado da Companhia dos Telefones) — Rua de Santa Catarina (frente ao Café «Paladium» — Rua Ricardo Jorge (junto ao Cinema Trindade).

tabacarias
TABACARIA DO CAFÉ «SABAN»
Rua Sá da Bandeira
TABACARIA DO CAFÉ «IMPERIAL»
Praça da Liberdade



Cineclubismo

Amanhã e depois, respectivamente, ás 10 e 30 e 18 horas, haverá sessões de cultura cinematográfica, no Cinema Batalha, com o filme de Charles Chaplin, «Luzes da Ribalta», integrado no ciclo «Grandes Autores».

Jornal em festa

Para comemorar o 8.º aniversário do quinzenário «O Gaiense», há, hoje, diversas cerimónias, no salão nobre da Junta de Freguesia de Seixezelo e no salão paroquial da mesma freguesia, e jantar de confraternização.

ESPECTÁCULOS para esta noite

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 45: «Pão, pão... queijo, queijo» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Ás 21 e 45: «Vestir os nus» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Ás 21 e 30: «Grau de destruição» (12 anos).
RIVOLI — Ás 21 e 30: «O Rei dos Reis» (12 anos).
COLISEU — Ás 21 e 30: «O Regresso dos Sete Magníficos» (17 anos).
TRINDADE — Ás 21 e 30: «Dos indomáveis patifes» (17 anos)
BATALHA — Ás 21 e 30: «A gata borralheira» (12 anos).
OLIMPIA — Ás 21 e 30: «O estrangulador de Baltimore» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Ás 21: «O desporto favorito dos homens e «Romance no Luna Parque» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Ás 21 e 30: «Sete contra o mundo» (12 anos).
ESTÚDIO — Ás 21 e 30: «Uma aventura a quatro» (12 anos)
JÚLIO DINIS — Ás 21 e 30: «O Carrasco de Veneza» (12 anos).
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30: «A mulher do próximo» (17 anos)
NUN'ÁLVARES — Ás 21 e 30: «Fim-de-semana com a morte» (12 anos).
LEÇA DA PALMEIRA — Ás 21 e 30: «Lutring» (17 anos).
CINE-ERMESINDE — Ás 21 e 30: «A desaparecida» (12 anos).
ODEON — Ás 21 e 30: «O beijo do vampiro» (17 anos).
CINE-GAIA — Ás 21 e 30: «Missão secreta em Veneza» (17 anos).
CONSTANTINO NERY — Ás 21 e 30: «O Príncipe Guerreiro» (12 anos).
CINE-VITÓRIA — Ás 21 e 30: «Kali-Yug, a Deusa da vingança» (17 anos).
ESTRELA-CINE — Ás 21 e 30: «O Terrore (17 anos).

Para amanhã à tarde

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Ás 16: «Pão, pão... queijo, queijo» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Ás 15 e 30: «Grau de destruição» (12 anos).
RIVOLI — Ás 5: «O rei dos reis» (12 anos)
COLISEU — Ás 15 e 30: «O Regresso dos Sete Magníficos» (17 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30: «Doze indomáveis patifes» (17 anos)
BATALHA — Ás 15 e 15: «A gata borralheira» (6 anos).
OLIMPIA — Ás 15 e 30: «O estrangulador de Baltimore» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Ás 15: «Uma pistola para Ringo» e «Os quatro agentes secretos» (12 anos).
VALE FORMOSO — Ás 15 e 30: «A mulher do próximo» (17 anos).
ESTÚDIO — Ás 15 e 30: «Uma aventura a quatro» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Ás 15 e 30: «O Carrasco de Veneza» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Ás 15 e 30: «Os Gigantes de Roma» (12 anos).
ERMESINDE — Ás 15 e 30: «Sanilho de fraldas» (12 anos).
ODEON — Ás 15 e 30: «Desordem na terra dos Gringos» (12 anos).
CINE-VITÓRIA — Ás 15 e 30: «O pistoleiro romântico» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (5.º turno)

AMEAL, R. do Ameal, 1227 (T. 4-3550) ✲ **BIRRA**, Praça do Liberdade, 125 (T. 2-0463 ✲ **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 955 (T. 6-0606) ✲ **FALCÃO**, Rua de Santo Ildefonso, 6 (T. 2.1566) ✲ **INVICTA** (Rua do Bonfim, 330 (T. 5-1212) ✲ **LAPA**, Rua Antero de Quental, 211 (T. 4-0697) ✲ **MARTINHO, SUCR.**, Praça Marquês de Pombal, 22 (T. 4-0747) ✲ **ORDEM DA TRINDADE**, Rua da Trindade, 19 (T. 2-7420) ✲ **RAMOS**, Rua do Bolhão, 9 (T. 6-4935) ✲ **SANTA TERESA**, P. G. Gomes Fernandes, 100 (T. 3-5713) ✲ **TERREIRO**, Rua do Rebolairo, 2 (T. 2-3576) ✲ **VAZ TEIXEIRA, SUCR.**, Rua do Heroismo, 56 (T. 5-2851) ✲ **VILARINHA**, Rua do Vilarinha, 161 ✲ **NACIONAL** — R. S.ª do Luz, 156 — Foz.

Um Centro de Recreio Popular no Bairro da Encarnação

O Chefe do Estado preside amanhã, no Bairro da Encarnação, á inauguração do novo Centro de Recreio Popular, ali construído pela F. N. A. T. Estarão presentes também os ministros das Obras Públicas, das Corporações e do Interior. O amplo edifício dispõe de uma sala de espectáculos apetrechada para funcionar como teatro e cinema, dotada dos mais perfeitos requisitos técnicos e com capacidade para cerca de 800 pessoas; um ginásio, com vestiário, balneário e sala de professores; uma ampla sala-de-estar e de convívio, uma biblioteca, uma sala de jogos e um posto médico, além de muitas outras dependências disseminadas pelos três pisos do edifício.

NECROLOGIA

FUNERAIS

D. Rosa Esteves

PESO (*Termas de Melgaço*), 6 — Na freguesia de Fiães faleceu a sr.ª D. Rosa Esteves, mãe do sr. professor António da Ascensão Afonso, delegado escolar neste concelho. A morte da bondosa senhora foi muito sentida, e no seu funeral incorporaram-se inúmeras pessoas de todas as categorias sociais e a corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, da qual o sr. professor António da Ascensão Afonso é presidente da assembleia geral.

O Coral de Letras do Porto em Braga

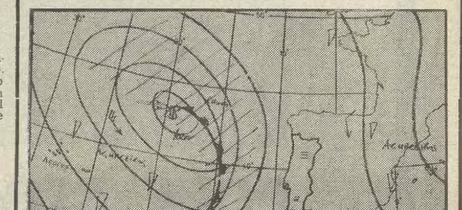
BRAGA, 5 — Na segunda-feira, á noite, o Coral de Letras da Universidade do Porto apresenta-se num espectáculo, no Salão Medieval da Biblioteca Pública, a convite da Delegação do Círculo de Cultura Musical.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÁS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 17°,2; mínima: Penhas da Saude, —5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÁS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 11°,6; na água do mar: 14°.



A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 7 — O sistema frontal assinalado entre os Açores e a Península Ibérica desloca-se para leste e deverá influenciar o estado do tempo no território do continente no dia 7.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

ROESTE E PASSANDO A TEMPO DE AGUACEIROS.

SOL — Amanhã: Nascer às 7 e 13 Ocaso às 20 e 06

PREIA-MAR — Dia 6 — Às 10 e 07 (2,9 m); 22 e 42 (3,1 m). Dia 7 — Às 11 e 41 (3 m). Dia 8 — Às 0 e 08 (3,3 m); 12 e 52 (3,2 m). BAIXA-MAR — Dia 6 — Às 3 e 25 (1,8 m); 15 e 55 (1,9 m). Dia 7 — Às 5 e 03 (1,8 m); 17 e 30 (1,9 m). Dia 8 — Às 6 e 22 (1,6 m); 18 e 42 (1,6 m).

AGUACEIROS DISPERSOS, TORNANDO-SE POUCO FREQUENTES; VENTO FRACO OU MODERADO DE NOROESTE; CONDIÇÕES FAVORÁVEIS Á FORMAÇÃO DE NEVOEIROS LOCAIS, PELA MADRUGADA, AGRAVAMENTO DO ESTADO DO TEMPO A PARTIR DA MANHÃ, COM PERÍODOS DE CHUVA E VENTO MODERADO OU FORTE DE SUDOESTE, RONDANDO MAIS TARDE PARA OESTE OU NO-

FASES DA LUA

Hoje Dia 13 Dia 19 Dia 27

LIVROS NOVOS E PUBLICAÇÕES

«FOGO CRUZADO»

por Tom West

A editorial Panorama publicou, em tradução de Alberto Cabral, o livro *Fleming Feud*, de Tom West.

Ao alta da capa se nos diz que «vieram do Texas, para enfrentar armas assassinas no território do Arizona». Quer dizer que estamos perante um desses volumes realmente vibrantes, com suas lutas do Oeste em que os homens lutam até ao fim e quase sempre morrem de uma bala ou de uma queda de cavalo lançado à desfilada.

«EL MUNDO INTERIOR DEL HOMBRE»

por Albert Marechal

«Este livro é como que o fruto da minha vida — diz o autor. Não só o fruto de uma experiência ao longo da minha vida, mas também o fruto de vidas e experiências de jovens, de homens e de mulheres casados».

No entanto, talvez o subtítulo baste para nos fazer compreender melhor de que trata este livro: «dos medos interiores á construção da personalidade».

Traduzido para castelhano por Francisco José Alcántara, «El mundo interior del hombre» é uma edição da «Editorial Nova Terra», distribuida em Portugal pela Livraria Sampedro.

«CONSERVAS DE PEIXE» — Número de Março.

«ESTRELA» — N.º 134.

«LE DOUBLE CHEVRON» — N.º 11.

«BOLETIM DO GRUPO DESPORTIVO DO PESSOAL DOS TELEFONES» — Número de Março.

«CANADA-68» — Número de Março.

«AUTORES» — Número do Inverno.

«Lisnave» — Número de Fevereiro.

«Fundexport» — N.º 421.

«Menina e Moça» — N.º 235.

«LISBON COURIER» — Número de Fevereiro.

«BOLETIM DA CÂMARA DOS DESPACHANTES OFICIAIS DE ANGOLA» — Suplemento de Fevereiro.

«LANIFÍCIOS» — Número de Novembro-Dezembro.

«NOTICIAS DA MOVIERECORD PORTUGUESA» — Número de Março.

«NOTICIAS DA RODÉSIA» — N.º 20.

«BOLETIM DOS SERVIÇOS DE GEOLOGIA E MINAS DE ANGOLA» — N.º 14.

«BOLETIM CULTURAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA» — N.º 16.

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

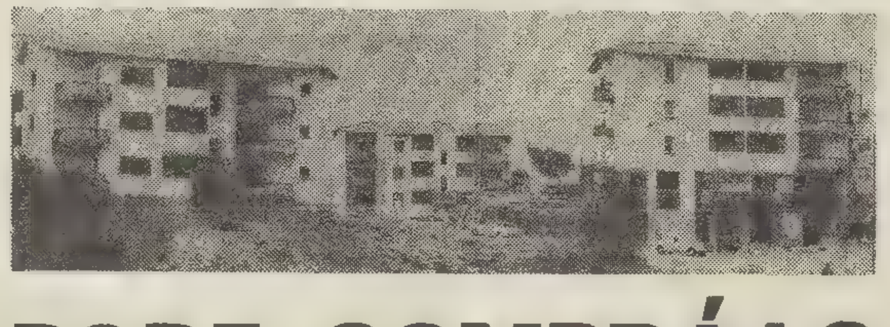
LICEUS — ADMISSÃO INSTITUTOS
NOVOS CURSOS A INICIAR EM ABRIL
Turmas especiais para alunos em atraso

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 532702
CURSOS INTENSIVOS - AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
Rua Conde Redondo, 56, 1.º-Esq.º — Telef 536380
PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

APLIQUE O SEU CAPITAL VALORIZANDO-O, NOS MAGNIFICOS ANDARES

C/3,4 e 5 assoalhadas huma das zonas mais Progressivas de: CASCAIS



Junto de zona Comercial a 800 metros da estação Perto de Liceu com auto-carro à porta

PODE COMPRÁ-LO:

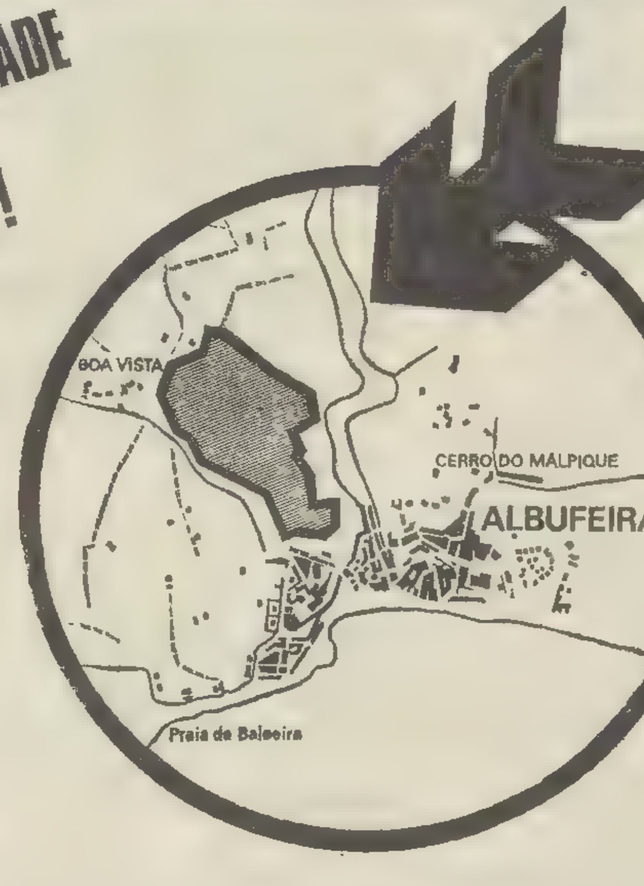
Com facilidades de pagamento
Por intermédio das Caixas de Previdência
ou com hipoteca à Caixa Geral dos Depósitos

BAIRRO RESIDÊNCIAL O NAVEGADOR
NAS FONTAINHAS — CASCAIS

MOSTRA no local e
informa na Estrada de ALVIDE M.L.C. telf. 280568

Preços desde 250 contos

UMA OPORTUNIDADE PARA UM BOM INVESTIMENTO!



Na zona de maior interesse turístico do País vai à praça no dia 23 de Abril no julgado Municipal de Albufeira a propriedade "BEM PARECE"

24,5 hectares de terreno — com vistas para o interior e para o mar — situado na zona destinada ao desenvolvimento urbano de ALBUFEIRA, a típica vila algarvia que com as suas excelentes praias se tornou o principal ponto de atracção de todo o Algarve.

- Devidamente registada e integrada no plano de urbanização de Albufeira.
- Projecto aprovado para um conjunto de instalações de carácter turístico, compreendendo:

Blocos de apartamentos
Moradias
Centro comercial
80 000 m² de zonas verdes,
arruamentos e espaços abertos

Para qualquer informação prévia, dirigir-se a: Dr. Correia Guedes - Telefone 32 07 05 - LISBOA

SE ESTÁ COMPRADOR
TEM AGORA
A OPORTUNIDADE
FRIGORÍFICOS 170 = 2.950$00
TELEVISORES 59 cm = 4.450$00
Artel R. Conde Redondo, 119-A
(A SANTA MARTA)

VULCAIN
RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TA Sabino Faria, 18-A

TRANSPORTES DE MILITARES A PREÇOS REDUZIDOS EM COMBOIOS ESPECIAIS DE FIM-DE-SEMANA

Embarque aos domingos em Porto (São Bento)

A C. P. anuncia que desde o dia 17 do corrente põe em circulação uma automotora, partindo do Porto (São Bento) às 23.30 horas e dando ligação ao comboio especial para militares que parte do Porto (Campanhã) às 23.40 horas para Lisboa (Santa Apolónia).

Todos os militares que estejam munidos de bilhetes válidos para este comboio especial — os quais podem ser adquiridos na própria estação do Porto (São Bento) — podem utilizar a referida automotora sem acréscimo de preço

MONTIJO

ANTÓNIO ROSA

FALECEU

Cremilde Figueiredo, Aurora Rosa e Beatriz Rosa participam o falecimento do seu irmão, marido e parente, cujo funeral se realizou hoje pelas 15 horas do Montijo para o cemitério do Monte da Caparica.

TRATA AGÊNCIA RAMAS
Tel. 230501 — Montijo

ERICEIRA

Vitor Falcão

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Marie Gilissen Falcão participa que será rezada missa por sua intenção 3.ª-Feira 9 de Abril na Igreja Paroquial de S. Pedro, na Ericeira.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES COMENTÁRIOS

TRANSCRIÇÃO

O ENSINO NA ESPANHA

O considerável aumento do orçamento do Ministério da Educação e da Ciência nos anos de 1965-1966 correspondeu ás novas orientações e ao impulso dado á acção cultural e á investigação científica (conforme as directivas do Plano de desenvolvimento económico e social), bem como ao aumento sensível da remuneração dos funcionários publicos.

A extensão da escolaridade obrigatória até á idade de 14 anos (8 anos de estudos) foi confirmada, e far-se-á até aos dez anos exclusivamente nas escolas primárias e, dos dez aos catorze anos, com opção obrigatória entre as escolas primárias e os diferentes tipos de ensino secundário.

Foram fixadas as denominações e os direitos dos alunos diplomados das escolas técnicas de grau médio: cinco anos de estudos permitem obter um título de engenheiro ou de arquitecto; um segundo ciclo de dois anos confere títulos de doutores engenheiros e de doutores arquitectos.

Foram criados novos tipos de estabelecimentos de ensino profissional assegurando a aprendizagem de especialidades: fotografia, hotelaria, industria mineira, electromecanica, sidero metalurgia.

Criaram-se dois importantes serviços de investigação — o de investigação e de experiências pedagógicas em estreita colaboração com o Instituto de Pedagogia do Conselho Superior das Investigações Científicas, e o de psicologia escolar e orientação profissional. Foram organizadas escolas da especialização em diversas Universidades, conduzindo em particular a diplomas em psicologia, farmacologia, reumatologia, dermatologia médico-cirurgica e venerologia, obstetrícia e ginecologia e prática jurídica.

Não há falta de professores para o ensino primário. Por outro lado, o numero de professores para o ensino secundário é ainda insuficiente.

Os alunos dos cursos por correspondência eleva-se a 11 198.

(Das Folhas de Informação do G. E. P. A. E. — Fev.º 1968.)

NOTICIÁRIO

HABITAÇÕES DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

Vai ser aberto o concurso para a distribuição de 100 habitações na zona de Olivais-Sul, destinadas a sócios da Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional residentes em Lisboa ou nos concelhos limitrofes. As casas serão atribuídas em regime de propriedade horizontal resoluvel.

CONSELHO PEDAGÓGICO DE I. M. A. V. E.

Foi nomeado vogal do Conselho Pedagógico do Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino o tenente-coronel José Rodrigues Raimundo.

O PORTO VISTO PELAS CRIANÇAS

Trata-se de uma exposição de arte infantil organizada pela Repartição de Cultura Popular e Turismo da Câmara Municipal do Porto, corporizando-se, deste modo, a iniciativa de Maria Amélia Mergulhão que iniciou sobre crianças das escolas primárias, técnicas e liceus, com idades entre os 6 e os 14 anos.

Iniciativa a todos os títulos louvável, nos seus multiplos aspectos pedagógicos, sociais e estéticos, a que o próprio tema «O Porto» daria sem dúvida um lado humano e até gregário. Louvável ainda a participação de alunos de diferentes graus de ensino e dos mais diversos estabelecimentos da cidade.

Muitas crianças acorreram ao chamamento e, como resultado de uma selecção (não muito rigorosa, diga-se a verdade), podemos observar algumas centenas de trabalhos que se mostram a público na Escola de Belas-Artes do Porto.

Não prima a exposição por uma grande variedade de técnicas e parece-nos muito discutivel a atribuição de alguns prémios, principalmente pela confusão que pode lançar no espírito das crianças e até nos educadores menos prevenidos. Há, no entanto, muitos trabalhos dignos de apreço pelo sentido da cor, grafismo, pela resolução técnica, pela verdade infantil.

Dissemos atrás, e festejámos, a participação de alunos de diferentes graus de ensino. No entanto, a idade dos que normalmente frequentam o ensino primário não têm ali a sua melhor afirmação. Desconhecimento de materiais, de técnicas, ou atitude pouco firme perante uma tão válida forma de expressão?

Ora aqui está um dos interesses desta exposição e de outras que deveriam reptir-se pelo País (porque não itinerantes?), pois aí os pais e os agentes de ensino poderão aferir a sua sensibilidade, a sua capacidade de julgar e tomar contacto com técnicas materiais, intenções e, sobretudo, com a realidade mais viva: a criança.

A. C.

OSSO DE MAMUTE — Fémur de um mamute, com cerca de um metro de comprimento e pesando dez quilos. Descoberto na República Federal da Alemanha, numa saibreira de um antigo paul. Os mamutes de quatro metros de altura povoavam há cerca de dois milhões de anos o hemisfério setentrional.

EXPOSIÇÃO NA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

Por iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol, é inaugurada amanhã, na sede deste organismo no Estoril, uma exposição do projecto de arquitectura do conjunto turístico que a Santa Casa da Misericórdia pretende construir na zona envolvente da sua igreja.

O projecto é da autoria dos arquitectos Mário de Oliveira e Oskar Pinto Lobo.

Melhoramentos nos edifícios dos C. T. T. de Faro e Arganil

Custará quase três mil e quinhentos contos a ampliação do edifício dos Correios de Faro, cujo contrato foi autorizado pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

A execução das obras deverá estar concluída no prazo de 540 dias.

Por seu turno, os C. T. T. de Arganil vão ter as suas instalações ampliadas com um depósito de material e uma garagem, que custarão 2470 contos.

Vai ser transferido o primeiro asilo-escola para cegos?

CASTELO DE VIDE, 4 — A população deste concelho está profundamente desgostosa com a notícia, que com insistência corre nesta vila, de que os cegos do seu Asilo-Escola Nossa Senhora da Esperança — o primeiro asilo-escola para cegos fundado em Portugal e que conta mais de um século de existência — serão transferidos para um Instituto de Invisuais, a instalar em Portalegre. Foi o asilo fundado pelo dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, em 1863, para recuperação e abrigo de cegos e está instalado num bonito edifício que remonta á época de D. João III.

CONFERENCIA EM LEIRIA

FIGUEIRA DA FOZ, 6 — Convidado pela confraria de S. Vicente de Paulo, de Leiria, o prof. António Vítor Guerra, director do museu e biblioteca municipais desta cidade, realizou no Seminário Maior de Leiria uma conferência subordinada ao título «Caridade».

A sessão presidiu o bispo auxiliar de Leiria. O conferencista foi muito aplaudido e, no final, o bispo saudou-o em termos calorosos.

O seguro de automóveis

(Continuação da 10.ª página)

de discussão uma hipótese que não é admitida por poucos, pois não são tão poucos os que a admitem que não figurem as indústrias bancárias e de seguros na fila da frente onde quer que se pratiquem nacionalizações ou, simplesmente, nos raciocínios dos teóricos que pensam nelas. Por alguma razão será. Mais nada.

Tem a palavra o sr. dr. Azevedo e Silva:

«*Sr. director* — Meditei longamente sobre se valeria a pena dirigir-me a V. a respeito duma local surgida em «Nota do Dia» no jornal que dirige, sobre o seguro de automóveis.

E decidi-me a fazê-lo por me

E decidi-me a fazê-lo, afinal, por me parecer que nada se perde em tentar esclarecer o problema ou dar sobre ele a conhecer outros pontos de vista.

Devo, antes de mais, dizer que tendo começado por empregado de carteira duma companhia de seguros, lugar que ocupei pouco depois de terminado o meu curso, sou, actualmente, após um dúzia de anos de intensa actividade, advogado de cinco seguradoras.

Isto para poupar trabalho aos que pensam ser algo de menos confessável o tomar alguém a defesa de entidades de quem, em certa medida, se depende económicamente.

Posto isto, permito-me incomodar V. sobre dois pontos que me despertaram a atenção na citada «Nota do Dia».

a) Sobre se as seguradoras devem ter ou não a liberdade de contratar ou deixar de contratar com quem entenderem.

Entende o autor do escrito a que me reporto que não; e invoca o «interesse publico» que deve dominar a actividade seguradora.

Permito-me notar que, se tomarmos como exemplo o que se passa com o contrato de arrendamento (que interessa a muito mais pessoas e é de bem maior relevancia social, pois, comparativamente, poucos são os que têm automóvel e o ter automóvel é bem menos necessário do que morar em qualquer sítio...), a afirmação parece inadmissível.

Pois se o dono dum prédio se pode recusar a arrendá-lo a A ou B, porque não há-de a seguradora ter a liberdade de se recusar a contratar com os mesmos A ou B?

Ou será mais importante conseguir a transferência da sua responsabilidade do que ter onde morar com a família?

O problema, de resto, adquiriu particular acuidade desde que a jurisprudência entendeu que a cláusula, estabelecendo a irresponsabilidade da seguradora até ao pagamento do prémio, era nula.

Será justo obrigar as seguradoras a aceitar seguros de quem sabem ser mau pagador, e a correr, sem contrapartida, riscos graves, ao menos durante o prazo do aviso para anulação por falta de pagamento de prémio?

b) Sobre se o argumento do prejuízo do «ramo automóveis» é irrelevante, visto os outros ramos darem lucros compensadores.

O problema põe-se em relação a todas as actividades lucrativas (ou que o pretendem ser...) e não só á seguradora.

Mas (e tomo, novamente, exemplo de bens muito mais importantes do que o seguro de automóveis...) quem já ousou sustentar que um armazenista de mercearias, que está a perder dinheiro com a venda de conservas, deve suportar o prejuízo e continuar porque, por hipótese, tem lucros consideráveis na venda de farinhas?

Isto quando é evidente que a necessidade de comer é primordial e interessa a todos, enquanto que a de ter seguro de automóvel é problema secundário de uma minoria, económicamente mais forte.

Por outro lado, ainda não vejo por que motivo A ou B, que não possuem automóvel, mas têm, um, um seguro de incêndio, outro, um seguro do automóvel de C!

hão-de pagar prémios mais elevados do que deveriam, para permitir cobrir o prejuízo causado pelo seguro do auotmóvel de C!

Não pretendi esgotar o problema. Apenas abordá-lo sem tomar tempo de mais a V. Daí, que me haja limitado a um brevíssimo e superficial apontamento.

No entanto, e a finalizar, sempre desejo manifestar a minha estranheza pelo muito que se tem escrito e falado sobre um problema que, em boa verdade, afecta uma parcela mínima da população e, exactamente, como também já notei, a económicamente mais forte.

E não se diga que, hoje em dia, ter automóvel é, para muitos, uma necessidade, porque o usam para o seu trabalho, etc.

Direi que é uma necessidade relativa.

Recorrendo mais uma vez ao exemplo, direi que, se é certo que o «caixeiro-viajante» utiliza o automóvel para o seu trabalho, não é menos certo que, na mesma classe, alguns, menos afortunados, continuam a deslocar-se de camioneta ou de comboio, e que qualquer trabalhador rural que se encaminha a pé para o seu trabalho iria mais comodamente num «jeep» e mais cedo estaria de regresso á sua casa para dar uma cavadela na horta ou na vinha.

Creio que só poderei encontrar uma explicação para o muito que se tem agitado o famoso problema do seguro de automóveis: é que, pelos vistos, as classes económicamente mais fortes dão excessiva importância aos seus (relativamente) insignificantes problemas e abusam da maior facilidade que têm em fazer-se ouvir.

Ora, não será um tanto ridículo que nos queixemos tanto — nós, os poucos que, felizmente, podemos ter automóvel — e que cheguemos ao ponto de pretender que, para nossa economia, se deve ir buscar o lucro aos que (tendo ou não automóvel, sendo ricos ou pobres) efectuam qualquer seguro?

Pouco falta para se chegar a afirmar que felizes são aqueles que, por carência absoluta de meios, não podem ter automóvel, pois assim se livram do tão falado agravamento de taxas!

Desculpará V. o tempo que lhe tomei, se porventura me leu até ao fim.

E, pode crer, não foi minha intenção iniciar uma polémica com V., até porque me não escapa que o não dispor eu de um jornal me seria grande desvantagem.

Mas parece-me útil lembrar, entre outras coisas, que o Governo e, em especial, Sua Excelência o ministro das Finanças, devem ter, na presente conjuntura, alguns problemas de muito maior interesse para a Nação do que este de saber se os (relativamente poucos e afortunados) proprietários de automóveis hão-de ou não pagar, anualmente, ás suas seguradoras, algumas centenas de escudos mais — ou mesmo mais um milhar de escudos — o que perfazem no seu conjunto pagar as indemnizações que eles em conjunto impõem.

Sem outro assunto, com elevada consideração e estima, creia-me, etc.—*Joaquim de Azevedo e Silva*».

Muitas raposas abatidas por caçadores

SOBRAL DA ADIÇA, 6. — Um grupo de caçadores dos concelhos de Moura e Serpa, incluindo Nabais da Cunha, colaborador do «Diário de Lisboa», abateu, na passada época venatória, 22 raposas.

Outro grupo de aficionados cinegéticos, do concelho de Moura, fez, também, diversas batidas com resultados satisfatórios, dada a elevada abundância de raposas, o que se atribui á proibição de caçar em extensas áreas submetidas a regime de couto.

SERVIÇO ESPECIAL DE BARCOS ENTRE LISBOA (TERREIRO DO PAÇO) E BARREIRO POR MOTIVO DO DESAFIO DE FUTEBOL CUF-BENFICA

Prevendo-se grande afluência de público para assistir ao desafio de futebol CUF-BENFICA, a C. P. estabelece no domingo, dia 7 do corrente, entre Lisboa e Barreiro, algumas carreiras extraordinárias, além das carreiras regulares já existentes.

Para esclarecimento a seguir se indicam as horas de partida destas carreiras extraordinárias:

HORAS DE PARTIDA DE LISBOA (TERREIRO DO PAÇO): 12.20 - 13.05 - 13.40 - 14.00 - 14.30 e 14 - 40

No regresso far-se-ão carreiras extraordinárias sempre que a afluência de passageiros o justificar.

No próprio interesse dos srs. passageiros, para poder assegurar o seu transporte, recomenda-se a utilização á partida de Lisboa (Terreiro do Paço), com a maior antecedência possível, a fim de se evitar a aglomeração de Público nas carreiras mais próximas da hora do início do desafio.

COLÓQUIO NA ESTAÇÃO AGRONÓMICA NACIONAL

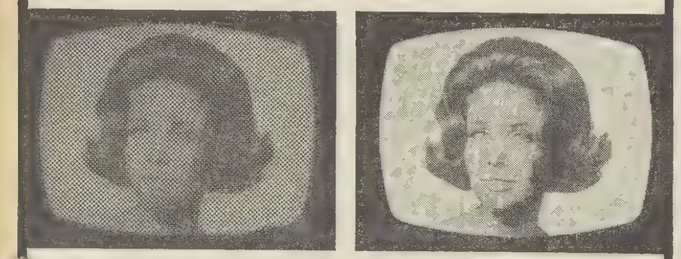
No auditório da Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, realizou-se esta manhã um colóquio em que o sr. dr. M. Goujon, director dos serviços de investigação do O. R. S. T. O. M. (organismo francês de pesquisas do ultramar) dissertou sobre vários aspectos da cultura do café baseando-se na sua experiência em grande parte ganha em trabalhos executados na Costa do Marfim.

Assistiram ao colóquio o director da Estação, sr. eng.º agrónomo Lopes da Fonseca e os técnicos daquele organismo.

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

Iniciando o ciclo das comemorações do 39.º aniversário da sua fundação, a prestimosa instituição de assistência particular Inválidos do Comércio promove, amanhã à tarde e no domingo de manhã, nos cemitérios de Sintra e de Lisboa, romagens de saudade aos túmulos dos beneméritos membros dos órgãos sociais e outras individualidades que à obra prestaram serviços relevantes.

MUITAS DIFICULDADES DE RECEPÇÃO AGORA RESOLVIDAS COM O NOVO AMPLIFICADOR DE ANTENA PHILIPS



PARA TODOS OS CANAIS DE TV (V.H.F. E U.H.F.) E FM, É UMA SOLUÇÃO SIMPLES E EFECTIVA DAS DIFICULDADES DE RECEPÇÃO CRIADAS POR GRANDES DISTÂNCIAS AOS EMISSORES, BAIXADAS MUITO LONGAS, DIFÍCEIS CONDIÇÕES LOCAIS OU LIGAÇÃO DE MAIS DE UM RECEPTOR À MESMA ANTENA, TANTO PARA ANTENAS INDIVIDUAIS COMO COLECTIVAS, A PHILIPS DISPÕE DE TODO O MATERIAL NECESSÁRIO

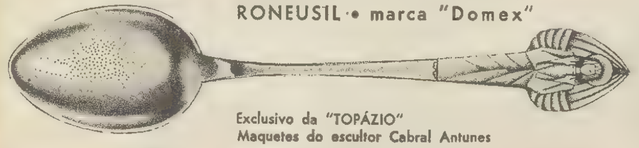
PHILIPS

PARA QUALQUER PROBLEMA SOBRE RECEPÇÃO DE TV CONSULTE OS AGENTES OU A SECÇÃO DE PROJECTOS E ANTENAS

PHILIPS

prendas de nascimento e baptizado

PRATA • marca "Topázio"
ARGENTEO • marca "Brazão"
RONEUSIL • marca "Domex"



Exclusivo da "TOPÁZIO"
Maquetes do escultor Cabral Antunes
Desenhos de Gouveia Portuense

VIDA RELIGIOSA

II Igreja Baptista de Lisboa

Na II Igreja Baptista de Lisboa, á Rua Pedro de Santarém, 22-A, realizam-se amanhã os seguintes serviços religiosos: ás 10 horas Escola Bíblica, com classe de crianças, jóvens, homens e senhoras, para estudo das doutrinas da Bíblia; ás 11 horas, culto devocional, com mensagem proferida pelo dr. João A. Mendes; ás 21 horas, culto de evangelização dirigido pela juventude da Igreja, com a participação do coro em cânticos especiais.

A entrada é livre

Domingo de Ramos na III Igreja Baptista

A III Igreja Evangélica Baptista de Lisboa, á Rua Filipe Folque, 36-B (ao Saldanha) celebra amanhã as seguintes actividades especiais: ás 10 horas, estudo bíblico em classes separadas para adultos, jóvens e crianças; ás 11 horas, culto alusivo ao domingo de Ramos; ás 21 e 30, pregação do evangelho e meditação sobre a «Entrada de Senhor em Jerusalém». A assistência a estas reuniões é livre.»

NOTÍCIAS DE LEIRIA

Aniversário dos Bombeiros de Leiria

A assinalar o 74.º aniversário da fundação, os Bombeiros de Leiria realizaram no seu quartel várias cerimónias alusivas, a que se associou o inspector da Zona Sul. Do programa constou ainda uma romagem ao cemitério onde repousam os bombeiros falecidos, missa na Sé Catedral, exercícios e, á noite, um jantar de confraternização naquele aquartelamento, que manteve a fachada iluminada

Batalha de La Lys

Para comemorar a passagem do 50.º aniversário da Batalha de La Lys, a agência de Leiria da Liga dos Combatentes promove uma parada de forças da guarnição local e reunião de antigos combatentes, junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, com deposição de flores.

SESSÃO DE FADOS na Sociedade da Matinha

Amanhã ás 16 horas, decorre na Sociedade da Matinha, no Largo do Intendente, 52, 3.º, uma sessão de fados e guitarradas organizada pela cantadeira Domingas Cunha.

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

ANÚNCIO

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS QUE DESEJEM SEGUIR A CARREIRA DAS ARMAS NA FORÇA AÉREA

Faz-se público que, nos termos da Portaria N.º 22393, de 28 de Dezembro de 1966, está aberto concurso para a admissão de mancebos voluntários que desejem frequentar, numa Unidade da Força Aérea, um estágio de pilotagem destinado a avaliar a sua aptidão para o serviço de voo, como condição de admissão no 1.º ano da Academia Militar, com vista á ulterior frequência do Curso de Aeronáutica — Oficiais Pilotos Aviadores.

I

São condições de Admissão ao Estágio:

a) — Possuir as condições de admissão à Academia Militar, bem como as condições de admissão à matrícula no 1.º ano dos cursos ali professados;
b) — Se não for emancipado estar autorizado por seus pais ou tutores a frequentar o estágio de pilotagem;
c) — Possuir a aptidão física necessária verificada pela Junta de Admissão da Aeronáutica.

II

Documentação a apresentar:

a) — Requerimento dirigido ao Chefe do Estado-Maior da Força Aérea pedindo a admissão ao estágio de pilotagem, e do qual deve constar:
— Nome, idade, naturalidade, filiação, estado, habilitações literárias e residência;
b) — Autorização em papel selado, com as assinaturas reconhecidas, dos pais ou tutores;
c) — Declaração em papel selado, com a assinatura reconhecida, na qual declare que se compromete concorrer à Academia Militar com vista à frequência do Curso da Aeronáutica — Oficiais Pilotos Aviadores.

NOTA: — Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 da Força Aérea, Rua Newton, n.º 6 r/c., em LISBOA, até ao dia 25 de Julho de 1968.

Lisboa, 25 de Março de 1968.

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major F/A

✝

MARIA LEONOR VIEIRA DE LEMOS SANTANA LEIRIA

MISSA DO 7.º DIA

João Maria de Lemos Santana Leite, sua mulher, filhos e mais família participam que por alma de sua extremosa mãe, sogra, avó, irmã e parente, será rezada missa, amanhã, dia 8, ás 11 horas na Igreja de S. João de Deus, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES...

Deveres conjugais: 3-Assistência

Tanto pelo primeiro Código Civil como pelas leis de 1910 era já imposto a ambos os cônjuges o dever de **assistência.** Mas só agora pela primeira vez é legalmente imposto à mulher o dever de contribuir para as despesas domésticas, o que o Código atento às realidades modernas faz nos arts. 1673.º e 1675.º.

Não é que esta obrigação de per si nos repugne, mas gostaríamos que, como sucede actualmente em França, o governo doméstico, de cada vez é mais trabalho doméstico, fosse considerado como contribuição para a vida comum. Voltaremos ao assunto ao falar dos bens.

Esse mesmo poder doméstico é agora facilitado e um tanto alargado, não estando já a mulher naquela dependência total e aliás impraticável que a lei anterior impunha.

O dever de assistência mutua, a que as almas sensíveis não se importam de chamar «amor», ao contrário dos outros deveres sobrevive ao próprio casamento que lhe deu origem.

Com efeito, não é apenas no caso de separação de pessoas e bens, mas até no divórcio, que o cônjuge reconhecido inocente ou menos culpado tem direito a ser alimentado pelo outro, desde que não se torne indigno por seu comportamento moral (art.os 2016.º e 2018.º).

Também no caso de viuvez, o viuvo ou, mais verosimilmente, a viuva, terá o direito de ser alimentado pelos bens deixados pelo defunto. Este direito terá daqui para o futuro maior interesse prático visto agora, em muitos casos, ser obrigatório o regime de separação de bens em que, no fim do casamento, os cônjuges nada recebem um do outro.

A mulher durante o casamento

O Código, porém, honra lhe seja feita, não esqueceu o que se passa durante o próprio casamento. Assim, se o marido não entregar o que lhe é devido para as despesas domésticas correspondentes á condição económica e social da família pode a mulher exigir que lhe seja directamente entregue a parte dos rendimentos ou proventos do marido que o tribunal fixar» (art.º 1677.º).

Muito embora esta disposição legal nos pareça da maior utilidade como princípio ou até como intimidação não podemos deixar de pensar que a próxima reunião dos dois cônjuges depois do recurso a esta providência deve ser um tanto falho de cordialidade...

No caso de separação de facto, isto é, sem intervenção do tribunal, só pode pedir alimentos aquele que não tiver a culpa da separação.

Assim, a mulher que, sem motivo grave, tiver ido «para casa da mamã» não tem direito a pedir seja o que for.

O dever de assistência, em regra confundido com o de coabitação, tem como contrapartida o abandono que pode dar motivo a divórcio ou separação. Pode ser também considerado uma ofensa.

O cônjuge que, condenado a alimentos e podendo fazê-lo, não os presta comete o crime de abandono de família que pode levar a prisão.

No dever de assistência está compreendido o de auxílio e socorro mutuos a que um tribunal português deu, há alguns anos, uma interpretação algo pitoresca.

Numa aldeia da Estremadura, um casal de meia idade conversava com um estudante vindo a férias e, em determinada altura, embrenharam-se numa acerada discussão, de um lado os dois homens, do outro a mulher. O estudante, á mingua de outros argumentos, pregou na sua antagonista a menos cavalheiresca das sovas. O marido contemplou serenamente o espectáculo e limitou-se, com idêntica elegância moral, a impedir que a esposa entrasse em casa para fugir ao agressor... Veio a autoridade e o caso foi levado a juizo.

O juiz não se limitou a castigar o estudante por ofensas corporais, condenou a igual pena o marido por não ter defendido a mulher, como lhe impunha a qualidade de marido.

Pouco importava que a opinião dele não coincidisse com a da mulher acerca da divisão da colegiada da Igreja local, assunto que fora o inesperado motivo da briga. Entre cônjuges a obrigação de auxílio e socorro mutuo sobrepõe-se e sobreleva a tudo...

No fundo, tinha razão. E numa época em que tanto se fala de direitos, não é mau de vez em quando meditar acerca dos correlativos deveres...

Pela Dr.ª ELINA GUIMARÃES

A mulher na vida pública

As 110 moções preparatórias duma reunião de estudantes realizada em Lisboa apresentavam 9 assinaturas femininas contra 63 masculinas. A participação feminina nos debates foi ainda mais reduzida: apenas três raparigas tomaram a palavra, contra uma centena dos seus colegas.

Falta de interesse? Não: na reunião a presença feminina era grande, embora não igualasse a masculina. Com certeza, não se tratava também de uma falta de capacidade intelectual: todos os presentes frequentavam, lado a lado, estabelecimentos do ensino médio ou superior. Como se explica, então, esta desigualdade na participação activa?

Submetida durante séculos a uma posição de nítida inferioridade, afastada sempre da vida pública e dos problemas sociais, a mulher transporta ainda em si o hábito secular da passividade. E não apenas o peso dos séculos: também o peso da educação. Porque, se muitos pais aceitam já que o lugar da mulher não é apenas em casa, tratando dos filhos, das roupas e da comida, ou no convento, cuidando da alma, aceitando sem dificuldade ou mesmo encorajando-as a um estudo que as colocará intelectualmente a par dos homens de igual instrução, raros pais encorajam as suas filhas a tomadas de posições sociais. «A política é para os homens», dizem e, como tal, as discussões que têm com os filhos não as têm com as filhas.

Como uma deformação de anos pode muito, estas, integradas mais tarde em funções idênticas às masculinas, com igual responsabilidade social, continuam muitas vezes a ignorá-la e a vogar nas suas carreiras como a mulher do castelão no seu castelo: na ignorância e na incompreensão da realidade que as cerca. Condição essa a que são forçadas, não só pela educação, mas também por uma sociedade onde o marialvismo e a ideia da superioridade do homem dominam, onde a feminilidade é uma ideia-força e a mulher inteligente uma raridade que assusta.

Quebrar a ignorância, consegue; mas como quebrar a passividade, como discutir em pé de igualdade com esse ser que discute com o hábito de quem o faz desde criança, e com a segurança de quem discute assuntos que sempre foram os seus?

E, se participa, a sua participação é quase sempre passiva; à activa ascende apenas, ainda, um número reduzidíssimo de mulheres.

Nessa mesma reunião, muitos dos intervenientes apelaram para a maior participação de raparigas no debate, estranhando que, no meio estudantil, meio de promoção da mulher, se verificasse tal desigualdade entre a participação activa dos dois sexos.

Mas é difícil à mulher vencer um preconceito de séculos; a emancipação não é uma luta fácil; sobretudo, a emancipação, a liberdade da mulher, só se realizarão quando o homem for ele mesmo emancipado e livre, liberto desses preconceitos que as mulheres devem vencer.

DIANA ANDRINGA

HORÓSCOPO DA MODA

Eis aqui um bonito trajo de alfaiate, com a frente guarnecida com folhos de crepe branco

O «FATO À MARUJO»

Deixou por completo de se usar o «fato à marujo» para os meninos. Agora são as mães e as manas que o apresentam com pequenas variantes. Eis um modelo onde a graciosidade está aliada ao modernismo.

POSTAL NOCTURNO

Mela noite. Avenida Álvares Cabral. Um quadro igual a tantos outros que acontecem a estas horas e até em pleno dia.

Uma jovem. Livros debaixo do braço. Sobe a Avenida em passo acelerado. Ao lado, um automóvel desliza suavemente. Pelos gestos, o condutor deve-a convidar a entrar.

A moça acelera ainda mais o passo. Ele, descaradamente, continua a persegui-la até á Rua da Estrela, local onde desiste.

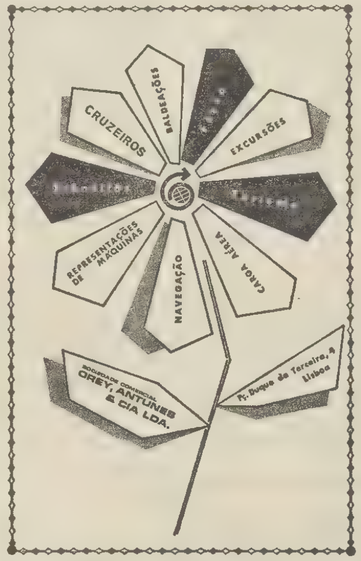
Aí, entra em acção novo D. Juan. Este, com um carro mais modesto. Um Volkswagen. A perseguição continuou para além do Largo da Estrela, onde fiquei.

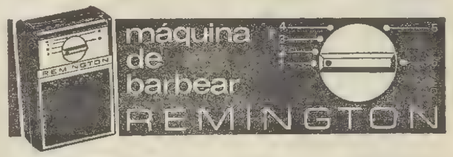
Não contribuirá este estado de coisas para dificultar a promoção social da mulher?

Como é que, com gente destas, uma mulher pode frequentar uma Escola nocturna?!...

Penso que a P. S. P. tem uma palavra a dizer. E urgentemente.

JOSÉ DO CAMPO





SE COMPRAR O MELHOR, NUNCA TERÁ ARRELIAS

SIFÕES HEIMSYPHON: — para bebidas frescas e agradáveis. Os sifões que dão categoria. Com um HEIMSYPHON o seu Whisky será diferente.

A GRANDE MARCA ALEMÃ DE **SECADORES DE CABELO, FRISADORES DE CABELO, BATEDEIRAS-MISTURADORAS, AQUECEDORES DE BIBERONS E FERROS DE ENGOMAR**

MÁQUINAS ELÉCTRICAS FELDHAUS, de fazer café. Únicas no género. As mais conhecidas e utilizadas em todo o país. Com FELDHAUS, o café tem outro gosto.

SE OFERECER O MELHOR, NUNCA FARÁ MÁ FIGURA

A VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS E DE MENAGE

REP.TES: — **A. RIBEIRO D'ALMEIDA, L.DA**

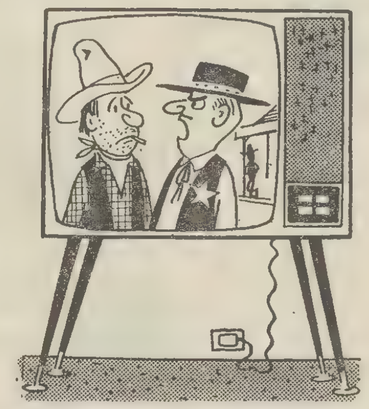
Rua do Arco, a S. Mamede, 4-3.º — Telef. 661440 — LISBOA

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Abril de 1938 publicava:

«NOVA YORK — Em correspondência do México, o «New York Times» diz que brevemente serão enviados para a Alemanha um milhão e oitenta mil barris de petróleo mexicano em pagamento parcial de material alemão recentemente chegado ao México.»



—...e não penses lá que podes entrar surrateiramente na cidade durante os anúncios!

CURIOSIDADES

● **O «Queen Elisabeth» será transformado num hotel americano**

O paquete «Queen Elisabeth» foi vendido pela Companhia Cunard a um grupo de homens de negócios americanos, de Filadélfia.

O navio, que com as suas 83 mil toneladas é o maior paquete do mundo, foi vendido por 3250000 libras, após 30 anos de serviço no Atlantico.

A sua ultima carreira termina no dia 15 de Novembro deste ano, partindo então para Filadélfia, a fim de ficar atracado no rio Delaware, onde funcionará como um hotel flutuante.

● **A Joana d'Arc foi roubada**

Uma estátua de Joana d'Arc, em bronze e de tamanho natural (150 quilos) que pertenceu a Bernard Shaw, foi roubada da antiga residência daquele dramaturgo, transformada em museu, em Ayot-St-Lawrence, no Hertfordshire. A Polícia supõe que os gatunos utilizaram um veículo para transportar a estátua.

● **Vende-se um castelo**

Em Ferreira de Pantón, no coração da Galiza, está á venda (por quarenta e dois milhões de pesetas) um castelo, no qual se conjugam o estilo arquitectónico medieval com as expressões do século actual.

Na margem do rio Ferreira, em meio de amplo e frondoso parque, o castelo, que foi de D. Diogo de Lemos e pertence, hoje, ao marquês de Casa Pardiñas, ocupa uma superficie de 600 metros quadrados. É um valioso monumento antigo, mas dispõe de luz eléctrica, água quente, telefone e outras inovações modernas.

● **Falta de pulgas**

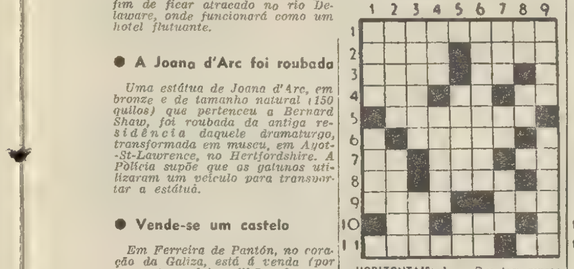
O proprietário do único e afamado circo de pulgas da Europa, Ludwig Neudörfer, enfrenta tremendas dificuldades por falta de «artistas», pois não consegue preencher as vagas dos mesmos.

Quando da recente passagem por Hamburgo do circo com a «companhia de Vinte Pulgas Amestradas», aquele empresário difundiu nos jornais o seguinte anuncio: «Precisam-se pulgas humanas» — e não obteve qualquer resposta, embora pagando bem. A «estrela» do circo é uma pulga que anda com uma bola de costas. São precisos quinze dias para o conveniente treino de uma pulga de circo.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4781



HORIZONTAIS: 1 — Que tem rancor. 2 — A Pérsia. Ligava. 3 — Serra de Portugal. Mudo. 4 — Textualmente. Pronome pessoal. Rio de Itália. 5 — Grão que se semeia. 6 — Habita. 7 — Campião. Pátria. Interjeição de dor. 8 — Rádio (s. q.). Guarnecem de asas. 9 — Feras. Bebida usada nas Índias orientais. 10 — Suarino. Possuir. 11 — Percorrem. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Cursos de água natural e abundante. Preposição. 2 — Tempo fraco entre os Gregos. (Met.) Sala grande. 3 — Brotam. Odeia. 4 — Flitra. Lâminas metálicas com que se dá impulso ou resistência a qualquer peça. 5 — Artigo definido. Possuirás. Pronome pessoal. 6 — Pensara muito em. Preposição. 7 — Organização das Nações Unidas (abrev.). Pronome pessoal. Oceano. 8 — Nota musical. Pata. 9 — Ilha situada no Pequeno Belt. Vassalos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4780

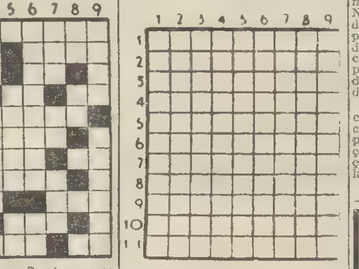
HORIZONTAIS: 1 — Pá. Avara. 2 — Emo. Melo. 3 — NÃO. Soca. 4 — Ar. Perece. 5 — Rameira. 6 — Bar. Ita. 7 — Cortiça. 8 — Atenta. HÁ. 9 — Iara. Rol. 10 — Áave. Sara. 11 — Assim. Ar.

VERTICAIS: 1 — Penas. Cá. 2 — Alar. BOTICA. 3 — Mó. Rarefaz. 4 — Ao. Partires. 5 — SEM. Ama. 6 — Amorena. Sm. 7 — RECEITA. Rá. 8 — Alacra. Hora. 9 — Ea. Calar.

(Provérbio: NÃO HÁ BOTICA SEM RECEITA)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8625



HORIZONTAIS: 1 — Planta espinhosa. 2 — Antes do meio-dia. Tintura. Bário (s. q.). 3 — Navio. Preposição e artigo definido (pl.). 4 — Festas a Ceres. 5 — Empunhar. Faça girar. 6 — Freguesia do concelho de Loulé. 7 — Costures. Arnaz. 8 — Ensinado. 9 — Troças. Monarca. 10 — Abrevatura de item. Partido. Grama (abrev.). 11 — Deixo em testamento. A Tailândia.

VERTICAIS: 1 — Jogo de azar. Pá indiana, de várias especiarias, para temperar a comida. 2 — Extremidades dos braços. Esquece. 3 — Personagem grega; rei vendedor de Itaca, pai de Telémaco, e marido de Penélope. 4 — Amónio (s. q.). Verbais. Cobarto (s. q.). 5 — Rotar. Sinal gráfico. 6 — Quinhentos e um em romano. Abrilhantar. Artigo definido. 7 — Enfetar. 8 — Variedade de uva branca e muito doce. Casa onde se guarda o vinho e outras bebidas. 9 — Licenço. Papagaio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8624

HORIZONTAIS: 1 — Dota. Tema. 2 — Oxa. Mor. 3 — Ui. Cão. Id. 4 — Rapo. Paro. 5 — Oras. Açor. 6 — Ga. 56. 7 — Dra. Lar. 8 — Arrombara. 9 — Ca. Vai Om. 10 — Adro. Calo. 11 — Rois. Abas.

VERTICAIS: 1 — Douro. Dacar. 2 — Aviar. Irado. 3 — Tá. Lagar. R. 4 — Cosa. Ovas. 5 — Fa. Uma. 6 — Opas. Bica. 7 — Em. Acoló. Ab. 8 — Moiro. Arola. 9 — Ardor. Ramos.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS. Rua Joaquim Sabino Faria. 18-A

COMUNICADO DA FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 6. — (A. N. I. e L.). — Foi distribuido o Boletim Informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao periodo de 25 a 31 de Março que é do seguinte teor:

«1 — O inimigo, que continua a esquivar-se ao contacto com as nossas forças, provou-o mais uma vez, durante este periodo. Jugindo quando penetrámos em Quitafine, abandonando um morto e o material constante do comunicado especial de 29 de Março, já divulgado e do qual se destacam: uma arma de metralhadora antiaérea, estilhaçada semiautomática «M-52», pistola metralhadora «Gudayev», duas espingardas «Mauser», metralhadora ligeira «Destyareva», dois canos de metralhadora antiaérea quadrupla, quatro minas antiaéreas, e não anticarros, como foi publicado por lapso, cano de metralhadora pesada «Gonova», três apoios de ombro para metralhadoras antiaéreas, 27 cunhetes de munições de metralhadora e 760 carregadores de metralhadora «Goryunov», rodado de metralhadora antiaérea, quatro aparelhos de pontaria para metralhadora antiaérea, uma bicicleta, munições diversas em grande quantidade e 21 granadas-foguete e de morteiro.

As nossas forças executaram ainda outras acções a sul de Como e um taque a Quitafine, onde foram capturadas mil munições de 9 mm e vários documentos. Num golpe de mão na região a sul de Tite, foram destruidos vários acampamentos clandestinos.

2 — Durante uma emboscada na área de Bula as nossas forças sofreram dois mortos ao inimigo. Na região de Nova Lamego, foi feita uma batida com a colaboração de 150 caçadores fulas e 130 mandigas, mas o inimigo evitou o contacto. No oeste, próximo de Mansabá, foi destruido um objectivo e num golpe de mão, feito 14 presos, capturada uma espingarda «Simonov», uma carabina «Mosinnagana», uma espingarda «Mauser», uma espingarda de caça, seis longas e munições diversas.

3 - O inimigo flagelou á distancia aquartelamentos e povoações, causando cinco feridos entre a população, retirando depois a reacção, fogo e a manobra das guarnições e dos caçadores nativos em colaboração.

4 — O inimigo sofreu, em consequência destas e de outras acções, cinco mortos confirmados e 14 presos.

As nossas forças sofreram quatro mortos, cujos elementos de identificação foram já divulgados.»

CORRIDAS DE TOUROS à portuguesa em Antuérpia

A lide de touros á portuguesa, que encerrou as provas de cada dia, foi incluida no âmbito do Concurso Hipico de Antuérpia, o qual de vez, anualmente, no Palácio dos Desportos daquela cidade. As referidas provas disputaram-se em quatro dias, de 29 de Março a 1 de Abril.

Esta iniciativa, efectivada por sugestão do Centro de Turismo de Portugal no Benelux, foi financiada pelo «Comité» Organizador do Concurso. Dois cavaleiros — Manuel Conde e José Lupi — e o Grupo de Forcados Amadores de Santarém tomaram parte no espectáculo. Para o efeito, foram transportados para Antuérpia os cavalos, os corridos durante o espectáculo.

O Turismo Português no Benelux aproveitou esta ocasião para impulsionar uma campanha de propaganda turística sobre o Ribatejo. Assim, no dia 24 de Março, a televisão belga em língua flamenga apresentou um filme de 20 minutos, sobre aquela região, ao mesmo tempo a rádio flamenga consagrou-lhe quatro programas. Por outro lado, o emissor belga em língua francesa transmitirá três programas relativos ao mesmo tema. Foram distribuidas á imprensa diversas fotografias e comunicados e viram-se nas principais ruas de Antuérpia cartazes alusivos ao Ribatejo e ás touradas em Portugal.

O Comissariado do Turismo decidiu oferecer uma taça ao concorrente classificado em primeiro lugar.

CALAFETAÇÃO «TERBLOCO» — CALAFETAÇÃO «TERBLOCO»

CALAFETAÇÃO DE PORTAS E JANELAS

com

«TER-CO-SIN» e «TER-CO-FLEX»

(Cintas de feltro sintético especiais)

na

CALAFETAÇÃO «TERBLOCO»

A única que deve preferir, por ser:

★ RACIONAL
★ EFICIENTE (100 %)
★ FUNCIONAL
★ DURÁVEL (10 anos de garantia)
★ PERMANENTEMENTE LIMPA

Assegural o conforto e bem-estar do vosso lar para sempre, ECONOMIZANDO 40 % no custo do seu aquecimento, com uma calafetação «TERBLOCO»

Consulte-nos e peça um orçamento para o seu caso, sem qualquer compromisso, seja qual for o ponto do País

TERBLOCO — Sociedade Termo-Bloco, Lda.

Rua Heróis de Quionga, 78, 4.º-Dto. — LISBOA-1

Telefone 83 33 74

CALAFETAÇÃO «TERBLOCO» — CALAFETAÇÃO «TERBLOCO»

AVENTURAS DO TIO CARLOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PROPRIEDADES

— VENDAS —

PRÉDIO
POR 5000 CONTOS: Com facilid. de 1850 c. à Caixa, s/ lojas, em ampla av.ª de Lisboa, const. de luxo, de 7.º andar, hab. c/ 5 c. assoalh. e 2 c. banho, etc. Rende 270 000$00. Isento 4 anos.
TRATA:
A Luzáfrica
Calç. do Carmo, 6 2.
(Ângulo do Rossio)
Telefs. 324524/368080

PRÉDIO
Em muito bom local da Amadora acab. de construir comp. de 6 inq. de habitação, c/ 4 amplas casas assoalh., hall, coz.ª, desp.ª e 2 casas de banho. Rende 90 000$00. Preço 1.370.000$00. F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104, 2.º Telefs. 536111/2/3.

PROPRIEDADES

Contacto
ANÚNCIOS

DINHEIRO s/ prédios
EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições, 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, R. da Prata, 291, 2.º, Dir. Tel. 325487 — 370618 (junto à P. da Figueira).

CASAS para alugar
Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.
Trata: SOC. CONST. INVICTA — R. do Ouro, 292, 1. — Telefs. 30259/34755.

EMPRESTAMOS a partir de 20 contos, em primeiras hipotecas de propriedades nas melhores condições, José Santos, Lda., R. Correeiros, 101, 1.º andar.

PRÉDIO:
Por 1900 c., próx. Benfica, Rend. 131 520$. Por 2200 c., Linha de Cascais, novo 4 div. Rend. 148 800$.
Trata: José Santos, Lda., R. Correeiros, 101-1.º

IMÓVEIS (PRÉDIOS)
Preço: 500 c., ao Rossio Rend. 22.200$. Por 680 c., ao Campo d'Santana Grande área. Rend. antigo: 35 520$
Trata: José Santos, Lda., R. Correeiros, 101-1.º.

PRÉDIO
De construção antiga em muito bom local de Lisboa, totalmente reconstruído, composto de 6 inq. c/ 4 casas assoalh. coz.ª, desp.ª e casa de banho, com rendas baixas, a render 102.000$00. Preço 1.600.000$00. F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirante Reis, 104, 2.º Telefone 536111/2/3.

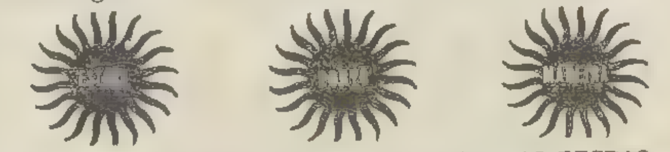
ANDARES

AMADORA, 2 e 4 assoalh., 1 e 2 c. banho, cozinha e desp., 150 c. e 220 c.
BENFICA, 3 assoalh., cozinha, c. banho, desp., junto Igreja, 310 c.
SAPADORES, 4 assoalh., 2 c. banho, desp., cozinha e g. terraço c/ vista mar, 485 c.
RESTELO, 8 ass., 3 c. banho cozinha, desp., 3 roup., 1180 c.
C. GRANDE, 5 e 6 assoalh., 3 c. banho, cozinha e arrecadação, 700 c. e 800 c.

ORCOSI
Rua 1.º Dezembro, 45, 3.º-Esq.
Telefs. 32 31 72 - 36 74 44

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Embalagens Turísticas «SOL DE PORTUGAL»



À VENDA NA GALERIA LISBOA — R. JOÃO DAS REGRAS, 4-C

CAPITAIS

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.
SONIPAL
R. CONDE REDONDO 14-2.º
TELEFNS. 52248-556580

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

DINHEIRO
SOBRE
AUTOMÓVEIS
EMPRESTA-SE
Trata no Rossio, 3-2.º
LISBOA

dinheiro
empresta-se
sobre propriedades
Juro da lei
A Confidente
Rossio, 3-2.º

BONITA PROPRIEDADE
Vende-se no melhor local do Porto Alto, área cerca de 1/2 hectare, com boa frente para a estrada, casa de habitação, horta e pomar. Preço 450 contos. Caminho de Samora — Casal do Pinheiro. Mostra a Piedade.

Em COIMBRA o «Diário de Lisboa» vende-se no RESTAURANTE REGIONAL, no CAFÉ CONCHADA, no CAFÉ A BRASILEIRA, na PASTELARIA IMPÉRIO e no CAFÉ RITZ.

OURO — JÓIAS
PRATA — RELÓGIOS
COMPRA E VENDE EM 2.ª MÃO
J. PIMENTA
RUA DOS ANJOS, 16-A
Telef. 845385 — LISBOA

PRÉDIO
De construção moderna, revestido a Evinel, em muito bom local de Lisboa composto de 18 inq. c/ 3 casas assoalh., só habitações, todo alugado, a render 238 440$00, isento de contribuição por 6 anos, pronto a fazer escritura. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. — Avenida Almirante Reis, 104, 2.º — Telefones 53 61 11/2/3 — Lisboa.

PRÉDIOS
POR 2.250 E 1.050 CONTOS

Grande volume, alugados, isentos 4 anos, acabados de construir, rendas baixas.
Vende o próprio.
Trata todos os dias na Rua S. Julião, 116-4.º — Telefs. 36 68 69 - 36 94 52.

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

Automóveis s/condutor
[illegible]
João Crisóstomo, [illegible]
Tels. 50060-[illegible]

FOURGONETAS F K, 1000, 1250 e transites de várias séries em estado de novas de 5 lug. e carga; Morris J. 2 a gasoil est. de nova; Peugeot 403 caixa [illegible] e familiares de 5 e 7 lugares a gasoil e a gasolina; Mercedes 180 mista e Fourgon Mercedes para 1500 kg. estado de novo, Peugeot Fourgon para 1500 kg. carga a gasolina óptimo para bar ou campismo em estado de novo; Austin e Morris 850 mistas «Carrinhas» Anglias Fascinantes carrinhas e automóveis; Opel Caravan 1700 de 1960 e 1966 c/ rádio e outras c/ amplas facilidades de pagamento e trocas. Garage Boa Viagem. R. Sampaio e Pina, 56/60.

Furgonettes, Austin J. 2 a gasoil utilit.ª, 1965; Carrinha Volkswagen Microbus, 9 lug. 1963; Furgon Mercedes utilit.ª a gasoil, 1959; Renault 4 L 1965; Skoda util.ª 1963. Fac. troca e pagt.º. Av. João Crisóstomo, 47-C.

CRISAUTO, LDA.
Av. João Crisóstomo, 13-A
VENDE:
TAUNUS 20M TS HARDTOP, 1966; OPEL REKORD, 4 portas, 1967; TAUNUS 12M 1300, 1967; TAUNUS 17M, 1966 e 1966; TAUNUS 20M, 1966. Fac. pag. e troca.

AUTOMÓVEIS de todas as marcas aos melhores preços. Av. João XXI, 8-A. Telefone 721411

Peugeot 404, 1963; Vauxhall V. X. 490, 1966; Saab de Luxe, 1965; Austin 850, 1967; Fiat 600-D, 1965, 1960 e 1959; Opel Kapitan, 1957; Volvo 444, 1956; Chevrolet Impala, 1961; Flóride, 1961; Rover 90, 1955; Volkswagen 30 H. P. 1959 e 1958
Vende:
MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

CONTACTO
PUBLICIDADE

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod recentes, impecáveis Consulte-nos: L. St. Bárbara, 5-B Telef. 534657.

ALUGUER:

NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:
- 50.060 — Automóveis Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89
- 57.445 — P. P. C. A. 560071/2/3 BELCAR — Av. 5 de Outubro, 42-B
- 53.4657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49 612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B
- 76.9848 — EUROCAR — Av. [illegible]bosa du Bocage, 1
- 42.890 — Taxis Universo, Ld.ª Av. Republica, 26.
- 53.7476 — REIUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º
- 72.7654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 6 D

EUROCAR
Automóveis s/ condutor
Av. Barbosa Bocage, 1
Telefs. 761987 - 769848 - 712773

80$00 POR DIA
ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA

LISBOA:
P. Olegário Mariano, 6-D
Telef. — 553843 - 532637
FARO:
Av. da Republica, 134
Telef. 23928
AGENTES DA
EUROPCARS
Podemos, ainda alugar-lhe carro para a Europa pagando em Lisboa

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE POR MOTIVO DAS FESTAS DA PÁSCOA

Comunica-nos a CP que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-á nos dias 10 e 11 de Abril uma automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) ás 13.40; chegada a Faro, ás 18.55; a Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19.55; a Portimão ás 19.06 e a Lagos ás 19.32. O regresso efectuar-se-á no dia 11, com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana ás 19.35; de Faro ás 20-31; de Lagos ás 19.48 e de Portimão ás 20.13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) á 1.30

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c — Telef. 771639.
(Ao Campo Pequeno)

TELEVISORES
AS MELHORES MARCAS
MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO
CASA M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, 48, 1.º andar
(Junto ao Largo)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

• Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

A comunhão pascal na Academia Militar
foi presidida pelo cardeal-patriarca

Sob a presidência do sr. cardeal-patriarca, na qualidade de bispo castrense das Forças Armadas, celebrou-se hoje na capela da Bemposta do Paço da Rainha, a comunhão pascal dos oficiais, cadetes e pessoal da Academia Militar.

Pouco antes das 9 horas, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira chegou ao templo, onde foi recebido pelo sr. ministro do Exército e por altas patentes militares, comando da Academia e membros do clero.

Na escadaria da capela da Bemposta, cadetes faziam a guarda de honra á passagem do antiste; e, no interior do templo, ornamentado e repleto, muitos oficiais cadetes-alunos, sargentos, praças e pessoal em serviço no referido estabelecimento de ensino. O sr. cardeal-patriarca, acolitado pelo rev. cónego Correia de Sá (Asseca) e por outro eclesiástico, celebrou a missa, que foi acompanhada a órgão pelo artista Shegundo Galarza e por cânticos pelos fiéis.

Ao Evangelho, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira pronunciou uma homília alusiva ao acto; e, quando o ofertório, um tenente e aspirantes fizeram entrega do pão e do vinho e um sargento e uma praça, das velas. Serviram ás lavandas três aspirantes.

À elevação da hóstia, os clarins tocaram a marcha de continência. As honras ao altar faziam-nas aspirantes, de espadas desembainhadas, e com guião

No momento próprio foi dada a comunhão a centenas de aspirantes e pessoas de suas famílias.

Entre as numerosas individualidades que assistiram á cerimónia, incluíam-se, além do titular da pasta do Exército, os srs. secretário de Estado da Aeronáutica e subsecretário de Estado do Exército, chefes e subchefes dos estados-maiores do Exército e da Força Aérea, governador militar de Lisboa, comandantes-gerais da G. N. R. e da P. S. P., primeiro e segundo comandantes da Academia Militar, etc.

Finda a cerimónia religiosa, decorreu um convívio pascal com todo o pessoal da Academia Militar — alunos, sargentos e praças, pessoal civil e suas famílias.

Comunhão pascal do pessoal da Carris

Esta tarde, na igreja de São José, no Largo da Anunciada, celebrou-se a comunhão pascal do pessoal da Companhia Carris. Na altura própria da missa, receberam a comunhão centenas de funcionários daquela empresa e algumas pessoas das suas famílias.

DOIS PROGRAMAS PARA OS CONVIDADOS DA T. A. P.

Os 150 convidados da TAP para o voo inaugural da carreira entre Nova York e Lisboa tiveram hoje, á sua disposição, dois programas distintos. Enquanto um grupo seguia em direcção a Coimbra, com almoço em Aljubarrota e visita, já de tarde, á Universidade, para pernoitar depois no Buçaco, o outro ficou em Lisboa, incluindo-se nesse contingente os artistas norte-americanos e o *mayor* de New Bedford, sr. Edward Harrington.

Estes puderam ver o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Museu dos Coches e Cidade Universitária. À noite ouvirão fados (durante o jantar) na «Taverna do Embuçado».

MANUEL TRAVASSOS D'ALMEIDA
MISSA DO 7.º DIA

Maria Clara Bernardes Travassos d'Almeida, Fernando Manuel Travassos de Almeida, Margarida Pedro Costa Travassos de Almeida participam que na próxima segunda-feira, dia 8, pelas 10 horas, na Igreja Paroquial da Penha de França será celebrada Missa de 7.º Dia pelo eterno descanso do seu saudoso marido, pai e sogro e agradecem desde já a todos quantos os acompanhem e lhes tenham manifestado pesar.

NOVO ELEVADOR DA NAZARÉ

NAZARÉ, 6 — Recomeçou esta manhã a funcionar, após cinco anos de inactividade, o elevador da Nazaré. Ás 11 horas o sr. padre Manuel Martins benzeu o elevador, na presença dos membros da comissão administrativa do concelho, tendo ele seguidamente começado a funcionar. As carreiras são de 15 em 15 minutos, e entre as 11 e as 12 horas, provisòriamente, ninguem paga bilhete. O novo elevador que foi montado por uma firma suiça, é eléctrico e semiautomático — o mais moderno do nosso país e dos mais modernos da Europa.

Septuagenária colhida por um comboio próximo da Amadora

Quando ontem, á tarde, regressava a casa com erva para os coelhos, a sr.ª D. Ana do Carmo Moreira, de 75 anos, solteira, natural de Meda, atravessou distraída a linha férrea, perto da estação da Amadora, foi colhida por um comboio.

Gravemente ferida na cabeça e, ainda com vida, a infeliz septuagenária foi transportada numa ambulância dos Bombeiros Voluntários para o Hospital de S. José, onde chegou sem vida.

A sr.ª D. Aana do Carmo Moreira residia na Amadora, na Rua Afonso de Albuquerque, n.º 48, cave, dt.º, com os seus filhos sr. António Espírito Santo Moreira, de 49 anos, e sr.ª D. Clementina da Natividade Moreira, de 37.

A P. S. P. da Amadora tomou conta do acidente.

ESTUDANTES DE VISITA AO ALGARVE

FARO, 6 — Têm estado a percorrer esta província os estudantes da Escola Industrial da Póvoa de Varzim, que visitaram Olhão e Vila Real de Santo António, onde almoçaram em convívio com os estudantes do 7.º ano do Liceu do Porto.

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

53611 .... 3 500 000$00
42845 .... 350 000$00
47483 .... 200 000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

53610 .... 13 225$00
53612 .... 13 225$00

PRÉMIOS DE 15 000$00

10551 12069 12764 15245 21903 25619 28867 31803 33841 42090 52806 54274

PRÉMIOS DE 10 000$00

261 698 1751 1798 3167 10025 10547 13343 15465 18701 18770 21107 22386 24106 25190 25727 26566 32366 35355 37222 38807 40734 41767 42900 43829 44583 47197 47532 54442 54825

PRÉMIOS DE 400$00 (centena):

42801 a 42900 47401 a 47500 e 53601 a 53700

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Foram premiados com 1250$00, no bilhete, todos os numeros terminados em 531 e 891. Com 1000$00, os terminados em 247; 274; 297; 393; 589; 797; 843 e 904. Com 500$00, os terminados em 09; 18 e 66. Por ultimo, todos os restantes numeros, cujo algarismo final seja 1, têm direito ao prémio de 250$00, a que corresponde a «terminação».

Todavia, esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

VARETA
VENDEU MAIS UM PRÉMIO GRANDE
47483 — 200 CONTOS
NÚMERO CERTO DESTA CASA
HABILITE-SE PARA OS 18.000 CONTOS
DA LOTARIA DA PÁSCOA
Bilhetes a 2.000$00 — Décimos a 200$00 — Cautelas a 40$00
RUA DO CARMO, 89 — LISBOA

NOVAMENTE UM
PRÉMIO GRANDE
2.º PRÉMIO — 42845 — 350 CONTOS
vendido aos balcões da Popular e centenária
CAMPIÃO
a mais antiga casa de Lotarias do Mundo

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
QUARTEL MESTRE GENERAL
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL — CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se publico que no Conselho Administrativo desta Direcção, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-D, em Lisboa, se encontram abertos os concursos publicos seguintes:

CONCURSO N.º 5	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS Data	Hora
13/68-Aq.	Viat. Tácticas TG da classe 1/4 TON.	150 000$00	22 MAIO	15.30 H.
14/68-Aq.	Viat. Tácticas TG de 4 TON.	250 000$00	27 MAIO	15.30 H.
15/68-Aq.	Viat. Tácticas TG de 2,5 TON.	200 000$00	30 MAIO	15.30 H.
16/68-Aq.	Viat. Tácticas TG da classe 6 TON.	100 000$00	3 JUN	15.30 H.
17/68-Aq.	Viat. Auto TG 0,3 TONS6	50 000$00	5 JUN	15.30 H
19/68-Aq.	Viat. Tácticas TG da classe 1 TON	400 000$00	7 JUN	15.30 H.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 15 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das propostas.

O Chefe da Contabilidade
Manuel Maria de Sousa Tanlindo
Capitão do SAM

Fundo de Fomento de Exportação

AVISO AOS SRS. EXPORTADORES

De 9 a 21 de Junho próximo, encontrar-se-ão em Lisboa os delegados do Fundo de Fomento de Exportação nos seguintes mercados: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Inglaterra, Itália, Líbano, Suécia e Suíça.

Aqueles delegados receberão, em audiências individuais, os srs. exportadores que desejem obter informações sobre os referidos mercados. Os interessados deverão inscrever-se no Fundo de Fomento de Exportação, Rua Camilo Castelo Branco, n.º 2, em Lisboa, solicitando a respectiva ficha de inscrição que, devidamente preenchida, tem de ser entregue neste organismo impreterivelmente até ao dia 20 de Abril, pelo que, após expirado o prazo, não poderá ser considerada.

Posteriormente a essa data, o F. F. E. comunicará aos inscritos o dia e a hora em que serão recebidos.

DESPORTO

Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão

JORNADA EM BRANCO PARA A QUESTÃO DO TÍTULO?

A jornada de amanhã, a 21.ª do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, não nos parece propícia a grandes alterações na tabela classificativa, particularmente no que se relaciona com a posição dos actuais guias. Todavia, a «discussão» para o terceiro posto, é que nos parece poderá vir a ser influenciada, pelos despiques em que estão empenhados. F. C. Porto, Académica e V. Setubal.

Na cidade dos Arcebispos, o conjunto bracarense quererá tirar partido do choque sofrido pelos portistas no passado domingo. Da valia da equipa minhota, bastar-nos-á acentuar a recente vitória sobre o Sporting, e daí as dificuldades dos portistas em vencer o jogo, até porque os minhotos encontram-se numa posição perigosa na tabela.

Os estudantes, moralizados com a vitória conseguida na Póvoa de Varzim, recebem a visita do Vitória de Guimarães, uma equipa de excelentes recursos técnicos, e cujas actuações fora do seu ambiente são mais positivas. Cautelas terão de usar os pupilos de Wilson se querem ganhar!...

A Santo Tirso, onde mora uma equipa «aflita», desloca-se o Vitória de Setubal em magnífico momento de forma, e não acreditamos possuirem os visitados trunfos bastantes para contrariar a maior capacidade técnica e global dos setubalenses.

Em Alvalade, cumprir-se-á apenas uma formalidade. Ao Sporting, frente a um Varzim descrente e sem futebol capaz de se lhe opor, apenas se põe o problema do numero de golos.

Todas as atenções estão voltadas para o Estádio «Alfredo da Silva» à espera duma possível «queda» do co-companheiro na tabela.

Realmente a deslocação do Benfica ao Barreiro reveste-se de certa expectativa, provocando naturais apreensões entre os encarnados, se nos recordarmos que para o Porto o recinto da Cuf foi o seu Waterloo. Além disso, conheceu-se os efeitos que a ausência de Eusébio provoca no compartimento ofensivo da sua equipa, reduzindo-lhe a capacidade de concretização.

Os cufistas por seu turno constituem um conjunto aplicado que procurará guindar-se a uma posição de destaque através de um triunfo sobre os campeões nacionais. Consegui-lo-ão? Por nós duvidamos, mas...

Belenenses e Barreirense, vão de longada até ao norte, e se os azuis dispõem de argumentos capazes para subjugar a dos «bebés» de Matosinhos, a acusar os efeitos de um campeonato duro, por outro lado os barreirenses não se nos afigura poderem aumentar o seu escasso pecúlio pontual em S. João da Madeira, onde a equipa de Monteiro da Costa naturalmente eufórica quererá — e pode fazê-lo — dizer aos seus associados que o triunfo de Guimarães não foi coisa fortuita.

por **COSTA PEREIRA**

A C. U. F. esteve em risco de jogar... «telecomandada»

JUVENIS DA F. P. F.

COMEÇA AMANHÃ NOVA EDIÇÃO DA TAÇA NACIONAL

A Taça Nacional de Juvenis tem, a partir de amanhã, nova edição que como a da época passada, reune 64 clubes, que na estreia estão assim acasalados:

ZONA A — 1.ª Série: Sporting de Braga-Chaves e Vila Pouca-Guimarães.

2.ª Série: Infesta-Vianense e Leixões-Gil Vicente.

3.ª Série: F. C. Porto-Oliveira do Douro e Avanca-Agueda.

4.ª Série: Candal-Avintes e Alba-Feirense.

ZONA B — 5.ª Série: Oliveirense-Candelo e Lusitania-Progresso

6.ª Série: S. L. Viseu-Régua e Guarda-Abravenses.

7.ª Série: Tramagal-Académica e Lousanense-Figueirense.

8.ª Série: Caldas-Torres Novas e Peniche-F. C. Caldas.

ZONA C — 9.ª Série: Castelo Branco-Portalegrense e Elvas-Borbense.

10.ª Série: Odivelas-Torriense e Sacavenense-Alpiarça.

11.ª Série: Desportiva-Vitória de Setubal e Benfica-Atlético.

12.ª Série: Cova da Piedade-Sarilhense e Carcavelos-Belenenses.

ZONA D — 13.ª Série: Almada-Estrela Amadora e Seixal-Palmense.

14.ª Série: Barreirense-Montijo e CUF Sporting.

15.ª Série: Estrela F. C.-Desp. Beja e Despertar-União de Montemor.

16.ª Série: Silves-Lusitano e Serpa-Olhanense.

DOMINGO DESPORTIVO

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — 1.º Torneio da Páscoa (atletismo) em Alvalade, ás 9 horas

— 6.º campeonato de ciclismo: 1.ª prova (em linha), com partida (9 horas) do Campo Grande e chegada ao parque de jogos de Alvalade.

— Campeonato Nacional de futebol «poule» final da 2.ª categoria: F. N. Munições-Almargem do Bispo, no campo da F.N.A.T. ás 15 horas.

— Prova de tiro «Preparação», na carreira de tiro do Estádio Nacional, ultima sessão, das 10 ás 12 e 30.

ANDEBOL DE 7 — Campeonato Nacional de Juniores, zona Norte: Padroense-Leixões, no pavilhão do Académico, ás 10 horas; zona Sul: Naval-Boa Hora, ás 10 e 30.

— Campeonato de Lisboa Juvenis: Benfica A-Madre de Deus; Benfica B-Almada, Palmense-Boa Hora e Passos Manuel A-C. Ourique, em Campo de Ourique, a partir das 9 horas.

ATLETISMO — 2.º Torneio de Abertura da Associação Portuense de Atletismo, na pista das Antas, ás 9 e 30.

— 1.ª Corta-Mato da Páscoa, para atletas populares, distribuidos por idades, nos terrenos do Estádio «Alfredo da Silva» e o Bairro da Federação das Caixas de Previdência.

AUTOMOBILISMO — «Os Mil Quilómetros do Benfica», chegada dos concorrentes ao Estádio da Luz, ás 11 e 30, seguida da prova complementar, para desempate.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: C.U.F.-Vit. Setubal, no Barreiro, ás 17 e 30

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão—Zona Sul: C.D.U.L.-Seixal, ás 11 horas; Zona Norte: Invicta-Olivais, em Gaia, ás 18 e 30.

— Campeonato Nacional da 3.ª Divisão — Zona Sul: Acad. Santarém-Moscavide, ás 11 horas; Faculdade de Ciências-Montijo, ás 11 e 15; Campolide-Queluz, Liberdade-Rangel e Combatentes-Boa Hora, todos ás 10 horas; Gin. Olhanense-Lusitano, ás 13, em Olhão. Zona Norte: Parquial-Educação Física, Académico-Leixões, Guifões-Coimbrões e Vilanovense-N. Alvares, todos ás 10 horas.

Campeonato Nacional de Juvenis (fase final): Esgueira-Algés, ás 17 e 30 e Nacional-F. C. Porto, ás 18 e 45.

— Campeonato Nacional Feminino, 2.ª Divisão—Zona Sul: C.D.U.L.-Ferroviário e Atl. Encarnação-Barreirense (na F. Ciências), ambos ás 10 horas. Zona Norte: Académico-F. C. Porto, ás 11 e 15 e Coimbrricense-Ed. Física, ás 16 h.

— Grande Torneio de Juvenis (A. B. L.) — Série A: Pedrouços-C. Quebradense, Nacional-Sporting A, Moscavide-Algés e Sacavenense-C.D.U.L., todos ás 10 horas. Série B: Benfica-C.D.U.L., C. Quebradense-Belenenses e Ateneu-Boa Hora, todos ás 10 horas.

CICLISMO — Trofeu «Abril em Portugal» (profissionais): prova de estrada (166 quilómetros), com partida do Estádio da Luz, ás 7 e 45, e chegada ao Estádio de Alvalade.

— Campeonato regional (Sul) de fundo (primeira prova), para amadores juniores, com partida ás 8 horas e chegada ao Estádio «José Alvalade».

— Campeonato regional de fundo (Norte), primeira prova, para amadores seniores; Taça «Hurel», para populares; Taça «Zamusse», para amadores juniores.

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Torneio Triangular de Atletismo (C.D.U.L., Oviedo e Salamanca), 2.ª jornada, no Estádio Universitário, ás 11 horas.

GINÁSTICA — Campeonatos nacionais de 2.ª categoria e provas de selecção olímpica — exercícios obrigatórios, no ginásio do Liceu Pedro Nunes, ás 14 horas.

GOLFE — Campeonatos nacionais de pares-homens, em Espinho.

HIPISMO — Concursos Hípicos de Cascais, para seniores, juniores e amazonas, 2.ª jornada, no hipódromo «Manuel Possolo», a partir das 15 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa, de juniores: Belenenses-Benfica, ás 9 horas; Atlético-Fut. Benfica, ás 9 e 30, nos campos dos primeiros.

HÓQUEI EM PATINS — 1.º Torneio Internacional da Costa do Sol, organização da Juventude Salesiana. Primeira jornada: Oeiras-Algés (série B), J. Salesiana-Cascais (série A) e Clube de Campo-Paço de Arcos (série B), no riquedo Estoril, a partir das 20 e 45.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional, conclusão da última jornada: Física B-Luso A, ás 16 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de infantis, «poule» final, 5.ª jornada: Intendente-Armadorense, A. A. Amadora-S. L. Agnias, Estrela da Amadora-C. Católico e Sporting-G. I. P. Amorelra, ás 10 horas.

— Torneio Popular de Juvenis, 6.ª jornada: S. L. Agnias-Armadorense, C. E. Operária e C. R. M. 6/9/1903-«Os Económicos», ás 10 h.

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato Nacional da II Divisão (seniores): Braga-Vigorosa (22 e 30). C. D. U. P.-Salgueiros (22 h.), Académica-Sanjoanense (22 e 30), Naval-Belenenses (22 h.) e C. Ourique-Almada (22 h.).

— Campeonato Nacional da II Divisão (juniores): Braga-Académico e Académica-Sanjoanense, ambos ás 21 e 30.

— Campeonato de Lisboa, de juvenis: Belenenses-Encarnação, Sporting (A)-C. D. U. L. e Sporting (B)-P. Manuel (B), no pavilhão da Ajuda, a partir das 17 horas.

BADMINTON — Campeonatos nacionais de juniores, juvenis, iniciados e infantis, nas cinco provas clássicas, 1.ª jornada, no Liceu Nacional de Aveiro.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Zona Sul — Sp. Farense-Benfica, em Olhão, ás 22 e 30; V. Setubal-C. U. F., no Ajuda, ás 22 e 45. Zona Norte: Sp. Figueirense-F. C. Porto (21 e 15), V. da Gama-Marinhense (21 e 30), B. P. M.-Académica (22 e 45); Sanjoanense-Sangalhos (21 e 30).

— Campeonato Nacional da II Divisão: Zona Sul — C. Quebradense-Ateneu e Lisgás-Oriental, na Ajuda, ás 20 e 15 e 21 e 30; «Os Olhanenses»-Belenenses, ás 21 e 15; Imortal-Atlético, ás 21 e 30. Zona Norte: Lega-Esqueira (20 e 15), Sp. Caldas-Pluvial (21 e 30), Naval-Gaia (22 e 30), Illiabum-G. Figueirense e Amoniaco-C. D. U. P., ambos ás 21 e 30.

— Campeonato Nacional da III Divisão: Zona Sul — Pedrouços-Maria Pia (20 e 15) e Carnide-Emp. Comércio (21 e 30), na Ajuda; C. Pescadores-Lusitano G. C. (21 e 30), em Portimão. Zona Norte — Galitos-Conimbricense e U. Tortosendo-C. D. Covilhã, ás 21 e 30.

— Campeonato Nacional de Juvenis (fase final): F. C. Porto-Acad. ou Esgueira (20 h.) e Algés-Nacional (21 e 15), na Palmeirim.

— Campeonato Nacional Feminino: Zona Norte — Olivais-F. C. Gaia e Académica-C. D. U. P., no Estádio Universitário, em Coimbra, ás 17 e 30 e 18 e 45; Sanjoanense-Vasco da Gama, ás 17 horas.

BOXE — Torneios de Iniciação e Cinturões de Lisboa, no pavilhão de Campo de Ourique, á noite.

GINÁSTICA — Campeonatos nacionais de 2.ª categoria e 2.ª prova de selecção olímpica, 1.ª jornada (exercícios obrigatórios), no ginásio do Liceu Pedro-Nunes, a partir das 19 e 30.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional, 10.ª jornada: *Série A* — Benfica-Lisnave-Velha, ás 21 e 30; Sporting-Runa B, ás 22 e 30. *Série B* — L. Ginásio-Runa A, ás 21 e 30; Amadora-Luso B, ás 22 horas.

NATAÇÃO — Congresso ordinário da Federação Portuguesa, na sua sede, ás 20 e 30 (1.ª convocação).

«EL CORDOBÉS» NÃO DESISTE!...

Manuel Benitez, «El Cordobés», além de valente, tem ainda outra apreciável qualidade, é persistente. Pensou em trocar o «traje de luces» pela camiseta de futeboliste e, apesar da fracassada tentativa de ingressar no Córdova a troco de um milhão, conseguiu finalmente os seus intentos, jogando, no passado domingo, um encontro de futebol pela equipa de «su pueblo», o Palma del Rio.

E tão bem se saiu o «diestro» das funções de «goleador» que marcou três dos cinco golos obtidos pelo seu clube, que admite a hipótese de, em futuros encontros, voltar a incluir «El Cordobés» na formação da equipa.

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

MAIOR EXPECTATIVA NO GRUPO SUL

Vence-se amanhã a 21.ª jornada do campeonato nacional da 2.ª Divisão, que, no grupo Norte, proporciona os seguintes desafios:

Sp. Espinho-Famalicão (0-1)
Torres Novas-Beira-Mar (1-1)
Tramagal-Acad. Viseu (4-2)
Vizela-Leça (0-5)

Indicam-se, entre parentesis, os resultados dos encontros da 1.ª volta.

A vantagem do guia — o União de Tomar — é tão notória que o jogo que ele é obrigado a disputar contra o 3.º classificado, oferece limitado interesse. Maior expectativa se verifica, em relação ao jogo de Torres Novas, que, bem pode ser apontado como o n.º 1 da jornada.

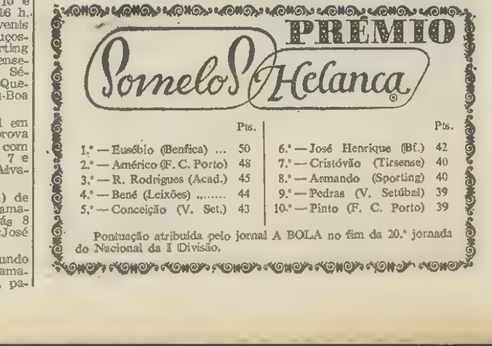
No grupo Sul, o calendário oferece-nos:

Atlético-Oriental (1-2)
Almada-Portimonense (0-0)
Lusitano-Sintrense (1-0)
Luso-Torriense (1-0)
Spt. Olhanense-Alhandra (1-3)
Peniche-Montijo (0-0)
Sesimbra-Cova da Pied. (0-0)

A ronda apresenta-se valorizada pelo encontro da Tapadinha, que tem de ser encarado com cautelas por parte dos donos da «casa», visto que o Peniche (em casa) merece favoritismo para o seu encontro com o Montijo.

Ficará desfeito o duo de comandantes?

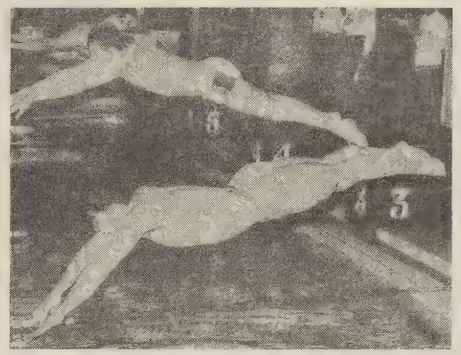
Eis um dos aliciantes da jornada.



	Pts.		Pts.
1.º — Eusébio (Benfica) ...	50	6.º — José Henrique (Bf.)	42
2.º — Américo (F. C. Porto)	48	7.º — Cristóvão (Tirsense)	40
3.º — R. Rodrigues (Acad.)	45	8.º — Armando (Sporting)	40
4.º — Bené (Lixões)	44	9.º — Pedras (V. Setúbal)	39
5.º — Conceição (V. Set.)	43	10.º — Pinto (F. C. Porto)	39

Pontuação atribuida pelo jornal A BOLA no fim da 20.ª jornada do Nacional da I Divisão.

DESPORTO



Na piscina municipal do Areeiro realizou-se, ontem, á noite, um festival internacional, em que participaram nadadores do Algés e Dafundo e do Wasserport Verein Speyer. Os portugueses estiveram tendo dois «recordes» nacionais e igualando outro. A gravura mostra-em evidência triunfando em sete das onze provas disputadas e banos Vitor da Fonseca, um dos melhores nadadores portugueses, excelente vencedor da prova de 100 metros, mariposa

O NACIONAL DE NATAÇÃO em perigo?

Os poderes públicos não deixarão morrer um clube que tanto fez pelo salvamento em Portugal

— confia o dr. JOSÉ MARIA ANTUNES, presidente da colectividade

Causou natural alarme nos meios desportivos a notícia de que o Clube Nacional de Natação, prestigiosa colectividade constituida de utilidade publica que á causa da natação tem consagrado o melhor do seu esforço e entusiasmo, teria sido alvo de uma acção de despejo das instalações que ocupa desde há longos anos na Rua de São Bento.

Segundo foi divulgado foi interposta uma acção de despejo pelo senhorio no 8.º Juizo Civel de Lisboa, posteriormente considerada procedente pela Relação e que parece por terem sido proteladas pela Camara Municipal de Lisboa as negociações com o proprietário dos terrenos, para aquisição dos mesmos, a fim de o clube poder continuar a ocupar as suas instalações.

Com o objectivo de sabermos o que se passava sobre este assunto procurámos o presidente da Assembleia Geral do Clube, o dr. José Maria Antunes, que ainda ontem ao fim da tarde tomou posse do cargo de seleccionador nacional de futebol.

Perguntámos:

— O Clube Nacional de Natação está realmente em risco de perder as suas instalações?

— Aparentemente estará, mas estou certo de que o bom senso levará ao indispensável acordo entre o proprietário do terreno e a Camara Municipal de Lisboa. O problema presentemente está posto desta maneira: o senhorio aceita por troca com aqueles terrenos outros terrenos de área de construção, em Lisboa. Assim a Camara ficará com os terrenos de São Bento, que são considerados lugar de logradouro, de zona verde, tendo o Municipio todo o interesse em não deixar fazer ali construções, e assim, o Nacional de Natação continuaria a viver em São Bento. Se isso não for possivel, a Camara construiria, então, umas instalações noutro local, autorizando, entretanto, a utilização de uma das piscinas de Lisboa, para que o clube não «morresse». Esta solução não será óptima, mas seria uma solução para sobrevivência do clube. Mas estou certo que a Camara e o proprietário do terreno entrarão em acordo, pois a divergência está apenas entre uns mil metros de terreno que a Camara terá que dar ou uma valorização sobre a que ainda não chegaram a acordo. Estou confiado em que tudo se irá resolver pelo melhor e que o Nacional não correrá o perigo que a notícia alarmante terá levado a crer.

— Como encararia o clube a solução de aba idonar as actuais instalações?

— Caucaria natural desagrado, pois o Nacional tem raizes criadas naquele bairro. As pessoas estão habituadas a ir ali. Agua e logradouro tem um belo parque para as crianças, é uma zona verde, por tanto todas as instalações que a Camara nos desse não teriam exactamente as condições que o parque de São Bento nos oferece. Estou persuadido que o facto de o Nacional ser uma colectividade de utilidade publica irá pesar muito na decisão, e certamente os poderes governamentais não deixarão acabar um clube que tem 50 anos e que tem feito tanto pelo salvamento em Portugal. Recordo-me que foi no nosso clube que começaram a treinar-se os bombeiros como os elementos dos socorros a náufragos. E foi o Nacional que montou nas praias os primeiros postos de socorros. Tudo isto dentro do espirito de que saber nadar não basta, é preciso também saber salvar. E estou certo de que aqueles que ensinamos a salvar aludarão também a salvar o Nacional.

GUITA JUNIOR

SENSAÇÃO NO SALGUEIROS

• PEDIDA A ANULAÇÃO DAS TRÊS ÚLTIMAS ASSEMBLEIAS ELEITORAIS!

Deve ter seguido hoje para a Direcção-Geral dos Desportos um pedido assinado por alguns elementos dos corpos gerentes do Salgueiros e por muitos associados, pedindo a anulação das três ultimas assembleias eleitorais, com a alegação de que as mesmas foram ilegais. Um dos principais argumentos é de que nas mesmas foram substituidos alguns elementos dos corpos gerentes indicados na lista eleita, sem que os mesmos tivessem tido a resposta do seu sancionamento. Tudo isso e outros factos depois de verificados criaram um mau ambiente ao actual presidente da direcção, procurando daquele modo muitos associados resolver a grave crise que se esboça.

DUKLA e RAPID DE VIENA — adversários do SPORTING na Taça Internacional de Futebol

Inicia-se já no corrente mês uma nova competição europeia — a Taça Internacional de Futebol — que tem a participação de uma equipa portuguesa: a do Sporting.

Ontem, em Zurich, procedeu-se ao arranjo dos seis grupos em que as equipas são divididas, na fase preliminar, concordando-se na seguinte distribuição:

GRUPO 1 — Inter de Milão, Nuremberga e Anderlecht.

GRUPO 2 — Torino, Atlético de Madrid e Ajax.

GRUPO 3 — Rapid de Viena, Dukla de Praga e Sporting.

GRUPO 4 — Saint-Etienne, Feijnoord de Roterdão e Standard de Liege.

GRUPO 5 — Espanhol de Barcelona, Austria de Viena e Munchen 1860.

GRUPO 6 — Lugano (Suiça), Ado den Haag (Holanda) e uma outra equipa ainda não designada.

Para cada um destes Grupos serão apuradas duas equipas (pelo sistema de «poule») para a fase seguinte da prova.

Os jogos do Grupo 3, em que participa o Sporting, serão disputados nas datas seguintes:

19 DE MAIO — Sporting-Dukla.

22 OU 30 DE MAIO — Rapid-Sporting.

2 DE JUNHO — Dukla-Sporting.

19 DE JUNHO — Sporting-Rapid.

Assistiu aos trabalhos da reunião de Zurich, como delegado do Sporting, o dirigente do clube lisboeta, Abrão Sorin.

ANDEBOL DE SETE

NEUNKIRCHEN (campeão do Sarre) joga no Porto, em Lisboa e em Setúbal

Está a despertar grande interesse a visita da equipa alemã do Neunkirchen, campeã do Sarre, das épocas de 1963/64, 1964/65 e 1965/66, sendo, ainda, também, campeã do sudoeste alemão.

Fazem parte da equipa os jogadores seguintes: Heil e Schumann, guarda-redes e os jogadores de campo: John, Muller, Schmetz, Denig (2 vezes internacional B), Denig (8 vezes internacional A), Grima, Mueller, Biehl, Schanful, Schenkel, Schank e Schaefer.

Os jogos a disputar pela equipa de Neunkirchen, são os seguintes:

Os andebolistas alemães

PESCA DESPORTIVA

Organizado pelo Grupo Desportivo da Lusalite, realizou-se o anunciado «Concurso de Pesca de Mar» intersócios, e seus familiares, numa zona entre Oitavos e o Guincho.

Após renhida luta e a pesagem do pescado, que se efectuou junto ao Forte de Oitavos, foram atribuidas as classificações ficando nos primeiros lugares: 1.º, Raul Duarte; 2.º, José Paulo Duque e 3.º Torres Pereira.

Para fecho destas manifestações desportivas e de confraternização, realizam-se hoje no campo de treinos do Estádio Nacional, dois encontros de futebol, seguidos de um almoço no refeitório da fábrica, servindo ao mesmo tempo para distribuição dos prémios.

TIRO AO VOO

Alden White, Armando Marques e Fernando Carneiro Júnior — vencedores das primeiras provas

Tal como se poderia prever, as provas internacionais de tiro ao voo, que estão a realizar-se no «stand» do Clube Português de Tiro a Chumbo, decorrem com vivo interesse, como é fácil de concluir, se atentarmos no grande numero de atiradores inscritos para as primeiras competições.

Estas, começaram com a disputa da «Taça Federação» (Handicap), pela qual se encontravam inscritos 52 concorrentes, contando com a presença valiosa dos três atiradores americanos, ases.» Colt, Alden White e Geo Neary.

A dada altura, esta prova foi interrompida, em parte devido ao tempo, dando lugar á «Taça Carreira Skoi»

Na altura da interrupção da primeira prova do programa, que recomeçaria após a disputa da «Taça de Portugal», encontravam-se em prova os dois americanos, Alden White e Geo Neary e os portugueses Miguel Raposo, Fernando Carneiro Jr., Gualter Ferreira e eng.º António Bravo.

Para a «Taça Cerveja Skol» inscreveram-se 90 atiradores, entre os quais se contavam, também, os três americanos, tendo a classificação final ficado assim ordenada:

1.º, Alden White, com 21 em 21; 2.º, Geo Neary, com 20 em 21; 3.º, Mário Chaves, Casimiro Pinto e António Lopes, com 17 em 18; 6.º, Bebiano Correia, com 14 em 16; 7.º, dr. António Manuel Gonçalves, José Moura Basto, Cipriano Raio e Palhavã Pinto, com 10 em 11.

Teve lugar, em seguida, a disputa «Taça de Portugal», estando nela inscritos 154 atiradores. No final apurou-se a seguinte classificação:

1.º, Armando Marques, com 21 em 21; 2.º, Geo Neary, com 20 em 21; 3.º, Palhavã Pinto, com 15 em 16; 4.º, Carlos Carmezim e José Moura Basto, com 13 em 14; 6.º, Alden White, com 12 em 13; 7.º, Carlos Tello e Amílcar Garcia, com 11 em 12.

Seguiu-se o restamento da «Taça Federação» que forneceu a classificação que passamos a indicar:

1.º, Fernando Carneiro Jr., com 18 em 18; 2.º, Geo Neary, com 17 em 18; 3.º, eng.º António Bravo, com 16 em 17; 4.º, Miguel Raposo e Alden White, com 13 em 14.

Nova vitória de Hélder Reis no «Nacional» de florete

Segundo o programa da Federação Portuguesa de Esgrima, prosseguiu o campeonato nacional de florete, com os encontros referentes á 2.ª prova.

De acordo com o estabelecido pela F. P. E., esta prova teve, como a primeira, uma fase eliminatória em spoules, seguida por uma outra de eliminação directa, para apuramento de seis esgrimistas, participantes na final.

Compareceram 18 atiradores, representando o C. D. U. L., a Mocidade Portuguesa, o Clube Shell, o Grémio Literário e o Ateneu.

Eliminados os finalistas, estes disputaram entre si os respectivos assaltos, plenos de interesse, dado o bom nível que os atiradores em prova lhes souberam dar.

No final, a classificação desta segunda e penultima prova do campeonato, ficou ordenada assim:

1.º, Hélder Reis, com 5 vitórias; 2.º, Silva Marques, com 4 vitórias — 1 derrota (ambos do C. D. U. L.); 3.º, Rodrigues Neves (M. P.), 2 vitórias — 3 derrotas, com 20 toques recebidos; 4.º, Tavares Cabral (C. D. U. L.), 2 vitórias — 3 derrotas, com 22 toques recebidos; 5.º, Henrique Marçal (G. L.), 1 vitória — 4 derrotas, com 20 toques recebidos; 6.º, Carlos Gonçalves (Shell), 1 vitória — 4 derrotas, com 23 toques recebidos.

Após esta nova vitória de Hélder Reis e a boa classificação obtida por Silva Marques, nas duas provas já realizadas, está publicamente encontrados os 1.º e 2.º classificados deste campeonato, que tem hoje a sua ultima prova, que como as anteriores se disputará nas instalações da Casa da Mocidade, pelas 15 horas.

«MUNDO DESPORTIVO»

Entra hoje no 24.º ano de publicação o trissemanário «Mundo Desportivo», que tem desempenhado acção de muito relevo no sector da imprensa desportiva.

Ao seu director, dr J. M. Boavida-Portugal, e a todos os seus colaboradores, apresentamos cordiais saudações e votos de prosperidades futuras.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programas da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário — Fim-de-semana; 18 e 05: Musica de filmes 18 e 15: Emissão infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19: Noticiário regional — Cartaz dos espectáculos; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A orq. de Paul Mauriat; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 35: 22.º episódio do folhetim «A Tunica»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias sul-americanas, em viola dedilhado; 21 e 40: Variedades no estudio; 22 e 30: Poesia, musica e sonho, por Miguel Trigueiros; 23 e 05: Programa da noite; 2: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kcs/s — Às 17 e 45: D. Quixote (Strauss); 18 e 30: Musica de piano; 19: O maestro Wilhelm Furtwangler, com a orquestra Filarmónica de Berlim; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Musica sinfónica; 21: Concerto pelo Grupo de Musica Antiga de Lisboa — Musica da Idade Média e da Renascença, em versões de Safford Cape de Emílio Pujol; 21 e 26: O poema sinfónico «Tapiola» op. 112 (Sibelius); 21 e 45: O gosto pela musica, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Musica Coral Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em FM) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica francesa — um programa cedido pela Radiodifusão Televisão Francesa; 23 e 31: 6 canções Espirituais (João Sebastião Bach) — Margot Guilleaume (soprano) — Helmut Tramnitz (órgão); 23 e 50: Octeto em mi bemol maior op 20 (Mendelssohn); 0 e 25: Sonata para dois pianos (Francois Poulenc); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Eles contam sucessos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 5: Robbialac; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20 e 15: Vedetas e canções; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Um conjunto e uma voz; 21 e 08: Tempo para jovens; 21 e 30: O Olavo fala consigo; 21 e 45: ... comanda o ritmo; 22 e 02: Para dançar; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 15: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 2? e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Era uma vez...; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Solista; 19 e 25: Rubrica Knorr; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Uma orquestra; 20 e 03: Rádio Placard; 20 e 25: Noticiário regional; 20 e 30: O ritmo e a melodia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 08: Conjunto; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Produções Rádio Tupi; 21 e 45: Apenas musica; 22 e 02: Variedades; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Ritmos em selecção; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vício; 21 e 30: Musica e canções para o seu fim-de-semana; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Musica de filme; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 05: Verdade e vício; 21 e 30: Mosaico; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 18 e das 14 e 30 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30.

CAMINHOS DE FERRO
LEILÃO

Em 15 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 12 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

PROGRAMA DA TV

Às 16 e 30: Curso de Formação de Professores; 17 e 10: Telejornal; 17 e 25: Relatório da Ciência e da Técnica. 17 e 50: Concerto para Jovens, Leonard Bernstein; 18 e 40: Nos Bastidores da Aventura; 19 e 50: Teled sporto; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 40: Encontro com a Vida; 19 e 50: Folclore; 20 e 20: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: TV 7; 21: O Cavaleiro Tempestade; 21 e 30: Telejornal; 22: Concurso Eurovisão da Canção 1968; 23: Últimas notícias e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 12 e 15, Abertura e Telejornal, 12 e 30, Missa de Domingo; 13 e 10, Dia do Senhor; 13 e 35, Musica e Artistas, 14 e 10, Universidade na TV — «O Caminho de Santiago»; 15, Telejornal; 15 e 10, Desenhos Animados; 5 e 35, Tarde de Cinema — «O Cão e os Diamantes»; 16 e 40, Viagens na Nossa Terra; 17, Concurso Hípico da Primavera; 18 e 10, TV Educativa; 18 e 55, Informação Desportiva, 19, TV Rural; 19 e 30, Telejornal; 19 e 50, Discorama; 20 e 15, Filme Infantil; 20 e 30, TV Mundo; 21 e 30, Telejornal; 21 e 55, Folhetim Dr. Kildare; 22 e 25, Série Dramática; 23 e 20, Domingo Desportivo, 23 e 45, Telejornal; 23 e 50, Meditação; e 23 e 55, Fecho.

TUDOR
TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Etec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	340$00
Consolidado 3%	550$00	550$00	555$00
Consolidado 3 1/2%	645$00	640$00	650$00
Centenários 4% 940	1 520$00	520$00	1 525$00
Obgs Tes 2 1/2% 942	—	—	—
Obgs Tes 2 1/2% 943	—	—	—
Obgs Tes 2 1/2% 944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	900$00
Externo 1.ª série car	—	895$00	905$00
Externo 2.ª série	—	—	900$00
Externo 2.ª série car	—	—	900$00
Externo 3.ª série	—	900$00	905$00
Externo 3.ª série car	900$00	900$00	905$00
Caut de 3.ª série s/juro	—	190$00	—
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5%	—	480$00	490$00
C P 4 1/2%	—	900$00	915$00
Gás e Electricid 3 3/4%	840$00	825$00	—
Gás e Electricidade 4%	—	825$00	—
Gás e Electricid 4 1/2	—	855$00	—
Gás e Electricid 5%	940$00	—	—
H E Douro	860$00	855$00	—
H E Norte de Portugal	—	—	860$00
H E S. Estrela	—	800$00	—
Metropolitano	—	915$00	—
Petroquímica	900$00	880$00	—
Sonefe	—	785$00	800$00
T. A. P.	—	—	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	830$00	—
U. Eléctrica Port 3 3/4%	—	—	83$50
U. Eléct Port 4% 945	—	85$00	85$50
U. Eléct. Port. 4% 948	—	85$00	83$50
U. Eléctrica Port 4 8/2%	—	88$50	89$50
U. Eléct. Port 5% 951	—	82$00	83$50
U. Eléct. Port. 5% 952	—	82$00	83$50
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	930$00	925$00	935$00
Alentejo	620$00	618$00	672$00
Angola	—	1 480$00	1 495$00
Burnay	—	—	3 055$00
Crédito Predial	—	1.850$00	1 950$00
Espírito Santo	—	12 900$00	—
Lisboa & Açores	—	3.700$00	—
Portugal	2 600$00	2 580$00	2 620$00
Português do Atlântico	—	5 600$00	6 000$00
Totta Aliança	4.000$00	4 000$00	4.100$00
Ultramarino	1.450$00	1.450$00	1.451$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	275$00	280$00
Sagres	—	—	—
Soberana	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.ias Ultramarinas			
Açúcar de Angola	670$00	660$00	—
Ag Cassequel	—	580$00	540$00
Ag Colonial	—	—	—
Ag das Neves	—	—	—
Boror	—	—	—
Cabinda	—	75$00	—
C. A. D. A.	—	—	1 320$00
Col. do Buzi	58$00	58$00	59$00
Diamantes	1.235$00	1 231$00	1.235$00
Ilha do Príncipe	500$00	480$00	520$00
Incomati	—	915$00	951$00
Lobito	—	416$00	430$00
Moçambique	40$00	39$00	41$00
Sonefe	—	224$00	230$00
Zambézia	42$00	41$50	42$00

C.ias Diversas	Etec	Compra	Venda
Cimentos Leiria	—	—	1.900$00
Cimentos Tejo	—	2.400$00	2 500$00
Col Navegação	—	—	—
C U F	1.100$00	1.080$00	1.120$00
Industrial Aliança	—	—	660$00
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	2.100$00	2.500$00
Portugal e Colónias	—	1.220$00	1 240$00
Port de Celulose	—	—	3 000$00
Port de Pesca	—	500$00	—
Port de Tabacos	401$00	401$00	402$00
Siderurgia	—	—	—
Sacor	4 600$00	4 550$00	4.600$00
Socel	1 900$00	—	—
Tabacos de Portugal	—	760$00	820$00
U F Azoto	705$00	700$00	705$00
Águas Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 1934	—	435$00	438$00
Águas de Lisboa 1936	—	420$00	—
Eléctrica das Beiras	—	1 500$00	—
Gás e Electricidade	387$00	386$00	387$00
H E Alto Alentejo	175$00	174$50	175$00
H E Cávado	1 240$00	1.239$00	1 240$00
H E Douro	1.237$00	1 237$00	1.238$00
H E Portuguesa	—	—	—
H. E. S Estrela	—	—	1.800$00
H. E. Zêzere	1.460$00	1.458$00	1.462$00
Nacional de Electricidade	—	1 320$00	1.325$00
Termoeléctrica Portuguesa	1 410$00	1 410$00	—
União Eléctrica Portuguesa	212$00	211$00	—
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	152$20	156$80
F. I. D E S	—	104$30	107$40

INDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 66 100)

	29/3/68	4/4/68	5/4/68
GERAL	103,2	103,4	103,6
METROPOLITANAS	101,5	101,9	102,1
ULTRAMARINAS	115,9	114,5	114,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$30	28$70
Dollar de 5 a 1000	28$50	28$90
Canadá — Dollar	26$00	26$50
Alemanha — Marco	7$07	7$27
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$50	9$50
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$56 5	$58,5
França — Franco	5$70	5$90
Suiça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	240$00	260$00
Ouro Fino — Barra	34$00	36$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papeis de crédito
Tel. 321273

Serviços urgentes

Telefones

AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✱ Companhias Reunidas, 537011 ✱ Gascidla 538821 ✱ Gazcidla (dom e feriados), 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✱ Voluntários, 538524
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✱ Segurança Pública, 366141 ✱ Judiciária, 535380 ✱ Marítima, 326456 ✱ Internacional, 362721 ✱ Viação e Trânsito, 42205 ✱ G. N. R. (área rural), 36865
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 ✱ Enfermagem permanente, 766161 ✱ Enfermagem de urgência, 43738 ✱ Hospital de Santa Maria, 775171 ✱ Hospital de S. José, 860131 ✱ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✱ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✱ Centro de Intoxicações (informativo) 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✱ Caminhos de ferro (C P.), 869029 ✱ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✱ Estação Fluvial (T Paço), 325345 ✱ Estação Mar de Alcântara, 663195 Estação Maritimo da Rocha, 672445 ✱ Estação Fluvial (Belem) 638531

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno L

(Ver pelos bairros das medições e telefones entre parênteses)

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 01-B (722868)
ALCÂNTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (63 635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 120 (84338) ✱ Teles, R. João de Barros, 2 (638249)
ALVALADE — Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A (71013) ✱ Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✱ Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 6-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (75310) ✱ João XXI, Av. João XXI, 6-A (726462) ✱ Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (727721)
ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araújo, 46-C (84 708)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763 07) ✱ Avenidas, Avenida da República, 27-A (533688) ✱ Império, R. Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✱ Palma, Av. Duque de Ávila, 25 (47088)
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Pessano Garcia, 1-A (5145)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 21, n.º 4 (311216)
BAIXA — Americana, Caís de Santana, 3 (863984) ✱ Nacional, R. do Salitre, 1 (46858) ✱ Costa, Pr. da Figueira, 6-B-C (32838)
BELÉM — Remísio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699) ✱ Sepol, Caís do Boa Hora, 94-A (63 958)
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✱ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Combro, Calç. do Combro, 78 (326059) ✱ Azevedo Irmão & Veiga, R. do Misericórdia, 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✱ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667)
CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✱ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa, 33-35 (780 81)
CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (661734)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✱ Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✱ Bastos Andrade, Calç. de St.ª André, 07-111 (860450) ✱ Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✱ S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704)
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 126 (66344)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (311237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764629)
PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 100 (3253 8)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (8425 8).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 6-A (Bairro de St.º Engrácia) (728395-720703).
SÉ — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63-65 (381185)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (2518918).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Alsir — Av. Gago Coutinho — ca, 16 (Tel. 239029)
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A. 15 (260116).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 (Tel. 938149).
DAMAIA — Lemos — R. de Goa (Tel. 971121).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av. Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 951844).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 29 0012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Belo Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Central — R. de Olivença, 11 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Santa Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel. 2272141).
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança (Tel. 2743356).
MOITA — União Moitense — Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Telef. 229471).
SETÚBAL — Lisboa — R. Dr. Paulo Borba (Tel. 22240); Saião — Av. Portela (Tel. 22709).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN — Tel. 32 07 68 — Às 15.15 e 21.15 (M. 12 anos) Technicolor
O MAIOR FILME DE TODOS OS TEMPOS DE CECIL B. DE MILLE
OS DEZ MANDAMENTOS
com CHARLTON HESTON, YUL BRYNNER e ANNE BAXTER
Projectado em novo écran panorâmico. Devido á grande metragem do filme, apenas se efectuará uma «matinée» ás 15.15 e a sessão da noite começa ás 21.15

SÃO LUIZ — Tel. 32 71 72 — Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Nadine Trintignant (Adultos)
Scope — Eastmancolor
Uma mulher de hoje perante um homem de sempre
MEU AMOR, MEU AMOR
Jean Louis Trintignant — Valerie Lagrange

IMPÉRIO — Tel. 55 51 34 — Às 15.15, 18.30 e 21.30 (M. 12 anos)
O FILME ESPECTÁCULO DE 1968
ESTE É O MEU MUNDO
TOMMY STEELE — JULIA FOSTER
e tudo o que o filme pode ser!

Às 15.30 18.30 e 21.45 (Adultos)
Tel. 55 51 34 — 4.ª SEMANA
Um filme de gozo inesperado realizado e interpretado por ROMAN POLANSKY
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
e ainda com Sharon Tate

RESTELO — Tel. 61 03 75 — Às 21.30 (M. 12 anos)
A odisseia de um homem que quer ser herói e que vive aventuras que não sente
Em Superpanavision e Technicolor
LORD JIM
com Peter O'Toole, James Mason, Curt Jurgens e Jack Hawkins

SÃO JORGE — Tel. 54153-54154 — Às 15.15, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Para o novo êxito de Claud Lelouch
VIVER PARA VIVER
com Yves Montand, Annie Girardot e Candice Bergen (Adultos)

CASINO ESTORIL — Telef 260749 — Às 21.30 (12 anos)
A ultima produção de WALT DISNEY
BAILARINA

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA — Às 21.30 (M. 12 anos)
O 1.º filme português do ano! Diverte e faz rir!!
UM CAMPISTA EM APUROS
com Florbela Queirós, João Lourenço e Nicolau Breyner

ALVALADE — Tel. 76 30 80 — Às 15.15, 18.15 e 21.45 (Adultos)
Um filme de Nadine Trintignant
2.ª SEMANA
Scope — Eastmancolor
Uma mulher de hoje perante um homem de sempre
MEU AMOR, MEU AMOR
Jean Louis Trintignant — Valerie Lagrange

ROMA — Balcão 72 91 92 Plateia 72 77 78 — Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA DE ENCHENTES!
A maior história de amor jamais filmada, com Julie Christie, Peter Finch, Alan Bates e Terence Stamp!
Um filme excepcional!
LONGE DA MULTIDÃO
Tela de 70 mm. — Metrocolor

EUROPA — Tel. 66 10 18 — Às 15, 18.15 e ás 21.30 (M. 12 anos)
Espectáculo de emoção e grandiosidade!
A RAINHA VIKING
com Don Murray — Colorido

POLITEAMA — Tel. 32 63 05 — Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA!
O sensacional filme de «suspense» e acção sinistra, explosiva e fulminante
O COMISSÁRIO X NAS GARRAS DO DRAGÃO DOURADO
com TONY KENDALL e BRAD HARRIS
Ultraescópio — Eastmancolor

ODEON — Tel. 32 62 83 — Às 15.15 e 18.15 e ás 21.30
Tardes e Noites Maiores 6 ANOS
SENSACIONAL! ISTO DIZ TUDO: O PÚBLICO APLAUDIU a sublime comédia musical
A IRMÃ YÉ-YÉ
com Hilda Aguirre
Uma história de supremo encanto!
(Eastmancolor)

TIVOLI — Tel. 5 05 95 (M 17 anos) — Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Um misterioso filme de espionagem em que o amor e a audácia se combinam maravilhosamente!
AS DUAS FACES DO PERIGO
com Robert Lausing e Dana Wynter

MUNDIAL — Tel. 53 87 43 — Às 15.15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Uma comédia espectacular inspirada em Julio Verne
DA TERRA À LUA
PANAVISION — Colorido com o maior cartaz do ano, entre outros: Burl Ives, Terry Donahue, Daliah Lavi, Terry Tomas, Lionel Jeffries, Dennis Price, etc.

ESTUDIO 444 — Tel. 77 90 95 — Às 15.30 18.30 e 21.45 (Adultos)
4.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
Toda a emoção e a ternura da luta empolgante travada entre o amor e a morte!
A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymei Molvig e Lars Passgard

IMPERIAL — Tel 4 59 33 — Às 15 e 21 horas (Adultos)
YANG-TSÉ EM CHAMAS
MISTÉRIO NO ALTO DA FALÉSIA

1.º 2 — Tel. 4 85 60 — Às 14.45 e 21 horas (Adultos)
AS FEITICEIRAS
A MULHER FELINA

TERRASSE — Tel 32 09 17 — Às 15 e 21 h. (M. 12 anos)
CANTINFLAS, SUA EXCELÊNCIA
EASTMANCOLOR

CINEMA IDEAL — Telef. 32 41 94 — Às 21 horas (M. 12 anos)
OS IMPETUOSOS
O MUNDO NOS SEUS BRAÇOS

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31 — Às 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
3.ª SEMANA
no «écran» gigante
PLAY TIME
(VIDA MODERNA)
A obra-prima de Jacques Tati
EASTMANCOLOR

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10 — Às 15, 18.15 e 21.30 (12 anos)
Julie Christie — Terence Stamp — Peter Finch — Alan Bates
na maior história de amor jamais filmada
LONGE DA MULTIDÃO
Na deslumbrante projecção de 70 mm. desta sala

AVIS — Às 15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
5.ª SEMANA DE EXITO!
O mais aplaudido dos filmes portugueses!
A CRUZ DE FERRO
com Jorge Brum do Canto, Cremilde Gil, Octávio de Matos, Maria Domingas, António Machado, Ângela Ribeiro e Emílio Correia

Festas associativas

Realizam-se festas, com bailes e outros atractivos, nos seguintes locais: esta noite, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, no Grupo de Instrução Popular de Amoreira e na Casa do Concelho de Gouveia; amanhã á tarde, na Casa do Ribatejo e na Casa do Alentejo; e, amanhã á noite, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo e no Clube Estefânia.

Madrid espera por si . .

Nas suas deslocações à capital espanhola utilize o comboio «Lisboa-Expresso» (TER.)

9.45 p — Lisboa (St.ª Apolónia) — c. 19.40
19.00 c — Madrid (Delicias) — p. 10.45

Ligações diurnas e quotidianas
Serviço de restaurante e bar
Ar condicionado
9 HORAS DE AGRADAVEL VIAGEM
Informe-se nas Secções de Informações da C. P. e nas Agências de Viagens autorizadas.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «As três perfeitas casadas» (17 anos).
ndeãçoSMA!----» 8239 40 39 39 23939
CASA DA COMÉDIA — Às 19: «Os dias felizes» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Agarra que é milionário» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Deliciosamente louca» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 21 e 45: «Comissário de Polícia» (12 anos).
ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Arroz de Miudas» (17 anos)
VARIEDADES — À 2s0 e 45 e ás 23: «Pois, Pois...» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A nossa cidade» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Companhia argentina de revistas» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «Mosqueteiros do mar» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Pecos faz justiça» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Diga-me quem devo matar» (12 anos)
IMPERIAL — Às 21: «Mistério no alto da falésia» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Tony Rome investiga» (17 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Cavalgada sangrenta» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Paris já está a arder» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «A mulher dos mares do Sul» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Um cabelo na sopa» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Um favor muito especial» (17 anos)
UNIVERSITÁRIO — Às 21: «Sarilho de fraldas» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Quando tu não estás» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «007 Operação Relampago» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Alvarez Kelly» (12 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «Hotel do Malandrice» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Berlim, reunião de espiões» (17 anos

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Os assassinos de Karate» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Um mordomo no Far-West» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O maior espião da história» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «Bailarina» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «James Bond 007-Casino Royal» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O último desafio» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «7 balas para Selma» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «A caça a um espião» e «O grito da alma» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21: «X-27 missão Bagdad» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Calma Freddy!» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21 e 15: «Ladrão de Casaca» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Roubaram o meu coração» (12 anos).

● Na Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Que noite rapazes» (12 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «Alta tensão nos Caraíbas» (12 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Duelo em Diablo» (17 anos); CINE-BARREIRENSE — Às 21: «O templo do elefante branco» e «Missão em Teherão» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «A 6.ª testemunha» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «O cavaleiro da Rosa Vermelha» (17 anos).

ALÔ!... ALÔ!... TODA A GAMA DE ELECTRO DOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 172-A
IMPERLUZ
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES A PREÇOS INIGUALÁVEIS!

bom apetite

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)
INFORMAMOS OS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS QUE AMANHÃ A SALA SE ENCONTRA RESERVADA PARA UM BANQUETE.

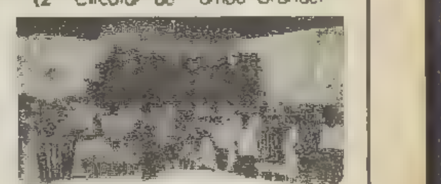
Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11 (entrada pelo arco) Tel 685908
Parque para automóveis

TABORDA
RESTAURANTE ● CERVEJARIA
Diàriamente pratos do dia seleccionados
Frangos no espeto de churrasco e á americana
Grande Salão para banquetes de casamento, baptizados e de confraternização
Rua Actor Taborda, n.º 2 e 16 (Entre o Saldanha e Estefânia)
T. 41359

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes e Lanches de Casamento

RESTAURANTE CUNHA
SALA PARA BANQUETES
GERÊNCIA DE CUNHA PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE CENTRAL DE PARIS
AV. PARIS, 14-A—Telef. 726968

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)



Aspecto de uma das salas
Aos Sábados e Domingos JANTARES DANÇANTES com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA Á PORTUGUESA
TRAVESSA DO FORNO, 15 e 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

BOA COMIDA EM CASCAIS
RESTAURANTE «O VIDRACEIRO»
AO LADO DOS BOMBEIROS
RUA AFONSO SANCHES 1
TEL 280153

RESTAURANTE **XANGAI**
DELICIOSAS ESPECIALIDADES DE AUTÊNTICA COZINHA CHINESA
AV. DUQUE DE LOULÉ, 20-B
Frente á Embaixada Americana
Telefone 5 73 78

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuido pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

Em ALVALADE-SADO o «Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

O primeiro chá de caridade no novo Casino do Estoril

A «Obra dos Fernandinhos Pobres», por deferência dos srs. Teodoro dos Santos e dr. Manuel Teles, vai realizar no novo Casino do Estoril, no dia 18, á tarde, um «Chá-Canastra-Bridge», a favor da sua obra de benemerência.

Como estes chás constituem sempre um verdadeiro acontecimento mundano, este será, indiscutìvelmente, um dos mais elegantes da temporada, devido ao extraordinário interesse que está despertando, visto ser o primeiro chá de caridade a realizar-se depois da sensacional inauguração do famoso casino.

Além do grandioso programa de «show» do Casino, haverá ainda uma seleccionada e elegante passagem de modelos das Casas Rosinova, chapéus da Sobral e peles de David Kit.

Todas as informações e marcações de mesas, deverão ser feitas das 9 ás 14 horas para o telefone 47820 e para o Novo Casino do Estoril (260730).

NOVO
CASINO
ESTORIL

AMANHÃ
DOMINGO
PRIMEIRA
«MATINÉE»

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE, MÚSICA PARA DANÇAR A PARTIR DAS 17 HORAS

JORGE COSTA PINTO
e sua orquestra
THE SPECTRUM
conjunto hippie
EDUARDO NASCIMENTO
e «OS ROCK'S»

APRESENTAÇÃO DO «SHOW» COM
MAORI HI-LINERS
THE CHARLIVELS
MARIA VALEJO
Bluebell Girls' Show
M/17

PREÇO: Chá completo — 40$00 (taxas e impostos não incluídos)

SLYVA KOSCINA NA GUERRA — Na guerra filmada, acrescente-se. É uma cena de «A batalha de Neretva», filme que está a ser rodado na Jugoslávia e em que a conhecida actriz, jugoslava por nascimento, faz o papel de uma resistente

Confraternização de técnicos de radiologia

A exemplo dos anos anteriores, numerosos técnicos de Radiologia reuniram-se, ao princípio da tarde, num almoço de confraternização num hotel desta cidade.

MARINA VLADY EM MOSCOVO

A actriz Marina Vlady começou a interpretar, nos arredores de Moscovo e sob a direcção de Yutkeyitch, o filme «Tema para um conto breve», co-produção franco-soviética inspirada num episódio da vida de Anton Tchekov. Marina Vlady contracena com Nikolai Grinko, Savina e Yuri Yakulev.

TRÊS DIAS NO SELIM: O CICLISTA DE GRÂNDOLA CHORA DE CANSAÇO

— Talvez ninguém acredite o que sofri hoje aí. Passei uma noite crítica. O frio deu cabo de mim. Estive quase em desistir da coisa — disse-nos Vítor Marques, esta manhã, no Campo Pequeno, enquanto as lágrimas lhe corriam pela cara.

O sol, entretanto, aparecia, ás 9 e 30, e ele acrescentou:

— Agora sinto-me um bocadinho melhor. Com o sol talvez... mas esta noite... o frio entranhou-se-me nos ossos. Hoje de manhã queria pedalar e não podia.

A sua voz era um murmúrio. Como a sua pedalada. O suficiente apenas para se equilibrar e a bicicleta deslizar. Ao começar a manhã, o sono tinha sido tão forte, que *«ele andava como desaustinado»*, no dizer do seu amigo e assistente, sr. José Ventura Ferreira Alegria.

— Passei a noite com ele, para o animar. E esta noite passo-a outra vez com ele. Largo o trabalho, vou a casa, á Moita do Ribatejo, e volto para lhe fazer companhia.

O Vítor Manuel Marques, 28 anos, pedreiro de profissão, anda ás voltas á Praça de Touros do Campo Pequeno para tentar bater o «record» europeu de permanência em bicicleta.

A sua assistência é rudimentar. Um amigo dá-lhe massagens e a alimentação não é vigiada. A grande assistência do público é ainda o que mais anima o ciclista:

— Ó menino, isso vai ou não vai? — pergunta-lhe uma mulher.

Vítor olha-nos, com os olhos vermelhos e tumefactos, de noites sem dormir:

— Peço para agradecer, por intermédio do «Diário de Lisboa», a todo este público que aqui tem estado esta manhã e que me tem ajudado.

— E porque quer bater o «record», Vítor?

— Houve um estrangeiro que o fez, eu também o posso fazer.

— Quantas horas leva?

— Se quer que lhe diga, nem sei.

Então um dos acompanhantes disse: *«Ele tem agora, ás 10 da manhã, 70 horas».*

— Eu queria bater o «record» europeu. Penso que vou aguentar até ao fim. Ainda tenho outra noite. Outra noite pior do que esta não deve vir.

— E depois disto, Vítor?

— Terei que trabalhar. Lá para o Verão tentarei o «record» do mundo, das 105 horas.

Algumas dezenas de pessoas estavam ao longo do percurso, presenciando, impressionadas, o esforço daquele homem que se obstinava em atingir os limites da resistência humana.

— A noite passada esteve um rapaz toda a noite comigo. Tenho quase a certeza de que esta noite aparece gente.

VOLTA AO MUNDO
COM
WAGONS LITS//COOK
8 de Junho e 7 de Setembro
PARTIDAS ASSEGURADAS
30 dias inesquecíveis
63.500$00
Número limitado de inscrições
WAGONS LITS//COOK
Lisboa — Av. da Liberdade, 103 — T. 361521 e Hotel Ritz — T. 680632
Porto — Coimbra — Estoril — Funchal — Luanda — L. Marques

Grande Ourivesaria da Moda
OURIVES - JOALHEIROS
Tendo como divisa sempre bem servir
RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31 — LISBOA-2

O MAIOR e mais variado sortido em objectos de ouro, prata e pedras preciosas

SORTIDO completo de relógios de ouro, plaquet e aço das marcas mais acreditadas em todo o mundo

SEMPRE grande quantidade de objectos em segunda mão vendidos baratíssimos

COMPRA E TROCA nas melhores condições, ouro, prata, platina e brilhantes

CONTACTO
PORTUGAL
2.º
ANIVERSÁRIO
1967/1968

Editorial MINERVA
Fundada em 1927 por MANUEL RODRIGGUES
31, Rua Luz Soriano, 33 ——— Telef. 32 25 35
COLECÇÕES:
BIBLIOTECA POPULAR MINERVA (bolso), AUTORES DO NOSSO TEMPO, MINERVA (livros de capa amarela), MINERVA (livros de capa branca), BIBLIOTECA PARA TODOS, TERRA - MAR, COLECÇÃO XXI (livros policiais de bolso), LIVROS VARIOS — DICIONÁRIOS, AUTORES PORTUGUESES, LIVROS PARA CRIANÇAS e ADOLESCENTES, CATAVENTO MINERVA (bolso)
Peça o nosso catálogo, que o enviaremos imediatamente pelo correio
OFICINAS GRAFICAS:
Rua da Alegria, 30 — Telefone 3 47 20 LISBOA-2

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

Diario de Lisbôa

47.º aniversário

1968

A força do pensamento

VINTE E QUATRO ANOS ao serviço do «Diário de Lisboa». Funções que presentemente pesam sobre os nossos ombros. Consequência: obrigação de escrever algumas linhas para anteceder a série de trabalhos apresentados neste volumoso suplemento pelos colaboradores do jornal e pelos meus camaradas da Redacção.

A tarefa, porém, não assume a mínima dificuldade. Estamos perante uma admirável realidade, tão flagrante que dispensa o recurso às palavras calculadas, mais ou menos adjectivadas, para enaltecer o valor e o significado desta notável demonstração de capacidade.

Ao longo de quase meia centena de páginas o leitor irá ser, sem dúvida, o grande e autêntico julgador, mas, em qualquer caso, não deixará de ficar agradàvelmente surpreendido, é nossa convicção, com o nível, o interesse e a variedade dos temas versados.

Mais: terá a segura confirmação de que se encontra, na verdade, perante um órgão da Imprensa consciente das suas responsabilidades e a caminhar, firme e sem tergiversar, de olhos postos no futuro, preparado mentalmente para enfrentar, em todos os momentos e em quaisquer circunstâncias, os mais diversos e complexos problemas do nosso tempo.

Além disso, o «Diário de Lisboa» através dos escritos insertos na edição comemorativa do seu 47.º aniversário, demonstra também, de maneira insofismável, que a força do pensamento continua a ser a sua arma mais poderosa.

LOPES DO SOUTO

Sumário

«O cerco da Amadora durante o movimento dos aviadores em Julho de 1924», por Félix Correia ..... pág. 3
«Homem e Sociedade», por Alberto Ferreira ..... pág. [illegible]
«Evocação de Françoise Dorléac — estrela que o fogo apagou», por Oliveira Pinto ..... pág. 4
«Lisboa-Cascais em comboio aéreo, roído de saudades do futuro», por Silva Pinto ..... pág. 5
«Morrer num dia de chuva», por José Ribeiro dos Santos ..... pág. 6
«3 vezes 5 igual a 15», por Vítor Direito ..... pág. 7
«A corrida do homem e o ritmo da informação», por Sérgio Ribeiro ..... pág. 7
«Cultura e Civilização», por Jorge Dias ..... pág. 8
«Jornalismo: crónica da vida que passa», por Silva Costa ..... pág. 9
«O Santo e a Senha», por Mário Sacramento ..... pág. 9
«Variações a propósito da morte de um pistoleiro», por Chianca de Garcia ..... pág. 10
«Prosa de embrulhar castanhas», por José Carlos de Vasconcelos ..... pág. 10
«Aventura em Abadá», por Urbano Tavares Rodrigues pág. 11
«Regresso», por Renato Boaventura ..... pág. 11
«Requiem por 150 pescadores», por Manuel de Azevedo pág. 12
«De mão fraterna estendida», por Joel Serrão ..... pág. 12
«A reportagem da reportagem», por Edgar de Carvalho ..... pág 13
«O homem, só o homem», por Vitorino Magalhães Godinho ..... pág. 14
«Dois portugueses estudados por estrangeiros», por Raul Rego ..... pág. 14
Zambujal ..... pág. 15
«Aqui em parte nenhuma», por Maria Judite de Carvalho ..... pág. 17
«Os cães e os homens», por César dos Santos ..... pág. 18
«Literatura e humanismo», por Eduardo Prado Coelho pág. 18
«O caldinho de camarão: petisco da beira-mar a 10 tostões a tigela», por Fernando Assis Pacheco ..... pág. 19
«O feedback essencial», por Nuno Vieira ..... pág. 20
«O livro de cinema português ou a linguagem do efémero», por Lauro António ..... pág. 20
«Uma fragata desce o rio», por Mário Castrim ..... pág. 21
«Fui testemunha da prisão e exílio do general Gomes da Costa», por Santos Jorge ..... pág. 23
«Visita aos beatniks de Munich», por Herculano Carreira ..... pág. 23
«Oeiros: mundo perdido nas montanhas azuis», por Joaquim Letria ..... pág 24
«Da barbearia do Ritz à figueira de Campolide: altos e baixos de uma profissão», por Joaquim Benite pág. 27
«Viagem ao longo da noite de Lisboa», por Mário
«O hábito de conversar», por Torcato da Luz ..... pág. 28
«Uma história de caça: cinco homens num jeep», por Manuel Beça ..... pág. 29
«O decano da crítica tauromáquica conta um episódio trágico-cómico», por Rogério Perez ..... pág. 31
«O Diário de Lisboa e a filatelia», por Vasconcelos de Carvalho ..... pág. 32
«Está há 30 anos no manicómio o bailarino português que julgava ser Nijinsky», por Oliveira Nunes ..... pág. 33
«A minha justificação», por Costa Pereira ..... pág. 37
«O centenário da Fresuria de Portugal», por António Machado ..... pág. 39
«Limitações e necessidades do desporto nacional», por Encarnação Viegas ..... pág. 42
«O homem da camisa branca», por Neves de Sousa ... pág. 43
«As armas nas mãos das crianças — problemas para os adultos», por Afonso Praça ..... pág. 44
«Pela primeira vez em cabaretes», por Antónia de Sousa pág. 45
«A profissão de advogado: o acesso e o exercício», por Jorge Sampaio ..... pág. 46
«Ganhar tempo!» por João Gomes ..... pág. 47
«Lembrança da Grécia», por David Mourão-Ferreira pág. 47
«Os mastros lam-se erguendo para lá do gargalo...» por Pedro Alvim ..... pág. 48

Fotos de João Ribeiro, Lobo Pimentel e Salvador Ribeiro

ESTAR OU NÃO ESTAR
EIS A QUESTÃO

V. ESTÁ CERTO DE QUE POSSUI UMA BOA FORMAÇÃO ESTÉTICA E APRECIA O NÍVEL DAS COISAS BEM CONCEBIDAS?

V. ESTÁ NECESSITADO DE DOTAR O SEU LAR, DE CONFORTO E BEM-ESTAR?

SE ESTÁ, PROCURE-NOS, POIS A QUESTÃO É ESTAR... ESTAR, COM OS CONJUNTOS DE SALA OLAIO, É SINÓNIMO DE BOM GOSTO, E PERMITE-LHE RESOLVER OS SEUS PROBLEMAS FUNCIONAIS E DECORATIVOS.

ESTEJA COM OLAIO, PORQUE...

OLAIO, É BOM... E NÃO É CARO

OLAIO
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
Rua da Atalaia, 36/48 Telef. 36825/36757/32870 LISBOA 1

O cerco da Amadora durante o movimento dos aviadores em Julho de 1924

POR FÉLIX CORREIA

EM 4 DE JUNHO DE 1924 o «Diário de Lisboa» publicou uma página, com o manifesto da Aviação Militar Portuguesa, que terminava por estas palavras:

«...num Exército digno de tal nome, se o material algo vale, o moral vale muito mais; ou antes: o material, sem o brio, nada vale. Dizia Foch que, de todas as fortificações que conhecia, só uma reputava invencível: o peito humano.

«Em carta que tornou pública, antes da sua partida, escreveu Sarmento de Beires que o propósito dos aviadores do «raid» Lisboa-Macau era pôr o brio do Exército Português tão alto, pelo menos, como a maior altitude atingida pelo «Pátria». Esse é também o propósito da Aviação Militar Portuguesa. A Nação, o Exército e a Armada dirão se o nosso gesto realiza ou não esse altíssimo propósito. Viva a Pátria! Vivam todas as forças de defesa nacional e segurança pública! Vivam o brio e a honra militares!»

Esse manifesto foi a justificação da recusa a acatar um decreto do ministro da Guerra, major Américo Olavo, que mandava entregar o comando da Aeronáutica Militar a um oficial estranho à Aviação.

Todos os aviadores militares se haviam concentrado, na véspera, no campo de Aviação da Amadora — a terra onde nasci, quando ainda se chamava Porcalhota e pertencia à freguesia de Benfica — onde cheguei de madrugada e donde só saí depois da rendição, no dia 7, à tarde, com António Maya que, a custo, conseguimos impedir que se entregasse à prisão, porque ele pedira a sua demissão de deputado e de oficial do Exército e tinha de embarcar, dois dias depois, para Angola, onde conseguira arranjar um emprego particular.

«Se o campo da aviação da Amadora fosse atacado antes da manhã do dia 3, não podemos garantir quem venceria — escrevemos no «Diário de Lisboa» do dia 9. — O que podemos garantir é que ficariam sem vida algumas dezenas de militares.

«Mas os aviadores, num gesto admirável que não tem par na história das nossas lutas internas — ao contrário de tantos que mandam os subordinados arriscar a vida e ficam cómodamente na retaguarda — não quiseram sacrificar os seus soldados. E sabendo que o governo (do dr. Álvaro de Castro) dera ordem para o ataque, dispuseram-se 17 homens bater-se contra os 3000 que os cercavam se acaso aqueles os hostilizassem.

«Mas os aviadores não quiseram apenas poupar a vida dos seus subordinados. Quiseram também respeitar as dos soldados que os cercavam. E declararam terminantemente que só fariam fogo contra os oficiais que os atacassem.»

Ordeiramente, obedecendo, embora contra vontade, às determinações do major Cifka Duarte, todos os sargentos, cabos e soldados desfilaram ante a oficialidade, muitos com as lágrimas nos olhos, para se apresentarem no Quartel-General da 1.ª Divisão Militar, nas Necessidades.

Durante esses cinco dias de cerco, houve muitas tentativas de mediação, que se malograram, inclusivamente as do dr. António José de Almeida, antigo Presidente da República, e do eng. António Maria da Silva, antigo e futuro chefe do Governo; e só conseguiu um êxito brilhante na sua missão o general Bernardo de Faria, ilustre director do Colégio Militar, que, além de herói, era um verdadeiro diplomata, e que, antes de se apresentar no campo da Amadora, anunciou, telefónicamente, que entraria ali pouco depois, desarmado, bem como os seus oficiais.

Em face de tal atitude, os aviadores esperaram-nos fora do campo e prestaram-lhes todas as honras devidas, acompanhando-os à pista.

O último capítulo deste episódio foi assim comentado por nós, no «Diário de Lisboa» do dia 9 de Junho:

«É assim se liquidou o conflito da maneira mais nobre e mais honrosa para os aviadores e para o Exército.

«Não foi uma rendição; foi uma combinação. Foi um sacrifício dos aviadores pelo bom nome do Exército a que pertencem e que as ordens do Governo estavam colocando numa situação deprimente e ridícula.

«Honra, pois, aos aviadores! Honra ao general sr. Bernardo de Faria e aos oficiais que o acompanharam! Todos se recusaram a servir de joguetes nas mãos de políticos. Todos mostraram que para eles a noção da disciplina nunca se pode separar da dignidade e da honra. Tão ilustres oficiais não podiam ter da disciplina e da dignidade a mesma ideia que qualquer simples cabo de esquadra...»

Os aviadores militares presos em São Julião da Barra, vendo-se, ao centro, Félix Correia

Tem 66 anos e está no «Diário de Lisboa» praticamente desde a sua fundação. Cronista saborosíssimo, foi assim que se iniciou no jornalismo: primeiro como colaborador de «O Liberal», em 1916, depois, já profissionalizado, na redacção de «A Monarquia», para onde entrou em Dezembro de 1917 a convite de António Sardinha, seu camarada nas fileiras do Integralismo Lusitano. Em Abril de 1922, á data da suspensão de «A Monarquia», era admitido no nosso jornal. Aqui festejámos, há tempos, as suas bodas de ouro de jornalista. Entre outras actividades profissionais, foi chefe de redacção do «Jornal do Comércio e das Colónias» e de «A Baliza» (único diário desportivo português até hoje publicado), director da revista «A Esfera», redactor em Portugal do diário «ABC» de Madrid, «La Nación», também de Madrid, e «A Noite», do Rio de Janeiro, representante da agência noticiosa espanhola «Plus Ultra», e por várias vezes director do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa e da sua Caixa de Previdência, além de membro da primeira direcção do S.N.I. Representou a Imprensa portuguesa no primeiro voo comercial Madrid - Lisboa (1925) e entrevistou em exclusivo o chanceler do Terceiro Reich e o comandante-chefe do exército nacionalista espanhol. Em 1927 foi o primeiro jornalista a ser condenado ao abrigo da Lei da Imprensa, recebendo a solidariedade da classe e sendo indultado ao fim de mês e meio de prisão no Limoeiro. Publicou «A Jornada de Monsanto» (Lisboa, 1919), «A voz do trabalho» (idem), «O pesadelo dos sobas» (idem), «A ultima quimera» (idem), «Sangue, mocidade, amor» (Lisboa, 1924), «Quem vem lá?» (Lisboa, 1940) e «A guerra vai acabar» (idem). É condecorado com a Cruz de Mérito da Águia Imperial Alemã.

Brito Pais, Sarmento de Beires e Manuel Gouveia chegaram a Macau, concluindo o seu heróico e acidentado voo — e foi um delírio! E, no primeiro dia de visita aos aviadores militares presos da Torre de São Julião da Barra, contaram-se por milhares as pessoas que foram lá.

Quando o nosso camarada Serra Ribeiro, repórter fotográfico, pediu para fazer um grupo dos presos, estes solicitaram a todos os presentes que se afastassem, querendo apenas que, no meio deles, eu ficasse para a posteridade, a exemplo do que acontecera durante o cerco da Amadora.

Parafraseando o grande poeta Afonso Lopes Vieira, atrevo-me a escrever:

— São estas e outras coisas que não se compram com contos de réis!...

Homem e Sociedade

POR ALBERTO FERREIRA

«NÃO O HOMEM, não o homem, ainda uma vez mais, não o homem, mas as sociedades humanas, os grupos organizados...», assim se exprime enfático, mas decidido, Lucien Febvre. Ainda tenho bem presente esta palavra de ordem dos historiadores que descobriram a vida social e do seu estudo concluíram que um homem isolado é uma abstracção sem sentido.

Para o historiador, sobretudo para o que se ocupa de história social, não há singularidade. Para o historiador a concessão possível vai até ao grupo mínimo, ao «nós», à família, aos grupos de pressão de menor extensão. Mas, assim mesmo, para os considerar em sociedade. Tal é a profissão de historiador, tal é a realidade humana do ponto de vista da sua vida social. Qual o ponto de intercepção possível entre o historiador e o humanista? Onde principia o especialista e onde começa o pensador? Haverá uma história que deixe o homem, enquanto homem, de parte? Quando educamos, educamos grupos organizados, ou educamos um homem? Tal o dado originário de que se não deve fugir, sob pena de ignorarmos a psicologia, de trairmos o homem em favor de uma abstracção.

Interessa-nos, indubitàvelmente, a estrutura social, a morfologia, a tipologia, tudo aquilo, enfim, que nos permita compreender o destino do homem ligado ao grupo, à sociedade, tudo quanto nos dê uma noção de como o homem agiu para ser homem e subsistir enquanto homem. Mas podemos cair no mais grave dos erros se ignorarmos que não há sociedade sem indivíduos dotados de sua singularidade e de seus direitos. Que não há história sem pessoas dentro, Camponeses, empregados, burgueses, operários, senhores feudais, são realidades sociais insofismáveis. Não há vida humana sem grupos humanos, não há progresso material sem relações humanas de produção, sem divisão de trabalho, sem intercâmbio de mercadorias e de ideias e sentimentos. Mas não haverá homem autêntico, responsável, vivo, senhor do seu próprio destino e condição, senhor do seu próprio pensar e agir, sem funda consciência de si. Saber-se um homem vivo, no pleno uso da sua dignidade e liberdade, plenamente livre para agir em conformidade com uma escala de valores, para um fim definido e consciente, não releva imediatamente do grupo onde se insere, no qual vive e para que vive, mas de si mesmo e da consciência do que pretende.

O homem assume, na plena consciência de si, a virtude suprema de compreender o mundo e o sentido da sua existência numa comunidade. Essa parte maior de si mesmo, em que ensaia o esforço da racionalização da realidade e da vida, em que procura determinar a forma de comportamento, da sua ideação e do seu mais profundo sentir reside substancialmente na sua consciência. Aí pode um ser humano atingir imperfeitamente o sentido do seu viver. A totalidade exige então que se junte à comunidade e com ela procure o rumo prático do seu fim como homem. Muitas vezes o destino e condição da comunidade exige o sacrifício da vida e da personalidade. Por uma nação, por um grupo social, por uma comunidade, em grupo ou só, nada do que o homem realiza terá sentido sem a funda consciência individual do que pretende. Não será homem o que abdica de si e se subordina a razões não averiguadas.

Evocação de Françoise Dorleac «estrela» que o fogo apagou

POR OLIVEIRA PINTO

Espanha, Itália, Bélgica, Alemanha Federal e Inglaterra.

«AS «ESTRELAS» são criaturas de lenda cuja vida se situa a meio caminho entre o sonho e a realidade». Escreveu, nos anos 30, Charlie Chaplin, a propósito de Greta Garbo.

— Filha de actores (meu pai foi um dos criadores de «Topaze», de Pagnol), nunca gostei da palavra «star», nem apreciei o género de personagens, nem o estilo de vida que tal condição supõe. Mas, Greta Garbo, confesso-o, foi, quase desde a minha meninice, o meu ídolo, a minha «star», a «estrela» a quem dedicava uma admiração profunda, declarou Françoise Dorleac.

E sublinhou:

— Quando a vi em «Rainha Cristina», depois em «Grande Hotel» e depois, ainda, em «Ninotchka» compreendi, em absoluto, no que consistia o papel de uma actriz, pois procedia de uma vocação eregida em profissão.

Existem dezenas e dezenas de artistas, de comediantes que surgem, que passam no «écran» — no «metier», como dizem — mas quantos nos convencem, nos fazem acreditar na personagem que encarnam, que vivem num espaço de tempo que não vai além de duas horas e que, apresentada como ficção, se transforma na mais forte das realidades?!... Greta Garbo não era assim.

(Françoise Dorleac morreu há quase um ano. Foi numa segunda-feira, 26 de Junho de 1967, ao fim da tarde. Eram 18 e 35. Foi à saída da auto-estrada Esterel-Côte d'Azur. Ela conduzia, a grande velocidade, um automóvel alugado. Ia atrasada, para o aeroporto de Nice, onde devia apanhar o avião para Paris. O piso estava molhado, escorregadio, pois chuviscara e, num cruzamento, ela não conseguiu dominar o veículo. Aquele foi embater num candeeiro de iluminação e, pouco depois, incendiou-se. Françoise lutou desesperada para abrir a porta e não o conseguiu. Uma única testemunha, o motorista Roger Giuliano, viu com horror e imobilizado, sem lhe poder acudir, o fim de Françoise Dorleac. As chamas punham termo a um dos mais belos destinos do cinema dos últimos anos; um destino que, muito provàvelmente, no fim do Verão passado tê-la-ia levado a deixar a Europa, chamada por Hollywood. A seu lado, flores queimadas).

«Y en vez de flores, versos y collares de perlas / te dió la Muerte rosas murchitas en un ramo»
FEDERICO 'GARCIA LORCA

*

Hoje, de Françoise Dorléac — 25 anos, 18 filmes, 9 papéis principais no cinema; duas criações da maior importância no palco — fala-se no passado e com saudade. Um estrondo, uma bola de fogo: o filme da sua vida terminava com uma imagem de tragédia.

● Evocação saudosa trazida por Polanski

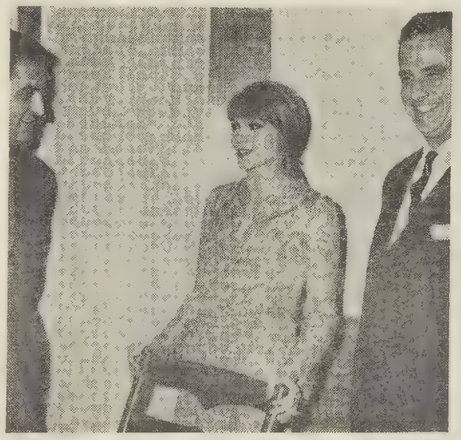
Polanski (Roman Polanski, polaco de nascimento, realizador e actor, talentoso e jovem) foi um dos seus directores.

Foi ele (ao rever, há dias, o seu filme «Por favor não me morda o pescoço») quem me fez evocar agora Françoise Dorléac. Polanski dirigira-a em «Cul-de-sac» («O beco», em Portugal), Talentosos e ambos de forte personalidade, venceram então os atritos inevitáveis que surgiram e terminaram o seu trabalho no filme, mùtuamente satisfeitos, alcançando assinalado triunfo. (Polanski confirmara-o em Berlim, onde o conheci, no Festival de Cinema de há dois anos, e onde «Cul-de-Sac» arrebatou o «Urso de Ouro» — o galardão maior; Françoise Dorléac repetia-mo, meses depois). Acrescentou então a actriz a propósito do êxito real:

— A popularidade mede-se pelo montante dos contratos que nos oferecem, mas o talento avalia-se pelos papéis que nos dão os realizadores de grande prestígio.

Assim era com Françoise Dorléac: a qualidade ditava as suas escolhas; não podia enganar-se nem quanto ao interesse de um argumento, nem sobre o valor de um realizador. Queria que os seus filmes fossem tão inteligentes, como sensíveis e, sobretudo, originais.

Com a cumplicidade de Philippe de Broca (outro realizador jovem, irreverente e com talento), ela e Jean-Paul Belmondo abriram com «O Homem



«Françoise Dorleac era, no cinema francês, a quinta-essência feminina da geração dos «anos negros» — as crianças do século, raparigas e rapazes nascidos durante a ocupação, de 1940 a 44», escreveu Yves Salgues

do Rio» um novo capítulo do cinema francês «modern'style»: o «suspense de charme», caracterizado pela irrupção da fantasia desenfreada na aventura policial.

Disse um dos mais virulentos críticos franceses que ela inventara uma maneira de representar, uma arte de expressão original: a inocência no terror.

Françoise Dorléac não corria atrás dos contratos.

E repetia, honesta, corajosa e humilde:

— Os cartazes metem-me medo, principalmente quando se trata de «placards» publicitários de formato gigante. Penso que as promessas do meu rosto todo iluminado, nas fachadas, não são mantidas lá dentro, no «écran».

Fazer uma carreira está á mão de uma multidão de actores, mas isso não basta. É preciso saber-se o que se quer, justificar uma permanência, para se atingir o êxito. E o êxito comporta uma escalada firme no caminho da perfeição.

— E o público? A multidão devora quem a vence...

— Sim, é verdade. Não há êxito, triunfo mais frágil do que o nosso. Não temos direito a circunstâncias atenuantes, é certo. Mas repare: dizem o público volúvel, infiel, inumano e nós é que o desiludimos, o enganamos. Não lhe devemos apenas respeito — a sua simpatia dá-nos trabalho —, devemos mais, devemos o direito à existência: foi ele quem nos criou.

Educada e simples, prestava sempre a maior atenção ao seu interlocutor. Coisa rara, sem duvida, ela escutava o que se dizia (o que, realmente, não é assim muito frequente na sua profissão...). Delicada, sensível, era muito nervosa — todas as mulheres o são, diz-se —, mas o seu nervosismo tinha algo de especial: era medo, medo de ficar abaixo das suas possibilidades, de não chegar á altura, á perfeição que determinara alcançar.

Muito tímida, os seus sentimentos eram tão simples que se servia de uma aparência sofisticada para esconder a sua simplicidade. Era a segunda das quatro filhas do casal Deneuve-Dorléac e mais velha 18 meses do que Catherine Deneuve, sua irmã, também actriz. Ela escolhera o apelido paterno, aquela o materno, para a carreira cinematográfica. Era profunda a amizade que as unia, bem fortes os laços que ligavam toda a família. Detestava as grandes reuniões mundanas. Tinha o amor dos livros e da música...

● Ser sempre a melhor

— Com a música não se precisa de mais nada. Para mim é a maior de todas as artes (há música nas árvores tocadas pelo vento, numa criança que nasce...). Adoro a música clássica que, tantas vezes, me faz chorar. E gosto de música de dança que me faz sentir drogada. Quantas vezes tenho saltado da cadeira e dançado sòzinha, em casa! Fico horas esquecidas a ouvir música.

— Há quem fale de certo antagonismo entre Françoise Dorléac e Catherine Deneuve...

— É falso, absolutamente falso. Une-nos uma amizade profunda, superior aos laços do sangue. E todos que nos conhecem sabem bem que assim é. Existe sim uma emulação benéfica e permanente: cada uma de nós deve ser sempre a melhor. Catherine é uma grande actriz, uma comediante de muito talento. Foi um prazer enorme trabalharmos juntas em «Les demoiselles de Rochefort».

«Pareciam duas colegiais em férias, quais Artemise e Arnégonda encantadoras», comentou em tempos Jacques Demy, o autor do filme.

«Todos as julgavam gémeas, as crianças da escola adoravam-nas e, durante dois meses, foram o alvo-jesus de Rochefort...»

Os começos da carreira de Françoise foram fulgurantes, saltando sem paragem a tarimba de «starlet» até ao pedestal das eleitas.

Mas nunca se deslumbrou e não esquecia a irmã, cujo arranque foi mais demorado. Assim, quando durante as filmagens de «Les portes claquent» (uma das suas primeiras películas) elogiavam a beleza de Françoise, ela logo exclamou:

— Eu?! Nada disso... Haviam de ver a minha irmã!

E o que é certo é que foram buscar Catherine.

— Françoise, não lhe parece paradoxal a sua admiração profunda por Greta Garbo — *the star* — a mais misteriosa das deusas de Hollywood. Como detesta o vedetismo...

— Assim é, realmente. Na verdade, nunca gostei de contos de fadas, da actriz divinizada. Questão de natureza e formação, sem duvida...

Françoise gostava de posar à Greta Garbo, o seu ídolo

Aliás, a partir de certa altura, nunca mais pensei nessa admiração sem limites. Mas mais tarde, surpreendi-me certa vez a pensar: deve ser maravilhoso ser-se a Garbo da nossa geração. Mas, repare: este pensamento seria motivado, sem duvida, sòmente pelo exemplo admirável de Greta Garbo profissional, entregando-se á sua arte-vocação. Quanto ao resto, aos outros aspectos, isso não.

● À maneira de James Dean

Françoise Dorleac ocupava um lugar á parte, no cinema de hoje, o lugar de uma comediante moderna de formação clássica, procurada quer pela «nouvelle vague» (Truffaut com «La peau douce» - «Angustia») e como pela «avant-garde» revolucionária (Polanski com «Cul-de-sac»).

O conjunto de elementos positivos que a acompanhavam — talento, cultura, entusiasmo e honestidade — fizeram de Françoise Dorleac uma comediante «incorruptível» e conduziram-na a um plano tão elevado e tão raro que não foi atingido senão por intérpretes excepcionais da raça de um James Dean. Como este, ela «saltou a barreira» nas vésperas do 26.º aniversário e com uma dezena de criações notáveis. Entrou assim numa confraria imortal: a daqueles «que fazem o sol brilhar no coração de milhares de desconhecidos, algures na escuridão silenciosa de um teatro ou de um cinema» (Jean Cocteau).

Conheci a sua morte, voando de Londres para Berlim, a caminho do Festival de Cinema, onde Françoise devia deslocar-se também, sensibilizada pelo êxito de «Cul-de-Sac» no ano anterior, em que não pudera comparecer. («Não posso faltar: sou a protagonista francesa de um filme inglês, realizado por um polaco e premiado na Alemanha...»). Na véspera, na tarde fatídica da «estrela» que o fogo apagou, assistira eu, na capital britânica, pela primeira vez, á exibição de «Les Demoiselles de Rochefort».

À mesma hora, no aeroporto de Nice, os altifalantes repetiam (ignorando a chamada da morte, momentos antes):

— Mademoiselle Dorléac, mademoiselle Dorléac, dernier appel...».

Tem 35 anos. Começou no «Diário de Lisboa», onde ingressou em Março de 1963 (anteriormente era já colaboradora). Esteve ausente de Fevereiro de 1965 a Abril de 1967. Tem colaborado noutras publicações da Imprensa nacional, espanhola, hispano-americana e brasileira. Na R. T. P., depois de vários trabalhos como redactor e realizador, é hoje chefe de serviço no sector da programação. Foi dirigente associativo e ciclista, praticante de desporto em Aveiro e Coimbra, delegado da «Via Latina» em Lisboa, redactor da revista «Rádio e Televisão» (1.ª fase), redactor desde o primeiro número da revista «Filme», um dos fundadores e produtor do programa «Diário do ar», assistente de realização de Fernando Lopes na curta-metragem «As palavras e os fios» e noutros trabalhos. Fez parte de juris internacionais em vários festivais de cinema. Visitou entre outros países, a

O Banco
Crédit Franco-Portugais
Lisboa — Porto — Matosinhos
e
Dependências Urbanas em Lisboa
AREEIRO
MARQUÊS DE POMBAL
RESTELO
Oferece aos seus depositantes além dos Serviços normais de um Banco
A EXPERIÊNCIA, A TÉCNICA
A SEGURANÇA
que lhe dá o apoio de um dos mais prestigiosos Bancos Mundiais
o
CRÉDIT LYONNAIS
Capital e Reservas 450 Milhões de Francos (2.600.000 contos)
Depósitos 24 Biliões de Francos (140.000.000 de contos)
1800 AGÊNCIAS — 21 BANCOS ASSOCIADOS

A. P. TEIXEIRA, LIMITADA
JOALHARIA — OURIVESARIA — RELOJOARIA
Rua Barros Queirós, 68 (Antiga Travessa de S. Domingos)
LISBOA — Telef. 86 14 54

Lisboa-Cascais em comboio aéreo roído de saudades do futuro

POR SILVA PINTO

Jornalista desde Agosto de 1961, fez a sua estreia na «Flama». Colaborou de seguida no «Diário de Moçambique», «A Voz Africana», e vários órgãos regionais, entrando para o «Diário de Lisboa» em Novembro de 1967. Visitou em missão de reportagem a Espanha, França e Itália.

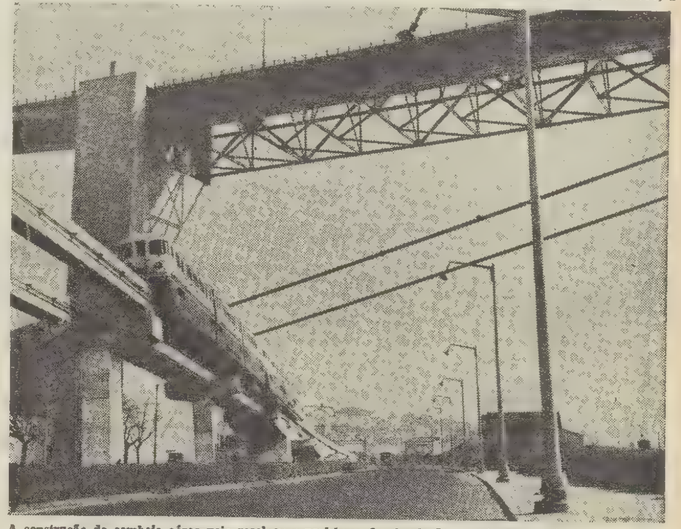
VAI LONGE o tempo em que sair de Lisboa para a linha de Cascais era como que uma aventura. Hoje, ainda nos primeiros anos do século XXI, é fácil e rápida esta viagem de quase trinta quilómetros que foi o tormento dos nossos pais, especialmente nos dias quentes de Verão. O comboio aéreo recentemente inaugurado veio resolver o problema dos transportes numa das nossas mais importantes estâncias turísticas, agora comparável em interesse (e com imensa vantagem no capítulo de belezas naturais) aos fascinantes desertos da Lua, de Vénus e de Marte, agora visitados por milhares de turistas endinheirados que se deixaram prender pelo gosto da aventura no espaço sideral.

O problema da marginal, que ainda há relativamente poucos anos se afigurava bicudo (como evitar as longas almofadas de veículos deslocando-se lentamente para Lisboa, no final de um dia de praia?) está agora solucionado: a instalação do comboio aéreo permitiu alargar consideràvelmente a marginal nos trocos em que a antiquada linha férrea seguia a seu lado; nos restantes pedaços, em que, á beira da estrada se encontrava o mar, construiram-se variantes que não destruiram a beleza das vivendas que orlavam a antiga e estreita pista de dezasseis metros de largura. E o comboio aéreo, a trezentos quilómetros horários, desliza silenciosamente, a vinte metros do solo.

A fisionomia da cidade alterou-se consideràvelmente, o que, aliás, aconteceu em todo o país. Quem tivesse conhecido Lisboa nos anos sessenta do século passado e aqui não houvesse voltado, ficaria agora de boca aberta diante da nova face desta cidade que já foi de sete colinas. O progresso chegou enfim, com todo o seu poder. Os saudosistas da Avenida da Liberdade que não chegava para as encomendas do trânsito constantemente avolumado e os amantes dos velhos bairros sem ar, de casas velhas e apodrecidas — onde viver não era viver — viram-se esmagados pelo inevitável. Houve uma transformação radical. Alcançámos, finalmente, o ritmo próprio do século em que vivemos. Nem sei bem como foi isto possível, mas é um facto.

Surpreendi-me com estes pensamentos ao tomar, um destes dias, o comboio aéreo que me levou a Cascais, onde fui, entre dois períodos de trabalho, apanhar um banho de sol. Subi para uma das carruagens e tomei o meu lugar, apertando o cinto de segurança. Pouco depois, o comboio pôs-se em marcha, quase completamente cheio. Saiu da grande gare iluminada pelo sol do fim da manhã e pôs-se a deslizar suavemente, sobre o muro de betão, ganhando rápidamente velocidade. A comodidade é extrema. A almofada de ar criada entre o carril de cimento e a parte inferior da carruagem, entre as «saias», não se altera, por maior que seja a velocidade. Sentimo-nos tal como se estivéssemos recostados num maple, em casa, vendo televisão panorâmica.

O comboio é movido por um turborreactor e, ao que dizem os especialistas, não há prática-



A construção do comboio aéreo veio resolver o problema da circulação na estrada marginal entre Lisboa e Cascais, agora consideràvelmente alargada, com uma faixa de rodagem em cada lado dos pilares de cimento sobre os quais as carruagens deslizam a 300 quilómetros horários. A foto, obtida em Junho de ano de 2014 (dois mil e catorze), no decorrer de uma reportagem cheia de «saudades do futuro» (com o poeta J. Gomes-Ferreira), mostra o comboio passando sob a ponte cor de tijolo do Tejo

mente limite de velocidade: a rapidez depende apenas do perfil do percurso e do seu comprimento. A estrutura das carruagens é semelhante á das carrinhas dos aviões do século XX. Por outro lado, a segurança é extrema, visto não haver pràticamente possibilidades de descarrilamento. O carril está assente em pilares que, em virtude de estarem as cargas totalmente repartidas, exercem no solo uma pressão inferior á do pé humano.

Ladeando os pilares de betão, segue a estrada de quatro pistas em cada sentido. Espreitando pela janela, vejo os automóveis correndo para cá e para lá.

(Recordo certo domingo de uma Primavera longínqua (talvez de 1968), em que demorei duas horas e meia desde o Estoril até Lisboa. O carrito que então me servia de transporte — que será feito dele, em que sucata estará transformado? — era obrigado a seguir em primeira, raramente recebendo uma segunda, devido ao engarrafamento que se gerara — o que, aliás, era habitual. Valeu aos meus nervos, na circunstância, a alegria contagiante de um casal de jovens ingleses que seguiam á minha frente num potente carro de desporto: de vez em quando, a rapariga saía do carro pelo tejadilho do descapotável e vinha até ao meu burrinho pedir-me cigarros, que estavam esgotados os mantimentos... Agradecia, desejando-me «good luck» e premiando-me com repetidos «thanks». E foi assim durante quase toda essa viagem...)

Lá em baixo, na estrada, os carros seguem a 120 ou a 140 quilómetros á hora, mas o comboio em que viajo marcha a 300. Quase não dou pelo percurso. Que é feito dos velhos eléctricos amarelos, que faziam carreiras até Algés e cruzavam toda a cidade? Em vez deles, há agora enormes autocarros articulados que completam o serviço eficiente do metropolitano, que passa as entranhas de Lisboa inteira. A velhíssima Ribeira foi substituída há muito por modernas instalações de higiene garantida onde negociantes compram e vendem o peixe chegado do mar em poderosos arrastões que mais parecem reluzentes máquinas, tantos são os apetrechos destinados a facilitar o trabalho humano. As antigas paredes cor do tijolo das fábricas da Rocha (quem se lembra delas?) deram lugar a instalações transparentes onde trabalhar é uma festa permanente. Mais adiante, passada a ponte sobre o Tejo, o Palácio de Belém, os Jerónimos e a Torre recordam o passado. Na doca seca, perfilam-se centenas de mastros de barcos de recreio. Por alturas de Caxias, passadas que foram Algés, o Dafundo e as matas do Estádio, o comboio desce e torna a subir: não há qualquer obstáculo ao movimento em troços inclinados, ao contrário do que sucedia com os comboios do século passado, incapazes de vencer uma subida de inclinação superior a 4 por cento. Em Santo Amaro e Cardavelos, passa-se sobre as ondas que vêm rebentar nas muralhas. E inesperadamente chego a Cascais, onde me espera um espectáculo colorido.

As ruas da antiga vila piscatória outrora quase exclusiva de reis destronados e de grandes magnates, são agora constantemente cruzadas por milhares de pessoas que se dirigem ás praias em busca do repouso breve ao sol. (Houve que estabelecer turnos para a permanência nas praias — tributo ao progresso... — mas quase todas as casas dispõem agora de solários, onde se está tão bem como na praia).

O mergulho e o banho de sol que vou tomar, a troco de uma nota pequena, constituem um prémio reconfortante, uma pausa do meu dia a dia vivido na grande cidade, agora bastante mais calmo do que em meados do século XX: vendi o carro. (Vi-me, enfim, livre de multas e de estacionamentos proibidos em toda a parte: quando quero deslocar-me ràpidamente a qualquer ponto da cidade, tenho o **metro** á minha disposição).

Para as grandes distâncias, vai ser inaugurada, em breve, a rede nacional de «deslizadores sónicos», que há um mês funciona em regime experimental, chegando já aos quatro cantos do País. Trata-se de comboios concebidos pelos japoneses. Estes «comboios» (as aspas justificam-se) deslizam sobre rodas colocadas em grandes pilares de cimento e sem qualquer continuidade. É como se o «comboio» planasse aos saltos de roda em roda, mas a tal velocidade que isso não se nota. Essas «carruagens» têm 220 metros de comprimento, capacidade para mil passageiros e são movidas por quatro motores.

A velocidade máxima é de 980 quilómetros horários (0,8 Mach). Deste modo, a distância entre Lisboa e o Porto é coberta em 19 minutos com paragem de três minutos em Coimbra. A rapidez é, como se vê, o emblema deste século.

Tudo isto sonhei eu uma destas noites, rolão, como o poeta, de saudades do futuro.

Morrer num dia de chuva

POR JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS

TINHA CHOVIDO toda a noite mas o sol de Janeiro rompia com certa brandura por entre os farrapos de nuvens, amaciando de luz a fiada de traseiras velhas que corria ao longo da rua da esquina. Traseiras velhas de casas velhas numa rua velha, sempre aquilo tinha sido assim desde que o major Fonseca ali se tinha instalado e se habituara a olhar daquela janela. E o quadro dava-lhe certa satisfação, sentia-se ele próprio, em si mesmo, a respirar o seu ar, mas aquilo estava mesmo a precisar de conserto. Andavam agora para aí uns saudosistas a dizer nos jornais que sim mas que também, que o pitoresco tem de se salvar, que é património, que tem encantos, que atrai os turistas, ele que lhes dava o pitoresco, se pudesse, era mandá-los a todos ir viver para ali ou pior, que não faltava, sem casa de banho, com umas gaiolas para a pia penduradas da cozinha por fora. Ele não ia fora disso, está bem, compreende-se que há interesse em salvar as coisas, guardá-las de uma para outras gerações, conservar aspectos vivos da vida, não transformar tudo em museus mortos, mas isso tudo tendo em conta que mora ali gente, que tem os mesmos direitos que nós, direito a viver, a respirar livremente, a ter o seu abrigo e o seu repouso, o seu conchego e os seus cómodos. Fossem lá meter uma coisa dessas na cabeça desses pataratas, que comem e bebem do melhor, não sabem o que são as desgraças dos outros, não sabem nem querem saber. E quantas pessoas moravam ali? Sabia lá! Só por ali acima, desde a esquina, por ali fora, só daquele lado do quarteirão, quê, uns dez prédios, velhíssimos, alguns terão sido bem razoáveis noutros tempos, mas mal conservados, uma pouca-vergonha, dez prédios de rés-do-chão mais três andares, esquerdo e direito, aquilo era coisa aí para oitenta famílias, pelo menos. Ainda o que lhes valia era aquele solzito que lhes batia todo o santo dia, de nascente a poente, mais aquele desafogo de quintais, espaços livres onde não tinham chegado a urbanização ou a cobiça dos empreiteiros, às vezes cresciam os montes de entulho e ferro-velho, mas agora, com a seiva da terra a desentranhar-se em ímpetos, a chuva tinha lavado tudo, e a erva verde e fofa crescia que era um gosto ver. E entrou os gatos, isso era o paraíso deles, às dúzias, até dos amarelos, de rabo no ar a farejar qualquer coisa despejada da vizinhança. Às dúzias, com certeza.

D. Maria Isabel veio pôr as torradas em cima da mesa, em que ela própria se esmerava, desde sempre; desde que tinham casado aquilo era da sua especialidade, não dava de mão a ninguém, e comia-as gulosamente, com o seu chazinho. Ele não, o major tomava a sua chávena de café, só por excepção lhe deitava um pouco de leite, com um pouco de pão, às vezes comia um palito do torrado, mas muito pouco, só o bastante para quebrar o jejum e acender o primeiro cigarro, que nunca se tinha habituado, mesmo quando era novo e andava sòzinho pelas guarnições da província, a dormir no quartel, nunca se tinha habituado a fumar antes de comer qualquer coisa.

— E o pequeno?

O pequeno era o filho, o médico.

— Então, filho, o Gustavo já saiu, hoje é dia de estar no hospital antes das oito.

Hum! Tinha dormido mal, barulho na escada toda a noite, não sabia se ela tinha ouvido. Pois tinha, desconfiava que o velhote, o porteiro... E aí fez uma reticência, hesitante em pronunciar a palavra irremediável. Mas de madrugada tinha ouvido chorar. Coitado. Pois foi. De modo que se deixou dormir, não sabia como foi aquilo, mas deixou-se dormir às horas a que se costumava levantar.

A Elvira, a criadita, veio trazer o jornal, bom-dia senhor major. Obrigado, que deixasse. O jornal era para depois, como de costume, com o cigarro. O cafèzinho saboreava-se sòzinho, por sinal que não era grande coisa, os cafés andam uma desgraça, não se sabe que máxórdia é que lhes fazem.

A mulher, D. Maria Isabel, que era um pisco a comer, deitava açúcar na sua segunda xícara. Era o que lhe sabia melhor, de que comia todo o dia, o seu chazinho da manhã. Tinha saudades era do pão lá da terra, aquilo sim, é outra coisa, sabe uma pessoa as farinhas com que é cozido, até dá gosto, come-se até sem vontade. Havia de pedir à comadre Purificação que quando viesse agora a Lisboa lhe trouxesse um pão de lá, nem que fosse para matar saudades.

— Mas sempre vêm agora?

Ela calculava que sim, era o que estava assente, não era? O Entrudo é na última semana do mês que vem, tinham dito que haviam de vir pelo Entrudo, não era? E vinham todos, os compadres e a pequena, a Tezinha, não era?

O major caiu em si. Não estava a ver aquilo muito claro, o rapaz não se estava a portar muito direito e isso ralava-o, estã visto que ralava, não se podia dizer que fosse um assunto só dos rapazes, era das famílias, pelo menos a si sempre lhe parecera e ele toda a sua vida tinha sabido muito bem o que são compromissos, não estava nada disposto a ter de ficar com cara de parvo fosse diante de quem fosse. Era o diabo, a coisa estava a cheirar-lhe a estouro e não lhe apetecia nada, mesmo nada.

D. Maria Isabel encolhia a cabeça pelos ombros dentro, num gesto de resignação. Por sua vontade, diria que não pensassem nisso, que deixassem lá os rapazes, como eles quisessem, para sim ou para não. Mas o marido podia lá ouvir uma coisa dessas, era um homem de levar todas as coisas a peito, que feitio! E calava-se, calava-se.

— Pode ser que não venham agora, deixa lá, não nos vamos a ralar antes de tempo... E, depois, também, não temos razão nenhuma para estar a apressar juízos, o Gustavo não é nenhum doidivanas, tem o sentido das responsabilidades, sempre se tem mostrado capaz de dar conta do seu recado, não temos razões de queixa, não é?

Pois era. Esperava que assim fosse. Mas parecia-lhe bem que as coisas lá estivessem esclarecidas, acabou o curso, tem a sua vida, está aqui está nos trinta anos, bom, nem ele é nenhuma criança nem aquilo é brincadeira de crianças.

Pegou no jornal e foi ler para o escritório, no seu ritual. Daí a instantes a mulher abriu a porta, brandamente. Afinal, era isso, o velhote porteiro, coitado...

Coitado. Havia de passar por lá, depois das lições, antes do almoço, havia de passar por lá.

Aquilo era de esperar, ele já andava, nos últimos tempos, que parecia uma alma penada. E tinha piorado, coitado. Era isso. De madrugada, as mulheres tinham chorado. De dor? Talvez de alívio. Havia muito tempo que elas esperavam aquela hora, aquela hora que havia de vir, cujos pormenores tanta vez tinham entrevisto, adivinhado, analisado, autopsiado friamente. Mas depois voltavam a si do sobressalto, porque ele lá andava, transparente como nuvem, a enrolar o seu cigarrinho de graça, à procura de uma nesga de sol que lhe fizesse palpitar no corpo uma sensação de vida, na sua luta por hábitos que lhe fizessem sentir a si mesmo que ainda cá andava por este mundo que tantas voltas viu dar.

Mas de madrugada as mulheres choraram e ele agora ali estava, quando o major do segundo andar desceu e espreitou para lá, para o cubículo, muito magro, a bolar no fato preto que se estendia na toalha branca do caixão, as mãos de cera segurando um ramalhete de flores vermelhas, o crânio donde crescia o bico do nariz, um bico à cabeça outro aos pés, das botifarras pontiagudas que cresciam da sombra, a tremelicar nos soluços de luz de vela que lhe acenderam numa devoção de ritual e que punha manchas amarelentas no negrume do entressolho que toda a vida servira de câmara-ardente à vida de uma família inteira.

O senhor Francisco estava ali ia em mais de cinquenta anos. Quando veio a República já ele era porteiro do prédio, no recanto quase ignorado da rua tranquila, com o chaiariz a deixar escorrer o seu murmúrio de água e a grande árvore a espreitar por cima do gradeamento, num verde vivo de festa, a desafiar as idades, a guardar fresoura à maneira que passavam os anos. E ele sempre ali, muito senhor de si e da sua autoridade, a institucionalizar-se na função, a robustecer as convicções da sua importância, a sentir-se capaz de desafiar o tempo como a árvore defronte, a sentir-se de pedra e cal como o prédio de que ele era a alma e a custódia.

— Senhor Francisco...

Todos o saudavam, em respeito à sua dignidade. Naquele esqueleto em pé que era nos últimos anos, de gravata e chapéu de feltro, alquebrado e cortês, adivinhava-se a sombra do que fora a sua estatura solene, talvez altivo na sua sobrecasaca de botões prateados, talvez até formalmente áspero na sua brandura afectuosa e respeitadora.

— Senhor Francisco...

Em meio século do seu pequeno império, sentado naquele trono da escada, com bufete de torcidos e tremidos e cadeiras pregueadas que uma noite a gatunagem levou, quantas coisas viu, a quantos inquilinos cumprimentou, de quantos episódios foi testemunha! Era outro tempo e eram outras gentes, paravam carruagens de parelha, as jovens casadoiras espreitavam para a rua por uma nesga de cortina discretamente arregaçada, havia o que ele, lá na sua, chamava «outro respeito», não era como agora, que todos à primeira vista se tratavam de tu como se tivessem andado na escola uns com os outros. Ná, agora havia muita coisa nunca vista, lá isso é verdade, havia máquinas e cómodos por tudo e por nada, mas ele não lhe parecia bem tanta facilidade, que a gente precisa de saber o trabalho que as coisas levam a arranjar. Ná, lá que as coisas não iam bem, lá isso não iam.

— Senhor Francisco...

Levantava-se então muito respeitador, a agradecer as saudações que lhe dirigiam, e a todos conhecia por nomes e dados familiares, a que somava sempre, no seu modo de identificação, quantos anos já levavam de convívio pelas vizinhanças

Agora ali estava, estendido no caixão, entre os prantos das comadres, a chama trémula do bico de vela e o odor pesado do recinto estreito, os fumos da chama, as flores que diziam um sinal de saudade, o corpo a fermentar nas irremediáveis operações da química.

Veio gente de todo o bairro, as mulheres embiocadas, murmurando lamentos e orações, a esprentar o morto, coitadinho, parece mesmo que está a dormir, num silêncio de circunstância, cada um a certificar-se do óbito e a bisbilhotar a carpideira. Passaram os vizinhos do prédio, cerimoniosos, a marcar de silêncio o espaço de uma palavra que se entendia sem se dizer. Veio o major Gaspar da Fonseca, de luvas e gabardina, a afagar os ombros da viúva, senhora Miquelina, quando ele foi morar lá para o prédio já eles lá estavam de porteiros.

— Oh, senhor Major, muito obrigada, o senhor major está a incomodar-se...

Ficou.

Por fim vieram os gatos-pingados, vestidos de negro e colarinhos sujos, a batucar ruídos secos que acordavam os vivos para a realidade derradeira e definitiva da morte ali presente. Os homens apressaram-se, executando os movimentos a uma indicação de olhos do capataz. Pegaram no caixão aos ombros e carregaram com ele para a carreta, com o mulherio a fungar. O major, perfilado, de chapéu na mão, já na rua, assistiu a toda a cerimónia. Era a sua obrigação. Estava ali para que o vissem bem, para que vissem que ele não é pessoa de faltar ao que deve, mesmo que se trate dos humildes, quer dizer, principalmente mesmo quando se trate dos humildes, era bom que se soubesse. E permaneceu ali, firme, em posição de sentido, até o pequeno cortejo com o corpo desaparecer na esquina.

Tinha começado a cair uma poeira de chuva, daquela de alfinetes, muito fina e muito fria, que se entranha nos fatos e que vai até aos ossos. O major pensou então que havia de ser uma porcaria muito grande um desgraçado ir para a cova num dia assim, a desfazer-se em lama. Por ele, não se lhe dava nada de ir para a terra, era a sua ideia, nada de jazigos, era a terra da verdade, mas preferia um dia de sol, isso preferia, sempre era mais limpo.

Vista aérea das instalações fabris de «AMONIACO PORTUGUES», S. A. R. L., em Estarreja, que já produziram mais de um milhão e cem mil toneladas de SULFATO DE AMÓNIO, satisfazendo assim não só as integrais necessidades da LAVOURA NACIONAL, mas também exportando a parte restante, cerca de cento e setenta e duas mil toneladas, para suprir a falta daquele adubo em Espanha, Inglaterra, Grécia, China, Chipre, Paquistão, Coreia, Vietnam, Líbano, Turquia, Zâmbia, Jordânia, Síria e Iraque.

Preferir SULFATO DE AMÓNIO do «AMONIACO PORTUGUÊS», S. A. R. L., é garantir boas colheitas

«AMONIACO PORTUGUES», S. A. R. L., dispõe de Serviços Agronómicos que realizam gratuitamente análises de terras que lhes sejam remetidas e prestam também os esclarecimentos que os Senhores lavradores necessitarem.

3 vezes 5 igual a 15

POR VÍTOR DIREITO

Três lustros de profissão — quinze anos, dos quais sete amarrados a uma secretária, a reger freguesia de difícil regência, dão um somatório amplo de pequenos (e grandes) incidentes que, de quando em vez, me encontro a recordar para mim mesmo. São três deles — um por cada lustro — que vou levar ao conhecimento dos leitores, em jeito de penitência, arrependido de não lhes ter dado publicidade na devida altura

1 — Viagem inaugural da carreira marítima para a América Central. O veiho «Serpa Pinto» ia gastar duas semanas a ligar Lisboa a La Guaira. A bordo seguiam algumas dezenas de emigrantes portugueses e espanhóis, estes embarcados em Vigo, além de meia dúzia de jornalistas.

Num mar de azeite, sob as ardências do sol tropical, a viagem cada dia se tornava mais monótona, apesar dos esforços prodigiosos do comandante e dos oficiais. A necessidade aguça o engenho e os meus vinte e poucos anos logo encontraram agradável passatempo: um pequeno grupo de *guapíssimas* espanholas que acompanhavam os pais na aventura de procurar na Venezuela a fortuna que se lhes negara na terra natal. Uma delas — eram umas três ou quatro —, mais dada a ilusões que a realidades, não se contentou em esperar pela terra da promissão e tentou tudo para encontrar platónica felicidade ali mesmo a bordo. Eu é que não estava pelos ajustes... e um dia, cansado de inventar mil e um estratagemas para me livrar da sua presença pegajosa, que algumas vezes me trouxe dissabores de vária ordem (já disse que as *guapíssimas* eram três ou quatro, não é verdade?) adoptei uma solução extrema: arranjei um «*bâton*» e marquei com ele o colarinho da camisa, os lábios e, até, os dentes. Naturalmente, como se nada fosse comigo, subi ao salão de festas no momento em que já lá estavam todos os seus habituais frequentadores. Sem hesitação, dirigi-me à amoruda espanholita que, ao ver em mim as marcas de uma infidelidade que ela jamais consentiria, olhou-me furibunda, abandonou o lugar e não voltou a aparecer nessa noite. Tive só o trabalho de descer de novo ao camarote, lavar a cara, mudar de camisa e voltar para cima, livre como um passarinho...

2 — Nova viagem por mar. O périplo de África, a bordo do «Vera Cruz», carregado de turistas que, todas as noites, entre muitas outras distracções, se sentavam *burguèsmente* para ver actuar um grupo de artistas de variedades contratado para animar a viagem. Lembro-me que, entre outros, iam o Carlos Ramos, o Toni de Matos, o Domingos Marques, a Maria Adelina e a Maria do Carmo. Ao chegarmos à Beira, o empresário de uma sala de espectaculos local entrou em contacto com os artistas e propôs-lhes uma actuação para o público da cidade. Tudo se encaminhou no melhor sentido. Faltava apenas quem apresentasse o espectáculo. Um deles, já não me recordo qual, veio com pezinhos de lã, evocou a boa camaradagem que nos unia e, pronto, lá fui eu servir de locutor.

Amàvelmente, todos elogiaram a minha *actuação*. O certo é que, a meio do espectáculo, o empresário veio pedir desculpa de não ter incluído o meu nome no cartaz, pensando certamente que essa inclusão o teria valorizado, pois se convencera de que eu, na metrópole, era locutor de nomeada. Dias depois, para corresponder ao meu gesto desinteressado, o simpático agrupamento artístico ofereceu-me uma bela carteira de pele de crocodilo que ainda hoje serve para recordar que talvez a rádio tenha perdido em mim um segundo Jorge Alves ou um novo Pedro Moutinho.

3 — Berlim Ocidental (paredes meias com Berlim Oriental). Tenho no aeroporto, à minha espera, para me servir de guia, um simpático jovem que dá pelo nome de Joaquim. Filho de mãe alemã e pai brasileiro nascera no Rio e havia dois anos que se encontrava na Alemanha a tirar um curso superior de Ciências Físico-Químicas.

Era domingo e o programa da minha visita, minuciosamente organizado, previa para essa noite uma ida à ópera. Pela tarde fora estabelecendo-se, fácil, uma boa amizade entre mim e o meu guia, que no seu jeito carioca de deixar a língua destravada me pôs ao corrente dos seus problemas pessoais. Entre eles avultava a falta de compreensão de uma jóvem alemã, a qual se recusava a aceitar que, por dever de ofício, Joaquim fosse comigo à ópera e não a acompanhasse, nessa noite, a um «party» juvenil. Tratei logo de o convencer que a sua companhia era, para mim, perfeitamente dispensável e aconselhei-o até a aproveitar o fim-de-tarde para, no escuro de uma sala de cinema, fazer as pazes com a sua «girl-friend». Aceitou a sugestão... Três horas depois, quando me preparava para deixar o hotel e ir ouvir Beethoven, vi com surpresa que Joaquim estava à minha espera. E justificou a sua atitude: «Você sabe, um homem é um homem. A *mintna* tem *c'aprender*. O macho é *qui* manda. Além disso eu gosto muito de ópera e acho que cada um deve fazer aquilo de que gosta».

Meu simpático Joaquim, agradeço-te teres-me dado coragem para alinhavar estas linhas. Sei de antemão que o leitor as condenará, mas acho que cada um deve fazer aquilo de que gosta — velho menos de quando em vez.

Começou, com dezasseis anos apenas, a colaborar no então semanário «O Norte Desportivo», ao mesmo tempo que fazia parte do quadro de redacção da revista «Espiral», editada pelos alunos do Colégio João de Deus, do Porto. Um ano depois de vir para Lisboa frequentar o curso de Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras, entrou para estagiário do «Diário de Lisboa» (em 1 de Novembro de 1952), onde após ter passado pelos escalões de repórter e redactor foi nomeado chefe de redacção em 1 de Outubro de 1961. Outras actividades ligadas à profissão: foi director de «TV Magazine», a primeira revista da especialidade editada no nosso país, e ainda correspondente de uma revista espanhola e redactor de uma agência noticiosa. Visitou em serviço a Espanha, França, Itália, Alemanha Ocidental e Oriental, Inglaterra, Venezuela, Cuba, Curaçao e todas as nossas Ilhas Adjacentes e as províncias ultramarinas de Ano Bom, Egipto, República da África do Sul, Quénia e antigo Congo Belga, além de Angola, Moçambique e Guiné. Tem 37 anos de idade.

A corrida do homem e o ritmo da informação

POR SÉRGIO RIBEIRO

HÁ UMAS SEMANAS falou-se muito de 1929. Como quem lembra um fantasma. Como quem recorda um espectro. A corrida ao ouro, a crise do dólar, sobretudo a sintomatologia de um sistema em erosão. O sistema de pagamentos internacionais, a estrutura monetária mundial, sofreu fortíssimo abalo. Que está longe de se ter resolvido. Que, de certo modo, se congelou. Panaceias concertadas, paliativos conferenciados. A impossibilidade de ir ao fundo do problema. Sequer de o encarar. Porque no cerne estão as relações entre homens. Porque...

(Mas esta é uma contribuição para um dia de festa. Façamos como que umas tréguas. Levantemos a taça... e escrevamos um pouco ao lado).

Veio muito à balla o ano de 1929. Não só nos espíritos. Também nas letras impressas. Fomos folhear sebentas já há muito estudadas. Deu-nos um enorme desejo de rever Chaplin e os (seus) «Tempos modernos». Aproveitámos «Bonnie e Clyde» com a satisfação de quem encontra o que procura. O cinema a contar-nos uma história. De homens. Do amor possível. D vida possível. Num dado contexto social. Homens, amor, vida, enraizados. Ali e então. Por volta de 1929.

Mas vivemos 1968. Num jornal. No «Diário de Lisboa». Com 40 anos em cima. Depois de 1929. E quisemos saber como teria sido. No «Diário de Lisboa». Em 1929. Quando ainda faltavam uns anitos para nascermos.

Foi naquela noite em que, pela primeira vez, **também** nos sentimos jornal. Procurámos (Souto, Letria e eu) em volumes encadernados. Tropeçando neste ou naquele número. Detendo-nos num «qualquer coisa» que faz sorrir quem topa reflexos do viver de há 40 anos. Com o insólito. Que será o que nós somos e fazemos, quando olhado daqui a 40 anos (ou bem menos).

E tivémos uma surpresa. Esperávamos primeiras páginas e parangonas. **O «crack» da Bolsa. Pânico em Nova Yorque. Despedimentos em massa. Os financeiros desfazem-se das suas acções ao primeiro preço. Corrida ao ouro.** Afinal...

Afinal, no jornal do dia 29 de Outubro de 1929 não encontrámos nada sobre o que se passara em Nova Yorque. No de 30, sim. Aí tínhamos notícias. Cinco linhas com o título «a crise financeira americana». **Nova Yorque, 30 — uma nova, importante, desordenada, baixa veio agravar a crise bolsista. Os grandes Bancos conseguiram, no fecho da Bolsa, travar o movimento. Foram vendidos 17 milhões de títulos, o que constitui um «record».** Na página 11, dedicada ao estrangeiro. Com o título genérico **o que vai lá por fora.**

O fundo dessa página, o fundo do estrangeiro no dia seguinte ao do **início da «grande depressão»**, de uma autêntica catástrofe, era: **Um crime — «Miss México» matou o marido com seis tiros de pistola.**

Nos dias seguintes, nada. (Morreu António José de Almeida, morreu José Relvas). Nos dias anteriores: mesma página 11, mesmo título, 12 linhas, notícias de Londres, de 25 de Outubro!

Como tudo mudou! Não o jornal. O mundo todo. Somos um bom bocado de mais gente mas muito mais perto uns dos outros. Agora sabemos que o destino de cada homem é jogado por cada homem.

O que vai lá por fora! Era um mundo compartimentado. Bem certo que o que aconteceu na Bolsa de Nova Yorque, em 29 de Outubro de 1929, se estendeu, em vagas, ao mundo todo. Como que abrindo portas, saltando muros.

Hoje o «telex» matraqueia-nos a última cotação da libra e alerta-nos com o nível que acabam de atingir as reservas de ouro no Forte Knox, Diz-nos que Gagarine acaba de morrer. E Bob Kennedy afirmou agora mesmo que.

«Telex» que amanhã será tão obsoleto como o telegrama o é hoje, ou a malaposta há quarenta anos. Daqui a quarenta (deve ser bem menos!), a selecção individual da informação, que já se projecta nos E. U. Ordenadores centrais com a memória, permanentemente alimentada, à disposição de quem os quiser consultar para informação. Que já começarão a trabalhar este ano, no campo dos relatórios técnicos, especializados. Teremos a informação individualizada? Ou virá breve a ter sentido completo a irmandade que já somos, e a característica marcante da informação será a de concretizar essa dimensão, por chegar a todos e ajudar à construção do destino comum?

Cultura e civilização

PELO PROF. JORGE DIAS

É TALVEZ uma prova de coragem abordar este tema num país latino. Embora seja em vastos sectores estrangeiros geralmente reconhecido que o conceito de cultura foi uma das maiores contribuições da Antropologia Cultural para as Ciências Sociais, o certo é que continua a reinar uma grande confusão entre estas duas expressões, não só entre nós, como entre outros povos latinos.

Contudo, vai em breve fazer um século que «Sir» Edward B. Tylor publicou um livro decisivo — «Primitive Cultures», 1871 —, onde dá uma definição de cultura que, com pequenas modificações e ajustamentos se manteve até nossos dias. Daí por diante, a pouco e pouco, o conceito de cultura tem-se difundido, a ponto de ter dado lugar à disciplina chamada Antropologia Cultural.

Em Espanha, Júlio Caro Baroja, já usa a palavra «cultura» na sua acepção antropológica e em França entre os etnólogos e paleotnólogos a expressão «cultura» é corrente. Porém, em outras ciências sociais ainda se nota uma certa relutância da parte de alguns autores em usar a expressão cultura, em sentido antropológico. Entre estes salienta-se Cuvillier que, ao traduzir para francês o Dicionário de Sociologia, de Emílio Willems, substitui cultura por civilização, deixando apenas a palavra «cultura» em português, entre parêntesis. O que é curioso é que este sociólogo francês, que mostra repugnância em abandonar a antiga expressão «civilização» em sentido de cultura, é obrigado a adoptar noutros trabalhos seus a expressão «aculturação», que parece fazer pouco sentido quando se ignora a expressão «cultura».

Hoje em dia, porém, são numerosos os autores franceses no campo das ciências sociais, tanto etnólogos como sociólogos e psicólogos sociais, que usam a expressão cultura em acepção moderna.

É preciso dizer-se que «cultura», em antropologia ou, de maneira geral, em ciências sociais, corresponde à «herança social de um grupo humano» ou ao «conjunto das suas tradições sociais». Pode mais explicitamente dizer-se que cultura, é a soma total de atitudes, ideias e comportamentos compartilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade, juntamente com os resultados materiais de tais comportamentos. É um conceito com valor instrumental, que abrange a soma total das criações humanas, e se tornou extremamente útil no domínio das ciências sociais, a ponto de se ir tornando corrente na linguagem do homem da rua.

Na Alemanha, «cultura» correspondia ao património espiritual, ou seja, a arte, a literatura, o pensamento filosófico, etc., que pelas suas características específicas, dentro da cultura, não apresentam feição cumulativa e são mais susceptíveis de caracterizar um grupo social. Enquanto «civilização» era considerada o conjunto das técnicas, das ciências e do equipamento material, de carácter cumulativo e susceptível de se difundir por vastas áreas, sem aparentemente alterar «a cultura».

O prof. Joaquim de Carvalho, que foi meu professor de Filosofia em Coimbra, aceitando este princípio, dizia que o indivíduo que sabia conduzir um automóvel sem ter a mínima ideia de mecânica e de motores de explosão correspondia ao civilizado, enquanto o homem que conhecia todos os princípios científicos que faziam com que um automóvel andasse, mas não o sabia pôr em andamento, nem guiar, era o homem culto.

Deve dizer-se que o Meyers Lexikon, de 1927, já define «cultura» no sentido tradicional e em sentido moderno.

Ainda antes da última Grande Guerra, era muito frequente qualquer alemão dizer, por exemplo, que os javaneses eram cultos e não civilizados, enquanto os americanos eram civilizados, mas não cultos.

Estes conceitos, embora ainda correntes entre certas classes, deixaram de se manter entre aqueles que foram iniciados nas ciências sociais. Apesar da língua alemã ter palavras próprias para designar Antropologia Cultural (Völkerkunde). o certo é que toda a terminologia moderna relacionada com «cultura», é normalmente empregada nas obras científicas.

Mas se «cultura» corresponde ao conjunto das tradições sociais de qualquer grupo humano, passado ou presente, simples ou complexo, parece que a palavra «civilização» seria desnecessária. Porém, civilização usa-se precisamente para designar determinadas culturas, que se caracterizam pela aglomeração de populações numerosas em cidades, pela divisão do trabalho com caracter des especialização, pela estratificação social, pelo conhecimento da escrita e das matemáticas, etc. Gordon Child e Rushton Coulborn, entre outros, defendem este ponto de vista, que se deve tomar com a maleabilidade própria de factos humanos complexos que, em certas circunstâncias podem não ocorrer todos simultâneamente, nem no mesmo grau de desenvolvimento. Contudo, os princípios gerais que nos servem para caracterizar uma «civilização», são estes. Alguns autores costumavam usar, por vezes, «alta cultura» ou «cultura superior» para designar aquilo a que nós, aqui, chamamos civilização.

Aparentemente tudo isto parece simples e aceitável, e até parece óbvio a muitos que se familiarizaram com as ciências sociais. Todavia, as dificuldades surgem quando entramos nos domínios de outras disciplinas, cuja terminologia é diferente. A geografia, por exemplo, usa a palavra civilização, umas vezes, como sinónimo de cultura, atrás definida, ou ainda com significado mais restrito. Uma obra de Leroi-Gourham, publicada numa colecção de geografia humana, dirigida por P. Deffontaines, intitula-se «La Civilisation du Rennes (1936). Pode parecer estranho a muitos o título. Na verdade, o autor quer simplesmente referir-se às culturas dos povos do Ártico que dependem deste animal para tudo, pois é a rena que lhes dá o sustento, o transporte, o agasalho, inspirando-lhes inclusivamente todas as actividades do espírito, no campo da arte, dos mitos e da religião. Porém, como Leroi-Gourham não é geógrafo, no texto usa a expressão cultura e não civilização.

Entre nós os geógrafos, usam «civilização» em acepções totalmente diferentes dos antropólogos. Basta mencionar um magnífico livro de Orlando Ribeiro, extremamente bem documentado e rico de ensinamentos, intitulado «Geografia e Civilização», cujo primeiro capítulo é «A Civilização do Granito no Norte de Portugal» e o segundo «A Civilização do Barro no Sul de Portugal».

Esta disparidade conceptual e terminológica não é evidentemente vantajosa, mas é a consequência da evolução de ciências relativamente novas. O tempo acabará por uniformizar o que até nossos dias ainda não foi possível, sobretudo no plano internacional, onde as tradições das escolas se processaram em épocas de pouco convívio, ou mesmo de grande isolamento em relação ao exterior. Porém, em nossos dias, há uma tal facilidade de contactos e são tão frequentes os encontros entre os cientistas das diversas escolas que dentro em breve será possível a uniformização da linguagem científica. Todavia, a diversidade não foi certamente um mal, antes pelo contrário, pois contribuiu para uma grande riqueza de perspectivas que permitiu o extraordinário enriquecimento da compreensão dos factos e situações culturais.

Vos para New York nos Boeing 707/320B da TAP, o mais moderno quadrimotor a jacto.
Vão consigo, no habitual conforto TAP o tradicional bom serviço de bordo e o ambiente português.
Já em New York, depois de uma agradável viagem, parta à descoberta dos ESTADOS UNIDOS.
Pessoal TAP especializado está a sua disposição em:

ATLANTA • BOSTON • CHICAGO • CLEVELAND • DALLAS • DETROIT • LOS ANGELES • MINNEAPOLIS • NEWARK • NEW YORK • PHILADELPHIA • SAN FRANCISCO • ST. LOUIS • SEATTLE • WASHINGTON

Consulte o seu agente de viagens e deixe a viagem ao nosso cuidado

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Jornalismo: Crónica da vida que passa

Fragmentos pretensamente adequados a uma evocação da ética jornalística

POR SILVA COSTA

INDEPENDENTE

«ENTRO NO ESTABELECIMENTO e digo o que pretendo: pormenores, números, «casos» da venda a prestações. O empregado, que me fala do outro lado da muralha de vidro, através de uns detestáveis orifícios que a sua voz não encontra, parece preocupado.

— Só o chefe — diz-me ele.

Vem o chefe:

— Compreende, há coisas confidenciais que não posso revelar sem autorização do gerente.

Três horas mais tarde, sento-me no sofá aveludado que o gerente me oferece, com um gesto largo da sua magnanimidade. Pela quarta vez no mesmo dia — seria o meu fadário numa longa semana — explico o meu propósito. O meu interlocutor é um homem visivelmente inteligente, e todavia procede de modo estranho: mostra-se surdamente desconfiado, pouco inclinado a revelações. Insisto. Prometo-lhe segredo absoluto sobre a origem dos informes. Objecta:

— Sabe, essa reportagem só nos prejudica, porque, segundo consta, o Governo está a «mexer nisso».

Não sabia, nem hoje sei, se o Governo efectivamente se preocupa com as vendas a prestações. Admito que sim, pareço-me lógico que se preocupe: oito em cada grupo de dez comerciantes lisboetas que interrogo dizem-me que oitenta por cento das suas vendas fazem-se pelo regime de pagamento fraccionado (...)».

O jornal deve ser independente — eis o princípio. Impende sobre ele a obrigação de difundir rápidamente uma informação correcta. Era um «serviço público», levantar naquele momento o problema das vendas a prestações e, em especial, o da sua regulamentação jurídica. Ia ferir interesses particulares, talvez em parte legítimos? Mas a obrigação do jornalista é essa mesmo: procurar a verdade acima de tudo. Publicando a reportagem, a descontento de certos magnatas, o jornal não foi cerajoso, nem quixotesco: cumpriu simplesmente a sua finalidade específica.

EXACTO

— O título mais atraente seria: «Anuladas as eleições no Vietnam do Sul».

— Mas esse título é incorrecto. O telegrama fala apenas da decisão de uma comissão da Assembleia Nacional do Vietnam, que provàvelmente não será adoptada pelo plenário. O título deve dizer isso; não pode ampliar a notícia.

— Do ponto de vista gráfico, é péssimo.

— Temos que sacrificar o grafismo à exactidão.

Mesmo no jornalismo reflectido, a necessidade de agir com rapidez é uma causa de banana: a precipitação pode trair o jornalista. O ideal de exactidão impõe que se conserve a cabeça fria, seja qual for a dimensão do acontecimento e o seu impacto nos jornalistas-que-são-homens-como-os-outros. Supõe também capacidade de autocrítica e, sobretudo, trabalho árduo. Nenhuma definição convém tanto a esta actividade como a que alguém aplicou ao género: o jornalismo «compõe-se de um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração».

IMPARCIAL

«— Vim para melhorar a vida.

— Mas lá, certamente, tinha uma casa ..

— Lá isso tinha. Mas a casa não dá de comer à gente e não tinha terras de onde tirar rendimento.

Esta é a reacção-tipo de mais de 60% dos chefes de família emigrados da província para a zona de subalojamento de Lisboa e da cintura citadina (...) Entre os imigrados mais recentes conta-se já, no entanto, um grupo numeroso que procede segundo mais rigorosos cálculos (...) Dois dados o definem: a indigência na origem e o conhecimento da acção assistencial desenvolvida junto da população subalojada.

— Cá tem-se mais recursos: há a sopinha, há os subsídios, temos médico...

— Aqui estamos mais descansados. Temos a sopa da Misericórdia e lá não tinhamos nada.

— Sempre dão roupinha aos nossos filhos...

— Aqui há muita gente das Conferências que ajuda os pobres...

Evitar a tendenciosidade e os preconceitos, dar a verdade como a observei e não como gostaria de pintá-la, mostrar os diversos ângulos de um facto social, mesmo sabendo que desse modo atenua o efeito da notícia nos leitores e, portanto, o ímpeto das soluções que talvez deseje apaixonadamente... Esta submissão do jornalista à ética da imparcialidade, que é um dos atributos essenciais do jornalismo, constitui talvez o mais pesado tributo que ele tem de pagar pelo exercício honrado da sua profissão. As circunstâncias podem até impeli-lo a ser imparcial pelo supremo sacrifício do silêncio — e nesse caso o silêncio é um intervalo cheio de significado.

INTERPRETATIVO

O jornal deve ajudar o leitor a formar a sua própria opinião, apresentando-lhe a matéria interpretativa despida de preconceitos. Mas, não isenta de uma consciência: «Talvez o que mais necessitamos seja reconhecer que as notícias não são simplesmente o registo de factos comprováveis e de opiniões atribuíveis, mas a crónica do mundo em que vivemos, fundida em valores morais» (Ashmore). Desde o princípio etimológico, informar e formar participam de uma idêntica natureza. Por isso, como disse Alceu Amoroso Lima, «o jornalista medíocre informa por informar; e autêntico jornalista informa para formar».

«Oito em cada grupo de comerciantes lisboetas que interrogo dizem-me que oitenta por cento das suas vendas fazem-se pelo regime de pagamento fraccionado...»

O Santo & a Senha

POR MÁRIO SACRAMENTO

MORREU À MÍNGUA o meu Colega. Chegaram a vê-lo comer peixe cru, na casinha desolada. Comovidos, alguns amigos — tão poucos! — fingiam consultá-lo, para lhe oferecerem uma camisa, peúgas, um agasalho.

Com os seus setenta e muitos, vira-se sem clínica e sem recursos, confinado à sua independência de homem. Fui por ele e disse-lhe: **O senhor trabalhou a vida inteira. Tem direito a uma reforma, a um subsídio na velhice. Deixe-me expor a quem de direito o seu caso.** Recusou. Doía-lhe que isso fosse considerado uma transigência, uma mendicância, uma apostasia.

Escrevi-lhe uma, duas, vinte vezes: **Está a cometer um erro. O subsídio é um direito. Use-o ...** Sempre um não categórico, que não me inibiu, todavia, de relatar a situação. Sim senhor, a mensalidade viria, mas era preciso que o interessado assinasse o pedido. Voltei por ele: **Faça-me isso, com todos os diabos! Não vê que estou a seu lado, contra o que pensarem os demais?** Não assinou: preferia morrer!

Subitamente, apareceu-me um dia, entrouxado no que já fora um sobretudo. Tirou dos bolsos em alforje uma caneta de aparo, um tinteiro de vidro e disse-me: **Assino, em nome da nossa amizade.**

Passou-se um mês. O vale chegou. Mas, antes que o levantasse, o meu Colega morria — e nem eu, sequer, soube do seu enterro, a tempo e horas.

MINISTÉRIO DAS CORPORAÇÕES E PREVIDÊNCIA SOCIAL

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DA MÃO-DE-OBRA
CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MONITORES

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE MONITORES

Está aberto nestes Serviços, a partir de hoje e até 20 de Abril concurso para preenchimento de 3 vagas de monitor.

Os monitores a admitir ocuparão-se de Formação Profissional, nas seguintes especialidades:

— CANALIZAÇÕES
— BATE-CHAPAS
— PINTURA INDUSTRIAL

Para serem admitidos ao concurso, deverão os candidatos ser «Operários Altamente Qualificados» nas respectivas especialidades, dando-se, todavia, preferência a diplomados pelas Escolas Industriais e possuir pelo menos 5 anos de prática industrial recente.

Para se efectuar uma conveniente e justa selecção, deverão os candidatos submeter-se a diversas provas e exames que terão lugar em Lisboa.

Os candidatos poderão ser classificados consoante as provas que prestarem, 1.ª, 2.ª e 3.ª classe a que correspondem, respectivamente os vencimentos de 4.800$00, 4.320$00 e 3.840$00.

Os transportes em comboio para Lisboa serão pagos. Pelos dias de prestação de provas receberão os interessados de 50$00 e 150$00 diários.

Para informação detalhada devem os interessados dirigir-se ao CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MONITORES — Rua de Xabregas, 52 em Lisboa.

CENTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE MONITORES, em 6 de Abril de 1968.

DIRECTOR
Eng.º António Corrêa de Aguiar

PINTORES INDUSTRIAIS

Operários altamente qualificados para o desempenho das funções de monitor. Vencimentos de 4.800$00, 4.320$00 e 3.840$00, consoante provas a prestar.

C. N. F. M. — Rua de Xabregas, 52 — Lisboa.

Prosa de embrulhar castanhas

POR JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

O SOL REGRESSOU, e o lagarto com alma que, ao sol, eu me sinto, lá se foi apanhá-lo para um dos (raros) parques da cidade, levando a filha pela mão. O sol, para mim, é sempre uma festa, é sempre uma mesa-redonda de clara camaradagem com a mãe natureza e de invencível esperança — a que não resisto sentar-me. Esperança tantas vezes triste, tantas vezes desesperada, mas que todos nós, mais ou menos, vamos tentando reconstituir e multiplicar neste ofício diário de existir verticalmente.

Uma filha pela mão, isso é toda uma outra história, é todo um outro mundo. Ou melhor: o mundo que nos liga aquela pequenina mão, a esperança renovada, a ternura visível. Passeamos, brincamos, ela na alegria de quem saiu da prisão de tantas assoalhadas, eu alegre pela sua alegria, mas preso entre as grades de ar, som, cheiro, horizontes, da cidade que me cerca, mais enraizada em mim esta saudade e esta ânsia dos campos verdes onde o olhar se perde, das matas e dos bosques onde a terra e a resina se fundem em nós, do mar e das praias onde a direito galopa o vento norte.

Passeamos, brincamos, ela — dois anos ainda por fazer — dizendo de todas as coisas belas os nomes que sabe: «*Agu*», «*menú*», «*flôs*».

A certa altura, lá ao longe adivinhou o fumo das castanhas e foi, súbito, uma explosão: «Qué catanha», «qué catanha»... E lá nos fomos a elas, ás «quentes e boas», com crescentes manifestações de alegria. A época das castanhas está a chegar ao fim, e o vendedor grisalho já acabara, certamente, a sua provisão de listas telefónicas. Daí o recurso ao papel de jornal. E, sendo de jornal, eu não podia resistir a dar uma vista de olhos O canto superior esquerdo estava já um pouco ratado e não se compreendia bem. Depois, percebia-se:

«*Foi em Granada. Mais de trinta anos correram. De muita morte e muito silêncio fizemos, jornalistas, nosso ofício, fizemos, poetas, nossos versos, fizemos, homens, nossa vida. Subterrâneo, porém, sempre um rio corre para a sua foz, subterrâneas, sempre as raízes de um povo explodem em flor e fruto. De muita luta e muita esperança fizemos, jornalistas, nosso ofício, fizemos, poetas, nossos versos, fizemos, homens, nossa vida.*»

Era minha, não havia dúvida, aquela prosa — prosa de embrulhar castanhas. Se fosse um qualquer «*eminente*» que assim visse as palavras por si escritas, havia de lamentar aqueles males necessários da sua «*eminência...*»; se fosse um literato dos que acordam e adormecem a calcular a eternidade da sua obra, sonhando-se já sentado nos sofás dos grandes deuses, havia de estremecer de terror ao deparar com aquela aparente morte chã, plebeia, pedaço de papel sujo que acabaria varrido para um caixote do lixo...

Eu, ao invés, fiquei muito contente. E pensei: que digno e bonito destino para a prosa de um pai, o de embrulhar as castanhas que a sua filha come! E fiquei, palavra que fiquei, muito contente.

Sim: eu gosto de ver a minha prosa, anónima as mais das vezes, andar pelas mãos calejadas dos que trabalharam todo o dia, e ao fim da tarde, ou á noite, no autocarro que os leva até casa, lêm aquilo que alguém escreveu também para eles, sobretudo para eles, e até para alguns que nem sequer o podem ler; eu gosto de ver a minha prosa, anónima as mais das vezes, ser depois recortada pelas crianças, que com ela fazem meninas e meninos de papel impresso, ou vestidos para as suas bonecas, eu gosto de ver a minha prosa, anónima as mais das vezes, caída por terra, confundida com as folhas que caem das árvores, com as quais compartilhará, depois, um destino misterioso de vassoura ou vento.

Prefiro este destino ao do volume encadernado, em carneira de luxo, com letras de ouro, a ornamentar as estantes ricas dos senhores. Prefiro este destino de nascer e morrer em cada dia — mas morrer de uma morte da qual alguma coisa ficou, da qual alguma coisa se prolongará no tempo, da qual tudo que era humano continuará imperceptivelmente vivo no coração de cada homem. Talvez um dia dessa morte material a prosa ressuscite num livro honrado; ou talvez não... Mas a sua morte e a sua vida continuarão a ser sensivelmente as mesmas.

E é também por isto, por este gosto, e por aquele amor ao sol, e á vida, e á verdade, e á gente, e ás coisas, e a dialogar com os outros, que se escolhe ser jornalista, se escolhe este ofício prosa de embrulhar castanhas.

Tem 27 anos e é, também, advogado. Começou como jornalista no «Diário de Lisboa» (Abril de 1966), de que era já colaborador. Visitou (em serviço) a França, a Itália e a Inglaterra. Dirigiu dois suplementos literários, e foi chefe de redacção a publicar, Colaboração da «Via Latina» e da «Vértice». Foi do Conselho Artístico e actor do T. E. U. C.; director do Clube de Cinema de Coimbra; presidente do Círculo de Estudos Literários e da Assembleia Geral da A. A., etc. Três livros de poesia publicados — «Canções para a Primavera» (1960), «Corpo de Esperança» (1964) e «Elegias» (1965) — e outros a publicar. Colaboração em jornais e revistas. Tem efectuado numerosos colóquios, assim como recitais de poesia.

CARTAS DO BRASIL

Variações a propósito da morte de um pistoleiro

POR CHIANCA DE GARCIA

NÃO SEI se já exibiram aí em Lisboa o filme *Bonnie and Clyde* risonha apoteose à fúria assassina de um casal onde taras mais ou menos freudianas pretendem encobrir o prazer de matar numa alegre pressão do dedo no gatilho: — *Bang, bang!*

Até aquele massacre de um bando rival caprichosamente premeditado por Al Capone na década de 20 foi servido agora com volúpia num outro filme onde balas esmigalhando rostos e crânios fazem delirar o público em espasmos de prazer. No país da *vendeta* o grande negócio são os falsos filmes do *Far-West* onde a ligeireza dos seus macabros pistoleiros caça os adversários, estratègicamente colocados no alto dos telhados para, ao cairem, terem como mortalha a estrumeira que os cavalos deixam nas portas dos *saloons*. O revólver brinca e rodopia entre os dedos ágeis dos assassinos. Quem não deseja ter um possante *Colt 38*? Talvez esteja certo acreditarmos que o símbolo da nossa época é apenas o revólver, como em épocas de que eu ainda me lembro tinham sido os sonhos humanitários...

A lição permanente das guerras do nosso tempo deu identidade às guerrinhas individuais. Hoje, neste novo mundo desamparado, há sempre ao alcance de qualquer ódio um barraco onde se lê, rabiscado a giz: *Pistoleiro, topa qualquer parada*. O freguês entra, discute, concorda, paga, e em breve uma rajada de balas encerra o assunto...

— Mas ser pistoleiro, compensa?

É claro há uma enorme variedade de pistoleiros. E vasto é também o número de armas homicidas. Pode-se matar até pela calúnia. Mas o revólver, ou o rifle, como aquele que matou John Kennedy, ainda são as armas preferidas. Diz-se que o crime não compensa. É falso. Acaba é não compensando o sicário que alugou a sua arma, pois não há exemplo de que o crime não recompense o mandante que pagou o dedo que disparou o gatilho. Eu disse dedo e não consciência. Pistoleiro não tem disso.

— O assassino profissional não tem remorsos?

Em Pilar, velha cidade alagoana, em casa de sua mãe Dona Cindinha, fiz, há meses, de maneira menos directa esta mesma pergunta a um dos pistoleiros mais notórios do Nordeste, o temido Zé Crispim, que, vim a saber agora pelos jornais, acabou por sua vez assassinado. Respondeu ele:

— Uaí, o senhor não foi pescar bagre na lagoa Manguaba? E depois ao comê-lo aqui em casa ensopadinho em leite de coco, teve remorsos de o ter pescado? Não. Então estamos quites.

E riu às gargalhadas. Devo dizer que comi os melhores guitutes regionais na pensão de Dona Cindinha, que era mãe do Zé Crispim. Na verdade o bagre ensopado em leite tinha sido um negócio muito sério. Mas em outras refeições regalei-me com ovas de curimã, e com uma gostosa feijoada nordestina com feijão mulatinho (no Nordeste não tem vez o feijão preto essencial na cozinha carioca), com carne seca, verduras e principalmente jerimum, que dá um gosto especialíssimo ao feijão. Uma madrugada, Zé Crispim convidou-me e fui com ele pescar o famoso siri de coral. Levámos para a pensão um cesto cheio.

Estranhei que Zé Crispim andasse ostensivamente pela cidadezinha. Nessa altura já lhe creditavam uma boa dúzia de mortes. Mas ele estava convencido, e aparentemente tinha razão, de que era intocável. Dizia-se o Anjo-da-Guarda (devia dizer o demónio) dos donos das terras, os famosos *coronéis* latifundiários outrora donos absolutos de vida e de morte nas povoações por eles dominadas. Hoje os coronéis já não mandam é certo como antigamente. O progresso, a abertura de rodovias, as comunicações mais fáceis, leis mais rígidas, cercearam-lhes o poder. Então refugiaram-se por detrás da nova trincheira por eles criada —, a dos pistoleiros de aluguer, que sabem por isso mesmo que têm as costas quentes. E pavoneiam-se gloriosos...

— Mas como encara o povo os pistoleiros?

— Aí é que está. Numa região onde a honra fala mais alto do que a lei, o povo aceita e admira o crime, mas desde que, se trate de vingança. Veja o senhor, disse-me Dona Cindinha, a mãe de Zé Crispim, numa linguagem que, por agora, traduzo num estilo quase jornalístico: — O povo, meu senhor, admira os valentes que fazem justiça por suas mãos. Aos dezassete anos, um meu sobrinho, o Natário, jurou que mataria todos os descendentes da família de Venâncio Serafim, que lhe assassinara o pai. Pois hoje, e já lá vão sete anos, só um dos treze membros da família do falecido Venâncio ainda continua vivo. E mesmo esse ainda o meu sobrinho há-de liquidar. É um criminoso, eu sei. Tudo porque não fez outra coisa a não ser seguir a lei do sertão. A lei da vingança. O que não acontece com o meu filho. A este, ao Zé Crispim, um dia, por isto ou por aquilo, ainda são capazes de *vendê-lo* à Polícia. Eu sei que na cidade todos o odeiam. E quer saber porquê? Porque o meu filho aluga a sua arma àqueles que são a razão de toda a nossa miséria...

Dona Cindinha, porém, não é assim tão miserável. Passei dois dias em Pilar, hospedado na pensão *Tomara que chôva*, de que ela é proprietária e excelente cozinheira, onde comem e dormem os *choferes de caminhão*, que cobertos de poeira dão agora à cidadezinha uma vida que antigamente não tinha, e de que ela soube tirar partido. Dona Cindinha ganha dinheiro. E como era gostoso ouvi-la falar aquele gostoso linguajar que, aí de mim, não consegui conservar nas palavras que, mais acima, fui obrigado a traduzir. No entanto, quero registar aqui algumas das suas expressões mais usuais, e que merecem, creio eu, o interesse dos pesquisadores da língua portuguesa no Brasil. Por exemplo, nunca a ouvi dizer: — estou cansada; sempre dizia: — *tou cança de trabaiá*. Certas palavras ela as usava em formas arcaicas: — *corente, fremosura, dixe, maitno, rezão, saluço*. A propósito de galinhas que brigavam no quintal: — «não passa uma *pola* outra, sem...» Usava o *non* por não, porque, como disse o padre António Vieira, «o *non* não tem direito nem avesso». Dizia *anojar-se* onde dizemos aborrecer-se. E como última lembrança do meu caderninho de viagem, — ouvia-a, durante dois dias repetir o que até então nunca escutara no Brasil, e que a mim, em Lisboa, sempre me foi familiar: — Vá você se *quizé, nanja* eu. Esse *nanja* eu o encontrei bem portuguesíssimo, e bem vivo nas lembranças da minha mocidade: — «Sair de Lisboa? nanja eu.» Pois é. Mas quem mandou foi o destino.

Mas foi agora ao ler num jornal a notícia da morte de Zé Crispim que estas recordações de um pistoleiro nordestino me vieram à memória. Adeus, Dona Cindinha. Adeus, Zé Crispim, adeus pistoleiro sem remorsos, cujo corpo ágil e vivo de quem lembro os olhos inquietos, eternamente vigilantes, por certo acabou servindo de pasto aos urubus no interior ressequido da cuatinga.

— Cadê o teu revólver, Zé Crispim?

Aventura em Abadã

POR URBANO TAVARES RODRIGUES

FOI HÁ MAIS de doze anos que fiz escala em Abadã e «espreitei» o sul da Pérsia, num estado de quase permanente excitação, em que passava, como se sofresse constantes choques eléctricos, do pasmo á revolta, á euforia estética, á maravilhada surpresa e de novo á indignação.

Era a minha grande oportunidade de viajante, a descoberta do Oriente, a minha tomada de consciência de mim e do Mundo, ao contacto com a dramática e, ao mesmo tempo, pitoresca (quão dramàticamente pitoresca!) subgente da Ásia imensa e resignada.

Até aí o que a palavra Pérsia evocava no meu espírito, sem falar na poesia de Omar Kayan, era a ideia vaga dos sátrapas, «os olhos e os ouvidos do rei», e esse nobre culto da verdade que desde menino me dispusera á simpatia pelo «Avesta» e pelo ensinamento de Zaratustra. Havia ainda a memória da ponte Cinval, do fogo sagrado, a alvura imaculada das roupas dos magos, as torres do silêncio onde aos abutres cumpria purificar os ossos...

Mas o Irão que eu acabava de encontrar era bem outro. **Poor people, very poor, but good people**, dizia-me o tenente Vahadi, da Armada persa, meu cicerone de acaso á volta das refinarias da Anglo-Iranian, no bazar, nas ruelas e falperras onde tisnados vagabundos coalhados de moscas e de crostas, turbantes desatados, fome e ódio a espreitarem pela fenda dos olhos, dormitavam encostados á lama seca dos muros... Passavam por nós, como sombras, as ondulosas, obliquas, mulheres enigmáticas, envoltas nos seus ténues véus azuis, palhetados de branco.

O Golfo Pérsico e o Médio Oriente representavam então reservas de petróleo avaliadas em 33 milhões de toneladas, ou seja 70 por cento das reservas mundiais. O Koweit era o primeiro produtor do Golfo, com 57 milhões de toneladas, contra 49 da Arábia Saudita e 35 do Irão. Em Abadã tinham já surgido os **blue- jeans**, ainda a par com os calotas e com os turbantes sarapintados; e o ar condicionado, autocarros iguais aos de Londres; os grandes automóveis americanos de rabo-de-peixe; mas persistiam, de Ahmad Abad á Praça de Amiri, os génios adúncos, os rostos roídos de lúpus e, sobretudo, na cidade antiga, as muralhas de um ocre devastado, por onde trepavam lagartos cor-de-rosa, e os cortejos de cegos, os monturos da miserável miséria oriental.

Em direcção ao porto de Korramshahr, no encontro do rio Karum com o Chatt-el-Arab, passei os olhos pelos lentos e mornos palmares; vi os búfalos tardos e fortes lavrando arrozais imensos; devassei habitações promíscuas de barro amassado. Sobre Abadã pairava sempre um tecto cinzento de nuvens e o cheiro da nafta invadia a cidade

Uma tarde, tendo-me separado, no formigueiro da Rua Pahlavi, do médico de bordo, rapaz inteligente e sempre bem humorado, com quem muito acamaradava e de quem guardo ainda hoje saudosa recordação, andei a vaguear descuidadamente á beira de pequenas lojas das mil e uma noites, que as chamas dos fogões avermelhavam: tropeçando nos esgotos e nos lavadouros abertos em plena rua, defendendo-me do abelo das prostitutas árabes, muito pintadas, e dos dedos peganhentos dos mendigos que, chocalhando as suas gamelas medievais, me puxavam pelas abas do casaco, a implorar esmola.

Quando o crepúsculo brusco e vermelho me surpreendeu, perdido numa rua de tijolo esborocado, a olhar para os «moxirabiés», para os hexágonos e para as estrelas fantasiosas dos portucos de argila entalhada, debalde busquei um taxi para regressar ao porto. Até que logrei evadir-me da fábrica de sombra daqueles becos, derrubando, na minha pressa, da porta de uma lojinha minuatural, uma caixa recamada de punhais incrustados e jóias cinzeladas, certamente falsas. Ouvi ainda nas minhas costas o esvozear típico dos mercados orientais, a que vinha já afeito desde Karachi, Bar-Hein e Beirute; e fiz parar um automóvel, tapando-lhe o caminho com o meu próprio corpo, de braços abertos. Mas seria mesmo um táxi? Ao lado do condutor, que tinha um rosto hirto e atlético, semelhante ao dos coronéis da revolução egípcia, vinha uma espécie de ajudante, mal engendrado, de ancha face torva.

Pedi-lhes em inglês que me conduzissem ao cais onde estava atracado o meu navio. O suposto motorista disse lacónicamente «**yes**» e arrancou, mas não tardei a dar-me conta de que aquele caminho velho bordado de acácias rubras da Arábia e muros amarelados pelo pó, nada tinha a ver com a minha rota de retorno ao barco; e percebi que estava sendo arrastado para alguma tenebrosa aventura. Quem me mandara meter-me assim inocentemente num carro desconhecido? Aliás, para que servia o segundo homem?!

Ainda tentei discutir, teimosamente legalista, o direito que me assistia, a mim, livre jornalista sem ódios, de ir para o meu destino. Mas parecia que de repente haviam esquecido toda e qualquer palavra da língua aborrecida do opressor económico. O desprezo, a raiva surda, a certeza de me sujeitarem eram de tal ordem que nem uma palavra me concediam. Que seriam? Terroristas? Provàvelmente ladrões de fraca envergadura que se contentariam com tirar-me o pouco dinheiro que levava na carteira. porventura as roupas, e me deixariam para ali no meio dalgum palmar anoitecido.

Em boa hora surgiram na estrada velha, por onde o carro agora saltava como numa gincana, covas tão fundas que o motorista teve de abrandar muito a velocidade. Abri então a porta. Voltou-se, rápido, o outro barbarrão até aí imóvel na minha frente e quis filar-me pelo pescoço. Mas bati-lhe cientificamente, a frio — dois socos bastaram para o atirar, creio que demasiado, contra o vidro do pára-brisas, que estoirou.

Nesse momento já eu rolava, indemne, pela encarniçada poeira da via.

Quando deitei a correr, em sentido contrário, disposto a seguir a corta-mato, fosse por onde fosse, se o carro voltasse atrás e me perseguisse, dei com o perfil dos depósitos de petróleo, com as chamas e com o fumo pardacento que havia de guiar-me para o cais.

Cheguei exausto e trôpego, não sei se uma, se duas horas depois. Uma vez refeito e escovado, concluí que simpatizava quase com os meus agressores ou que, pelo menos, podia compreender o seu rancor contra os turistas E nas crónicas que então escrevi do Médio Oriente nunca incluí este momento anedótico que houvera podido tornar-se aflitivo. Por uma espécie de pudor, ou má consciência, que sempre, quase sempre me impede de assacar culpas, ainda quando as tenham, aos desditosos da roda da fortuna. Contei o episódio apenas á família e a uma meia dúzia de amigos e, se hoje o torno público, é porque a esta distância de tempo se estabeleceu já entre mim e todas as figuras que trilharam esse meu viajeiro passado como que um elo de lenda poética que torna o próprio pânico em amor pelos outros, num dourado frémito de juventude.

Regresso

POR RENATO BOAVENTURA

Jornalista desde Janeiro de 1945. Tem 46 anos. Começou no «Jornal de Notícias», de cuja delegação em Lisboa é redactor. Trabalhou também em «A Tarde», «Diário Nacional», «Diário Ilustrado», «Flama» e «Jornal de Caça e Pesca». Esteve no «Diário de Lisboa» de Março a Outubro de 1961, regressando em Fevereiro de 1968. Fez parte dos corpos gerentes da Casa da Imprensa. É redactor da «Associated Press». Visitou em serviço a Inglaterra (duas vezes) e Marrocos.

FOI BOM voltar. Foi bom sentir de novo este velho e sempre atraente cheiro de tinta fresca derramada para informar alguém sedento de saber mais, sempre mais, ainda que pouco, ainda que apenas o possível.

Foi bom voltar. Foi bom vir, mas não de encontro ao passado, como quem estiola no cómodo ambiente da saudade em vez de viver intensamente os riscos do presente, em vez de inspirar a longos haustos os ares renovados do futuro. Já existem demasiados devotos do fado a suspirar pelo retrocesso do tempo, nesta nossa terra onde se é profundamente original, quiçá ousado, só por pensar e dizer que, para desespero dos passadistas, o tempo caminha para a frente de modo irreversível.

Foi bom voltar. Foi bom ver que este regresso constituiu afinal ponto de partida, integração numa companha cujo espírito é moço. As bocas estão cheias de sol, canções de protesto e risos alegres. Os olhos luzem irreverente curiosidade. Os gestos mimam, com bom humor, o que há de pomposo e falso em tantas atitudes revestidas do ouropel da respeitabilidade. As mãos afadigam-se — através dos teclados das máquinas ou do burilar das esferográficas no papel — em traduzir a verdade investigada pelas inteligências dela sedentas. Os braços abrem-se para quantos não venham com os corações a rebentar de intolerância. As opiniões emitem-se e ouvem-se. As críticas fazem-se como quem exerce um direito inalienável, que se reconhece pertencer a toda a gente.

Foi bom voltar. Foi bom concluir que ainda é possível encontrarmo-nos e reunirmo-nos a uma equipa de bípedes com fala, sentimentos e opiniões próprias e em que todas estas características contam e são aproveitadas para maior validade do trabalho do conjunto.

Foi bom voltar. Foi bom sentir corroborada uma verdade que tem resistido aos disfarces espessos impostos pelos sectores interesseiros — neste mundo ocidental em que vivemos, quando o capital-força não está ausente faz boa e frutífera aliança com a força do trabalho e as instituições prosperam. É que, assim, a entidade patronal convive, trabalha. E conviver é interar-se imediatamente dos problemas trazidos pela vida em conjunto. É compreender. É entender que só pela abdicação de muitas intransigências próprias se poderá construir o grande espírito comum da empresa, a grande força com poder bem maior do que a debilidade do homem só, por mais excelente, notável e infalível que este seja.

Foi bom voltar. Foi bom saber que, afinal, a intolerância não pode ser justificada como meio de cimentar tradições de tolerância. A franca e leal camaradagem e o verdadeiro respeito pelas opiniões alheias não são causas de intolerância.

Foi bom voltar. Foi bom rever em todas as caras o reflexo das palavras não ditas, por ser clara a consciência do ilogismo de isolar gente para se manter a transigência.

Foi bom voltar. Foi bom saber que se regressou a um mundo real onde conservar é precisamente o contrário de banir.

Foi bom voltar para aprender uma vez mais, que uma instituição antiga pode surgir inteiramente remoçada (ou até atingir, pela primeira vez, ideais outrora apregoados por um lado mas repimidos por outro), se for novo o espírito dos homens que a compõem e se os deixarem manifestar-se em plena liberdade criadora.

Foi bom voltar. Foi bom concluir que a Primavera sempre volta, até para aqueles que não acreditam nela, até para aqueles que parece pretenderem evitar a sua eterna reflorescência.

MUNDET
Lisboa — Seixal — Montijo — London — New York
CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL VERTICAL
TODOS OS PRODUTOS DE CORTIÇA
REDE COMERCIAL MUNDIAL
SEIXAL (distrito de Setúbal) Telefone 2218565
Telegramas/Telex n.º 603 SEIXAL Portugal

MADEIRA & MARQUES, LDA.
LUANDA (Sede): Rua Salvador Correia
SUCURSAL: SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, CABINDA
Endereço telegráfico: MADMAR
EXPORTADORES DE: HUILE DE PALMER, COCONOTE, SESAME, RICIN, CAUTCHOUC, CAFÉ, CACAU, SISAL, RAPHIA, CUIRS BRUTS
Rua da Madalena, 91, 1.º, esq. Endereço telegráfico: DEIRAQUES
Telefones 36 97 87 - 3 54 22 — LISBOA

«Requiem» por 150 pescadores

POR MANUEL DE AZEVEDO

Tem 51 anos. Começou como jornalista na delegação portuense de «O Século», em Fevereiro de 1942, passando depois para a redacção de «O Primeiro de Janeiro». No «Diário de Lisboa» desde Outubro de 1961. Fundador e director do Cineclube do Porto, da Federação Internacional dos Cineclubes e da respectiva federação portuguesa. Também um dos fundadores da revista «Sol Nascente». Foi, por várias vezes, director da Casa dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Crítico cinematográfico, publicou uma série de obras da especialidade, a primeira das quais, «O cinema em marcha», datada de 1941. Dirigiu os «Cadernos Azuis» e colaborou na «Seara Nova», «Vértice» e «Mundo Literário». Visitou a Espanha, França, Inglaterra, Alemanha Ocidental e Brasil.

UM AMIGO meu, residente em Leça da Palmeira, insistiu várias vezes comigo: «Vai ver o cemitério de Matosinhos. Vai ver os epitáfios, as frases, as flores, os retratos das campas dos pescadores que morreram no naufrágio de 1947. Dá uma reportagem extraordinária». Nunca fui. Nunca tive coragem. E, contudo, bem gostaria de dar a minha contribuição para que esses heróis, gigantes ignorados, tivessem o seu lugar de honra, na «História Trágico-Marítima» deste país à beira-mar plantado e na memória dos homens de fraca memória. A tragédia foi há vinte anos...

● As armas e os barões assinalados

Em criança, costumava passar um mês de praia com a família, em Matosinhos. Ficávamos na casa de uma parente, que tinha por vizinhos do lado mestres de traineira. A caminho da praia ficava sempre pasmado a ver os armazéns onde carregavam, descarregavam ou consertavam redes. Os meus olhos infantis fixaram para sempre aqueles homens espadaúdos, de camisas aos quadrados, botas de borracha de cano alto, boné na cabeça e baú de folha na mão, a caminho do cais. E cachimbo. Ia jurar que todos fumavam cachimbo.

A noite, quando íamos ao cinema, ver o Tom Mix ou o Douglas Fairbanks, ouvia-os no escuro, da geral, avisar o «artista» dos perigos que o esperavam ou incitá-lo na luta com os inimigos que sempre acabava por vencer.

E quando havia boas sardinhas a dona da casa dizia que tinham sido oferecidas pelo vizinho do lado (umas vezes o da esquerda, outras vezes o da direita). Talvez por isso tenha ficado para sempre amigo daqueles gigantes de boné e camisa de xadrez.

● Que da Ocidental praia Lusitana

Gostava de ir para o cais ver sair e entrar as traineiras, com a admiração e o espanto de quem hoje segue um vôo especial. Passava tardes inteiras a ver as gaivotas, os pescadores alinhados segurando pacientemente a cana, os guindastes subindo e descendo os baldes de carvão.

Mas quando uma traineira se preparava para sair, lá a correr até ao fim do molhe, para a ver passar ali em baixo, sulcando as ondas a caminho do mar largo.

● Por mares nunca de antes navegados

Nasci na serra, com medo instintivo da água. Nos mares da Póvoa e de Matosinhos tive a primeira noção da grandeza do Mundo. Ali patinhei, ali perdi o medo às ondas e aprendi a nadar.

Nas areias finas e por vezes sujas da praia de Matosinhos, fiz castelos e esculturas. E vi os primeiros afogados.

Naquelas águas tranquilas dei os primeiros passeios de barco pelo Atlântico. Naquelas águas revoltas senti o gosto amargo do enjôo e na cava das ondas alterosas tive a imagem da morte.

E por ali fui assistindo, então e depois, a naufrágios, encalhes, desgraças.

Os ventos eram tais, que não
[puderam
Mostrar mais força de ímpeto
[cruel
.....
Nos altíssimos mares que
[cresceram,
A pequena grandeza de um
[batel

CAMÕES

● Tragédia em 5 tempos

1 — Na manhã de 2 de Dezembro de 1947 — já lá vão vinte anos — parou um carro do jornal à minha porta, com um recado do chefe da redacção: era preciso ir para Matosinhos, onde havia grande temporal, receando-se que uma traineira tivesse naufragado. Levantei-me ainda sonolento e segui para Leça, direito á Capitania. Ali, no meio da natural confusão, apercebi-me da verdadeira grandeza da tragédia. Durante a madrugada, um grupo de traineiras que se encontrava ao largo fora apanhado pelo temporal. Todas procuraram refugiar-se em Leixões. Quatro, porém, haviam sido desfeitas pelas ondas e era quase certo terem morrido todos os tripulantes.

Fiz rápidamente as contas: trinta e tal tripulantes por traineira, 150 mortos!

2 — Senti-me esmagado. 150 mortos e eu ali sòzinho, naquele velho castelo de Leça. Como ajuda e conforto, apenas um automóvel do jornal e um motorista, que só sabia perguntar: «Agora para onde vamos?».

Ainda fiz um telefonema, a pedir auxílio. Também me sentia afogado naquela desgraça. Mas não surtiu qualquer efeito. Para já tinha de agir sòzinho. E comecei a ronda pelas empresas de pesca, a tentar organizar a lista dos tripulantes, a tentar conseguir as cédulas, a pedir, ao menos, um retrato.

Mulheres de negro soluçando com órfãos ao colo, gente a correr, gritos, desespero, informações contraditórias: «Fulano não, parece que não embarcou. Deu homem por ele».

Naquela peregrinação dramática não me lembro de ter visto a réplica da imagem de menino daqueles pescadores espadaúdos, de camisas de xadrez, botas altas de borracha, cachimbo, boné e baú na mão, a caminho do cais.

Os meus amigos pescadores tinham ficado todos em meias-águas, olhando de perto, com os olhos esbugalhados, os cardumes que não puderam colher nas redes pintadas de castanho, cheias de rodelas de cortiça.

3 — Já passava do meio-dia quando encontrei um bom e velho companheiro de outro jornal. Amparámo-nos um ao outro, dividimos algumas tarefas, combinámos reunirmo-nos de novo, mais tarde, num restaurante. Almoçamos à hora da merenda. Mastigávamos a comida e os elementos escassos conseguidos: completáramos as identidades dos pescadores desaparecidos, mais este pormenor e mais aquele, e, ao todo, umas 30 fotografias.

4 — Já no jornal, com a participação de mais dois colegas, a peça foi crescendo, pela noite fora. Umas entrevistas com três ou quatro sobreviventes atirados para a praia por um golpe de sorte; uma entrada escrita com o tom adequado, por um especialista treinado nestas prosas de circunstância e ainda mais umas 50 fotografias de desaparecidos, conseguidas á última hora por um terceiro colega tu cá tu lá com a Casa dos Pescadores, deram dimensão e clima à notícia.

Ficámos todos até sair o jornal da máquina, já quase dia. Parecia um cemitério!

5 — Nos jornais da época lá estão esses dados, essas notas dramáticas que eu e outros colegas meus escrevemos, angustiados, cilindrados e impotentes para dominarmos tão terrível tormenta.

E hoje, vinte anos depois, evocando esse acontecimento, limito-me a chorar de novo esses 150 pescadores meus amigos, de que não sei os nomes, de que não tenho uma imagem viva. Sei só que eles são os mais autênticos heróis da «História Trágico-Marítima» dos nossos dias!

E aqueles que por obras va-
[lerosas
Se vão da lei da morte liber-
[tando
Cantando espalharei por to-
[da a parte
Se a tanto me ajudar enge-
[nho e arte.

● Ia jurar

Anos depois, um amigo meu disse-me várias vezes:

— Vai ao cemitério de Matosinhos. As legendas, os versos e os retratos das campas dos pescadores mortos no grande naufrágio de 1947 dão uma reportagem excepcional.

Nunca se me ofereceu ocasião. Ou melhor: nunca tive coragem. Nunca fui. Continuei, porém a comer peixe, com particular preferência pela sardinha.

Dessa horrível traição aos meus amigos pescadores de Matosinhos quero pedir perdão. E quero dizer-lhes que, se fosse um Camões, não seriam «as armas e os barões» e «as memórias gloriosas daqueles reis» que eu cantaria.

Mas sim esses homens espadaúdos, de espinha direita e alma grande, que vão ao mar, com todos os riscos, para nos trazer o peixe que comemos. Esses homens de camisa aos quadrados coloridos e que fumam cachimbo.

Ia jurar que, pelo menos no meu tempo de criança, todos os pescadores de traineira usavam cachimbo.

De mão fraterna estendida

POR JOEL SERRÃO

QUANTA VEZ, na acção docente, o prémio do esforço, da boa vontade, e até da inovação, se traduz pela amarga experiência da frustração! Pão nosso de cada dia, é na consciência mais ou menos clara, mais ou menos funda, de tais insucessos que se cavam os grandes abismos na comunidade escolar: «ah, antigamente, quando eu era estudante ...» «atirar pérolas a porcos», etc., etc. Então, em boa verdade, já nada resta a fazer, de válido senão um atento e severo exame de consciência, antes de voltar à faina. Pois não é verdade que o sobressalto emotivo do professor denotará, quase sempre, o tácito reconhecimento de que se foi apanhado em falso, de que algo não está certo, de que, em suma, se não tem razão? Claro que há, nessas emergências, o recurso demasiado fácil aos galões, à autoridade, à disciplina da coacção. Mas deve, ou pode, o aprendiz de filosofia ceder aos maviosos cantos da sereia da facilidade?

Um dia destes, aliás num momento de entusiasmo filosofante, comparávamos os pontos de vista de Kant e de Russell acerca do conceito da verdade, quando — oh inesperado duche escocês — surpreendemos num dos mais inteligentes daqueles que nos ouviam um sorriso que, apesar de discreto, não lograva acultar a juvenil malícia que o nimbava. Tornava-se, assim, por demais claro que o adolescente paírava, nesse momento, bem longe das subtilezas kantianas e, por consequência, tínhamos perdido, sem remédio, o nosso latim.

Interrogámo-lo, aliás com a benevolência possível. O rapaz, muito dado às ciências positivas, e como que predisposto à desconfiança ante os voos filosofantes, também se não agastou, e disse das suas razões, com modéstia e lhaneza. E ficámos a conversar, ante a classe, procurando encontrar as razões da frustração que e tornara mútua.

Ter-se-ia o jovem enriquecido, de algum modo, com o diálogo travado? Teria? Quanto a nós, mais uma vez se clarificaram muitas dúvidas e algumas certezas decorrentes da diuturna prática do ensino da Filosofia.

Ensino da Filosofia ... Não foi isso a que nos acorrentou, agora, a força de expressão? Com efeito, na ensinança do que não é ensinável radica a primeira perplexidade do aprendiz de Filosofia. A verdade é que muito pouco se pode ensinar ou é ensinável: a experiência individual não é transmissível e o abismo que assim se cava, entre o docente e o discente, só pode colmatar-se pela promoção de experiências afins ou virtualmente afins.

Quer isto insinuar que se o ensino da Filosofia, como tal, é inviável, só a postura indagadora, a atitude de filosofar poderá revestir-se de algum préstimo. Para isso, porém, não bastará que o professor assuma, com a autenticidade possível, a atitude da busca do que não sabe, explicitando, de caminho, as condições do saber. No convívio com os jovens, o filosofar só principiará de facto, quando eles partirem em busca de soluções para os *seus* problemas; quando sentirem, de dentro, a necessidade de equação do problema ou da perplexidade que os mobiliza. Sem esta última condição, o melhor que pode acontecer é que o mestre se transforme em actor e proporcione espectáculos que, se podem ser, por vezes, agradáveis ou prestigiantes, podem também deslizar para o ridículo. Só na comunidade do trabalho mental, deixará de ser *espectáculo* o filosofar de outrem.

Ora, como promover nos jovens a postura de aprendizes de filósofos, sem o que não haverá, como é evidente, qualquer sombra de efectivo enriquecimento da pessoa do discente?

Será o meio mais adequado cruzar os braços, e falar, falar, falar, indiferente a tudo o mais? ou a atitude idónea é a de estender uma mão fraterna, não como novo espectáculo, mas como início de uma busca comum da prática da fraternidade?

E quem diz fraternidade, dirá também emancipação da pessoa, fim primeiro e último de toda a faina educativa, nessa delicadíssima tarefa de ajudar a afeiçoar virtualidades, latências de altura, sonhos e projectos de hombridade. De certo, de certo.

A verdade, porém, é que a nossa perplexidade foi crescendo, ao longo destas linhas, em vez do desconsolo da frustração tomar outros desejáveis rumos.

Aquele sorriso discreto e malicioso ...

Pois bem: não estaria tudo certo, ou mais certo, ou na via de se tornar certo, se não tarefa de ensinar os jovens a filosofar, coubesse ao orientador do trabalho comum o ensejo de tal sorriso? Mas para isso seria necessário que ocorresse uma mutação fundamental: que o mestre passasse de actor mais ou menos frustrado a companheiro de trabalho — de mão fraterna estendida.

Reportagem da reportagem

POR EDGAR DE CARVALHO

Tem 43 anos e começou no «Jornal de Notícias» em Janeiro de 1944, depois de colaborar já em «O Norte Desportivo», apenas com 17 anos. Ainda no Porto fundou e foi redactor principal de «O Salgueiros», e trabalhou em «A Tarde». Radicou-se finalmente na capital, entrando para o «Diário de Lisboa» em Novembro de 1961. Menos de seis anos depois (Agosto de 1967) foi nomeado subchefe de Redacção. Outras actividades: assinou contos em «A Tarde» e foi correspondente da revista espanhola «Turismo y Automobilismo». É chefe de redacção da revista «Casa e Decoração». Visitou em reportagem a Espanha, França, Itália, Alemanha Federal, Austria, Bélgica, Holanda, Suíça, Inglaterra, Egipto, Quénia e antigo Congo Belga.

— Ah! É você? Desculpe telefonar-lhe a estas horas. Tenha paciência.

— Não faz mal.

— Olhe! Houve um naufrágio nos mares de Aveiro. Pouco se sabe, mas parece que morreram quarenta pescadores.

— ...Tenha paciência. Vista-se e veja se apanha o «correio» da noite. Chega lá de madrugada, a bom tempo de tratar do assunto. Se conseguisse enviar um rolo pelo «foguete» da manhã era óptimo. Estamos sem fotógrafo para poder mandar.

— Sigo já.

Santa Apolónia. Um luar metálico caía do céu de Lisboa. Temporal? Naufrágio? Tudo parecia distante do meu espírito ainda meio adormecido. Outros passageiros ainda com olhos de sono. Luz amarela e penumbra nas carruagens. E as estações foram desfilando. Uma boa soneca vinha mesmo a calhar. Mas os quarenta homens afogados começavam a formar-se em imagens esfumadas dentro de mim. Olhos fechados, o pensamento a despertar para mais uma jornada de emoção, barulho monótono das rodas sobre metal. Um quadro da tragédia a tomar, pouco a pouco, conta de todo o meu ser. Os sentidos a despertarem na perspectiva de uma reportagem a lançar já tentáculos absorventes à sensibilidade do repórter. Um areal, talvez; uma traineira despedaçada, talvez; corpos batidos no vaivém das vagas, talvez; um drama que se repete, certamente; dificuldades para saber como e onde se deu o naufrágio, com toda a certeza; uma manhã extenuante para saber pormenores, identidades, tão certo como ter fumado um maço de cigarros em pouco mais de duas horas de viagem. O tempo foi rolando e eu, completamente desperto, era um contraste flagrante com os demais passageiros, passeando pelo corredor da carruagem onde se dormia.

Já pouco faltava e o luar metálico de Lisboa dera lugar a uma ventania furiosa e a bátegas pesadas de chuva. Rugia o temporal sobre o comboio indiferente. Ainda era noite cerrada quando desci na estação. Corri para o único táxi de serviço e cheguei lá todo encharcado.

— Para onde?

— Tome nota dos quilómetros. Vai estar por minha conta toda a manhã. Sabe de um naufrágio?

— Ouvi falar, por alto, pouco se sabe ao certo. Tem estado uma noite dos diabos. A tempestade é grande, não me admira que tenha acontecido o que o senhor diz.

— Mas onde se deu o naufrágio?

— Parece que foi à entrada da barra. É noite e o temporal não deixa sair de casa. Quando for dia...

— Então vamos lá à barra. O mais depressa possível.

— A chuva não deixa andar muito...

Gafanha. Água por todos os lados. Vento e chuva, uma escuridão imensa. O farol. Costa Nova. Dois pescadores encostados ao muro, abrigados do vento, como dois fantasmas negros.

— Vocemecê quer saber onde está a traineira? Também não sabemos. Só quando for claro...

Ouvia-se o bater furioso das vagas nos paredões, misturando a espuma salgada com as cordas de água que caía do alto.

O faroleiro:

— A traineira «falou» quando estava ao largo e tentava entrar a barra. Depois, «calou-se». Com a força das vagas e do vento deve ter sido atirada contra o areal de S. Jacinto.

Espreitei a barra, sinistra, como caldeira de água a ferver em borbotões. A luz do farol varria-a, a momentos, mas nenhuma silhueta mais escura do que a própria noite se vislumbrava. Que talvez o cabo do posto da Gafanha soubesse de alguma coisa. Nova corrida. Pancadas numa porta. Não era ali, mas na casa ao lado.

— Quem é? Que querem a esta hora?

Pois se era um jornalista de Lisboa, não demorava. Um capote sobre o corpo e uma porta que o vento ajudou a abrir. Pouco sobre a tragédia mas uma informação preciosa: havia um sobrevivente no hospital.

Nova corrida. Hospital. É noite ainda. A porta está bem fechada, Bato, pois não vi campainha. Uma vez, duas, três... tantas até que uma cabeça assomou a uma janela do primeiro andar.

— Faça favor. Venha abrir. Preciso ver o doente... o pescador...

— Um momento, sr. doutor — disse-me a servente.

Compreendi a confusão e convinha-me não a desfazer. O que me interessava era entrar. A porta abriu-se um pouco. Não faço perguntas e entro como quem conhece a casa, sempre no receio de vê-la fechar-se de novo. Uma luta noite apressada.

— Espere, sr. doutor, eu indico o quarto.

Um antigo estudante de Medicina não é um «doutor», mas falar sobre o homem era o meu objectivo e nada me desviaria. Sorrio por dentro e nem sequer sentia o corpo molhado por baixo do agora pseudo-impermeável. Silêncio. Uma luz velada. A porta do quarto que se abre e o Manuel Esteves — O «Manel tenuante para saber pormenores, identidades, tão certo como ter fumado um maço de cigarros em pouco mais de duas horas de viagem. O tempo foi rolando e eu, completamente desperto, era um contraste flagrante com os demais passageiros, passeando pelo corredor da carruagem onde se dormia.

Já pouco faltava e o luar metálico de Lisboa dera lugar a uma ventania furiosa e a bátegas pesadas de chuva. Rugia o temporal sobre o comboio indiferente. Ainda era noite cerrada quando desci na estação. Corri para o único táxi de serviço e cheguei lá todo encharcado.

— Para onde?

— Tome nota dos quilómetros. Vai estar por minha conta toda a manhã. Sabe de um naufrágio?

— Ouvi falar, por alto, pouco se sabe ao certo. Tem estado uma noite dos diabos. A tempestade é grande, não me admira que tenha acontecido o que o senhor diz.

— Mas onde se deu o naufrágio?

— Parece que foi à entrada da barra. É noite e o temporal não deixa sair de casa. Quando for dia...

— Então vamos lá à barra. O mais depressa possível.

— A chuva não deixa andar muito...

Gafanha. Água por todos os lados. Vento e chuva, uma escuridão imensa. O farol. Costa Nova. Dois pescadores encostados ao muro, abrigados do vento, como dois fantasmas negros.

— Vocemecê quer saber onde está a traineira? Também não sabemos. Só quando for claro...

Ouvia-se o bater furioso das vagas nos paredões, misturando a espuma salgada com as cordas de água que caía do alto.

O faroleiro:

— A traineira «falou» quando estava ao largo e tentava entrar a barra. Depois, «calou-se». Com a força das vagas e do vento deve ter sido atirada contra o areal de S. Jacinto.

Espreitei a barra, sinistra, como caldeira de água a ferver em borbotões. A luz do farol varria-a, a momentos, mas nenhuma silhueta mais escura do que a própria noite se vislumbrava. Que talvez o cabo do posto da Gafanha soubesse de alguma coisa. Nova corrida. Pancadas numa porta. Não era ali, mas na casa ao lado.

— Quem é? Que querem a esta hora?

Pois se era um jornalista de Lisboa, não demorava. Um capote sobre o corpo e uma porta que o vento ajudou a abrir. Pouco sobre a tragédia mas uma informação preciosa: havia um sobrevivente no hospital.

Nova corrida. Hospital. É noite ainda. A porta está bem fechada, Bato, pois não vi campainha. Uma vez, duas, três... tantas até que uma cabeça assomou a uma janela do primeiro andar.

— Faça favor. Venha abrir. Preciso ver o doente... o pescador...

— Um momento, sr. doutor — disse-me a servente.

Compreendi a confusão e convinha-me não a desfazer. O que me interessava era entrar. A porta abriu-se um pouco. Não faço perguntas e entro como quem conhece a casa, sempre no receio de vê-la fechar-se de novo. Uma luta noite apressada.

— Espere, sr. doutor, eu indico o quarto.

Um antigo estudante de Medicina não é um «doutor», mas falar sobre o homem era o meu objectivo e nada me desviaria. Sorrio por dentro e nem sequer sentia o corpo molhado por baixo do agora pseudo-impermeável. Silêncio. Uma luz velada. A porta do quarto que se abre e o Manuel Esteves — O «Manel da Sorte» como lhe ouvi ria chamar mais tarde, pois já se salvara em mais outros dois naufrágios. Fumava um cigarro e estava nervoso por baixo das mantas. Muito agitado, contou-me como tudo aconteceu, em palavras sacudidas, passando as mãos calejadas, de vez quando, pelos olhos. Ainda não tinha falado com ninguém a não ser com o médico e a irmãzinha. Mas, quando for dia, não faltará aí gente. Nessa altura já não me interessava. Desejei-lhe um rápido restabelecimento e saí com o bloco bem cheio de informações. A reportagem começava só agora a desenhar-se, mas faltava o essencial. A madrugada começava a cair. Pedi ao motorista para me levar a casa de um bom fotógrafo. Foi o cabo dos trabalhos para acordar o sr. Gilberto e convencê-lo a acompanhar-me. Era tão cedo e chovia tanto!... O tempo ia-se escoando.

Nova corrida. Casa do capitão do porto. Uma criada estremunhada. O sr. comandante tinha-se deitado tardíssimo. O naufrágio... Não sabia se... Finalmente, muito amável, em roupão, o capitão disse-me que pouco sabia ainda. Não fora possível, devido à noite e ao temporal. Uma lancha para ir ao local? Com esse tempo era impossível. O tempo corria e os argumentos iam-me faltando. Pois, então, sim senhor, que fosse à Gafanha, talvez o piloto... Bem, se ele visse que era possível.

Mais uma corrida. O sr. Gilberto tinha as duas máquinas carregadas, mas desconfiava de que viesse a poder tirar qualquer fotografia e muito menos chegar junto da traineira. O piloto torceu o nariz. Se o capitão estivesse ali e visse a altura das ondas no canal, com certeza que não autorizaria...

— Então, não vê como estão as águas? E pouco se enxerga ainda. Deixe vir o dia claro e talvez as águas fiquem mais calmas.

Paciência. Não haveria por lá ali um pescador ou homem de barco? Que talvez o Morna, que era afolto. O sr. Gilberto quis regressar a casa. Eu que não, ele que gim, mas lá fomos desencantar o Morna. Sim, tinha um barco a remos, mas era perigoso atravessar o canal. Perante uma nota de quinhentos, hesitou. Bem, lá se tentar. Pedi-lhe para não falar nas dificuldades ao fotógrafo.

Bom. Com a crista das ondas a entrarem no barco, lá fomos, com o credo na boca. O sr. Gilberto queria voltar para trás. Que já faltava pouco, que eram só umas remadas, que o mais difícil tinha passado. Famos os três todos molhados e, com uma panela, tirávamos a água do fundo do barco, que parecia um frágil baloiço de crianças. Conseguimos. Depois, uma hora a caminhar pelo areal, com vento e chuva pela frente Um petisco que fazia amaldiçoar-se o sr. Gilberto. Quem o mandara a ele ir na cantiga. Bem, mas à vista de um vulto batido pelas vagas, também se lhe acendeu o brio profissional. Um grupo de seis pessoas de preto na areia, onde as vagas arrebentavam. Nada de corpos; só a traineira, já meia destruída pelo mar, que a ia submergindo. Quando deixámos o local, apenas se viam ainda os mastros. Nova odisseia a do regresso. O tempo corria, agora mais depressa. A manhã ia passando e faltava uma hora para o «Foguete».

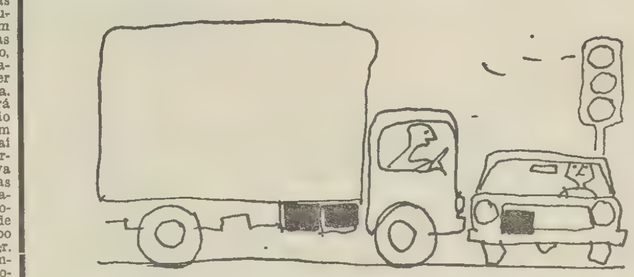
— Sempre conseguiram? O que vai ser difícil é apanhar o combolo para Lisboa. Vinte minutos é pouco para fazer este trajecto até à estação.

Disse-lhe que fosse com o máximo de velocidade, que não se importasse com a travessia da cidade. Se houvesse multas, eu pagava-as. Novos riscos, por entre os canais e pelas ruas, já com trânsito. Nós a chegarmos à estação e o chefe com o apito prestes a dar a partida ao «Foguete». Corri, gritei, ele suspendeu o sinal, eu empunhava um envelope com o malfadado rolo. Que já não podia fazer o despacho. Bem, o maquinista podia levá-lo, mas a responsabilidade não era dele. Tudo se arranjou, eu respirei fundo. Estava mesmo precisado de um café forte.

Mas faltava ainda uma parte importante da reportagem. As identidades. E foi, então, uma via-sacra entre a capitania, a «mútua», as casas dos pescadores. Nesta altura, tinham chegado os camaradas dos jornais do Porto. Não tinham pressa. Um dia inteiro à sua disposição para colherem as informações que eu tivera de apanhar cá ta minutos. Finalmente, às treze horas, sentara-me com um telefone ao lado. O bloco estava quase ilegível com a água que o empapara.

— Seguiu um rolo pelo «Foguete». Procurem-no à chegada nas mãos do maquinista. Agora, vou ditar pelos apontamentos.

Tinha o corpo massacrado, mas a sensibilidade em ponto candente e foi ela que me auxiliou quando as palavras me saíam em catadupa. Era assim que gostava de fazer as reportagens deste tipo. Comer umas sandes, apanhar o comboio de regresso a Lisboa e jantar finalmente às onze da noite, já no aconchego do lar. Tinha sido mais uma reportagem, que o leitor lera em vinte minutos, sem se aperceber das dificuldades do repórter para lhe dar um relato do que acontecera, simples, que se lesse como quem vê um filme. Mas é destas e de outras reportagens que um jornalista gosta e que dão vida a um jornal. Não pode haver jornal sem elas nem jornalista que as não possa esquecer, esquecendo-se de si e pensando apenas em filtrar os acontecimentos pela sua sensibilidade, fornecendo todos os pormenores que a observação do repórter não deixa escapar, como radar infalível. E, ao lê-las, alguém que não o jornalista pensará no trabalho que dão?



uma bateria para automóvel ou camião...
não se compra:

TROCA-SE por uma AUTOSIL
num agente AUTOSIL
de acordo com a tabela AUTOSIL

O Homem, só o Homem

PELO PROF. VITORINO MAGALHÃES GODINHO

UM DOS FUNDADORES da psicologia contemporânea, Henri Piéron, no termo de uma longa vida em que foi dessa ciência um dos obreiros mestres acaba de lançar um pequeno livro, tão grande pelo seu alcance, intitulado: «O homem, só o homem». De um psiquiatra português, Seabra Dinis, saira não há muito uma colectânea de ensaios de que o título — **Perspectiva humana** — marcava bem o rumo. E um sociólogo francês, Mikel Dufrenne, vem terçar armas **Em prol do homem.** Convergência de inquietações e de anseios, surdindo dos mais distantes pontos do globo. Inquietações pelas ameaças que pesam sobre o homem, sobre os homens, anseios pela construção de uma humanidade que responda às virtualidades que o homem em si traz, ou melhor, em si próprio vai criando pelo seu trabalho.

As ameaças não vêm, ao contrário do que alguns poderiam julgar, do movimento que se tem rotulado a si mesmo de «anti-humanismo». Debaixo de uns tantos equívocos, perpassa nele uma salutar reacção contra frases feitas, contra essa prostituição constante das palavras que as esvazia do seu conteúdo e acaba por as levar a significar, na realidade dos actos, o contrário do que pretendiam dizer. Equívoco, sem dúvida, porque, se é certo que o nosso humanismo de hoje não pode já ser o do Renascimento, todavia a inevitável ruptura com certas de suas bases ou orientações combina-se com a recuperação, desse humanismo renascentista, de algo de fundamental e com o prosseguir, por novos meios, uma directriz que dele nos vem. Nos séculos XV e XVI o homem afirmara a sua dignidade frente à transcendência, mas para isso definira-se como a realização, noutro plano (o terreno) desse mesmo modelo transcendente. Hoje o homem encontra-se sòzinho no universo, sabe que está sòzinho, e que não ficou definido de uma vez para sempre, pois se vai definindo através da sua história. Mas convém sacudir pseudocertezas que se repetiam sem qualquer mensagem já nessas palavras estereotipadas.

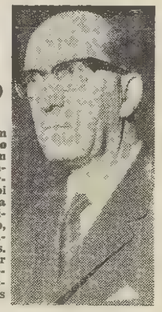
O problema em causa, neste momento histórico, não é sequer já o da possibilidade ou validade das ciências humanas: existem robustas, vicejam em insuspeitadas conquistas teóricas e práticas. O perigo não está, nem nunca esteve, aliás, nas técnicas e sua eficácia, cada vez mais pertinentes. Está, sim, em que alguns grupos desligam a técnica da ciência, e esta daquela, transformando-as num conjunto de receitas destinadas a resolver problemas de interesses minoritários que se sentem mais ou menos abalados, e buscam sobreviver ou manter confortáveis posições, quando não alargarem-nas. Escoamento de indústrias com capacidade de produção cada vez maior e constantemente a braços com os curtos prazos de obsolescência: e é todo o mundo da publicidade, infernal na rua, na estrada, submergindo o próprio lar pelas emissões radiofónicas e de TV, pelas visitas de propagandistas, pelas entregas de amostras e inquéritos a domicílio. São as empresas que querem recrutar pessoal — testes de inteligência, entrevistas de diagnóstico, testes de personalidade violando o ser mais íntimo dos candidatos. É a mira da máxima produtividade, e, logo, do sossego no trabalho — e toda a técnica de utilização das motivações, a assistência social personalizada, os requintes dos serviços sociais, impondo subrepticiamente, ideologias e maneiras de sentir e de se conduzir que afectam o cerne do indivíduo. São todos os que não dormem ou cujos filhos têm «complexos», paraíso de uma pseudoneurologia de somníferos e traquilizantes, de uma pseudopsicanálise que considera heresia curar o doente porque o que é preciso é habituá-lo à doença (e ir pingando as sessões individuais ou «de grupo».) É uma etnologia que, em lugar de salvar valores forjados pelos homens, se põe ao serviço da destruição de sociedades e culturas. É uma sociologia que faz desaparecer por artes de berliques e berloques, as questões estruturais globais, reconfortando toda a insatisfação com a prova de que se goza do melhor dos mundos possíveis, pois apenas há problemas individuais, ou quando muito de pequenos grupos — a resolver por «sociodramas» e não pelo esforço colectivo dos homens conscientes da sua cidadania.

A invenções, de certo extremamente úteis, como é a dos ordenadores, esses grupos minoritários recorrem angustiadamente numa atitude que tem tudo da magia. Supõem que as máquinas lhes vêm resolver os problemas humanos — basta curvar os homens (os outros) às máquinas — «mentalizá-los». Quando o cerne do problema está, sim, em preparar os homens — na reforma da mentalidade, pelo humanismo científico, que faça deles cidadãos plenos, homens que forjem os seus próprios rumos do porvir. Para isso, tem cada homem de ser encarado como um fim em si mesmo, e não um instrumento ao serviço de outros homens. E isto é, deve ser válido para todos

O homem, só o homem.

Dois portugueses estudados por estrangeiros

POR RAUL REGO



Jornalista desde Setembro de 1940. Começou no «Jornal do Comércio», já depois de colaborar na «Seara Nova» e ter sido professor do ensino liceal particular. Foi redactor das agências «Reuter» e «Exchange Telegraph». Responsável pelos serviços de Imprensa das candidaturas presidenciais de Norton de Matos (1949) e Humberto Delgado (1958), e candidato a deputado em 1965. Entrou para o «Diário de Lisboa» em Abril de 1959. É também redactor do «Jornal do Comércio». Foi presidente da Casa da Imprensa. Longa actividade de bibliófilo, com publicação de vários clássicos inéditos. Visitou a Inglaterra por três vezes, Itália, Alemanha Federal, Áustria, Brasil e Estados Unidos.

AS MEMÓRIAS de antanho são o refúgio de muita gente de hoje e não deixa de ser compensador entrar na intimidade dos maiores de há séculos, através da sua obra, da sua vida e até dos seus exemplos de atitude e personalidade. São muitos os homens do passado que as gerações posteriores enaltecem nas suas obras, já que os homens se foram muito antes.

Em Portugal, a verdadeira homenagem aos realmente grandes cinge-se, em geral, a pouco; e muitos dos nossos esperam de estrangeiros a compreensão e estudo atentos de vidas e obras. As nossas academias e centros de estudos não têm merecido atenção sólida homens como Damião de Goes e António Nunes Ribeiro Sanches e tantos mais. Biografias, com investigação séria e pormenorizada, obras completas, em edições eruditas e críticas, ou em edições populares que não falsifiquem a forma e o pensamento, escasseiam sobremodo. E não só para os dois que citamos.

Vieram-nos a talhe de foice Damião de Goes e Ribeiro Sanches, portugueses de séculos diferentes, universalizados mercê do talento, do estudo e desse espírito convivente que é o de todo o autêntico humanista, porque temos à nossa frente dois estudos recentes, por sinal ambos eles saídos na Holanda, que ambos conheceram, e onde se acolheram em épocas críticas das suas vidas.

O estudo sobre Damião de Goes é de uma americana — Elisabeth Feist Hirsch, consagrado à memória de Alberto da Veiga Simões, o malogrado intelectual e diplomata cuja obra principal parece irremediàvelmente perdida. Ele estimulou a universitária de além-Atlântico a vir a Portugal para se compenetrar do valor da Renascença Portuguesa e não deixa de ser curiosa a observação de Elisabeth Feist Hirsch de que Veiga Simões «partilhava com Damião de Goes não só o interesse pela História, mas um grande amor pela sua terra natal e grande apego à cultura europeia». Não serão características do humanista também?

Alguns estudos parcelares têm vindo a público neste século sobre Damião de Goes, depois daquele grande interesse que lhe consagraram A. P. Lopes de Mendonça, há um século, e Guilherme Henriques, ao dobrar do século passado para o presente. «Os «Inéditos Goesianos» são preciosos pelos estudos reunidos e, sobretudo, pelo processo da Inquisição, dado na íntegra.

Estudo de conjunto, sólido e legível, sobre a vida e a obra do humanista e comerciante que teve contacto com os mercadores da Flandres e os humanistas de Lovaina e de Paris, não havia. Não queremos dizer que o haja a partir de agora; mas, o volume «*Damião de Gois, the Life and Thought of a Portuguese Humanist*», saído na Haia, há alguns meses, é um começo de justiça. Justiça que vem de fora, a dizer às academias portuguesas e instituições que vai sendo tempo de se tratar de uma edição digna das obras de Damião de Goes, na língua em que ele as escreveu e acompanhadas às latinas da sua tradução portuguesa.

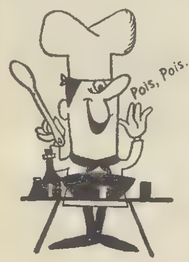
Encontra-se ainda envolto em mistério o fim triste do autor da «Crónica de D. Manuel», mas não oferece dúvida que foi um acidente que lhe apressou a morte. Provocado por alma danada? Meramente casual? Difícil será de averiguar agora, mas as obras que nos deixou é que deveriam ser bem acarinhadas, já que o não foi o autor em vida.

O dr. Ribeiro Sanches é um caso algo parecido, embora em século diferente e em muito diferentes circunstâncias. O lente da Universidade do Porto, dr. Maximiliano de Lemos consagrou-lhe uma boa monografia, na série das que escreveu sobre outros expatriados. É ainda hoje o estudo básico sobre Ribeiro Sanches. Mas quantas obras continuam inéditas, dois séculos após a sua vida e acção! Há algum tempo publicámos nós um estudo desse judeu foragido às garras do Santo Ofício, que todos citavam, mas poucos tinham visto. É a «origem da denominação de Cristão velho e Cristão Novo em Portugal» que ora nos aparece citado também neste grande e magnífico estudo de David Willemse sobre «*António Nunes Ribeiro Sanches — Élève de Boerhaave et son Importance pour la Russie*», publicado também há meses em Leiden.

Ribeiro Sanches foi dos portugueses que mais projecção conseguiram no seu tempo e contudo ele viveu nesse século XVIII que foi dos de mais fogo e que mais influenciaram a humanidade. Médico e pensador, como hoje diríamos, ou ensaísta, se quiserem, Ribeiro Sanches permaneceu sempre fiel à pátria de que tivera de fugir para sua segurança. Foi o inspirador de muitas das reformas de Pombal e por isso o seu medalhão se encontra ao alto da estátua da Rotunda, com o de outros políticos, diplomatas e militares. Continuam a surgir inéditos seus ainda e não pensaram também ainda as academias ou instituições culturais magnas nas obras completas e críticas deste intelectual de primeira água. A sua biblioteca, leiloada em Paris nas vésperas da Revolução Francesa, dá-nos testemunho dos seus interesses intelectuais e das fontes a que ia beber a sua vasta cultura.

O manuscrito ora dado a estampa no volume de David Willemse pode chamar-se em linguagem de hoje um «parecer» de Ribeiro Sanches sobre «La Culture des Sciences et des Beaux Arts dans l'Empire de Russie», A par daquelas «Cartas sobre a Educação da Mocidade», testemunha o manuscrito de agora a visão dos problemas pedagógicos por Ribeiro Sanches em países tão diferentes como eram Portugal e a Russia, em meados do século XVIII.

Não vamos continuar a analisar estas obras sobre Damião de Goes e Ribeiro Sanches. O que pretendemos por hoje é assinalar como os grandes portugueses estão a ser estudados e compreendidos por escritores estrangeiros. Só isso visa esta pequena nota.



J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

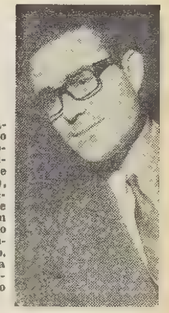
Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITÓRIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

Uma viagem ao longo da noite de Lisboa

POR MÁRIO ZAMBUJAL



Antigo praticante desportivo em três modalidades, tem 32 anos, colaborou em vários jornais e profissionalizou-se no quadro redactorial do tissemanário «A Bola», para onde entrou em Março de 1963. Está no «Diário de Lisboa», onde é chefe da secção de Desporto, desde Janeiro de 1968. Na sua juventude foi dirigente cineclubista. Mais tarde, já ligado ao desporto, seria secretário-geral da Associação de Futebol de Faro. Conhece quase toda a Europa (último país que visitou — a Hungria), grande parte da América do Sul, Canadá e Estados Unidos. Tem assinado colaboração jornalística extra-desporto, como foi o caso, recentemente, da sua série de artigos «Budapeste 68», inserta no nosso jornal.

BEM, EU ESTOU aqui de passagem. Aqui, num «cabaret» de quarta categoria, no Cais do Sodré, às três da madrugada, envolvido pelo nevoeiro de fumo que eu próprio ajudo a adensar-se, e beberricando, a contragosto, um «whisky» tão falso como o colar de pérolas da frequentadora morena que cruza as pernas, ao balcão. Reafirmo solenemente que estou de passagem. Nem sequer à cata de tema para reportagem, que o tema, esse tema, pertence à minha camarada Antónia de Sousa, e o seu trabalho é a perspectiva nova de quem se atreve pela primeira vez para além das fronteiras fechadas da noite viva e a observa com os olhos femininos e broncos, de novidade. Acerca de «boîtes» e «cabarets», de melhor ou pior classe, passo, tanto quanto possível, de largo. Procuro outro itinerário, na *viagem ao longo da noite de Lisboa*. Estou aqui como que num intervalo. Tomando um mau «whisky» e umas notas sobre o que foi a primeira parte da minha entrevista com a noite da cidade. E sabendo perfeitamente que há uma curiosidade trocista naquele grupo que olha o tipo de óculos, a escrever na penumbra, deste canto da sala, que é também um canto do mundo.

A noite começou no parque

Tive os meus embaraços de programação. Por onde começar? Um cinema? Um «café»? Um simples passeio pelas ruas ainda animadas de gente e de bulício? Tudo isso pertence, sim, à noite da cidade, mas é universal. E, de qualquer modo, não passa de uma sub-noite, mais propriamente um fim-de-dia para as pessoas que vivem e trabalham à luz do sol. Mas há o Parque Mayer, os teatrinhos de revista, de fundas tradições na vida lisboeta, Onde os espectáculos acabam mais tarde, já na noite *propriamente dita*. E onde há um mundo, de gente conhecida e gente anónima, que trabalha quotidianamente para montar a festa nocturna. E que depois, muitas vezes, escorre através da noite, em procura da sua própria festa.

Nas paredes, fotografias, muitas fotografias de «astros» e «vedetas». Peças coloridas de um guarda-roupa complicado, amontoando-se por todos os cantos. É o camarim de uma jovem artista, ainda rotulada de discípula, *que se chama Nela, Nela Duarte, e é loura e bonita. Pergunto-lhe se gosta de trabalhar de noite e não há um queixume, há, sim, um acento de satisfação na resposta pronta:*

«Gosto. Sobretudo, gosto muito da minha profissão. Tive outras: fui secretária, desenhadora e cançonetista em conjuntos «yé-yé». Mas sempre tive a paixão do teatro e abracei a oportunidade quando ela chegou.

«Esta é a minha primeira revista. Ainda me sinto nervosa em cada vez que entro em cena, mas tenho uma grande vontade de progredir, de me impor pelos meus méritos, se é que os tenho».

(Tem. A gente olha para ela e vê que sim, que tem, é uma rapariga inteligente, de conversa desembaraçada, de voz agradável, etc.).

— Se vou logo para casa, quando acaba a segunda sessão? Às vezes, vou. Outras fico por aí, mais um bocado, numa ceia ou no convívio com colegas. Mas quando me deito cedo não durmo logo. Leio...

— E que livros lê você?

— Isso não digo...

— É assim tão... confidencial?

«Fui secretária, desenhadora e cançonetista em conjuntos «yé-yé»...»

— Bom, leio o «Pat Donald» e coisas assim. É do que eu gosto...

A jovem loura e bonita, talvez uma futura «estrela» das noites do Parque, diz isto e sorri, num ar quase colegial, quase infantil. Palavra.

Agora, na atmosfera carregada do «cabaret» equívoco, lembro-me do «Pat Donald» de Nela, é aquele marinheiro que fala inglês e está a exibir os músculos do braço, faz-me lembrar «Popeye», o dos espinafres.

Há ali frequentadores nacionais e estrangeiros. Mais exuberantes estes. Algun embriagados. Quase todas as bebedeiras que vejo passar pelo Cais do Sodré trazem passaporte. Cliente português, mais sóbrio ou menos abastado, não é tão assiduo a passar os limites.

«Enfim, continuo a cavar...»

De noite, Lisboa cuida da saude e trata da «maquillage». Grupos de operários afadigam-se a reparar pavimentos, a regar ruas, a solucionar problemas das redes de esgotos, da electricidade, da água, do gás. Eles são uma presença viva, de esforço e labor, nas horas em que a cidade dorme ou se diverte.

Abrindo uma vala a golpes de picareta, um homem magro, de uns quarenta anos talvez. Olha-me com estranheza quando lhe pergunto de onde é e o que fazia na sua terra. Depois diz:

— Sou da Beira Baixa. Lá trabalhava no campo, mas os ganhos eram pequenos e resolvi vir para Lisboa. Há uns quatro anos.

— Agora...

— Agora aqui estou. Lá na Beira, cavava de manhã à noite, agora cavo toda a noite até de manhã. Enfim, continuo a cavar...

Fechou-se, num silêncio seco, quase hostil.

Figura da noite, definida e rotulada, é o guarda-nocturno. No Chiado, passeando repetidamente entre as fronteiras do espaço de cem metros que constituem a *sua área*, há um vulto escuro e vigilante. Ninguém mais, ali, àquela hora. O Chiado calu de sono e assim, apagadas as luzes das montras, sem lojas e sem gente, mergulhou numa tranquilidade provinciana.

Dirijo-me ao guarda, um homem a caminho dos sessenta:

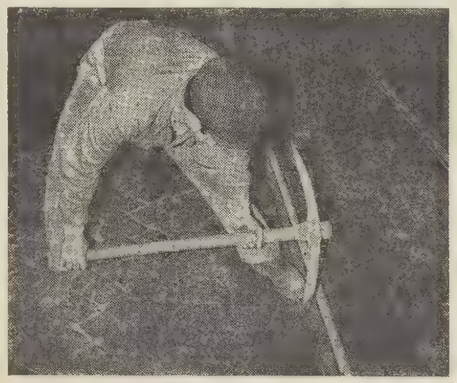
— Problemas?...

Sorri:

— Não, felizmente. Agora, há muito tempo que não há problemas por aqui. Já os tive, já, em quase quarenta anos que levo nesta vida. Mas sempre se resolveram pelo melhor.

«A profissão é ingrata, isso é. Especialmente nas noites de Inverno, a chuva, o frio, a solidão, são fardos que custam um pouco a suportar. Mas, no fundo, não me queixo muito. Os contribuintes aqui da área são pessoas boas, que me consideram e me tratam bem. E já estou habituado a isto. Entre as onze da noite e as seis da manhã, é como se morasse nesta rua, de uma esquina à outra.»

Símbolo de Lisboa nocturna é o fado. Que será castiço, ainda, mas que alargou a sua roda. Que já não serve apenas os seu amantes nem é símbolo puro de noites boémias. Industrializou-se. Tirou o «brevet» turístico e documentou-se sobre operações cambiais. Por via dele, em procura dele, as noites do Bairro Alto recebem o impacto de uma sociedade diferente. Turistas estrangeiros. Aos grupos. O Lisboa «by night» das agências de viagens, bebidas e fados incluídos no preço da diversão nocturna por atacado. Outros aventuram-se ao conhecimento da cidade, sem cicerones ou limitações. E aparecem nos *retiros*, muitas vezes enamoram-se do ambiente



«... presença viva, de esforço e de labor, nas horas em que a cidade dorme ou se diverte»

«Encontro com o insólito na Praça do Município»

(Continua na página seguinte)

Uma viagem (continuação da pág. anterior)

(Continuação da página anterior)

típico. A voz dolente da cantadeira e o dedilhar das guitarras têm o seu valor artístico e o seu valor em divisas.

E já tarde, muito tarde, quando entro numa das mais conhecidas e recomendadas casas do mundo fadista: «A Adega do Machado». O esplendor da noite fôra á hora do jantar. Agora ficou o convívio castiço de clientes que são habituais. Alguns também cantam e cantam bem.

Vai alta a madrugada e há ainda um resto de animação no retiro acolhedor. Saio a trautear um fado em que se fala de noites passadas *frente a uma janela, sem ninguém surgir a ela...*

«Sábado é o dia em que há mais maridos que batem nas mulheres»

Uma ambulância passou célere, riscando a tranquilidade da noite. A dor não tem horário. A vigília citadina não é só dos que trabalham e dos que se divertem, é também dos que sofrem.

Entro, contrafeito, no «banco» de um hospital. É o pior momento do meu vagabundear nocturno, não sou nada forte nestas coisas, não suporto nem o cheiro do éter.

Falo com um médico ainda jovem, e ele satisfaz a minha curiosidade:

«— Nos «bancos» dos hospitais, a noite é sempre o período de maior azáfama. E compreende-se: há muito maior dificuldade em encontrar assistência e tratamento noutros locais e, perante um acidente ou doença subita quase todas as pessoas se dirigem ao hospital.

«Sim, os casos mais frequentes, á noite, são os acidentes — especialmente acidentes de viação — e os de pessoas que adoecem subitamente. As zaragatas também dão o seu contributo, embora menor. E aparecem mulheres com equimoses porque os maridos lhes bateram. Especialmente aos sábados. Se quer uma curiosidade estatística pode registar que sábado é o dia em que mais maridos batem nas mulheres...»

Chegam duas macas com feridos e o médico corre á sua cruzada de lutar contra o sofrimento. Saio, á pressa.

A hora que é esquina da madrugada

Encontro com o insólito na Praça do Município. Uma carroça puxada por pachorrento boi saiu do seu cenário campestre e atravessou a cidade devagarinho. De onde vem? O homem que conduz, de botas de cano alto e samarra, explica:

«— São hortaliças para o Mercado da Ribeira. Trago-as do Campo Grande. Que tempo levo? Aí uma hora e meia...»

Sem trânsito claro. Nem sinais vermelhos a marcar pausas na caminhada. Agora são raros os veículos que correm nas ruas da cidade. Os táxis, também os táxis, alinham-se em longas filas, e motoristas em grupos dão-se á conversa, na espera de fregueses que já não há.

Na Avenida, um fulcro de vida. Está aí o «Zé das Sandes», figura popular da madrugada. Em volta um círculo de animação. *Cafés e bares* encerraram há muito as suas portas e uma *bucha* áquela hora, sabe sempre bem.

Entretanto, na Estefânia há uma máquina amável que vende café, quentinho. E a quinze tostões. Mete-se-lhe uma moeda de vinte e cinco e ela é, a um tempo, contabilista e comerciante. Na mesma volta, dá o troco e o produto.

Chega uma hora que é a esquina da madrugada. A noite aproxima-se do seu termo e encontra-se com o novo dia, que começa. Gente que se levantou e vai começar a faina diária cruza-se com os noctívagos, noctívagos por prazer ou por obrigação. Dou por finda a *viagem ao longo da noite*. Bom dia...

MÁRIO ZAMBUJAL

COMPANHIA UNIÃO FABRIL
av. joão xxi, 14 a - lisboa
rua dos douradores, 160

CARPETES E ALCATIFAS

100% de lã pura

Numa roda-viva constante...

GÁS e ELECTRICIDADE

para tudo e para todos...

ao seu dispor DIA e NOITE

VERDADEIRA alta fidelidade para os verdadeiros apreciadores

Celestion — Altifalantes de alta fidelidade

Ferrograph — Gravadores de alta fidelidade e profissionais

Garrard — Gira-discos de alta fidelidade

GOODMANS — Amplificadores "Stereo", Altifalantes e Colunas de alta fidelidade

Selmer — Amplificadores e Altifalantes para Guitarras e Violas baixo e para conjuntos musicais

SHURE — Células para braços de gira-discos

STEREO 33 — Amplificadores de alta fidelidade

TRANSCRIPTORS — Braços de alta fidelidade para gira-discos

RUALDO
TUDO PARA ELECTRÓNICA, ACESSÓRIOS RÁDIO E TV
R. S. José, 9-11-13-15 LISBOA-2
Telefone PPC 2 37 25

JOALHARIA CUNHA
(J. N. CUNHA, L.DA)
OURO — PRATAS
JÓIAS — RELÓGIOS
Rua Áurea, 197 - 201
Telef. 32 07 30 — LISBOA

CASA PENIM
LÃS — SEDAS — ALGODÕES — RENDAS
SEMPRE AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES DA MODA
Rua Augusta, 184 - 186 Telef. 321581

Aqui em parte nenhuma

CONTO DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

NÃO POSSO afirmar que tenha começado naquele momento e não em qualquer outro, antes ou depois. Começar implica um determinado embora breve espaço vazio e logo em seguida um princípio, um ponto de partida, um movimento ou um esboço de movimento. Ora não houve princípio nem ponto de partida e por mais que faça não me lembro de nenhum espaço vazio. Um chegar traiçoeiro? Nem isso. Antes um *ter chegado* traiçoeiro, secreto e rastejante, inexorável, de cobra a caminho da vítima adormecida. Não começou. Prosseguiu ainda invisível por detrás de espessas cortinas negras, foi avançando com o tempo, quando dei por ela já ali estava. Ela? Isto. Bem, a coisa, de princípio era assim que a pensava. Essa coisa de que não podia falar a ninguém porque era um homem adulto, responsável, e a minha profissão não se compadece com doenças, sejam elas do corpo ou do espírito: sou aviador comercial.

Claro que podia pedir umas férias, no fim de contas até era possível que estivesse simplesmente cansado ou que *também* o estivesse. As muitas horas de voo, a tensão a que elas me obrigavam, podiam estar na origem da coisa ou podiam aumentá-la. As pessoas reagem de maneiras tão estranhas, tão difíceis de conceber pelos outros. A verdade é que era um homem activo e custava-me a encarar a hipótese de me ir meter um ou dois meses num hotel ou até numa casa de saúde. Depois havia os curiosos, as perguntas, quem sabe se a desconfiança não iria infiltrar-se naqueles de quem, no fundo dependia, e não me obrigariam a novos testes. Tal ideia não me agradava. O que poderiam sugerir, provar até, os testes que eu fizesse em tal estado de espírito? Preferi encarar o caso de frente e aguentar. Por minha conta e risco comprei uns calmantes que, de resto, se mostraram totalmente ineficazes.

Sou um homem do meu tempo, sei que tudo tem uma explicação, mesmo o que à primeira vista se nos afigura irreal. Passei tardes e tardes (as que tinha livres) nas bibliotecas das cidades onde o meu trabalho me levava. Insisti numa determinada especialidade. Um desses livros falava de um caso no qual vi um certo paralelismo com o meu. Procurei saber onde vivia o autor do livro e verifiquei que era naquela mesma cidade onde me encontrava. Consegui saber a morada dele e fui bater-lhe à porta: tinha morrido meses antes.

A minha dúvida principal era se a coisa seria verdadeira, isto é, se me acontecera a mim como podia ter acontecido a qualquer outro, ou se seria consequência de qualquer afecção mental desconhecida. Era, porém, impossível, chegar a uma conclusão definitiva, e eu só podia animar-me recordando as pessoas da minha família que tinham sido, todas elas, saudáveis e sem problemas.

A minha mulher também possuía um espírito são, todo voltado para as coisas próximas. É advogada, conhece de cor vários códigos e arranja sempre uma porta para o seu constituinte sair ileso ou uma fenda no muro por onde atacar o inimigo. É totalmente destituída de imaginação e considera sem interesse todas as coisas que não compreende nem se esforça por compreender. Diz: «Sem interesse», encolhe os ombros e sorri. Tem um sorriso bonito e implacável. Como poderia eu falar-lhe da coisa? É certo que ultimamente ela andava preocupada, perguntava-me o que tinha, achava-me com mau parecer, distraído. Mas explicava imediatamente esse meu estado de espírito dizendo que eu trabalhava de mais e devia pedir umas férias. Eu ouvia-a sem a escutar, depois caía de repente em mim como uma pesada massa esmagadora, exagerava presença e atenção, exagerava tudo, salpicava mesmo de presença quem estava perto. Fui sempre pouco hábil a lidar com as pessoas, mas essa falta de jeito aumentara bastante nos últimos tempos. A minha mulher observava-me com atenção e em silêncio e eu sentia que essa atenção podia vir a ser perigosa.

Mas voltemos à coisa. Depois o singular mostrar-se-ia pobre e eu teria de arranjar outra designação mais compatível com o caso em si, *eles*, nada de muito original, como vêem. Naquela altura, porém, a coisa. Um *ter chegado*, disse eu. Era isso. Quando dei por mim, ou por ela — por *eles* é melhor, vendo bem — já deslizavam completos (enfim, como era possível), de cá para lá e vice-versa no meu quarto, e eu especado, de boca entreaberta, a olhá-los num grande espanto. Quando chegavam à parede passavam-na sem hesitação, sem o menor esforço, como se a parede muito simplesmente não existisse, e eu ia a correr encontrá-los na sala de jantar que fica ao lado. Havia mesmo um que gostava de se encostar como uma hipotenusa a um canto-parede que não existia, mas para além do qual nenhum passava. Só se moviam de um dos lados do quarto, de um dos lados da sala de jantar. E outra coisa, não andavam rente ao chão mas a um palmo de distância dele. No entanto não flutuavam, nada disso. O chão deles ficava muito simplesmente mais acima. Gostava de encontrar uma designação que lhes convivesse. Imagens, sombras, são pobres e são erradas. Formas talvez, levemente mais opacas do que o ar, embora transparentes, como se o ar de que eram feitas tivesse uma constituição diferente da do nosso. Incolores, sem contorno bem definido, como que esfumado. Nada, porém, de fantasmagórico, nada que provocasse medo ou angústia. Passavam, detinham-se umas junto das outras como quem conversa, duas enlaçaram-se e eu quase podia jurar que se amavam e estavam a beijar-se. Algumas atravessavam para o outro lado da cómoda como se também a cómoda não existisse.

Tudo começou uma tarde e não parou nunca mais. Às vezes eu ia pela rua e sabia que uma dessas formas atravessava o meu corpo. Sabia-o porque a via caminhar direita a mim, sem hesitação, não que sentisse o quer que fosse ao ser atravessado. Tratava-se de formas humanas, sem dúvida. Homens, mulheres, crianças. Passeavam, corriam, dançavam. À noite dormiam, pelo menos não os via quando acendia a luz ou quando chegava tarde a casa. Deviam deitar-se cedo no mundo deles.

Outro mundo, sem dúvida, não o outro mundo. Não se tratava de ectoplasmas, mas de gente como nós fazendo a sua vida de todos os dias, os seus gestos habituais ou necessários. Eu não os via por completo, a esses seres, porque a coisa não me acontecera totalmente, ficara a meio, a menos de meio? E uma certeza eu tinha, a de que eles não davam pela minha existência, por isso corriam na minha direcção, atravessavam o meu corpo, continuavam o seu caminho para além de mim, podia vê-los se me voltasse. Às vezes procurava um lugar tranquilo e sentava-me a pensar, melhor, a procurar. Aquilo *chegara*, só depois, já o disse, me tinha dado conta. O que podia ter provocado tal chegada? O que teria eu feito para que de repente, sem o sentir... Por que razão eu, eu e não qualquer outra pessoa... Já não duvidava de que eles existiam, sempre tinham existido, só que ninguém os via, ninguém a não ser eu. Porque eu dera um passo em frente? Porque rasgara, sem dar por isso um véu qualquer? Porque levantara uma pequena ponta desse véu? Porque na minha percepção algo acontecera de estranho e eu passara, sem o saber, determinado limiar de porta cujo acesso era interdato a todos os homens? Mas nessas condições fora eu a resvalar para dentro do mistério e não a coisa, a tal, a *ter chegado*...

Só lá em cima, no avião, eu conseguia reencontrar uma certa, já esquecida tranquilidade. Não voavam, pelo menos não os encontrava nas minhas rotas. Dentro do aparelho só gente como eu, gente visível, palpável, gente que ria, que falava.

Depois um dia, aquilo. Era um domingo à tarde e eu regressava de longe. De súbito o aeroporto cheio deles. Soube que eram eles embora pela primeira vez estivessem nítidos e fossem opacos, porque verifiquei que o facto de o avião avançar não os preocupava. Corriam de um lado para outro, riam, cantavam. E então, como se não soubesse que eles eram intangíveis, quis poupá-los e comecei a contornar o campo, dirigindo o aparelho para o lado onde não se via ninguém. Antes de me apear fui até junto dos passageiros embora soubesse que não veria nenhum. O avião estava, de facto, deserto.

Sei que o meu corpo desapareceu e que isso será um mistério insolúvel. O avião sem comandante, que belo título para os jornais. Sei tudo isso porque estou aqui com minha bela farda azul, de asas metálicas, e as pessoas rodeiam-me, perguntam-me de onde vim. São criaturas como nós, só que se vestem e falam de uma maneira estranha. Antiquada? Evoluída? Não sei. Uma rapariga bonita, corada de tanto dançar, perguntou-me se eu era estrangeiro. Pensei em lhe explicar tudo, mas recuei a tempo, e ela, alegre e risonha, convidou-me para ir jantar a sua casa, com os pais e os irmãos.

Não pode ser.

Vejo formas virem contra mim, atravessarem-me. São formas levemente mais opacas do que ar, transparentes e translúcidas, sem contornos definidos, sem cor. Esfumadas nos seus limites. Estou sentado em casa de Adli (a rapariga chama-se Adli) e vejo-as atravessar as paredes como se as paredes não existissem.

Porque não hei-de estar totalmente em parte nenhuma?

ILUSTRAÇÃO DE CARLOS FERNANDES

É GIRA... é MOTALLI

A BICICLETA COM MOTOR MAIS AO GOSTO DO PÚBLICO PORTUGUÊS

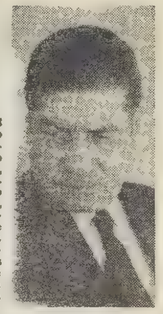
COM TODAS AS CARACTERÍSTICAS LEGAIS
(Aprovada pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres, segundo o Dec. 40 070 de 4/7/1956)
VELOCIDADE MAX. EM PATAMAR 50 KM/H
CILINDRADA 49 C.C. 2,8 H.P.
3 VELOCIDADES
TARA 49 KILOS
É GIRA E CUSTA APENAS 4800$00
MOTALLI — RUA DO TELHAL, 12-A — TEL. 53 76 27
AGENTES EM TODO O PAÍS

GALEÃO
ELEGÂNCIA E QUALIDADE
MALAS — PELES
ARTIGOS DE VIAGEM
Rua Augusta LISBOA

OURIVESARIA «CASA DAS BENGALAS»
JÓIAS — OURO — PRATAS
TAÇAS DE PRATA
Rua da Prata, 87-91
Telef. 32 02 56

Os cães e os homens

POR CÉSAR DOS SANTOS



É SEMPRE um regalo do espírito (e de grande proveito) a leitura do Padre Manuel Bernardes, o insigne lavrante da prosa, que no seu luminoso estilo, claro, em finuras de transparente singeleza, atinge o prodígio na arte de escrever. Ao mesmo tempo que nos enleia nesse sortilégio, o escritor singular prende-nos na meditação sobre os seus judiciosos conceitos, os juízos, tão ajustados ás pessoas e suas ideias ou aos acontecimentos, e as amargas críticas entretecidas á volta das coisas do mundo e dos homens que intimamente nos maceram, despertando-nos surdas e indomáveis revoltas e o acre desencanto pelos aspectos molestadores da vida á nossa volta no vasto panorama das realidades dolorosas.

Relendo páginas lapidares, nas quais, em sábio equilíbrio, se harmonizam, entremeando-se, os repousantes enlevos e a emotividade que nos desperta do inefável no deleitoso fantasiar para o dramático da existência tangível, relendo passos incisivos da **Nova Floresta** sempre nos impressiona a veemente indignação do bom Padre Manuel Bernardes, quando, ocupando-se dos homens e dos bichos, verbera as acções reprensíveis daqueles que acarinham os cães e tanto maltratam o semelhante. Bernardes parece até escrever nestes tempos conturbados em que, ao ser lançado no espaço cósmico o primeiro canídeo (a cadela **Laika** viajando num **sputnik**), irrompe lamuriento coro discordante, de pena pelo animal, ao contrário do movimento de expectativa ante fabulosa aventura, quando da mesma experiência, fundamental e imprescindível, com um homem! Não se eleva este, pelo génio, ás gloriosas alturas e não é a sua vida depreciada e desrespeitada em confronto com o apreço e a protecção aos bichos?

Decerto que, mesmo sem atingirmos a ideada sublimidade da universal irmanização franciscana com todas as coisas e os seres viventes, compreende-se a bondade, aliás por dever, para com os animais — contudo, até o limite entre o irracional e a criatura na qual brilha a chama divina do pensamento. É, pois, lástima de ver uma bicharada infeliz, tristonha e passiva, em exibicionismos confrangedores, por efeito de mórbidos caprichos de solitários, opulentos e ociosos, que se desviam do convívio fraterno com os seus iguais para cingirem á íntima afectividade os animais, dedicando-lhes a solicitude e a ternura que não dão aos familiares — nos casos doentios, de desequilíbrios psíquicos e confusão de sentimentos, definidos e vulgarizados em clarificadores estudos científicos.

Têm tudo ao máximo refinamento da comodidade e do conforto, em meio de luxos ostensivos, esses bichos com coleiras de oiro tauxiadas de brilhantes, tratados a dietas, frisados, perfumados, para os quais há hoteis, hospitais, instalações magníficas — mas vivendo em doirados cativeiros, privados do supremo bem para todos os entes da Criação, que é a liberdade.

Entretanto, há, pelo mundo fora, milhões de famintos e subalimentados, realidade pungente e humilhante que a eloquência dos números exibe nas estatísticas específicas das organizações mundiais, ao mesmo tempo que, em Roma, a voz do Sumo Pontífice se ergue magoada e vibrante em prol dos humildes e espoliados, denunciando injustiças e desigualdades, alardeantes riquezas, egoísmos supremos — chocantes, ofensivos da dignidade humana.

Há milhares de covais obscuros, os ossários anónimos, as campas de abnegados heróis para sempre ignorados — e há, também, os cemitérios de cães, cuidados, floridos, sempre orvalhados de lágrimas e onde transparecem pesares inconsoláveis, lânguidos saudosismos em epitáfios de inconcebíveis exaltações dos bichos adorados.

Que dizer da afeição de Liz e Burton pelos seus quatro cães de estimação, alugando (pelo equivalente a dois mil e quinhentos contos por dois meses) um imponente iate, que fundeou no Tamisa, diante de Londres, para servir de hotel aos cachorros, impedidos pelas previdentes leis sanitárias de entrarem na Grã-Bretanha? E a senhora inglesa, viúva, argentária, que deixou ao filho três mil libras e testou a favor dos seus gatos sessenta mil (que correspondem a uns quatro mil e oitocentos contos)? E aquele outro casal de milionários que, na América do Norte, no país de tão violentos contrastes, legou qualquer coisa como nove mil contos «ao cão favorito, o querido **Duke**, garantindo-lhe o bem-estar enquanto viver e, por sua morte, sepultura condigna, onde quer que seja, o mais perto possível do túmulo dos afeiçoados donos»?

Que dizer de tudo isto?

Pois di-lo o padre Manuel Bernardes:

«Se a alguém lhe parecem estas coisas incríveis, lembre-se do que se passa (não entre gentios, mas cristãos) com o amor a cachorrinhos de estrado, que, se adoecem, os deitam em cama regalada, e os mandam visitar por pessoa inteligente; e se morrem, os mandam enterrar envolvidos em preciosas toalhas de pontas, acompanhando-os com mui sentidas saudades; porque é justa pena nossa a permissão de Deus, que o amor, que lhe negamos a ele e a nossos próximos, o ponhamos em cães e outros brutos animais.»

Uma longa carreira profissional iniciada, muito novo ainda, em «O Século», passando depois pelo «Diário da Noite» e pela «República» (onde esteve durante 15 anos), até entrar no nosso jornal em Fevereiro de 1954. Nasceu em Novembro de 1907. Entre outras actividades jornalísticas, foi chefe da redacção de «A Bola». Colaborou em muitos jornais portugueses espanhóis e brasileiros, publicando artigos, crónicas e ensaios literários no «Diário de Lisboa», muitos anos antes mesmo de ser convidado para a nossa redacção. Trabalhos seus e com a sua assinatura apareceram na «Seara Nova», «Vértice», «Europa», «Diário Liberal», «Humanidade», «Mundo Gráfico», «Vida Mundial», «O Século Ilustrado», «O Primeiro de Janeiro» (onde elaborou, por exemplo, o número especial do suplemento literário dedicado a Wenceslau de Moraes), etc. Por volta de 1928 esteve ligado ao grupo de entusiastas do cinema português sonoro (grupo da «Fonofilme»), privando com o pioneiro Fred Neto, Altiníno Sebastião Gonçalves, Aquilino Mendes e outros. Ao nível da classe da Imprensa de Lisboa foi dirigente do Sindicato dos Profissionais e é hoje o presidente do conselho fiscal da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa). Estudioso, desde sempre, do fenómeno literário, dedicou a sua análise, entre outras em especial, a Wenceslau de Moraes e a Lafcadio Hearn, e por extensão á literatura japonesa. Repetidas andanças e, além-fronteiras, muito por Espanha e em especial pela Andaluzia e Norte de África interessaram-no na literatura e nas líricas árabe e moçárabe. A sua bibliografia inclui: «O Japão na História, na Literatura e na Lenda» (Lisboa, 1943), «O Japão através da sua literatura» (Cosmos, Lisboa, 1945), «A Cidade das Mil Cores» (Lisboa, 1946), «Viagens Maravilhosas ás Terras do Céu» (Lisboa, 1949), «Neblina» (Lisboa, 1956) e, por último, «Terra morena — Algarve do Sonho e da Realidade» (Lisboa, 1965). Tem a entrar no prelo, no Funchal, «Madeira — Trabalho e Maravilha» e, em preparação, além de estudos sobre Hearn e Moraes, outros trabalhos de jornalismo e literatura.

Literatura e Humanismo

POR EDUARDO PRADO COELHO

«Nous ne pouvons vivre que dans l'entrouvert, exactement sur la ligne hermétique de partage de l'ombre et de la lumière. Mais nous sommes irrésistiblement jetés en avant. Toute notre personne prête aide et vertige à cette poussée».

RENÉ CHAR

AQUELES QUE ANUNCIAM a morte do homem, desejarão eles também o declínio da arte?

É um pouco esta pergunta, é talvez este o alarme que estremece e arqueia o corpo invisível da literatura. São muitos os textos recentes que nos falam desta inquietação: irá a arte desaparecer juntamente com o homem num mundo onde a técnica, o gráfico, a programação, a estrutura começam a instaurar o seu predomínio?

Mas retomemos a questão na sua raiz: que dizem aqueles que dizem que o homem morreu? Dizem apenas que é impossível continuar a pensar uma figura do homem que a tradição nos impôs. E essa figura é aquela que a teologia nos legou ao inverter-se em humanismo: de um deus concebido a partir do homem chegou-se á concepção de um homem a partir de deus. E o anti-humanismo não põe em causa o homem, mas o lugar que no humanismo ele ocupa. Porque se existe um lugar de deus, é porque deus é um lugar.

Daí que seja preciso e urgente repensar o homem que recusa esse lugar que a teologia lhe determinou. É apenas isso a tão falada «morte do homem» — sinal apenas do homem diferente que é preciso construir, e amar.

E a literatura? Não será ela uma das mais altas afirmações do homem? Sem dúvida. Mas a literatura não é apenas (não pode ser) expressão do homem, afirmação iluminada e tranquila dum homem triunfante. A literatura diz o que no homem é e o que nele ainda não é: ela não nomeia sòmente a sua presença, mas também, e ainda, e sobretudo, o que nele é ausência a si mesmo, imprecisão, distância, incompletude.

Escrevo «laranja», mas a palavra não me restitui a presença real dessa laranja. Diz-me a sua ausência, a ausência dela, o contorno nítido, o vinco mudo da sua irrealidade. A linguagem não nos coloca na plenitude das coisas, mas separa-nos dela para melhor sentirmos o que nela é ainda privação.

Apenas escrevemos porque ainda, e sempre, alguma coisa nos falta. Se a palavra se origina na experiência desse vazio primordial, e se a palavra que pretende colmatar esse vazio (a palavra literária) é afectada pelo próprio vazio que a provoca, é preciso que indefinidamente ressurja uma palavra nova que preencha o duplo vazio e o duplo desejo: «la double absence des dieux ne sont plus et qui ne sont pas encore» (Blanchot).

A literatura é, portanto, o prolongamento ansioso e dilacerado duma ausência.

Assim nos ensina a análise da linguagem quando nos mostra que toda a palavra torna visível a linha de um vazio. Comunicar é propor ao outro a saber de uma ausência e delimitar nessa ausência o que dela é privação em nós.

Se a arte é possível, é na medida em que ela nunca coincide com o homem, nunca é a expressão passiva de um homem eufórico, mas sempre incoincidência, desvio, mas sempre promessa, anunciação, liminar da própria verdade que pelo homem se constrói. O que René Char nos indica: «le poème est l'amour réalisé du désir demeuré désir». E também doutra forma: «le poète est la genèse d'un être qui projette et d'un être qui retient. A l'amant il emprunte le vide, à la bien-aimée la lumière».

Mas o poeta vive a sua exigência de plenitude como um retorno á origem, a esse momento mítico em que a linguagem se diluía na realidade das coisas e não era apenas o sinal do que nos separa delas. Momento utópico: mas a literatura é a linguagem como utopia. A palavra poética é sempre palavra original (mas ferida dessa morte onde o sentido se institui), porque nela tem origem o reino da liberdade que na brancura lisa da sua voz a cada instante claramente se anuncia.

Mas a palavra poética nunca nos reconstrói a plenitude, apenas indica o sentido e a razão da nossa exigência. Uma palavra literária, se é sempre desejo de ser palavra de início e limite, e por isso assim se define, é sempre necessàriamente palavra de recomeço. Blanchot: «ce qui est premier, ce n'est pas le commencement, mais le recommencement, et l'être, c'est précisément l'impossibilité d'être une première fois». A arte permanece (como afirmação do homem) na medida em que a plenitude é possível — porque ela é essencialmente o lugar da sua verdade imensa. A arte permanece (como ausência e negação do homem) na medida em que a plenitude é impossível — porque ela é a experiência fendida dessa verdade utópica. E por isso a arte a cada instante nos separa da história, situando-nos na intemporalidade do absoluto, e nos reenvia á história, ao nosso quotidiano trabalho na história: luta e rouquidão, risco e manhã.

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 1.º TELEF. 369386

PASSE O PRÓXIMO FIM-DE-SEMANA EM ALBUFEIRA
INSTALE-SE NO HOTEL BALTUM
— Situado no centro da Vila.
— Todos os Quartos com casa de Banho privativa, aquecimento e Telefone.
— Direcção Portuguesa.
— Modicidade de Preços.
Faça já a sua Reserva pelos Telefones 306 - 307 — APARTADO 22
Telegramas BALTUMHOTEL — Albufeira

O caldinho de camarão: petisco da beira-mar a dez tostões a tigela

POR FERNANDO ASSIS PACHECO

Jornalista desde Setembro de 1965. Começou no «Diário de Lisboa». Tem 31 anos e é licenciado em Filologia Germânica com uma tese sobre poesia inglesa moderna. Redactor da revista «Vértice» desde 1961. Publicou um livro de poemas, «Cuidar dos Vivos» (Coimbra, 1963), e participou no caderno colectivo «A Poesia Útil». Durante o curso universitário foi dirigente associativo, co-fundador do Círculo de Iniciação Teatral, actor do T. E. U. C. para uma digressão a Cabo Verde e bolseiro do Instituto Espanhol da Faculdade de Letras em Santander. Estudou também na Alemanha Federal. Conhece parte da Europa e foi em serviço do jornal aos Estados Unidos.

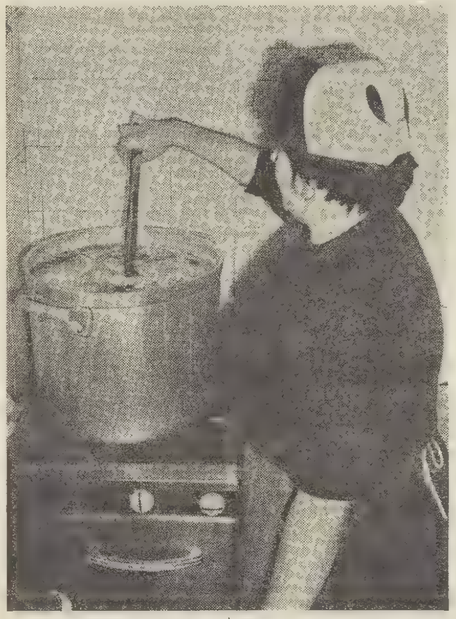
—O NOSSO caldinho de camarão é feito á base de farinha torrada, com um fundo de cascas a que se adiciona um pouco de peixe. Também leva vinho abafado, um abafado especial que temos na casa.

A explicação demasiado sucinta para despertar o apetite do leitor, foi-nos dada por Claudino, encarregado do «Solar dos Condes». Acrescente-se: com a concordância plena da sr.ª Conceição, que preside aos segredos culinários deste manjar.

O «Solar dos Condes», quase em frente do cinema Odeon, é um exemplo (entre muitos) do pequeno restaurante lisboeta especializado em petiscos. A sua localização atrai centenas de clientes todos os dias: quem passa dos Restauradores á Rua das Portas de Santo Antão não deixa de notar — porque se mete pelo nariz dentro — o cheiro bom dos fritos e outras coisas de comer.

Mas pouca gente sabe que ali são consumidas diàriamente 500 tigelas de «caldinho», o que equivale a 200 litros de líquido mais ou menos espesso. Façamos a conta do mês: 15 mil «caldinhos», 6 mil litros para despachar com pão torrado. É obra.

Números idênticos haveriam de ser-nos fornecidos por vários restaurantes e bares de Lisboa.



Dez quilos de camarão para 200 litros de «caldinho». A cozinheira usa farinha torrada, cascas e vinho abafado

O caldo de camarão engana a maldita a muito boa gente.

(«Vamos á Ribeira e compramos uma teca de camarão miúdo. Com isso fazemos um figurão que o senhor nem queira saber», revelou o proprietário de um tasco próximo de Martim Moniz. A «teca» — 8 a 10 quilos — é suficiente para 150 litros de caldo.)

«Peixinho limpo» que vem do rio

No caldo de camarão utiliza-se normalmente uma espécie de segunda ou terceira qualidade, o «mouro», também chamado «negrão». Regula entre 5$00 e 10$00, mas nos dias maus pode subir a 15$00, mesmo a 20$00.

Onde é apanhado o «mouro»? Ora adeus, no rio. As bases mais importantes localizam-se na faixa Vila Franca-Poço do Bispo. Entretanto, pequenos barcos camaroeiros (alguns com motor) sulcam o Tejo, arrastando uma rede fina a que se prendem os minúsculos crustácios *podoftálmicos* (cujos olhos são sustentados por pedúnculos móveis). Daí provém parte da remessa.

— Tenho muito cuidado com os fornecimentos — declarou um comerciante — Colegas meus, menos escrupulosos, chegam a comprar camarão de Alcântara, apanhado ao pé do «caneiro».

O que deverá entender-se como excepção... Já uma vendedeira afirma, com os dois braços no ar:

— Ah, meu senhor, isto é «peixinho limpo» que vem do rio!

Desfeito em caldo, o povo modesto chama-lhe um figo e esquece melhor as lagostas vivas de certas montras. Estas, como se calcula, não têm nada a ver com o camarão «mouro». Parentes, sim. Mas muito afastados.

Quinze anos no camarão

Alfredo Laruto tem 68 anos e anda há quinze no camarão. É de Almada, jogou futebol no Sporting Olhanense («até 1923, ao tempo que isso foi...») e conhece o Tejo lisboeta como as mãos com que remava forte e feio antes de comprar o seu motor.

— Isto do camarão está péssimo — diz Alfredo Laruto. — Há cinco anos fazia lanços de vinte quilos. Hoje saio á meia-noite, levo o barco por aí, as horas passam e o maldito do bicho «moita»! Tenho alturas de apanhar um quilo, quilo e meio.

A bolsa do camarão «mouro» é na Ribeira. Preço entre 5$00 e 10$00, podendo subir aos 20$00 em certas épocas do ano

Aponta umas chaminés ao longe: á fé de Laruto que o inimigo é bem visível.

— Gosto mais de apanhar o camarão branco.

Quando ele aparece, meto a pescaria numa rede de malha larga e o pequeno, o «negrão», é toado assim mesmo.

Outras vezes Laruto não tem escolha possível: só há «negrão». Rende pouco, uma miséria...

O barco chama-se «Três Rapazes». Ainda é dos que sai para a água, porque muitas bateiras estão meses seguidos sem molhar o casco. Crise geral.

...Vendido á tigela, transformado em sopa de coloração castanho-avermelhada, o «mouro» custa duas «coroas» e é um alimento para todas as bocas. Há quem lhe junte água de cozer grão e casca de cebola. Com uma «terceira» de tinto á frente não se dá por nada.

— O público — explicou um empregado de balcão — continua muito afeiçoado ao «caldinho».

Rede camaroeira nas mãos de António Laruto, que há quinze anos vive desta pesca pouco rendosa

O «feedback» essencial

POR NUNO VIEIRA

Tem 34 anos e iniciou-se em jornalismo no «Diário Ilustrado» (1956), depois de haver frequentado os primeiros anos do curso de Escultura da E.S.B.A.L. Entrou no «Diário de Lisboa» em Novembro de 1961, sendo, de então para cá, redactor da secção de Estrangeiro. Trabalhou em duas agências de publicidade, Latina e Marca. Foi membro do conselho fiscal da Casa da Imprensa. É redactor da «Vida Mundial». Em missão de reportagem do nosso jornal esteve em França, na República Federal Alemã e na Rodésia.

O «DIÁRIO DE LISBOA» completou 47 anos de existência. Quase meio século. Meio século durante o qual o Mundo sofreu maiores transformações do que as verificadas em qualquer outro período da História. Desde 1921, impérios esboroaram-se, sistemas sociais e económicos foram abalados até aos alicerces, outros tomaram corpo, surgiram novas ciências e a aceleração do progresso acentuou-se para além das previsões.

A «explosão demográfica» reactualizou Malthus, fez avolumar-se o espectro da fome á escala do Globo (seis biliões de habitantes no ano 2000) e está a levar á generalização da pílula e da planificação familiar. O homem lançou-se á conquista do Cosmos e está prestes a pôr o pé na Lua. Por outro lado, tenta criar a vida por meios laboratoriais. O método científico é aplicado num numero cada vez maior de sectores e, até, da maneira mais séria, no estudo do próprio ser humano. O uso de correntes eléctricas aplicadas ao cérebro e de certas drogas, facilita, mesmo, a alteração da personalidade, embora, por enquanto, por breves prazos. Surge, assim, a possibilidade de transformar o individuo infeliz e deprimido num individuo confiante em si próprio e optimista, o agressivo em conciliador e o indesejável num ente util á sociedade. Além disso, o avanço da Medicina permite que se viva mais tempo e se pense risonhamente na imortalidade como conquista de futuras gerações.

As novas técnicas de produção (a automação), de obtenção de energia (de origem atómica, por exemplo) abriram horizontes nunca sonhados de elevação do nível de vida. Simultaneamente, eleva-se o nível cultural médio. Mas também os padrões mudaram radicalmente: as pessoas já não podem limitar-se a tirar um curso e a beberem dele para o resto da sua existência, pois o que elas aprendem até aos 20 ou 30 anos desactualiza-se rápidamente. Há agora necessidade de voltar periódicamente á escola. Impõe-se a «educação permanente» Aprender até ao fim da vida deixou de ser apenas uma noção filosófica.

À aceleração do conhecimento alia-se o fantástico desenvolvimento dos meios de comunicação e de processamento de ideias. A electrónica, através da rádio e da televisão (Eurovisão, Mundovisão), está a facilitar a «planetização» — isto é, a tendência da Humanidade, que habita este planeta, de se transformar, verdadeiramente, numa unica familia — a «tribo mundial», que é anunciada pelo visionário canadiano Marshall McLuhan. Os cérebros electrónicos acumulam informações em quantidade astronómica e tornam-se o complemento do cérebro humano, multiplicando a capacidade deste.

A preocupação com o passado é substituída pela preocupação com o futuro. A Prospectiva e Futurologia ensaiam os primeiros passos. Os velhos cedem o lugar aos novos, nos postos de comando. A juventude deixa de ser um pecado e o hermetismo uma virtude.

Surgem valores inteiramente novos. O passado ganha uma significação diferente. Mais do que nunca, torna-se patente a continuidade do progresso, da luta contra a «entropia», contra a tendência para o caos.

E é esta ascensão, mais e mais vertiginosa, da Humanidade, que cabe aos meios de informação acompanhar, na sua tarefa de fornecer os elementos para a constante correcção de rumo — o essencial «feedback», sem o qual a evolução coerente não se pode processar.

O livro de cinema português ou a linguagem do efémero

POR LAURO ANTÓNIO

UMA RECENTE exposição organizada na galeria da livraria do *Diário de Notícias* pelo Círculo de Cinema voltou a colocar com acuidade o problema do livro de cinema de autores portugueses. Vistos assim, lado a lado, em rápida panoramica de capas envelhecidas (incompleta, é certo!), os livros que os portugueses criaram e pretenderam dedicar áquela que foi considerada (Riccioto Canutto) a *sétima arte*, revela-se na sua esmagadora maioria, livros de ocasião, obras de oportunidade, redigidas apressadamente ou coligidas com desembaraço mal disfarçado, agrupando algumas duzias de artigos que os jornais diários e outras publicações dispersaram, anteriormente, pelas suas páginas. Ora, se os estudos de André Bazin justificaram amplamente uma recolha deste tipo, o mesmo não poderemos dizer do muito que se tem feito por cá. Tendo em conta as devidas proporções, Bazin era Bazin e as obras (ou as mais das obras) que por estas terras se compilam revelam-se quanto muito trabalho de amadorismo (e nem sempre de *amador!*), poucos sendo os casos em que se pode falar com a-propósito de um pensamento autónomo e de uma visão crítica e histórica esclarecida e imprescindível. Quando falamos de pensamento autónomo, não queremos evidentemente referir mais *um modo essencialmente português de encarar o fenómeno cinematográfico*, facto que muito iria certamente agradar aos ouvidos dos exegetas do nacionalismo filosófico e artístico que não se cansam de multiplicar *as maneiras e os modos de sentir da alma lusitana*. Pensamento autónomo será aquele que se não copia ostensiva (ou disfarçadamente) de modelos já gastos ou de teorias já formuladas. Ora, também nesta acepção não será o nosso Valmorêlis — autor de um tratado de estética (?) a que chamou *Arte Cinematográfica* (e que dizia, por exemplo, que *os órgãos do corpo que servem de meios de comunicação entre a alma e o mundo dos corpos, são os sentidos*, ou ainda, que *todo o trabalho do artista cinematográfico é mais difícil do que a maioria imagina, tem que ver sem ver coisa nenhuma, ou ouvir sem que se faça ruído algum, falar sem ter com quem falar, etc.*) — quem melhor caracterizaria o pensamento estético autónomo do ensaista cinematográfico português, muito embora seja efectivamente um dos nossos poucos autores que enveredaram resolutamente (e com que resolução, saliente-se!) pelo campo ingrato da teoria especulativa. Neste aspecto, porém, e retirando meia duzia de obras que (pese embora algumas das suas limitações) merecem destaque especial (lembramo-nos, nomeadamente, de Roberto Nobre, Manuel de Azevedo, Fernando Fragoso, Luis Neves Real, Ernesto de Sousa, Alves Costa, Baptista Bastos, António de Macedo, José Augusto-França e poucos mais), o panorama editorial português, no que se refere ao livro de cinema de autor nacional é particularmente mediocre. Se as obras de estética não abundam, mais grave é, no entanto, a ausência de livros de pesquisa histórica, concebidos com rigor e consciência. Os poucos exemplos conhecidos apresentam-se caóticos, desarticulados, desarrumados, escritos no jeito do improviso, sem rigor nem método histórico sobre que assentem. No campo sociológico os estudos são, de igual modo, de uma ridícula inexistência. Pequenos opusculos circunstanciais, grandes recolhas de artigos sem qualquer vestigio de unidade englobante, monografias diversas dedicadas aos temas mais desencontrados, livros espectaculares e sensacionais (procurando o êxito fácil da vida íntima das *estrelas*), este o grosso do espólio de cinquenta anos de livros de cinema de autores portugueses. Nem uma unica grande história do cinema nacional (que, *apesar de tudo*, ou até por causa *disso tudo*, bem merecia) e reduzidíssimas contribuições pessoais que se possam colocar a par do que no estrangeiro se edita regularmente e cada vez com maior intensidade.

Bem sabemos que o cinema se ultrapassa diáriamente; as películas sobrepõem-se a um ritmo veloz, os seus autores pesquisam em todos os sentidos novos caminhos. O cinema descobre ainda quotidianamente a sua actualidade e força, desenvolvendo potencialidades, muitas das quais nem sequer vislumbradas. O cinema, concluindo, investiga e investiga-se, reconhecendo-se agora a si próprio. Esta constante e continua tentativa de evolução (e revolução), obriga todos os que ao estudo do cinema se dedicam com regularidade, a escreverem páginas efémeras, impressas muitas delas para serem fruto de ocasião, logo esquecidas. Há, todavia, que ter consciência dessa efemeridade intransponível e não pretender imortalizar textos circunstânciais (pecha aliás muito nossa, e que invade quase todos os géneros da nossa literatura e em que se especializaram já nomes consagrados).

Mas, para além destes postulados que a própria matéria criticável impõe ao crítico e ao estudioso, estes podem (e devem tentar empreender esforços tendentes a um estudo sistematizado e esclarecido de alguns dos problemas de ordem estética, sociológico e histórica que o cinema põe, não só no caso português, como no conjunto da produção cinematográfica mundial. Só deste modo conseguiremos integrar o cinema num contexto cultural efectivamente válido, actuante e contemporâneo.

Companhia Portuguesa de Celulose

S. A. R. L.

—PASTAS MECÂNICAS E QUÍMICAS
—PAPÉIS KRAFT, DE JORNAL E IMPRESSÃO REVISTA
—CARTÃO CANELADO E FITA GOMADA
—SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Sede: **Lisboa, Rua Joaquim António de Aguiar, 3**
Telegramas: Celulose — Lisboa
Telefones: 538857 (P. P. C. A. 8 linhas)

Instalações Fabris: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telefones: 91287/88/89

MARGEM SUL, MARGEM NORTE

Uma fragata desce o Tejo

POR MÁRIO CASTRIM

Professor durante vários anos do Ensino Técnico Profissional, do quadro da Escola Comercial Ferreira Borges, criou em 1957 o «Diário de Lisboa Juvenil» por ele próprio considerado «a sua maior obra». Assegura diáriamente, vai para três anos, a crítica de Televisão no nosso jornal. Faz parte do juri internacional do Europrémio. Assina a crítica literária no programa radiofónico de Igrejas Caeiro, no Rádio Clube Português. Intensa actividade no campo da literatura infantil. Um livro publicado: «Nasceu para lutar». Em Novembro de 1967 entrou no quadro redactorial do «Diário de Lisboa». Visitou em serviço a Espanha e a Itália.

FOTOS DE SALVADOR RIBEIRO

Tem 40 anos. Começou como fotógrafo de estúdio, entrando para a «República» em Março de 1959 e colaborando no «Diário de Lisboa» desde 1962. Repórter efectivo do nosso jornal a partir de Fevereiro de 1968. Trabalha também em «O Século Ilustrado».

— AGORA VAMOS numa zona — disse Ti Moita derrubado, com todo o peso do corpo e da noite, para a cana do leme. O meu silêncio deve tê-lo surpreendido.

— Não sabe o que é uma zona?

— Não sei.

— Com que então, o senhor, que passa a vida a escrever, não sabe o que é uma zona...

— Tenho muita pena.

O leme chiou um milímetro para a esquerda.

— Zona vem a ser um sítio perigoso. Se a fragata guinasse para bombordo cinco metros, ficava em chão. Para terra é que eu não voltava.

— Eu muito menos.

— Comigo não é por isso. Um homem tem a sua honra, está a perceber.

Ti Moita, Alcunha, mas ninguém o conhece doutra forma. A caminho dos setenta. À uma hora da madrugada, pelo carreiro enlameado metendo por juncos altos, a sua voz de entre bronquite e alcool:

— Siga pelos meus pés. Tome conta que é mar de ambos os lados...

Depois a caminhada na salina, nuvens de mosquito a cobrir-me a cara como uma rede das viúvas, depois o cais. O cais .. A fragata afastada no rio presa á ravina por um estreito cordão umbilical: a tábua ensalitrada e escorregadia por onde terei de aventurar o meu desequilíbrio de pasta e gabardine. De certo vou cair nas águas negras levemente onduladas, espeto-me no lodo até ao pescoço, só as estrelas me vão prantear e ganharei muito com isso...

A fragata «Israel» avança lentamente na «zona». A direita as luzes do Cais do Rosário; á esquerda as sombras de uma terra difícil para os olhos. O sino da Moita acompanha-nos até ás pancadas das quatro. A meia-hora depois das quatro chega-nos, como um ponto final, de Alhos Vedros. Depois é o silêncio, cortado de súbito e logo recomposto, pela voz inaudita de um solitário pescador de enguias. O Gascidla, de uma banda, a União Fabril, da outra, são duas balizas longe de nós para sempre, como se estivéssemos fisgados na teia de aranha. Só o chape-chape da água no costado da fragata é a certeza de que a «Israel» avança.

A «Israel» é daqueles barcos de velas grandes que o alfacinha enquadrou no seu olhar quotidiano. Galinhas vagarosas, medem o Tejo aos palmos. Transportam braçados de mercadorias: caixotes, sacas de adubo, pipas de vinho, cortiça, madeira. O frete sai mais barato. Animam, embelezam, animalizam a paisagem. Estão para os motores como a candeia de três bicos para a electricidade. Complicam o movimento no Tejo como as carroças na estrada velha para Vila Franca.

Por isso, tendem a desaparecer. Por isso e porque os pagos á tripulação não compensam as incomodidades, os trabalhos, a dávida de todo o tempo, de toda a vida, ao Tejo.

— O rio comeu-me todos os dias e todas as noites da minha vida. Fugia da escola para os barcos. Nha mãe dizia: não tenho um filho, tenho uma enguia. Ando há mais de cinquenta anos nisto. Levar uma fragata ao Cais do Sodré desde a Moita ou Alhos Vedros é ciência que se aprende com o corpinho. Mas hoje ninguém quer mais ser fragateiro. Só velhos andamos na vida.

Claro. Os novos vão para as fábricas. Mais garantias, mais dinheiro, dormem com a mulher. O tripulante de uma fragata ganha uma parte; a fragata ganha parte e meia. Para o frete de 450$00, cada um dos três homens da «Israel» vence 100$00. O patrão recebe 150$00. A média aí de uns dez fretes por mês, faça-se a conta. A pobreza anda á vela romântica no Tejo.

Cada saca de 70 quilos é transportada para terra assim. E à velocidade de oitenta centavos. «O sal não perdoa...» Mas será o sal quem não perdoa?

O Tejo. Vamos agora entrar no seu grande corpo direito. O Lavradio explode de luz. Começa a arranhar um vento fresco que mal dá para manter a escota firme. A fragata tem a proa direita a Poço de Bispo, a aproveitar a direcção da brisa e a dar á força da maré a maior parte do seu corpo. «Por este andar, chegamos ao Cais do Sodré antes da nove» diz o timoneiro.

Bem visíveis já as luzes azuis da Praça do Comércio. Parece que basta levantar a mão para lhe tocar. A «Israel» no entanto mal se move. A Ursa Maior equilibra-se na ponta do mastro. A mancha luminosa do Lavradio, onde uma pinta encarnada imita papoila, fica-nos para trás. No Tejo, nem vivalma surpreende-nos, por breves minutos, o tac-tac do gasolina-arrastão que segue para Alcochete, única presença viva no verte-chão do rio. Ao meio da «Israel» brilha a mancha compacta do sal.

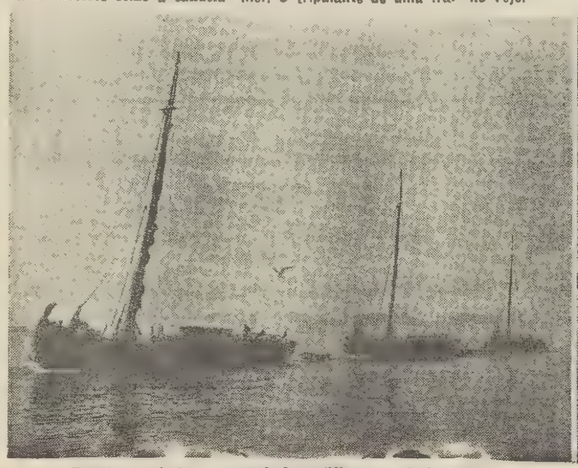
Sessenta moios de sal. Quarenta toneladas, mais ou menos, embarcadas no cais do Gaio, da Moita. A bacia do Tejo fornece a quase totalidade do sal que Lisboa consome. Montijo, Alcochete, Moita, Alhos Vedros: se não fossem eles, Lisboa era uma cidade insonsa.

Este breve cristal de cloreto de sódio parece de uma estrutura tão simples, e afinal...

Afinal mora no centro de inúmeras preocupações. Os salineiros da margem Sul do Tejo deitam as mãos á cabeça. A uniformização do preço aboliu intenções de qualidade. Vigora o preço único de 250$00 para os três tipos de sal há muito estabelecidos: traçado (consumido pela frota bacalhoeira) grosso (para a indústria) e fino (comida e salga de peixe). Assim, os marteiros (os marnotos de Aveiro) rapam sem preocupações de selecção pois não existe compensações de preço.

Por outro lado, aumenta a concorrência. Veja-se: enquanto a tonelada de sal, na bacia do Tejo, anda por 250$00 a tonelada, são os seguintes os preços noutras régiões. Aveiro e Figuei-

(Continua na página seguinte)



Fragatas e gaivotas — o espectáculo quotidiano no cais de Lisboa

Não é neve: é sal. Sal cloreto de sódio, cloreto de sal, cloreto de sucu...

Uma fragata desce o Tejo

(Continuação da página anterior)

ra, 330$00; bacia do Sado, 210$00; Algarve, 170$00. A concorrência do Algarve, pelas suas condições especiais, extremamente favoráveis, de produção, é a que mais se faz sentir.

Outros factos, no entanto, acontecem dignos de menção como seja o transporte do sal desde Cabo Verde, pelos barcos da Sociedade Geral.

Mas o que mais inquieta os industriais salineiros da bacia do Tejo é o facto de a nossa frota bacalhoeira se abastecer parcialmente em Espanha, enquanto em Alcochete e Alhos Vedros estão empatadas as colheitas de 1965, 66 e 67.

Sem dúvida, a produção espanhola de sal é fabulosa basta dizer-se que uma única salina, a de Torrevieja, em Alicante, produz num só ano maior quantidade de sal do que todo o nosso país em dois anos. Pode à vontade praticar o preço de 170$00 a tonelada e os meios técnicos de que está provida permitem-lhe, por exemplo, carregar barcos de cinco mil toneladas num só dia.

Como poderia a frota bacalhoeira nacional abastecer-se de sal português? Por outras palavras, como poderia a indústria portuguesa ser beneficiada com fornecimentos que orçam as 170 mil toneladas por ano? O problema, para já resolver-se-ia com a criação de um Fundo de Compensação aos armadores nacionais que carregassem os seus barcos com o bom sal da nossa terra. É um assunto que requer estudo aprofundado e imediato.

Entretanto, o consumo diminui em Lisboa, ao mesmo tempo que diminui a capacidade de produção nas salinas da margem Sul. A baixa de consumo explica-se pela existência cada vez maior de frigoríficos que, como bem se calcula, evitam o emprego do sal na conservação de vários alimentos. A baixa de produção verifica-se desde a construção da barragem do Castelo do Bode: com sua extensão de cerca de 60 quilómetros, a água doce da lagoa vem diluir o sal da água com que o oceano enchia as salinas.

Frigorífico, Castelo de Bode: pequenas causas, grandes efeitos.

«Israel» avança pelo Tejo tão lentamente como o dia. Teremos de andar, de gatinhas, melhor dizendo, durante duas horas mais, antes de pormos pé em terra. Terra é Lisboa. Lisboa dançada de luzes por uma data de montes e colinas. A electricidade marca referências, o castelo de S. Jorge, a Sé, a linha do cais, o Terreiro do Paço, enfim, as paredes do lar.

O espectáculo da luz mente aos olhos. Lisboa está para além dela. Submersa. Acaba por nos surgir, estranhamente Vieira da Silva, quando nos encontramos a poucas centenas de metros de distância. As luzes de Lisboa apagam-se quando faltam três minutos para as sete. A última estrela desaparece ás sete e doze minutos. O céu não poupa electricidade.

E o Tejo não poupa água ao Atlântico. Devolve toda a que recebeu e mais alguma. E além da água, os restos do consumo da cidade. E a preciosa terra da erosão. Pela força do vento da maré, a «Israel» salta nas marolas seu corpo sapinho. Na vastidão do rio, agora que o dia já cravou a espada no pescoço do dragão, distingue-se o vulto do petroleiro gigante, isolado, lutador último numa arena vazia. Mas á medida que a luz aumenta, aumenta o tráfego. Com a força da maré na aproximação da barra, e aproveitando um vento quase ao rés da água, a «Israel» galga o espaço que a separa da mota, no Cais do Sodré. Tí Moita está contente, «para nós, o vento é tudo». Tí Moita está tão contente que faz humor com o jornalista quando passa pela boia n.º 6 onde a maré que desce faz cachão:

— Tá a vér aquela boia, a velocidade que ela traz? Ainda chega esta manhã a Vila Franca...

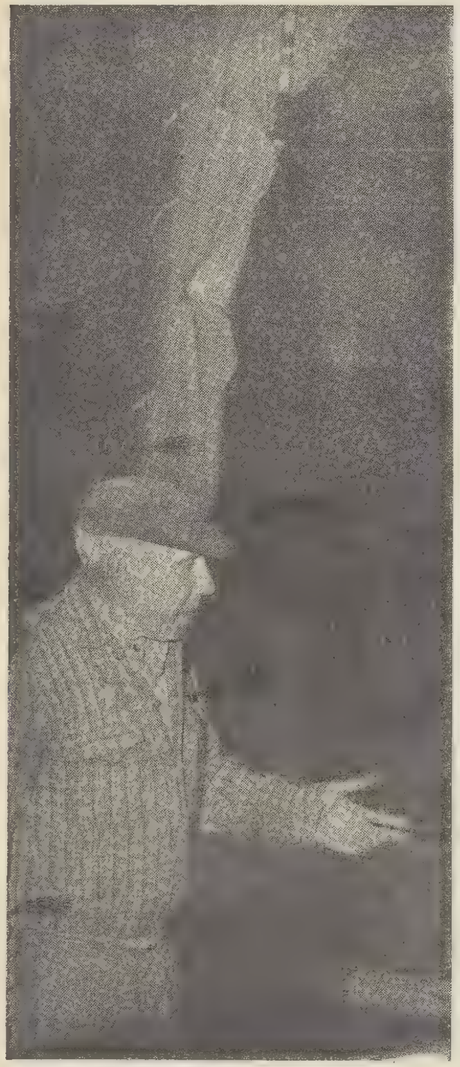
Aproxima-se, com o princípio do dia, o fim da aventura no rio Tejo. Um rebocador caridoso vem conduzir a «Israel» para o cais: o papá leva a menina pela mão para a escola. Em terra; quatro descarregadores esperam pela barcaça para a esvaziarem do sal.

Tudo, em última análise, se reduz ao humano. Esta fragata, esta caminhada ao longo da noite, este gunhado de sal, tudo é uma forma de ser homem. Tudo partiu dele. Por tudo o homem se distribuiu. Tudo é o seu trabalho. Tudo é o seu domínio. A sua vida, também. Também a sua morte. Principalmente a sua morte. É o que nos diz um descarregador franzino, na beira do cais.

— Ganho 8$50 por cada moio que descarrego. Ou seja: 10 sacas de 70 quilos cada. Cabem-me aí uns 10 moios de cada frete. O cansaço, as varizes, etc. Enfim, coisas. O pior é o sal que se entranha na gente, entra pela pele, pelo sangue. Às vezes é tanto, o sangue está de tal modo ensalitrado que nem dá para ir ás análises, os médicos dizem logo á gente «ah, tu és dos que descarregam sal... O caso é que nenhum de nós chega a velho, todos temos uma destas pressas... O sal não perdoa».

«Israel» é puxada com lentidão para a mota da descarga. Dentro dela, o sal brilha e faz doer a vista. Cloreto de sódio, cloreto de sol, cloreto de suor. Na última etapa, o banho lustral de uma noite, completa pelo Tejo abaixo. A partir de agora, el-lo pronto a descobrir aos homens o sabor das coisas, apóstolo que veio do mar.

MÁRIO CASTRIM



«A nossa vida é muito custosa — diz o arrais da «Israel», senhor Francisco Soares — Só velhos como nós, andam nesta lida...»

COMPANHIA DE SEGUROS
A NACIONAL
AV. DA LIBERDADE, 18 — LISBOA
CAPITAL E RESERVAS EM 1967
268.544 CONTOS
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
DELEGAÇÕES E AGÊNCIAS EM TODO O CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

ÁGUA DE LUSO
A MELHOR ÁGUA DE MESA
PEDIDOS A:
REVENDEDORA DE ÁGUAS, LDA.
Nas suas novas instalações
na Quinta do Prior Velho — SACAVÉM
Telefone — 2 51 13 02 — Encomendas
» — 2 51 07 68 — Expediente

Luso Eléctrica
EQUIPAMENTO
ELÉCTRICO — DIESEL
INDUSTRIAL — MARINHA
ELECTRÓNICO — EXÉRCITO
SEGURANÇA — AERONÁUTICA
MOTORES — PETROQUÍMICA
Sociedade Luso Eléctrica Limitada
CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES, 11-13
Telefones: 668061/673106/668066/678091 (15 linhas)

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, LDA.
RUA DA CASCALHEIRA, 33 — (ALCANTARA) — LISBOA
Telefone 638008
Fábrica Portuguesa de tintas de impressão tipo-litográficas, vernizes e massas para rolos

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.
Moedas estrangeiras — Coupons — Papéis de Crédito — Ordens da Bolsa
Telefones 32 47 55 - 36 90 81 — End. Tel. JODRACIR
RUA AUREA, 85

Fui testemunha da prisão do General Gomes da Costa

POR SANTOS JORGE

Tem 68 anos e está no «Diário de Lisboa» desde Abril de 1925. É também, desde 1928, redactor do «Diário de Notícias». A sua longa carreira jornalística, que o levou por várias vezes a Espanha e ainda á Bélgica, Marrocos e Brasil, começou em «O Século» (Novembro de 1920). Pertenceu sucessivamente ás redacções de «A Capital», «O Rebate», «O Dia», «A Pátria» (nas duas fases de ambos estes jornais), «Informação», «A Tarde» e «Diário da Tarde». Sócio fundador e dirigente da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), esteve também ligado á actividade teatral, trabalhando como secretário de várias empresas, nomeadamente as de Artur Eamús e Erico Braga. Foi empresário do Café Ginásio, por influência de Pedro Bordalo Pinheiro.

«QUE vamos fazer?...»

— Sei lá...

— Que vamos fazer, que vamos fazer? — insistentemente perguntávamos um para o outro. Eu e o fotógrafo tínhamos um serviço a cumprir, uma notícia a entregar no jornal, milhares e milhares de leitores á espera dos resultados do nosso trabalho.

Além do fotógrafo também me acompanhavam a minha inseparável bengala e o meu tradicional chapéu de palha. Enfim, restos da «belle époque». Estávamos em fins de Julho e isto passou-se em 1928, há quase precisamente quarenta anos.

Outros tempos! Com que saudade, com que amargura evoco esse período quase longínquo da minha vida, em que já era há vários anos jornalista, e, sobretudo, os magníficos companheiros que todos os dias, a meu lado, participavam nesta ininterrupta peregrinação de alegrias e ansiedades de que é feita a abrasadora fornalha da Imprensa.

Joaquim Manso, querido mestre, estou a vê-lo com o seu monóculo a faiscar centelhas de ironia e de bondade sempre que junto de nós se acercava, com palavras ternas e a voz que lhe saía directamente do generoso coração. Norberto de Araújo, cronista da Lisboa que o progresso pouco a pouco fez desaparecer, levando irremediàvelmente para o túmulo essa maravilhosa novela do amor humilde que dir-se-ia o próprio coração dos velhos bairros da cidade. Artur Portela, alma feita de nervos e de angústia, de relâmpagos e de sarcasmos, a surpreender na sua prosa sinfónica, prolongamento da soberba orquestração do génio de Flaubo e de Junqueiro, toda a visão do mundo que o rodeava, mas sempre de acordo com o seu temperamento inquieto, que tantas e tantas vezes estava de costas voltadas para a realidade.

E outros, e muitos outros de que hoje só resta, nesta sala de trabalho e de companheirismo, o Félix Correia, esse admirável Félix Correia que é, apesar da marca impiedosa dos anos, exemplo único de profissionalismo, de bonomia e de amizade. Outros tempos... Tempos que, por menos saudosista que se seja, apetece recordar com grata emoção. Seguíamos para uma reportagem e não sabíamos, afinal, se regressávamos. O dia a dia revestia-se daquela surpresa e daquele entusiasmo que a cada instante reabilitam a face conturbada do quotidiano.

*

Pois nessa tarde distante de há quarenta anos lá fui cumprir o exercício das minhas funções. As viagens eram demoradas porque as estradas se apresentavam em péssimo estado de conservação. Havia que fugir aos buracos. De Lisboa a Cascais, a primeira praia de algibeira da linha do Estoril, era uma eternidade...

Mal chegámos ali verificamos que a porta do aquartelamento militar estava fechada. Declinei a minha identidade, solicitando à sentinela, através do portão, para falar com o oficial de serviço. Intrutífero o meu pedido. Ordenei então ao motorista que avançássemos para Cascais, onde me dirigia até á cidadela, que aparentemente parecia abandonada, se não fosse a presença de camaradas de outros jornais que em grupo se concentravam junto da entrada, visto que lhes era vedado o direito de admissão, embora não figurasse nenhum distico com aquele indicativo...

Confesso que também fiquei atrapalhado. Perguntei-lhes o que havia de notícia. Sabiam tanto como eu, que acabava de chegar, foi o que me responderam. Não fiquei, porém, descansado. Não podia aparecer na Redacção de mãos vazias. Impossível acreditar que estivessem em branco acerca dos acontecimentos, tal como sucedia comigo, que ali chegara minutos antes.

Chamei o fotógrafo e declarei-lhe perante todos os presentes:

— Bem, vamos para o jornal. Aqui não fazemos nada. Boa-tarde, camaradas. Até à vista...

*

O automóvel arrancou em direcção a Lisboa. Comecei a viver a mais perturbadora de todas as ansiedades. Seria lá possível comparecer junto do chefe da Redacção sem qualquer apontamento para transformar em prosa?!

As sombras caíam sobre o mar e sobre o rio, e um crepúsculo revolto e rubro dava lugar à escuridão, a uma atmosfera opaca e lutuosa que se identificava com a angústia sobressaltante que me dominava o espírito.

A certa altura voltei-me para o motorista:

— Conduza-nos novamente ao quartel-general do campo entrincheirado em Caxias...

O fotógrafo, também sem bater chapa, como nessa época se dizia, porque ainda não trabalhavam com películas, perguntou:

— Mas que vamos lá fazer?

Respondi-lhe lacònicamente:

— Buscar a notícia e buscar o «boneco»...

Assim foi. Bati ao portão. As tropas estavam de prevenção. Arrisco-me a dizer que pertenço à família do general Gomes da Costa. Que não, que já não se encontrava ali, observou o soldado da parte de dentro. Insisto. Insisto sempre. Precisava falar, nesse caso, com o comandante. Tudo decorre demoradamente. De súbito, e com grande espanto meu, abre-se o portão de par em par, para dar saída a um automóvel ocupado por três oficiais. A meu rogo, o automóvel interrompe a marcha, ao mesmo tempo que os portões voltam a fechar-se, tornando intransponível o aquartelamento. Eu reconhecera, com efeito, dois oficiais que iam no banco de trás — o capitão Azambuja Mendes e o tenente Campos Ferreira, ambos ajudantes do general Gomes da Costa. Qualquer deles me conhecia igualmente. Ambos tinham pedido autorização para se irem juntar àquele general. Ao lado do motorista militar via-se o oficial designado para os acompanhar à cidadela. Ao fim de tantos anos não escondo ainda a minha situação afitiva, bem como a do meu colega fotógrafo. Embaraçados, sem notícia, com absoluta necessidade de falar nem que fosse com as medalhas do chefe do movimento militar do 28 de Maio, cuja coluna em parte acompanhei, mantendo-me depois em Sacavém até á sua triunfal entrada em Lisboa.

Os dois ajudantes, com prévio conhecimento do oficial que os acompanhava, combinaram então comigo que o meu carro seguiria á frente, esperando pelo deles junto da estação de Cascais. Aí, eu e o fotógrafo passaríamos para o carro deles, enquanto o meu automóvel se conservaria no referido local, a fim de evitar qualquer suspeitas.

Tudo se passou conforme se estabelecera. Sentiamo-nos em posição caricata, ficando com o tronco entre as pernas dos militares em questão. As cortinas do carro baixaram. Os nossos corações pulsavam com mais intensidade. Batiam febrilmente.

Ao chegar junto do portão da cidadela, onde lá dentro se ouviam os passos da sentinela, o oficial que seguia no banco da frente saiu e anunciou a sua presença e o motivo que ali o levara. Abriu-se então o ralo e ele declarou que estava incumbido de entregar á prisão os dois ajudantes do general Gomes da Costa. Enquanto não se abria o portão, os meus colegas, sem suspeitarem de que eu ali estivesse, crivavam-no com perguntas. Apenas declarou que trazia a Cascais dois presos.

Abriu-se finalmente o portão, o carro entrou, e eu e o meu camarada fotógrafo estávamos em contacto directo com a grande fonte do grande acontecimento. Apareceu logo a inconfundível figura do general Gomes da Costa, e junto dele o seu ajudante, tenente Moura, e o capitão Silva Dias, comandante da cidadela. Aproximei-me, contra a vontade do capitão Silva Dias, do oficial-general, que me apertou cordialmente a mão e me tratou com afabilidade e gentileza, que são peculiares aos homens superiores.

Gomes da Costa pouco me disse, mas foi o suficiente para ficar de posse da notícia que interessava. Salientou que às 4 da madrugada o general Alves Camacho havia comparecido no palácio de Belém, onde fora despertá-lo, a fim de lhe comunicar, frente a frente, que tinha ordem de prisão. Entregou-se — prosseguiu — e perguntou para onde havia de seguir. «Tenho ordem — retorquiu Alves Camacho — de o levar para Caxias, para o campo entrincheirado». E acrescentou-me o valente oficial das campanhas de África e das brumas da Flandres: «Olhe, meu amigo, prepare-me á pressa, mal tive tempo de tomar uma chávena de café e fui para o meu destino, onde lá me disseram que não podia ficar por falta de alojamento, pelo que vim para aqui». Finalmente, descreveu o motivo da sua prisão, a surpresa que esta lhe causara e a inquietante e ambígua atmosfera política que então reinava.

Depois de o fotógrafo ter feito a vontade ao dedo, despedimo-nos afectuosamente, abandonando a cidadela.

Os portões voltaram a abrir-se e registou-se, então, o que não estava previsto. E os jornalistas, alguns dos quais tenho visto apontados como mestres, ficaram embasbacados. Não acreditavam no que viam. Não conseguiam saber como tinhamos ali entrado. E começou a chuva de perguntas...

Ambos nos dirigimos para a estação do caminho-de-ferro, a fim de alcançar o automóvel, que nos trouxe ao jornal.

Connosco ia também uma notícia, uma notícia para milhares e milhares de leitores. Uma notícia para todo o País. Uma notícia para fazer a história da época que vivemos. E no dia seguinte o general Gomes da Costa, o chefe da revolução do 28 de Maio, embarcava no «Carvalho Araújo» em direcção aos Açores, com residência ali fixada. A sua mágoa e a sua valentia confundiam-se com as névoas que envolvem o mar e as ilhas do arquipélago perdido na vastidão imensa do oceano Atlântico.

Visitas aos «Beatnicks» de Munich

POR HERCULANO CARREIRA

Tem 34 anos. Começou na «Flama», onde foi chefe de redacção, e esteve também nas «Novidades». Entrou para a redacção do «Diário de Lisboa» em Janeiro de 1968. É correspondente em Lisboa da revista «Paris-Match» e redactor-correspondente do «Diário de Lourenço Marques». Viveu no Brasil, onde se diplomou em jornalismo pelo Instituto Técnico Profissional do Rio de Janeiro. Estudou nas Alemanha Federal. Visitou em serviço a França, Itália, Bélgica, Holanda e Áustria.

ENTRO A MEDO na cave. Uma cave funda, escura, suja. No chão copos inteiros (vazios) e copos partidos. Garrafas de cerveja e de cocacola rolando no solo. Papéis lançados ao ar.

No centro da cave, uma pista de dança. Música frenética enche toda a «sala». Dúzias de pares dançam. Saltam. Bamboleiam-se. Sincronizam os movimentos do corpo com os sons da música. Vestem descuidadamente. Cabelos compridos. Cabelos curtos. Mini-saias. Calças. Calções.

Há gente sentada ao balcão. Bebe. Conversa. Fuma. O ambiente é pesado. Estranho. Mas todos se olham como se já se conhecessem de há muito. Olham-se e tratam-se. «Ters (Tu) lume», perguntou-me um rapaz que nunca tinha visto) de cigarro, apagado, na boca. «Dás-me um cigarro», pediu-me uma jovem (que eu não conhecia de lado algum).

Nos bancos, alinhados ao lado da pista, pares, quase deitados, entregam-se a manifestações amorosas. Por muito tempo. De vez em quando interrompem para ir à pista. Retornam. Continuam. Mandam vir uma cerveja, uma cocacola. A música prossegue. Estridente. Desde as quatro da tarde até às quatro da manhã que ela é transmitida sem interrupção. Uma ou duas vezes, durante a noite, é tocado um disco de música «serena». Depois volta-se ao mesmo.

São de todas as idades os frequentadores do «caveau». E de todas as profissões e nacionalidades. Predominam (é natural) os alemães.

Da «sala de baile» passo pela «casa de banho». Sentado numa cadeira está um jovem. Cerca de 18 anos. Lê. Não sei o quê. Ao lado uma outra cadeira. Com moedas. Quase todas do mesmo valor. Quem entra ali, seja para o que for, tem de deixar uma quantia mínima. E ninguém sai de lá sem depositar a sua moeda.

Se o «visitante» se esquece o «recepcionista» o lembra.

Volto ao «convívio». Tudo na mesma. Passa da meia-noite.

De repente, um grande redemoinho. Por todo o lado, vejo raparigas fugindo e escondendo-se.

Dois polícias acabam de entrar na cave. Modelarmente fardados e de pistola à cintura. Passam revista à casa. Espreitam à esquerda e à direita. Falam com alguém. Vão-se embora.

De vários cantos da casa e dos sítios mais incríveis, inclusive de debaixo das gabardinas dos colegas, aparecem de novo os fugitivos. Tinham escapado, ainda naquela noite, às mãos da polícia que proíbe a permanência de menores para além das duas horas da manhã em recintos públicos.

Depois... tudo voltou à normalidade. A música, a dança, o fumo, a bebida, as pessoas.

Oleiros: mundo perdido nas montanhas azuis

POR JOAQUIM LETRIA

OS MAIS APAIXONANTES 500 quilómetros quadrados portugueses talvez sejam os que percorri agora, profissionalmente, no centro do nosso País, escondidos por cordilheiras de selvagens serras azuis. São os 500 quilómetros que circunscrevem o concelho de Oleiros.

É toda a área mensalmente percorrida pelas brigadas médicas do «Rovisco Pais», no trabalho árduo que é a pesquisa e o tratamento ambulatório da lepra tuberculóide. São os caminhos onde saltam as motos dos enfermeiros daquela gafaria, os quais semanalmente, vão ali injectar vítimas ligeiras da terrível doença. São os pequenos povos onde até as galinhas fogem espavoridas á aproximação de estranhos. São as escarpas rochosas das grandes serras, ilusòriamente azuis pelo efeito das nuvens que translucidamente as cobrem. É a região dos Invernos quase permanentes.

Oleiros: uma das mais humanamente apaixonantes regiões do nosso País, com gente notàvelmente boa. Oleiros: onde os velhos nunca viram o mar. Oleiros: cujo acontecimento mais importante foi a passagem das tropas francesas durante as invasões napoleónicas. Oleiros: onde o homem figura minúsculo contra o fundo abrupto da paisagem de toda uma região escondida por mudas e cúmplices serras, Oleiros: onde o medronho ajuda a viver. Oleiros: onde o todo não chega, com graves consequências.

● Onde

Todo o concelho de Oleiros se estende por serranias e vales, espaçadamente salpicados por pequenas casas térreas de xisto, que se mimetizam na mancha pardacenta da paisagem. É limitado a Norte e a Nordeste, pelos concelhos de Pampilhosa da Serra e do Fundão; a este, fica o distrito de Castelo Branco; a Sudoeste, o da Sertã e a Sul o de Proença-a-Nova.

É também o vale tortuoso do Zêzere que limita, a Norte e a Oeste, este mundo perdido nas grandes serras azuis do Centro do País.

De Oeste para Nordeste alinham-se as serras da Lousã e do Açor; e há a Estrela, ainda no concelho, perpendiculando sobre todas as outras, prolongada pela grande massa da serra do Muradal. É desta última que se divisa para Este a Guardunha e é de lá que que partem, para Sudoeste, duas outras cordilheiras, uma das quais — a de Alvelos — ganha o nome de Estreito junto da freguesia assim chamada e que esconde, nas suas rugosidades geológicas, um caso notável de lepra, não longe do lugar do Estreito, numa pequena povoação isolada, de difícil e penoso acesso e onde o aparecimento de estranhos provoca calafrios nos habitantes que restam.

Castigada pelos ventos de Leste, esta é uma região de Invernos quase permanentes. Por isso os seus habitantes se acachapam nas pedras e vivem por entre elas, como os lobos e os gatos monteses que ali ainda se podem encontrar; por isso vestem saragoça pesada e negra e têm os rostos vermelhos e curtidos pelo ar da montanha e bebem silenciosamente longas goladas de medronheira.

«Tenho dificuldade em os fazer deixar de beber dois decilitros de medronho ao almoço; disse uma professora olhando os rapazes da sua 2.ª classe.

«É uma aguardente fraquinha — 15,16 graus» disse-me um taberneiro.

«A altitude da situação, a alta serra da Contreira, ao Sul da vila, uma aberta nas serranias do Norte por cima da Costa Alta, que deixa passar o vento deste quadrante, sempre frigidíssimo, e sobretudo as grandes e contínuas geadas tornaram os terrenos de Oleiros, já em si pèssimos, inteiramente estéreis e rebeldes á acção do agricultor» — escrevia em 1881 o Bispo de Angra numa ainda hoje validíssima monografia sobre o concelho — «... as águas da Ribeira chegaram a congelar-se em alguns anos a ponto de andarem carros por cima dos seus poços e até dentro de casa se congela a água. Todos os vegetais queimados, como se por eles passasse um incêndio; e poucos ou nenhuns são os meses do ano em que não gele, em Oleiros, ou mais ou menos.» — acrescenta D. João Maria D'Amaral Pimentel.

Os seus achaques devem ser contemporâneos da fixação humana na zona, uma vez que os factores que determinam tal situação pertencem nalguns casos á região natural e aos costumes, os quais patenteiam pouca diferença dos que foram os dos primórdios da história humana desta área.

Mas QUANDO começou a lepra a ser cuidadosamente despistada, delimitada e tratada como agora acontece?

— Foi quando se fundou na Tocha o «Rovisco Pais». Talvez há perto de 20 anos. Fez-se então um levantamento na região, internaram-se os casos mais graves e perigosos e começou-se a tratar aqueles que podiam suportar uma medicamentação ambulatória — disse-me um dos dois médicos do concelho.

— Internamentos houve que se revestiram de aspectos dramáticos. Eram famílias a serem desmembradas para sempre e as pessoas não aceitavam isso, naturalmente. Ainda hoje a recordação desses internamentos, com a ajuda da «Guarda», dificulta os trabalhos dos médicos — acrescentou.

E QUANDO começou a ser estudado o bócio endémico que torna única nos País esta região e estabelece um paralelo com as Las Hurdes espanholas, fixadas na «pantalha» por Buñuel antes de 1937?

— A existência do bócio endémico deve ser milenária. A falta de iodo da região, as carências alimentares, são propícias, sempre o foram, aliás, a esta situação. Durante três anos fiz estudos em pleno campo sózinho e em equipa. Tenho um ficheiro com mais de 20 mil casos. Mais de 50 por cento dos habitantes do concelho sofre de bócio. — disse-nos outro médico. Para QUANDO o tratamento (preventivo) desta endemia que «não mata (logo) mas mói»?

— Para muito, muito breve. Deverá passar-se á acção mais depressa do que se pode imaginar — palavras de um clínico responsável.

E desde QUANDO a atenção da ciência se fixou na higiene mental do concelho de Oleiros?

Dizem-nos os profs. J. Seabra-Dinis e A. Moreira da Silva, num trabalho conjunto publicado há cerca de nove anos, á maneira de justificação:

«Há poucos meses, no decurso de uma conversa casual, referiu-nos um colega, natural do concelho de Castelo Branco, a existência, no seu distrito, duma região, relativamente extensa, onde a população de há muito se habituara a consumir em abundância aguardente de medronho e onde, em suspeita correlação, se encontrava uma elevada frequência de atrasados mentais... Assim se erguia, diante de nós, um aliciante tema de trabalho.»

Para QUANDO o tratamento das oligofrenias (e correlativas) consequentes do estado a que os dois ilustres médicos se acabam de referir?

São eles próprios que nos respondem, no seu trabalho:

«Nos últimos anos, nas freguesias de Oleiros, Estreito, Álvaro, Sarnadas e Madeira, as crianças começaram a receber uma refeição diária da Caritas, constituída, principalmente, por leite condensado, pão e queijo (...) Logo volvidas as primeiras semanas era já notória a diferença nos aspecto físico, psíquico e comportamental das crianças que, progressivamente, se foram tornando mais fortes, mais alegres, mais «vivas», mais activas e, até mais inteligentes.»

Precisamente no ano em que os dois médicos escreveram o seu trabalho, 1959, devido a questões locais a Caritas interrompeu a sua meritória acção.

● Como

Perguntará para já, se ainda o não fez, o leitor mais curioso: COMO vivem as pessoas de Oleiros?

Tentemos, tanto quanto nos possibilita a nossa breve passagem pelo concelho, descrever o modo de existência dos seus habitantes.

Vivem quase em comunidade os moradores dos pequenos lugarejos (cerca de 100) das 12 freguesias do concelho de Oleiros. Ás comunicações, muito difíceis e escassas, na região montanhosa e de fraquíssima densidade populacional aproximam entre si os habitantes dos pequenos aglomerados.

Mulheres e homens são baixos e desconfiados perante forasteiros.

Estivemos em Isna, Sarnadas de São Simão e Vilar Barroco, cuja população é agora mais ou menos 10 por cento da recenseada há dez anos. Fomos ali mal recebidos, a princípio, tendo-se modificado o ambiente quando recorremos ao padre católico (em Vilar Barroco). Mas não foi em simpatia que se tornou a desconfiança. Apenas obediência. Em povos como estes atrás citados, as pessoas vivem em casas térreas, de xisto ou de pedras sobrepostas por cujas frinchas o vento serrano assobia, violento, como noutros pontos mais acessíveis das Beiras. 4 famílias coabitam com os animais — o porco, a cabra, as galinhas, etc.

A alimentação desta gente é a base de hortaliça e batata. A carne de porco e o peixe (salgado, quase sempre) constituem pausas numa «dieta básicamente vegetariana.

Durante muitos anos, a castanha foi a alimentação-base dos habitantes do concelho. Mas a pouco e pouco os castanheiros foram desaparecendo. Sobre isto, o «Guia de Portugal» publicado em 1944, sob a orientação de Sant'Ana Dionísio, diz:

«O solo do concelho, por natureza pobre, tornou-se, nos nossos dias, miserando, desde que o fungo maligno comeou a secar o castanheiro que vegetava frondoso por encostas e ravinas. Quase extinta esta fonte de subsistência, a miséria passou a oprimir ainda mais a população serrana. Quatro quintas partes do concelho estão de mato daninho, revestido de estevas e urzes.»

A promiscuidade nestas casas é a que se conhece por exemplos mais próximos e acessíveis. É raro ver-se, numa casa, uma chaminé, saindo o fumo pelos interstícios da telha vã que cobre os que ali habitam. Muitos destes lugares não dispõem de luz eléctrica. Acrescente-se, todavia, que esgotos e água canalizada foram inaugurados na vila de Oleiros, pelo então ministro das Obras Públicas, eng.º Arantes e Oliveira.

Diga-se, ainda, em abono da verdade, que mais de 75 por cento das famílias do concelho possui habitação própria.

Recorramos, de novo, á monografia do bispo de Angra, escrita em 1881, que nos continua a dar um panorama exacto da realidade actual:

«A índole da população é geralmente boa (...) os crimes de gravidade são raríssimos (...) e porque há abundância de terrenos, posto que ingratos, para serem cultivados, daqui tem resultado que não têm inclinação para emigrar...»

Realmente, as gentes de Oleiros são das mais sedentárias, mesmo com as condições adversas e o surto de emigração a pesarem.

Sobre isto, o delegado de Saúde de Castelo Branco, dr. José Lopes Dias, com quem falei naquela cidade, deu uma explicação científica:

— Sofrem, geralmente, de um complexo de inferioridade mental. Receiam não ser capazes de se adaptarem a um diferente tipo de vida. Excluindo o caso dos jovens que saem para cumprir o serviço militar, apenas se contam alguns casos esporádicos de raparigas que vão ás cidades para servir, mas alguns meses mais tarde voltam.

E o bispo de Angra escrevia há 87 anos, sobre os costumes desta gente sorumbática, desconfiada, mas intimamente boa:

«... São, em regra, pouco assados em seus vestidos e habitações, para o que muito concorre o clima frigidíssimo, que os obriga a passar metade do ano em volta de grandes fogueiras; é, também, por isso que a máxima parte dos homens, e, ainda, das mulheres, não mudam de vestido na estação calmosa, fazendo aflição vê-los vestidos de burel e saragoça em Julho e Agosto. Ainda pelo mesmo motivo da frialdade do clima, além de outros, a paixão dominante do povo é a de bebidas espirituosas (...) existindo cerca de 30 tabernas na vila, algumas chegavam a vender em dia de mercado 30 almudes de vinho!». E o bispo prossegue: «Com efeito, em domingos e dias santos em que a gente do termo vai á vila, quase toda se retirava de tarde, mais ou menos embriagada.»

Segundo depoimentos fidedignos que recolhi, este é um quadro ainda actual.

● Porquê

Médicos estudam, interessados, três tipos de doenças neste concelho.

Porquê o bócio endémico, **Porquê** a lepra (tuberculóide e lepromatosa) e **porquê** as oligofrenias e outras?

1 — Em 1953, o dr. Staubury escrevia:

«O bócio endémico encontra-se em especial nas partes do Mundo economicamente pouco desenvolvidas. Muito embora seja uma das doenças mais fáceis de prevenir, continua a pôr um problema sério de saúde pública nos territórios onde a ignorância, a indiferença, a incompreensão ou as dificuldades económicas impedem a aplicação de medidas profiláctica.»

O dr. José Lopes Dias, delegado de Saúde de Castelo Branco, estudioso do problema, clínico a quem os habitantes do concelho de Oleiros muito devem, afirmou-me:

— Há, quanto a mim, duas razões para a existência, a esta escala, de bócio endémico na região de Oleiros — carência de iodo alimentar, por um lado, e substâncias que favorecem o aparecimento do bócio, pelo outro.

Um boletim da O. M. S. publicava, em 1956, uma crónica sob o título:

«O bócio endémico é hoje uma doença anacrónica».

Segundo o trabalho dos drs. J. Seabra-Dinis e A. Moreira da Silva, o *porquê* é-nos dado da seguinte forma:

«A grande maioria dos investigadores está hoje de acordo em que o bócio endémico traduz a consequência da diminuição da quantidade de iodo fixada pela tiróide, em relação com as necessidades gerais dessa substância manifestsada pelo organismo; diminuição que pode exprimir apenas carência de iodo pela glândula ou ainda reduzida capacidade desta para o fixar.

2 — A que se deve a existência de lepra na região?

Responde o dr. Mário Ilharco Alvares de Moura, 19 anos passados na serra, residente no Estreito, e que acompanhou a evolução da lepra na região:

— Há muitos, muitos anos, segundo por aqui tenho ouvido, havia navegadores portugueses desta região. A lepra pode ter sido trazida de África para aqui. Lembro-me de um padre, que foi meu doente, e que velo da Guiné, há uns nove anos, com lepra, para morrer aqui, na sua terra.»

Posso acrescentar ainda, afoitamente, na minha ignorância dos problemas médicos, que julgo possível ter um certo papel (não referido pelo dr. Álvares de Moura) na propagação da lepra a escassez de meios de comunicação, que isola grupos, completamente, e a promiscuidade dos elementos desses grupos. Segundo o Hospital Rovisco Pais, o número de leprosos internados e provenientes da zona e o número de leprosos ainda residentes no concelho, em tratamento ambulatório, é muito menor comparado com os de há alguns anos.

3 — *Porque* há oligofrenias e debilidade mental?

Respondem Seabra-Dinis e Moreira da Silva:

Pode depender de:

a) — Bócio;

b) — uma alimentação deficitária;

c) — abuso de bebidas alcoólicas, quer entre os adultos, quer, sobretudo, na infância.

d) — primitividade do ambiente cultural.

● O que

Como poderia ser resolvido o problema médico de uma região como a de Oleiros?

O que solucionaria uma situação que está longe de ser uma equação a três incógnitas?

BÓCIO — Melhoramento do regime alimentar da população, sendo fundamental a distribuição de sal (de cozinha) iodado, para compensar a carência de iodo que se verifica nesta região e para contra-atacar os elementos favoráveis do aparecimento do bócio.

Segundo os especialistas, este é «o método mais prático, mais económico e mais seguro para vencer o mal, qualsquer que sejam os hábitos alimentares da população.»

LEPRA — Também, segundo os especialistas desta doença, que foi um pesadelo na Idade Média, pode limitar-se, ou extinguir-se, os efeitos deste mal, a longo prazo e com carácter profiláctico, através do tratamento ambulatório actualmente a ser praticado em casos dificilmente contagiosos, «contrôle» dos contactos humanos destes leprosos e internamento dos casos mais graves. Uma melhoria das condições de higiéne (e de vida, naturalmente) dessa gente, acabará por extinguir uma doença que, agora, felizmente, e graças á acção notável das brigadas clínicas do «Rovisco Pais», está longe de constituir a primeira doença desta região.

OLIGOFRENIAS E DEBILIDADE MENTAL — Para este ângulo deixemos responder as conclusões do trabalho de Seabra-Dinis e Moreira da Silva:

«No que diz respeito á questão dos atrasos mentais, os au-

(Continua na página seguinte)

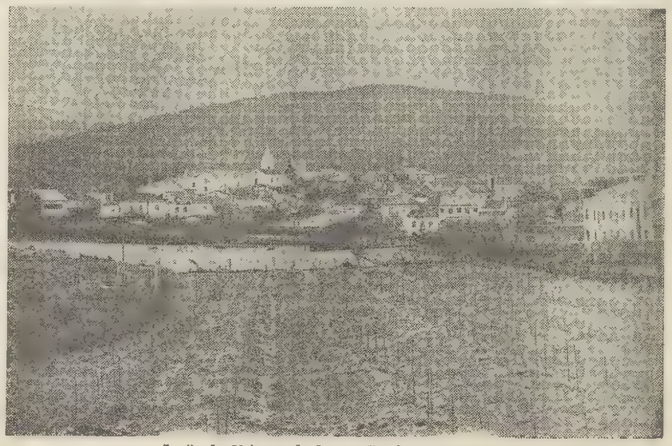
Iniciou se como jornalista no «Diário de Lisboa», em Agosto de 1963, e tem 24 anos de idade. Durante três anos e meio foi redactor da «Associated Press», publicando artigos e reportagens em inúmeros jornais europeus e americanos, como o «New York Times» e o «Herald Tribune», e nas revistas alemãs «Der Spiegel», «Bunte Illustrierte» e «Stern». Correspondente, por breve período, de uma agência de reportagens norte-americana, é correspondente para Portugal da D. P. A. desde Setembro de 1967.

Teve ainda uma experiência de jornalismo radiofónico, como noticiarista, por breve espaço de tempo, da R. C. P. Trabalhou em Espanha, França, Inglaterra, Marrocos e Alemanha Federal.

FOTOS DE LOBO PIMENTEL

Tem 43 anos. Aos 11 já trabalhava na Fotografia Brasil, de Silva Nogueira, para estabelecer-se por conta própria aos 22. Entrou para o «Diário de Lisboa» em Janeiro de 1967. Mas esteve noutras publicações: «Flama» (durante 18 anos), «Rádio e Televisão», «Estúdio» e «O Norte Desportivo». É também repórter fotográfico do «Diário de Moçambique» (delegação de Lisboa).

Um ângulo de Isna, terra perdida em plena montanha



A vila de Oleiros, sede do concelho do mesmo nome

Dois casais ao trabalho, num lugarejo próximo do Estreito

Mulher de Vilar do Barroco

Mulher de Sarnadas de São Simão

Oleiros (continuação da pág. anterior)

tores consideram como fundamental, conforme o demonstrou a experiência da Caritas, o princípio de melhorar o regime alimentar das crianças, socorrendo-as quer na primeira quer na segunda infância (o período pré-natal não deveria, também, ser esquecido) já em idade escolar, por meio de refeições (através de cantinas ou de creches) procurando dar-lhes um desenvolvimento físico e psíquico normal.»

● **Quem**

Esta reportagem deve-se apenas aos médicos que, abnegadamente, pugnam pelo bem do seu semelhante.

Há alguns anos, já, que o repórter tomara contacto, pelo trabalho citado de J. Seabra-Dinis e A. Moreira da Silva, com este mundo perdido nas montanhas azuis.

A permanência que fez no concelho de Oleiros e na cidade de Castelo Branco proporcionaram-lhe o contacto com outros três clínicos que, apesar de entre eles e a capital haver muitas serras e quilómetros de permeio não podem ser olvidados.

— O dr. José Lopes Dias, delegado de Saúde de Castelo Branco, um médico competente, cuja contribuição para o estudo do bócio nesta região acaba de ser tornada pública pela Direcção-Geral de Saúde, no seu «Boletim». Um homem que ama as gentes do concelho de Oleiros e que por elas se tem sacrificado.

— O dr. Brandão, subdelegado de Saúde da vila de Oleiros, que contribuiu, também, para que o repórter tivesse uma noção mais exacta da realidade médica das terras que atravessou, onde esteve, interrogou, observou.

— O dr. Álvaro de Moura, do lugar do Estreito, que acompanhou, desde o início, o combate á lepra.

— O prof. Seabra-Dinis, que pôs á disposição do repórter os elementos que possuía, e que este lamenta não ser possível dar ao conhecimento público como seria para desejar.

Estes nomes são os de quem possibilitou esta reportagem.

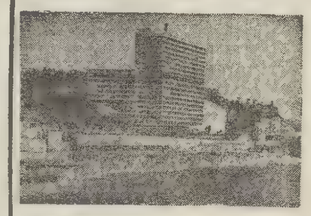
O jornalista, desta feita, limitou-se a tomar o lugar do intermediário. Com uma só diferença dos outros intermediários: sem especular.

«... Envolvida no vasto manto de amplíssimas serranias, quase no centro de Portugal, sem vias de comunicação nem coisa que a torne notável, está como fora do mundo; e, no entanto, aí habita um povo, que tem sabido, á força do trabalho, reduzir terrenos estéreis a prados férteis, medonhos matagais a montanhas arborizadas, um país de feras a uma povoação civilizada...» — escrevia, há 87 anos, sobre a região, D. João Maria D'Amaral e Pimentel, em «Memórias da Vila de Oleiros e do seu concelho» — o único trabalho jornalístico até hoje feito, em profundidade, sobre esse mundo perdido nas montanhas azuis.

JOAQUIM LETRIA

OCULISTA DE CAMPO DE OURIQUE
Rua Saraiva de Carvalho, 189
Telefone 66 86 27
LENTES DE CONTACTO
Casa especializada em receituário — Completo sortido da especialidade — Lentes Zeiss Bausch & Lomb. Stigmal e bifocais Diachrom

EM PORTUGAL — PREFIRA



Hotel ESTORIL-SOL
404 quartos com casa de banho privativa
Ar condicionado em todo o edifício
Piscina — Sauna — «Bolte» — Bowling
Cabeleireiro
ESTORIL (CASCAIS) Telef.: 28 28 31
Telex 624 SOLTEL — Telegr.: HOTELSOL

Casino ESTORIL
ABERTO TODO O ANO
ROLETA ● BANCA FRANCESA ● BACARAT (CHEMIN DE FER), ETC.
RESTAURANTE «MUSIC-HALL»
ESTORIL: NO INVERNO, O CLIMA MAIS AMENO DA EUROPA
TELEF.: 260720

Hotel EMBAIXADOR
EM PLENO CORAÇÃO DE LISBOA
TELEF. 53 01 71
TELEG.: EMBAIXADOR
DE VERDADEIRA CATEGORIA INTERNACIONAL
160 QUARTOS, TODOS COM CASA DE BANHO PRIVATIVA ● RADIO TELEFONE
COCKTAIL-BAR ★ SNACK-BAR ★ BAR ★ CABELEIREIRO ★ MIRADOURO
AR CONDICIONADO
NO TERRAÇO DAS ESTRELAS
«SHOW» DIARIO COM OS MELHORES ARTISTAS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

SOB A MESMA ADMINISTRAÇÃO

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI
CONCESSIONÁRIA NACIONAL
DE
TELECOMUNICAÇÕES VIA RÁDIO E CABOS SUBMARINOS

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS, TELEFÓNICOS E FOTOTELEGRÁFICOS

CIRCUITOS DIRECTOS COM AS ILHAS ADJACENTES,
PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS E ESTRANGEIRO
COMUNICAÇÕES PERMANENTES COM A NAVEGAÇÃO
SERVIÇOS ESPECIAIS DE ACEITAÇÃO
E DISTRIBUIÇÃO DE TELEGRAMAS

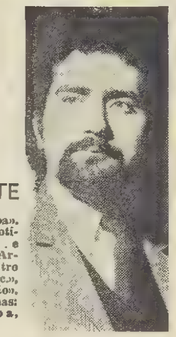
LISBOA
RUA DE S. JULIÃO, 131
Tel. 34531 - Telegramas telefonados
34537 - Informações

FUNCHAL
AVENIDA ARRIAGA, 7 - 9
Tel. 20011

PORTO
PRAÇA ALMEIDA GARRETT, 27
Tel. 25600

Da barbearia do Ritz à figueira de Campolide: altos e baixos de uma profissão

POR JOAQUIM BENITE



Tem 24 anos. Iniciou-se como jornalista na «República», em Janeiro de 1966, e pouco depois entrava na delegação lisboeta de «O Primeiro de Janeiro». Em Janeiro de 1968 passou a fazer parte, exclusivamente, da redacção do «Diario de Lisboa». Colaboração em «Notícias da Amadora» e «Jornal de Letras e Artes». Crítico de teatro do suplemento «& etc.», do «Jornal do Fundão». Um livro de poemas: «Andaime» (Lisboa, 1963).

NUMA DAS CADEIRAS giratórias colocadas em frente do grande espelho que rodeia a sala, o príncipe Rainier, do Mónaco, tomou, um dia, uma grande decisão: resolveu mudar de penteado. Coisa fácil para um príncipe, difícil para o barbeiro que o serve nesse momento, especialmente se partir deste a ideia da mudança.

Rainer gostou: ficou mais bonito, a careca via-se menos. Quando saiu da barbearia aquecida e percorreu os corredores envidraçados do hotel Ritz, associando o seu brilho ao brilho das jóias e dos relógios expostos nos bazares, o seu rosto era o de um príncipe feliz. O de um príncipe que encontrara o «seu» penteado.

O método «Hardy» ou os barbeiros que mudam

«Tudo muda neste mundo excepto os barbeiros, os costumes dos barbeiros, e o que diz respeito a barbeiros», escreveu Mark Twain. A frase terá sentido ainda hoje? Em certa medida, sim; em certa medida, não.

Se em muitos pontos da província e dos bairros periféricos de Lisboa subsistem formas primitivas de desempenho da profissão, noutros sectores a evolução verificada é quase surpreendente. Barbearias como a do hotel Ritz ilustram apenas a tendência geral dos melhores estabelecimentos para um refinamento cada vez maior na arte de bem pentear o cliente.

O velho barbeiro (antigamente também sangrador e cirurgião, ainda não há muitos anos dentista) foi sendo progressivamente substituído por uma outra figura, mais sensível, mais permeável ao sentido estético, ainda que dentro das conveniências: o cabeleireiro de homens!

— Até 1954 era as trevas — explica-nos um outro saliente barbeiro de profissão, Alberto Abrantes, industrial de barbearia, o homem que introduziu, pràticamente, em Portugal o método «Hardy», o que há de mais moderno em matéria de tratamento de cabelo masculino.

O método «Hardy» foi trazido de Paris por Ramiro Simões Coutinho. Em 1955 um especialista francês, Pellerin, é convidado a vir a Portugal fazer demonstrações. Alberto Abrantes torna-se um dos apaixonados do novo sistema e torna-se, então, um dos pioneiros dele.

Em que consiste o método «Hardy»? Numa operação complicada que se divide em várias partes: corte preparatório (à tesoura), lavagem, «effilage» (à navalha), secagem e penteado. Todas estas fases para substituir o tradicional corte á inglesa, curto ou comprido, que é ainda o mais habitual no nosso País.

— O corte à francesa — diz Alberto Abrantes — foi-se impondo aos poucos e hoje está pràticamente a ser adoptado por todos os clientes com algumas posses. É mais caro, incluí lavagens, «shampoos», mas é muito importante para o tratamento do cabelo. Com o seu uso habitua-se o cliente a aplicar à cabeça a higiene que usa para com o resto do seu corpo. Muitos lavam o cabelo com sabão ou sabonete, produtos que o estragam e provocam a calvície. O novo método propõe uma forma de tratamento regular que produz os melhores resultados.

Masculino... Feminino...

Os mais ardorosos defensores do método «Hardy» (nome do seu inventor, um célebre barbeiro de Paris que morreu em 1959, com 56 anos) são unânimes em considerar que já não há em Portugal o retraimento que se verificava por parte dos clientes quando da introdução do novo sistema. Havia uma natural relutância em ver aplicar á cabeça masculina (no país da virilidade proclamada e defendida...) instrumentos e processos a que até aí só as senhoras tinham direito.

— Mas se elas frisam e desfrisam os cabelos, fazem permanente e tudo o que lhes apetece, com o dinheiro dos maridos, por que não hão-de eles fazer o mesmo com o próprio dinheiro? — pergunta de um barbeiro que possui concepções próprias, e sem dúvida certas, sobre os problemas da distinção capilar dos sexos.

Claro: tudo tem limites. E se o método «Hardy» está quase completamente vulgarizado, algumas outras operações de tratamento de cabelo, como a pintura e as permanentes são praticadas em segredo, em gabinetes próprios, onde se encontram apenas, protegidos da curiosidade pública, o cliente e o seu cúmplice — o barbeiro. Só em muito poucos estabelecimentos (e todos de luxo) estes tratamentos são feitos à vista de toda a gente.

Instrução moderna para a vida moderna

A instrução de um barbeiro (ou de cabeleireiro de homens, se preferirem) exige hoje uma preparação diferente daquela que era necessária há alguns anos. Para fazer face a esta exigência existem escolas profissionais em Lisboa e no Porto. Estas escolas, mantidas pelos sindicatos e grémio, têm cursos com a duração de um ano, frequentados, em Lisboa, por cerca de trinta alunos.

Nestas escolas os futuros especialistas aprendem a arte de cortar e pentear o cabelo segundo todas as linhas: «club», «juvenil», «antibes», «match», «rond-point». Ali aprendem também os alunos as regras básicas de convivência com os clientes: formas de tratamento, noções básicas de psicologia da profissão e conhecimentos técnicos imprescindíveis.

A maior parte dos barbeiros, já se sabe, não frequenta esta escola. Barbeiro é-se como se é muita outra coisa: normalmente começa-se na província, uma pessoa de família que ensina o ofício, um primeiro emprego como aprendiz... Outras vezes é na tropa que se aprende a cortar o cabelo e a escanhoar. De qualquer modo, para se possuir carteira profissional de meio-oficial torna-se necessário fazer um exame na Escola de Profissionais de Barbeiros e Cabeleireiros.

Os barbeiros, 2500 só em Lisboa, não ganham muito, quer dizer, ganham mesmo muito pouco: o contrato colectivo que está pronto para ser assinado fixa em 190$00 o vencimento semanal (mais 40 % quando a receita atingir o dobro daquela importância). A única solução está, pois, na gorjeta. Este é um dos males da classe, contra o qual o Sindicato luta, justificadamente.

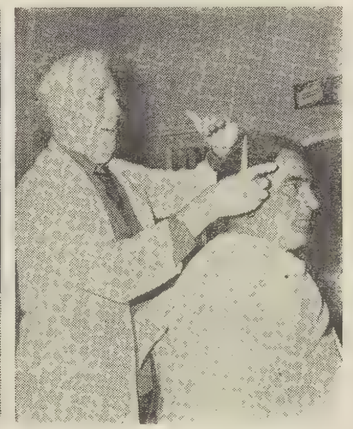
— Não podemos considerar a gorjeta como forma satisfatória de pagamento. Com os actuais ordenados, porém, não temos outra alternativa — declarou-nos o presidente do Sindicato dos Barbeiros e Cabeleireiros do Distrito de Lisboa, Artur Mendes, um jovem dinâmico e cheio de boas intenções. — Há trinta e dois anos que esperamos a regularização da carteira profissional, sem a qual não é possível o bom exercício da nossa actividade. Por outro lado, os preços que se praticam são muito baixos e já não correspondem ao nível de vida. É preciso consciencializar os barbeiros: fazê-los sentir que devem receber o justo preço pela qualidade do seu trabalho, e não uma gorjeta dependente da simpatia que se inspire ao cliente.

Do corte a três vinténs aos perigos da profissão há 50 anos

Os barbeiros modernos, voltados para a juventude, para os cabelos revoltos das linhas da

(Continua na página seguinte)

No Hotel Ritz: um homem habituado a lidar com príncipes e reis



Barbeiros de álcool e sublimado: persistência de um estilo

Sob o céu claro, os barbeiros de domingo trabalham. A cena seria óptima para um quadro impressionista

Da barbearia do Ritz...

(Continuação da página anterior)

última moda têm uma frase própria para se referir aos mais velhos, aos desactualizados: chamam-lhes «barbeiros de álcool ou sublimado». Aludem á sacramental pergunta, feita em tom pachorrento, no final da barba, com a navalha ainda espetada no ar. Esses «barbeiros de álcool e sublimado», no entanto, existem ainda e são muitos. E têm-claro está, muito público: o público que não pode pagar trinta ou quarenta escudos por um corte á francesa, ou nem sequer se preocupa com o aspecto da sua cabeça(para lá da exigência do chefe da repartição no tocante ao cabelinho curto e ao rosto bem barbeado).

Um desses representantes de um estilo que persiste apesar de tudo, é o sr. António Gonçalves, 76 anos, estabelecido com uma barbearia na rua da Rosa há quase sessenta anos. Começou na sua terra, em Oliveira do Hospital; depois trabalhou em Coimbra e Figueira da Foz. Veio para Lisboa muito cedo, em 1909, no tempo em que um corte de cabelo custava três vinténs.

— Nesse tempo — recorda — os barbeiros eram mais pobres menos considerados. Os clientes eram mais exigentes: tinha de se lhes frisar os bigodes, e aparar as barbas.

E o sr. Gonçalves conta: um dia, sem querer cortou as suiças a um cliente que as trazia compridas.

— Não esteve com meias-medidas: quis dar-me uma facada! Tive de fugir, senão o homem matava-me.

Sábado à tarde, Domingo de manhã: «barbearias» ao ar livre

Os problemas de cortes modernos e cortes antigos põem-se, evidentemente, em dois planos: o estético e o económico. Se no primeiro as pessoas optam por razões de gosto ou por questão de preconceito contra o embelezamento masculino (como se sabe, usual, hoje em dia, no estran-

geiro) no segundo, o caso é outro: de facto, nem toda a gente pode dar-se ao luxo de pagar umas dezenas de escudos por um corte de cabelo quinzenal ou mesmo mensal. É por isso que existem — e continuarão a existir — barbeiros com preços de cinco escudos para o corte de cabelo, e quinze tostões, para a barba. E já que se fala de toda a espécie de barbeiros, não esqueçamos aqueles que, nos bairros populares, cortam o cabelo ao ar livre, com os clientes sentados em pedras e outros encostados a árvores, esperando a sua vez. Barbeiros de sábado á tarde e domingo de manhã, eles têm outras ocupações durante a semana. Umas vezes são empregados de qualquer barbearia: outras nem isso.

Munidos de uma navalha, tesoura, sabão, pincel e uma tigela de plástico com água, «despacham» cada um dos clientes em poucos minutos. Dois dos mais procurados destes barbeiros são os que costumam trabalhar em Campolide, perto do Bairro da Serafina. Debaixo duma figueira é a sua «barbearia». Um chama-se Manuel Fernandes (conhecido pelo «Diabo»; outro Manuel Joaquim.

— Fazemos isto por bem. Para fazer bem a esta gente.

Pois sim, será: mas sempre a coisa vai dando para uns copos. Crianças, essas ás vezes ficam sem cabelo de borla. Cada cliente dá o que quer, mas em média os preços são 1$00 para a barba e 2$50 para o cabelo. Há, contudo quem pague só 1$50.

Quanto a linhas e a penteados estes barbeiros não têm problemas: o corte mais habitual, e o preferido de todos, é á escovinha. Vantagens: o cabelo leva mais tempo a crescer e não dá problemas ao figaro.

O sistema pode não ser bom, mas ninguém se queixa. Não se exigem álcool nem sublimado (que não há), nem penteados especiais, nem lavagens de cabeça, nem barbas aparadas: em contrapartida tem-se o sol, o ar puro: as únicas coisas boas que ficam fora dos edifícios aquecidos, de corredores envidraçados. Em contrapartida paga-se vinte e cinco tostões, o que, parecendo que não, é muito importante...

O hábito de conversar

POR TORCATO DA LUZ

Tem 24 anos e entrou muito novo para o jornalismo, ingressando primeiro no «Jornal do Algarve», onde foi chefe de redacção. No «Diário de Lisboa» desde Janeiro de 1968. Continua a assinar crónicas para o «Jornal do Algarve». Antigo dirigente cineclubista e tradutor, publicou um livro de poemas, «Poemas da Verdade» (1963), e tem o segundo para publicação: «Voz Suspensa».

NÃO SEI se já deram conta de que, por vezes, no meio do barulho da cidade se faz um grande silêncio. Por grande silêncio quero eu dizer a ausência de qualquer ruído humano: uma voz, o som de uns passos. Porque os automóveis, os eléctricos rodando sobre os carris, os autocarros pesados e enormes são já, por si mesmos, partes indesligáveis do grande todo que é a cidade — a qual se compõe não sòmente de casario, de multidão apressada e soturna e de ruas mais ou menos estreitas, mais ou menos espaçosas, mas também deste «brouhaha» dos veículos motorizados, cujos sons de tanto os ouvirmos, já nos são tão familiares que nem damos, pràticamente, por eles.

Uma pessoa desce o Chiado ás seis da tarde e há uma multidão que sobe, aos encontrões com outra que desce. Pois, por mais inverosímil que pareça, já nos tem acontecido percorrermos, a essa hora, lentamente, toda a Rua do Carmo e não se nos deparar uma única boca aberta, em amena conversa ou, pelo menos, um velado sorriso. Vai tudo calado. cada um a pensar para dentro de si mesmo, muitas vezes, quem sabe, a não pensar mesmo nada, a limitar-se, muito simplesmente, á confusão com o movimento.

Chegamos ao Rossio, ao pôr do sol, o transito, tanto nas faixas de rodagem como nos passeios, pode considerar-se enorme; e não raramente nos sucede o mesmo: de humano, nem os próprios passos se ouvem, abafados pelo ruído dos veículos.

Aparentemente, esta gente perdeu o hábito de falar. Não sei quantas palavras, em média, um indivíduo dirá por dia. Suponho que centenas, milhares, milhões. Pois não se dá por isso. Em público, e para que os outros vejam, parece ser costume que se vai perdendo, como inelutável sinal dos tempos. Deixaria de existir a alegria do convívio? Cairia em grave erro se arriscasse uma resposta afirmativa. Nem quero — longe de mim tal ideia — arvorar-me em juiz de tão controversa causa. Limito-me, pois, a verificar um facto, nada mais.

Em vias de extinção os prazeres do diálogo?

Certo que o próprio progresso, procurando servir o homem e poupá-lo por isso a sacrifícios, contribui também para esta economia de palavras. Famílias há em que quase nem os «bons-dias» ou as «boas-noites» se dão (o beijo dos pais aos filhos e vice-versa, embora também com graves tendências para cair em desuso, substitui tal forma tradicional de saudação). Isto porque, desde que em casa se implantou o televisor, as pessoas, até durante a hora de jantar — única altura em que, mais ou menos, se reunem todas —, estão ocupadas, uma vista no pequeno «écran», outra no prato, a atenção toda distribuída nas imagens que impedem a conversação.

Um casal que conheço promovia, duas ou três vezes por semana, em sua casa, reuniões com amigos. Jogava-se «king», as senhoras entretinham-se na «canasta», trocavam-se impressões, tomavam-se umas bebidas, convivia-se. Mas desde que, aqui há tempos, o chefe da casa foi aumentado no ordenado e aplicou as suas economias na aquisição de um aparelho de televisão, a vida social daquela família sofreu rude golpe. A princípio, os amigos ainda apareciam. Mas, depois, cansaram-se da insistência do simpático e «televisivo» casal em obrigar as visitas a assistirem, na semi-obscuridade, aos filmes do «Dr. Kildare», «Bonanza», etc. Deixaram de lá ir.

O diálogo (não podemos evitar a palavra, agora muito em voga) desapareceu, quase totalmente, como forma de convivência e é por muitos tido por desnecessário, enquanto outros o consideram, «a priori», inútil. Os prazeres da amena cavaqueira deram lugar ás carantonhas taciturnas.

Nos transportes públicos(autocarros e «eléctricos»), a gente viaja quilómetros e quilómetros e durante todo esse tempo só ouve expressões como «um de quinze», «dois de dez», etc. E, se aparece algum «amigo da onça» disposto ao paleio, há logo caras enfadadas que pretendem significar que o falador tem, afinal, é «falta de chás...

Nas repartições domina o tédio. E sobre este tédio ancestral pouco mais se ouve que as moscas incómodas ou o bater ritmado das teclas das máquinas de escrever. Nos bancos, a gente chega e pergunta ao funcionário do «guichet» onde pode pagar uma letra. O mesmo responde secamente e sem nos olhar: «no segundo, á direita»; e a sua face tem uma expressão tão distante, e simultâneamente imóvel, que até parece nem ter precisado de mexer os lábios para falar.

«No tempo em que os homens falavam»

Não falta quem perfilhe a opinião segundo a qual quanto menos se falar, tanto melhor. Mas — que diabo —, nem tanto ao mar nem tanto á terra. O meio termo é a virtude. Perder-se assim, de repente, o salutar costume da saborosa conversa é, para além de um triste sinal dos tempos difíceis e medrosos que atravessamos, uma desoladora afirmação de doença.

Soam-me aos ouvidos, subitamente, as palavras (creio que mais ou menos estas) do poeta Armando da Silva Carvalho: — «Não tardará muito que as fábulas comecem no tempo em que os homens falavam». E é dolorosamente que lhe dou razão.

OUATE DE CELULOSE
(Algodão de papel)
Papéis higiénicos
Papéis especiais, etc.
CASA VELUDO
AVENIDA DA BOAVISTA, 2245 — PORTO
Telefones: 64076 (4 linhas)

LORILLEUX-LEFRANC
TINTAS, VERNIZES E SECANTES para impressão
Fábrica e escritórios
CABO RUIVO — OLIVAIS — LISBOA-6
Telefs.: 311061 - 311082 Teleg.: LORILUX

CAMBISTA TESTA
● CÂMBIOS
● LOTARIAS
● TOTOBOLA
SE QUER FESTA JOGUE NO «TESTA»
74, RUA DO ARSENAL, 76 — Telefones: 32 18 92/32 48 28 — LISBOA-2

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuído pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

Uma história de caça —Cinco homens num «jeep»

POR MANUEL BEÇA

— Tem 30 anos. Jornalista desde 1958. Começou no «Diário Ilustrado». Redactor da «Associated Press» durante dois anos, viu artigos seus publicados nos maiores jornais do mundo, nomeadamente no «New York Times» e no «Herald Tribune». Chefe de redacção da «Flama». No «Diário de Lisboa» desde Dezembro de 1967. Foi em serviço á Áustria e á Inglaterra.

MUITAS VEZES, nas horas de solidão ou cavaqueira, o meu espírito atravessa fàcilmente o Atlântico e regresso por largos momentos às terras do Bailundo. A paisagem — geográfica e humana — do chamado continente negro entra no sangue e provoca destas erupções de saudade. Como acontece com o paludismo. Os acessos de febre e tremores afligem-nos, muitos anos depois da picada do mosquito, rebentam na mudança das estações, quando o episódio africano é página há muito voltada da nossa existência.

CONES DE LUZ

A caçada que vou contar já.a vivi tantas vezes, depois de ter acontecido, que é para mim um episódio familiar e importante, embora, bem vistas as coisas, não se tenha revestido de qualquer significado particular. Mas o mecanismo da memória tem frequentes caprichos e atrevo-me a dizer que, se recordo a caçada em cores ainda tão vivas, é precisamente porque desejo esquecer muitas, muitas outras coisas que, quando um dia as escrever, se chegarem a ser escritas, terão de ser arrancadas a ferros do fundo do subconsciente.

Escolhemos uma noite sem luar, como mandam as regras.

Retirámos a capota de lona do «jeep», o banco de trás e ligámos o farolim de mão a uma bateria sobresselente.

Quando deixámos a pequena povoação, o motor da central eléctrica ainda fazia ouvir, ao fundo, o ruído hesitante do seu trabalhar; de algumas casas dispersas saiam feixes de luz, projectados, sinistramente, no pó que o «jeep» levantava, ao dirigir-se para a estrada do Mungo.

A pequena viatura meteu pela picada irregular. Os «máximos» furavam a noite de um negro absoluto, como num quarto fechado. Os cones de luz nascidos nos faróis alargavam-se em linhas bem definidas, traçadas a tira-linhas, esbatiam-se contra o arvoredo que, à sua passagem, se tingia de uma pincelada de azul.

Cinco homens apenas. O Luís, grande, decidido, ao volante, com a sua clássica compostura. Conduzia, fugindo aos buracos da picada, com a mesma elegância e precisão com que, no Marquês de Pombal, dirige o seu «Volkswagen». Trouxe o casaco camuflado e as botas de borracha. O toque de distinção que dele se desprendia era certamente devido ao lenço de seda verde despontando do colarinho. Fumava muito, acendendo os cigarros com um isqueiro a gás, cujo clique soava estranhamente cosmopolita.

No lugar do **pendura**, o Norberto, 15 anos desenvoltos. Alguém com mais imaginação diria aqui que o negrito, servido por uma astúcia ancestral, esquadrinhava o breu onde os nossos olhares civilizados não conseguiam penetrar e erguia ao ar as narinas, cheirando a caça. Mais simples: o Norberto dormitava, sonhando com os desafios da trapeira em que era eximio.

Os outros três passageiras seguiam atrás, de pé. A armadura da capota retirada era o único apoio possível para o corpo, na complicada, tarefa de manter o equilíbrio. O carrito saltava como um antílope por aquele caminho que de estrada nem sequer tinha o nome. O doutor Luís agarrou-se ao varão transversal da armadura com ambas as mãos e trazia a escopeta deitada sobre os braços, o cano apontando prudentemente para fora. Enfiara, à pressa, um fato de caqui e sorria, no escuro ao vento que lhe fustigava o rosto aquilino. A seu lado, firmando-se numa das mãos, o velho colono, de cútis esverdeada empunhou o farolim ainda apagado. Eu seguia entre os dois, um pouco atrás, de pernas bem afastadas, esforçando-me apenas por não cair.

... e adormecemos embalados pela música distante dum batuque

Se fossemos detidos por um fiscal da comissão venatória, ou por qualquer funcionário da administração civil que regressasse a casa depois de uma diligência num sobado distante, podíamos, à face da lei, arranjar sérias complicações, pois o «couteio», lá como cá, é sistema ilegal de caçar. Simplesmente, os horizontes africanos são mais amplos e as infracções — como os crimes — passam as mais das vezes desapercebidos.

OS OLHOS

O processo é simples: entrados na zona onde, de antemão, se sabe que é possível encontrar os pequenos antílopes, geralmente apelidados de «cabras do mato» (tbambiss), outros maiores, como os «galungos» e os «nunces», o condutor deixa a picada principal e mete por um trilho do mato, duas linhas paralelas, à largura do rodado. A velocidade baixa para os quinze quilómetros horários. O farolinador acende o potente holofote manual e vai passando a mata a pente fina, de um e do outro lado da picada. Além do zunir suave do motor, procura-se não produzir qualquer outro ruído. À passagem do carro, um antílope que esteja a tasquinhar o capim tenro e húmido da cacimba, levanta curioso, a cabeça e os seus dois olhitos não tardam, por instantes a reflectir, como carvões, o feixe intenso saído do farolim. O olhar arguto do colono detecta, num ápice, os dois pequenos pontos luminosos. A um ligeiro toque no ombro do condutor, o «jeep» estaca e apaga os faróis. Varrendo a zona com a fita luminosa, o farolinador localiza, de novo, «os olhos» e não volta a tirar-lhes a luz de cima. O antílope, por sua vez, fica como que pregado ao solo, incapaz de desviar a cabeça. Os dois carvões que são os seus olhos brilham no escuro da mata. O atirador não tem mais que fazer a mira numa linha quase coincidente com a do feixe de luz. Pela intensidade e a cor do brilho dos dois pontos luminosos, um caçador experimentado sabe, imediatamente, qual o porte do animal que lhe coube.

O CARROCEL DA MORTE

A mata começou a ficar cada vez mais rala e entrámos, pouco depois, numa vasta planície, apenas coberta duma vegetação rasteira. Deixámos os trilhos e metemos pela «anhara» (planura), ao acaso, rolando já devagar.

— Vamos ver se temos sorte.

O colono acendeu o farolim e começou a varrer a noite.

O doutor destravou a caçadeira de cinco tiros, carregada a zagalotes, e pigarreou, enervado. Luís acendeu mais um cigarro.

Não tardou muito. Dois olhitos brilharam, lá ao longe. O farolinador fez o sinal combinado. O «jeep» estacou com demasiada obediência e íamos caindo todos. O colono recompôs-se, ràpidamente, e o bicho foi localizado de novo. Estava longe.

— Siga para ele sem acender os faróis.

Novo arranque, agora suave. O feixe do holofote era a única luz a brilhar na escuridão. Fomo-nos aproximando, sempre, sempre, de olhos grudados aos dois pontos luminosos cada vez mais próximos. Novo sinal. O «jeep» abrandou e deteve-se com suavidade.

Chegara o grande momento. Murmurando palavras incompreensíveis, o doutor encolheu os ombros e mexeu as pernas, procurando descontrair-se. Levou a arma à cara. Demorou um pouco e... não chegou a disparar porque a vítima em perspectiva reagiu de maneira inesperada. Sem despregar os olhos da luz — estava agora a uns cem metros de nós — começou a descrever em torno do carro ciscuios cada vez mais fechados.

— Será mesmo cabra? — havia já um certo receio na voz abafada do doutor.

— É — foi a resposta seca — **mas devemos apear-nos.**

O negrito Norberto saltou do seu lugar. Pusemos-lhe a bateria sobresselente à cabeça e partimos, a pé, em direcção à nossa presa, sem deixar nunca de lhe procurar os olhos com a luz.

Caminhávamos pela «anhara» dentro, em fila indiana.

À frente, o rapaz equilibrava a bateria na cabeça quase sem esforço. A seu lado, o homem calmo que empunhava o farolim. Logo atrás, o atirador e os restantes, como simples espectadores.

O bicho corria à doida pela planície, apertando os círculos cada vez mais à nossa volta. Encontrava-se, agora, a uns cinquenta metros e víamos-lhe já parte do corpo. Era um «galungo» macho, de pelagem «beige», listada de branco, com o porte de um cão «serra da Estrela».

Parámos. O farolinador rodava sobre os calcanhares, preso ao animal pelo nastro amarelo do holofote, como um professor de volteio segura o seu cavalo, no picadeiro.

— Não consigo pará-lo. É melhor tentar assim.

O doutor meteu a arma à cara e deu dois tiros seguidos. Deteve-se o carrocel fantástico do «galungo», que descreveu uma pirueta e pareceu ficar estendido.

— Já está!

Mas não. Quando nos aproximámos, para recolher o troféu, investiu direito à luz, num último esforço, atingiu em cheio o pobre Norberto numa ilharga, atirando-o ao chão, mais a bateria.

Apagou-se a luz do holofote. Ficámos mergulhados na noite africana. Com auxílio de uma pequena lanterna de bolso, verificámos que o estrago nos acumuladores era irreparável. A óptica do farolim estava estilhaçada, porque o colono, assustado, o largara da mão. E fomos topar o «galungo», morto, alguns metros adiante. Antes de morrer, quisera tirar o seu desforço derradeiro.

O episódio, passado o susto da investida, fez desprender a língua aos cinco homens que se sentaram um pouco, no escuro, a descansar, comentando o incidente.

— O melhor é ir buscar o «jeep», para meter o bicho lá dentro — alguém alvitrou.

E partimos todos, pois ninguém se mostrou disposto, havendo só uma caçadeira, a ficar de guarda à presa...

— É para ali — disse o colono.

— Não, patrão. É para ali — Norberto apontava o caminho oposto.

Luís também tinha uma opinião diferente:

— Parece-me que é por ali.

*

A perseguição apeada ao combativo «galungo» não se prolongara por muito tempo. Para o regresso ao «jeep» em contrapartida, não bastou a noite inteira. Ao fim de uma hora, ninguém duvidou que nos tínhamos perdido. Ao cabo de duas horas, já se amaldiçoava o animal que, lá longe, dormia o sono derradeiro, atribuindo-lhe todas as culpas do sucedido. Ao cabo de três deixámo-nos cair para o chão húmido da «anhara» e adormecemos ao relento, embalados pela música longínqua de um batuque.

António Moreira Rato & Filhos, L.da
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
MÁRMORES — CANTARIAS
«TUBAGEM DE GRÉS»
LOIÇA SANITÁRIA
FIBROCIMENTO «NOVINCO»
Telefones: 660879 - 663708 — Telegramas: «Ratofilhos»
AVENIDA 24 DE JULHO, 54 G
LISBOA

T L P

TELEFONES
DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA — DECRETO-LEI N.º 48007

AO SERVIÇO DO PAÍS

LISBOA — Rua Andrade Corvo, 14
PORTO — Rua da Picaria, 5

ROYAL EXCHANGE ASSURANCE

FUNDADA EM 1720

Exerce a sua actividade seguradora há mais de 2 séculos. Seguros nas principais modalidades incluindo Lucros Cessantes e Riscos Múltiplos

FILIAL EM PORTUGAL
Rua Camilo Castelo Branco, 2, 1.º
LISBOA - 1
Telef. 54195-6-7 e 533228
Telegramas: ROYEX

SUCURSAL NO PORTO
Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 84-2.º
Telegramas: ROYEX
PORTO
Telef. 022323

LLORET & XAVIER, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Comissariado Español Marítimo

Lâminas para a Indústria Corticeira

Largo do Corpo Santo, 21 - 1.º Esq.º
Telef. 324671 e 327258—Lisboa-2

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR NA ZAMBÉZIA, PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

DELEGAÇÃO: AV. DA ÍNDIA, 8
LISBOA

pelaria pampas

PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS DE VIAGEM
ÚLTIMOS MODELOS

RUA DA CONCEIÇÃO

A novidade sensacional de fama mundial

CONTEX-30

Ganhe dinheiro no trabalho de cálculo do seu escritório

Faça um ensaio com a CONTEX-30, a nova máquina calculadora eléctrica universal.

Ficará maravilhado porque:

CONTEX-30

é a somadora mais rápida do mundo e ao mesmo tempo uma calculadora super-rápida que divide e multiplica automàticamente.

Está munida de deslocador de algarismos automático e dispositivo para multiplicação com factor fixo.

O teclado de 10 teclas permite ser operado segundo o sistema «às cegas», e pode ser manejado com igual facilidade tanto com a mão direita como com a esquerda.

CONTEX-30 — A nova calculadora eléctrica que se vende a um preço tão baixo que permite que todos os seus empregados, que se ocupam de problemas de cálculo, tenham a sua própria máquina.

Peça hoje mesmo uma demonstração de CONTEX-30 no seu próprio escritório e amanhã começará a ganhar dinheiro! CONTEX-30 custa apenas 4.950$00

Representantes exclusivos:

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

RUA DA PRATA, 68	TELEF. 36 15 45 (4 linhas)	LISBOA
RUA DE SANTO ANTÓNIO, 208	TELEF. 2 55 82 (3 linhas)	PORTO
RUA D. DIOGO DE SOUSA, 62	TELEF. 2 49 79	BRAGA

Máquinas de costura — Radiadores e caldeiras para aquecimento central — Ferros de engomar — Caloríferos — Fogões de cozinha — Banheiras, lavatórios colectivos e outro material sanitário de ferro esmaltado — Marmitas e equipamento complementar para grandes cozinhas — Material para lavandarias — Bombas centrífugas e manuais — Tornos de bancada de ferro fundido — Forjas portáteis — Ventoinhas para forjas — Motores de explosão de pequena cilindrada — Abrigos para bicicletas, motorizados e motocicletas — Acessórios de ferro maleável para canalizações — Acessórios para linhas de alta tensão — Tubos para canalizações e outros usos — Obra de ferro fundido normal e de ferro maleável — Galvanização de artigos de ferro

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.ª, LDA.
OLIVA
S. JOÃO DA MADEIRA

Santos & Silva Vieira, Lda.

IMP. — EXP.

BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

RUA DA BOAVISTA, 14 - 16 — TELEFONE 32 39 66 — LISBOA - 2

O decano da crítica tauromáquica conta um episódio de uma ida a Sevilha

POR ROGÉRIO PEREZ

Jornalista desde Maio de 1921: começou no «Diário de Lisboa». Tem 77 anos e assegura hoje a nossa crítica tauromáquica. Foi correspondente de inúmeras publicações espanholas da especialidade, organizou corridas de touros em Paris (na Rua Monge) e publicou «Vaya por usted», «A B C da Tauromaquia» e «Meio século a ver toiros», com o pseudónimo El Terrible Pérez. Enviado especial do nosso jornal a Espanha durante a guerra civil. Esteve também nas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, na Bélgica e em Marrocos.

QUANDO PUBLIQUEI a primeira crónica tauromáquica no «Diário de Lisboa», em 9 de Maio de 1921, já escrevera de touros no semanário «Cómico e Fenómenos» e dirigira até um de vida efémera, «Sombra-Sol». Havia desaparecido aquela geração magnífica de críticos tauromáquicos como Salvador Marques e Pinto de Campos. No «Diário de Notícias» continuava Brito Aranha e em «O Século», Rodovalho Duro, «Zé Jaleco», a quem sucedeu Máximo Alcobia; Freitas Brito em «O Mundo», e antes Alberto Barbosa, notável jornalista e autor teatral. Carlos de Abreu no «Jornal do Comércio» e publicando o seu anuário de acontecimentos tauromáquicos. Artur Teles já não escrevia, nem Segismundo Costa.

Em Espanha desaparecera a crítica de touro por touro e, com Mariano de Cávia e «Don Modesto» surgira a crónica impressiva que havia de continuar com Corrochano e, actualmente, com Cañabate.

Nesta superior maneira nos lançámos nos primeiros tempos, francamente, ou fracamente, mas tivemos fortes discussões com José Luís Ribeiro, «Pepe Luis», e D. Bernardo da Costa «Mesquitela», por diferenças de opiniões acerca de um nosso inolvidável amigo, D. António Cañero, e dos toureiros castelhanos e andaluzes, estes os da nossa permanente preferência. Já desapareceram os dois, e Fernando Baptista «Zé Sincero», Manuel Rodrigues «Rodrigulto», Manuel Azambuja e agora Artur Inês, profissional dos melhores e mais combativos, José André, e antes Carlos Ornelas, dois grandes animadores.

Em Algés, e depois no Campo Pequeno, reinava o bom José Júlio Segurado a quem na praça do centro da capital haviam de suceder José Ricardo Domingues com Manuel Crespo, bom toureiro-amador que chegou a tomar alternativa para logo abandonar a profissão.

Com Manuel Muñoz Crespo fomos a Sevilha no seu primeiro automóvel, e era tão cuidadoso na estrada que quase parava quando lhe surgia outro veículo em sentido oposto ao que levava. Terminara a guerra de Espanha, mas ainda andavam pela Serra Morena fugitivos que assaltavam os carros na estrada pedindo para o Socorro Vermelho. Que não seguissemos viagem de noite nos aconselharam numa das primeiras aldeias andaluzas, mas nós ansiavamos por chegar a Sevilha na véspera da primeira corrida da Feira.

Estavamos já em plena serra e fizera-se noite quando ouvimos um estampido que nos aterrorizou por julgarmos ser já um tiro. José de Melo gritou a Manuel Crespo que parasse, e eu que seguisse para escaparmos a mais tiros, e aos assaltantes.

— Não posso porque foi uma camara de ar que rebentou! — respondeu Manuel Crespo, aflito, porque não tinha macaco para levantar a roda. Aterrorizados com o que nos haviam dito dos perigos da serra, ali ficámos, até que na estrada surgiu um camião com gente não menos assustada com a nossa presença, mas mais previdentes, porque ao lado do condutor ia uma mulher armada com uma espingarda.

Explicámos o nosso caso, mas, assustados com a nossa presença na estrada, o mais que conseguimos foi que nos atirassem um taco de madeira para servir de macaco, e abalaram, ainda desconfiados. Tentámos desarmar o pneu para substituir a camara de ar, mas não conseguimos acertar com o tampo da roda. Ali ficariamos se a mulher de quem isto escreve, mais habil com a mão esquerda que com a direita, não resolvesse o que tentávamos para o lado contrário. Enfim, chegámos a Sevilha de madrugada, e pouco depois surgia o Sol andaluz e começava na alegre cidade o bulício da Feira a que não faltamos há mais de sessenta anos e apenas com a perda da do ano triste de 1920.

Morrera «Joselito», de quem nos despedíramos em Outubro de 1919 num «tentadero» da ganadería que o seu íntimo Vítor Ribeiro formara para José Martinho Alves do Rio, como depois a de José Pinto Barreiros. Andámos indiferentes até que despertámos em 1938, quando surgiu em Sevilha Pepe Luís Vasquez, que com «Manolete», e este com Carlos Arruza, iniciaria aquelas temporadas felizes de que participariam Pepin Martin Vazquez, Manolo Gonzalez e os nossos Manuel dos Santos e Francisco Mendes, e citamos apenas estes por serem os dois retirados, que a todos acompanhámos festivamente. Permanente foi a nossa devoção por Rafael «El Gallo» e por «Chicuelo», que actualmente têm como continuador outro toureiro-artista, Curro Romero, o genro do mais fino dos castelhanos, António Marques. Não negamos actualmente a presença de alguns outros bons toureiros, mas os tempos são diferentes, sem duvida mais amáveis e acessíveis ao gosto dos modernos espectadores.

O espectáculo passou hoje para as massas com «massas» e deixou de ser popular, porque os preços das entradas subiram com a ansia dos toureiros, que querem ser milionários á custa de falsas novelas publicitárias. Enfim, Manuel dos Santos conhece-os bem e não se deixa enganar com tais novelas, e nós fazemos por não nos deixar envolver pelo clima reinante e preferiremos os bons toureiros aos famosos que encarecem o espectáculo.

Abominamos imitações do que ambicionávamos e nos é impedido por um equivoco de falsa humanidade, pela proposkada ignorância, por aquilo de que «olhos que não vêem, coração que não sente», o que os touros sofrem com a espera do matadouro.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES AMADEU GAUDÊNCIO

ESCRITÓRIO E OFICINAS
R. ALEXANDRE BRAGA, 4-A
LISBOA

ARQUITECTURA E ENGENHARIA

TELEFONE
P. P. C. A. 56 00 51
End. Telegráfico: «CONSTRUÇÃO»

CONSTRUÇÕES CIVIS
BETÃO ARMADO E PREESFORÇADO
CARPINTARIA
MECÂNICA
TRABALHOS DE PINTURA E ESTUQUES

DEPÓSITO DE MATERIAIS:
ESTRADA DE MOSCAVIDE, 17-19

Telefones 31 10 72-31 20 00
LISBOA

Lopes & Lopes (Filhos), Limitada

PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C
Telefones 868782 - 868731 LISBOA

ARMAZÉM DE SOLAS, CABEDAIS, PELARIAS FINAS, PARA CALÇADO E MALAS

Leopardos, cobras, lagartos, crocodilos, etc., curtem e tingem a feitio; trabalho perfeitíssimo na nossa fábrica

COMPRAMOS QUALQUER DESTAS ESPÉCIES POR CURTIR, EXCEPTO COBRAS

JOALHARIA CORREIA

— DE —

ANTÓNIO A. CORREIA & FILHO, LDA.

JÓIAS — PRATAS — RELÓGIOS

Rua Áurea, 245-247 Telefone 32 73 84 LISBOA

VIDROS — Telef. 324485-33084 — ESPELHOS

A UNIÃO

Rua Luz Soriano, 23 - A — Lisboa - 2

TELEFONES 32 67 33 e 3 55 95

AUTO-CAIS DO SODRÉ, LDA.

Pneus e câmaras de ar. Recauchutagem e Vulcanização
Acessórios para automóveis. Óleos, massas e valvulinas

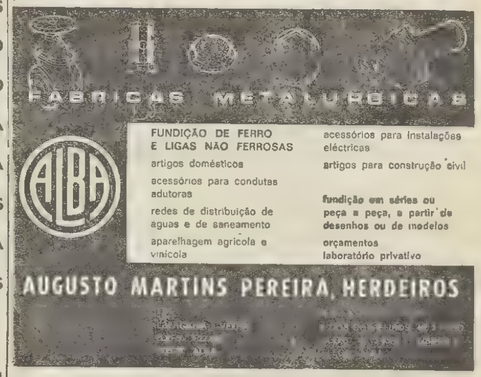
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 9 LISBOA

ARMAZÉNS DIAS

161, RUA DOS FANQUEIROS, 163

FAZENDAS E CONFECÇÕES PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Especialidade em calças feitas de todas as medidas



O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O «Diário de Lisboa» e a filatelia

POR A. J. VASCONCELOS DE CARVALHO

HOUVE A GENTILEZA, como nos anos anteriores, de atempadamente lembrar ao autor desta secção que o sempre jovem «Diário de Lisboa» comemora mais um aniversário, e que o signatário, como autor da mesma, não como advogado da empresa, tem lugar marcado na mesa que amanhã à noite reunirá a grande família deste jornal.

Removido determinado óbice de ordem pessoal, é claro que lá estaremos dentro de poucas horas, e preocupado temos estado em saber que prenda levar ao aniversariante... Somos muito pobre de quase tudo, mas a sabedoria dos povos diz que cada um dá o que pode, pelo que acabámos optando pela dádiva de uma crónica filatélica. Para nós, sai-nos barata —, mas, vão ver, é-nos muito cara...

Somos um vicioso de muitos vícios, entre os quais, à cabeça, o das colecções. Colecções de livros, de selos, de candelas e candeeiros de azeite, canjirões e canecas com figuras humanas, relógios, moedas, medalhas, etc., etc., colecções muitas e demasiadas, que nós começámos e fizemos apaixonadamente, e agora, vendo-as demasiadas, não somos capaz de fazer parar... Mas ainda possuímos outra colecção. Sabemos não ser única, mas deve ser rara: luxuosamente encadernada em volumes anuais, temos, da nossa autoria, «Filatelia / Um ano da secção filatélica do «Diário de Lisboa».

E eis aqui a nossa prenda: a primeira crónica desta secção, e primeira de toda a Imprensa Diária portuguesa, foi aqui publicada em 15 de Junho de 1952, assinada por A. B. C. A partir de 12 do mês seguinte, passou a ser assinada pelas nossas iniciais de V. C. E, de então até ao presente, muito perto de dezasseis anos, só muito raras vezes, por motivos de feriados ou de doenças, esta secção deixou de ser publicada...

Mas vale a pena começar pelo princípio. A crónica de abertura daquele dia 15 de Junho de 1952 dizia aquilo que hoje ignora a grande maioria dos filatelistas portugueses, pelo que vale a pena fixar:

«Grande êxito de organização e de direcção, a reunião filatélica realizada em Coimbra marcou tanto pela quantidade como pela qualidade dos assistentes, entre os quais alguns dos melhores coleccionadores portugueses, como o brigadeiro Cunha Lamas, A. de Castro Brandão, A. J. Correia Júnior, dr. Montalvão, dr. Vasconcelos Carvalho, capitão Magalhães, dr. António Fragoso, Vitorino César Dória, dr. Carlos Mantero, Romaria, e quase todos os comerciantes filatélicos, como A. Molder, Artur de Vasconcelos, J. Ell, A. Schick, Armando Lima, etc., etc. A reunião, que foi presidida pelo sr. governador civil de Coimbra, dr. Eugénio de Lemos, marcou ainda pela presença de muitas senhoras, pelo excelente almoço, pelo ambiente em que foi servido, e, mais ainda, pelas ideias e sugestões, críticas e decisões tomadas na segunda parte dos trabalhos, sob a presidência do sr. dr. Vasconcelos de Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal.

Não resta dúvida de que se está entrando numa fase nova. Questão é, agora, que todos se apercebam disso, e se unam ao redor dos dirigentes, para desenvolvimento, valorização e prestígio da filatelia portuguesa».

Começando pelo fim, de salientar são duas circunstâncias: é uma, que as palavras finais por nós escritas em 15 de Junho de 1952, «Desenvolvimento, valorização e prestígio da filatelia portuguesa», têm sido o disco que, durante dezasseis anos, aqui mais temos repetido.

E é outra que, dando a César o que é de César, não fomos nós o organizador e orientador de tal reunião, mas o saudoso Artur de Vasconcelos, comerciante filatélico no Porto, que mais tarde, num livro de sua autoria, publicou uma gravura daquela notável reunião, com título que não temos presente, mas que, pouco mais ou menos, diz assim: grupo do que deve ser considerado o primeiro Congresso Filatélico português. Saliente-se que nós, na crónica transcrita, não empregámos a palavra Congresso. Foi o Artur de Vasconcelos quem a escreveu, fixando-a para a História da Filatelia Portuguesa.

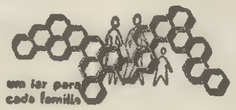
Seguiram-se outras crónicas, sempre na mesma linha de rumo: «O centenário do selo português», «Selos novos, selos velhos...», «A Exposição do Centenário», «O enigma de um carimbo postal», «Um coleccionador de selos», «Um velho catálogo», «Marcas do correio», «Destruição de selos estragados», «Um lote de peças inteiras», «Correspondência estrangeira de navios», «Coleccionamento do Brasil», «Lição dos factos», «A quantidade de quadros nas exposições filatélicas internacionais», «Clube Filatélico de Portugal», «Os selos clássicos e os outros», «Sobrescritos brasileiros», «Porque se coleccionam os selos», «Sobrescritos censurados», «Os catálogos e um catálogo», etc., etc.

Foi ontem —, e passaram já dezasseis anos... Não nos surpreende que continuemos a debater hoje os mesmos temas. Surpreende-nos, sim, e muito, que sendo nós, então, verdadeiro principiante, empurrado à força para o lugar de presidente do Clube Filatélico de Portugal, pelos coronel Cardoso Salgado, nessa altura capitão, Dias Ferreira, Valente, etc. —, já então defendêssemos as ideias que aqui apresentámos antes de ninguém, e hoje mantemos, mesmo que à custa de algumas malquerenças, que nunca quisemos manter.

Passaram dezasseis anos, repetimos. Durante eles, raras e pequenas interrupções tivemos. Publicámos cerca de mil crónicas. E dezenas de milhar de notícias, quase todas em primeira mão. Fizemos a completa cobertura de todos os acontecimentos filatélicos, nacionais e internacionais. E, sobretudo, o «Diário de Lisboa» foi o único jornal português que publicou reportagens sobre todas as exposições filatélicas do continente, Madeira, Angola, Moçambique, Brasil, etc. Único, repetimos e acentuamos, de exposições vistas e vividas por nós, quase todas com o patrocínio dos C. T. T., do Clube Filatélico de Portugal e deste jornal.

No festivo dia do aniversário do «Diário de Lisboa», que, desde os tempos do grande e saudoso Joaquim Manso, sempre, como leitor, como advogado e como colaborador, considerámos o nosso jornal —, trazemos-lhe a prenda pequena de um homem pobre: a pena sem brilho, mas desassombrada e destemida, de quem, procurando servir a Filatelia portuguesa, também procura não trair a altura, a dignidade e a nobreza que são timbres, conhecidos e reconhecidos, desta casa e desta família!

Móveis Janel
MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA DECORAÇÃO DO LAR
R. Rodrigues Sampaio, 76-A — Telefone 51695 — LISBOA



Se é inquilino ou hóspede
inscreva-se como sócio da
Associação dos Inquilinos Lisbonenses
e verá zelados os seus interesses
SEDE DA ASSOCIAÇÃO:
Avenida Almirante Reis, 12 — Telef. 53 60 70
LISBOA-1

LORDE
CABELEIREIRO DE HOMENS
TRATAMENTOS
BOUTIQUE
AR CONDICIONADO
Rua Joaquim António Aguiar, n.º 23 Telefone 562287

CAL HIDRÁULICA DO CABO MONDEGO
A MELHOR CAL DO PAÍS
E
A MAIS BARATA DO MERCADO
POSTOS DE CARGA, NAS SEGUINTES LOCALIDADES:
ALHANDRA — Aberto de dia e de noite
FIGUEIRA DA FOZ — Aberto de dia e de noite
PORTO (Al. Basílio Teles) — Aberto das 8 às 18 h.

Serafim A. Vasques, Lda.
Av. 24 de Julho, n.º 2-E
ARMAZÉM DE CORDOARIA E APRESTOS NAVAIS
Telefones 327452-362840
Teleg.: CATOSAVEL
LISBOA

Lisboa Jardim
FLORES NATURAIS
Augusto Lopes Baptista, Lda.
CASA FUNDADA EM 1931
IMPORT - EXPORT
GRANDES PREMIOS NAS EXPOSIÇOES NACIONAIS DE FLORICULTURA
RUA DA EMENDA, 76, R/c. * TELEFONE 32 09 14

Está há 30 anos no manicómio o bailarino português que julgava ser Nijinsky

POR LUÍS D'OLIVEIRA NUNES

FOI NECESSÁRIO, para compor o ramalhete desta prosa de aniversário, haver quem falasse de bailado, escrevendo algo que valesse a pena sobre um qualquer caso, pessoa ou acontecimento com ele relacionado.

E que coisa haveria de mais pitoresco recorte do que a história daquele que deve ter sido o primeiro bailarino clássico português a internacionalizar-se e que hoje, após trinta anos de cativeiro, continua isolado do mundo entre as paredes frias dum manicómio, lúcido, embora agarrado a um passado perdido? Que história mais interessante haveria do que a desse belo jovem que, aos vinte anos no caminho da fama, se convenceu de que era Nijusky, mergulhando assim nas trevas dos sem-razão, como já aconteceu, aliás, àquele de que tomara a personalidade?

Pois não era ele que, nesse ano de 1938, ao dar entrada em Miguel Bombarda, no regresso da Alemanha, dava prodigiosos saltos, voando por cima de doentes e enfermeiros, que tediam a agilidade felina desse bailarino que percorria os lúgubres corredores do hospital delirando nos sonhos das galas e condecorações que lhe tinham enchido o peito e a cabeça?

Pois não fora ele que, entrado em Miguel Bombarda, chegara a organizar classes de danças para os doidos e se apresentara, dançando ainda, numa festa do hospital?

Pois não era interessante a história desse homem, agora com cinquenta anos, que íamos encontrar numa cela do manicómio, fazendo «tricot», rodeado de santos, pássaros e flores, a falar fluente e correctamente alemão, francês e espanhol, como se não tivessem passado quinze anos sobre a última visita que Ruth Aswin lhe fizera e que constituíra a sua última oportunidade de falar qualquer língua estrangeira?

● **Revelação**

A história chegara-nos há umas semanas, quando Ruth Aswin, a propósito dos seus setenta anos de vida e dos quase cinquenta que leva de ensino da dança em Portugal, nos falou da pitoresca história de Valentim de Barros que foi, porventura, o primeiro bailarino clássico português a fazer uma carreira internacional.

Bem entendido, o traço da sua carreira acabou por se perder, escondido nos confins dum Hospital de doidos, ao fundo duma cerca, dentro dum edifício-prisão, antigamente destinado aos loucos furiosos.

Valentim de Barros está há trinta anos em Miguel Bombarda, onde chegou um ano antes de começar a guerra. Entrou para o manicómio no auge duma carreira de bailarino que o levara pelo mundo. A sua beleza e a sua juventude tinham conquistado a Alemanha, fazendo-o afinal conviver com as figuras do já triunfante regime nazi, pois Valentim de Barros entrara na Alemanha quando Hitler era já a primeira figura política do Reich, seguida por Goering, de quem afinal Valentim de Barros, no ardor dos seus dezoito belos anos, havia de ter um dilecto e ardoroso amigo.

Esse apego à Alemanha acabaria afinal por ficar quase espantosamente demonstrado quando fomos a Miguel Bombarda conhecer o «homem que era Nijusky», antes de entrar no caminho da perturbação mental que o levou a julgar-se uma mulher, falando, agindo e vestindo-se como tal.

● **Romance**

No corredor, um homem de idade, espantosamente magro, passeava maquinalmente, sem dar atenção a ninguém, entretido no seu passo cadenciado e na vida artificial que lhe bailava na cabeça. Um outro personagem, de olhos esbugalhados e cara enegrecida, com dentes que pareciam de cadáver, segurou-nos num braço e quis que lhe déssemos um cigarro e cinco tostões. O enfermeiro tranquilizou-nos: «que não tivéssemos medo pois os doidos furiosos estavam guardados e não podiam fazer mal. Aqueles com quem cruzávamos, nos mais estranhos modos e atitudes, eram apenas criaturas mansas, de vida mental perturbada mas mansos.

Uns deitavam-se sobre a relva, ao sol, alguns passeavam, outros ouviam rádio ou estavam simplesmente alheios a tudo quanto os rodeava. Em três minutos estava galgado o jardim e chegava-se ao «pavilhão de segurança», um nome cujo conteúdo não correspondia à realidade.

Alguns doidos sentavam-se à porta, sendo o mais perturbante, entre os que se cruzavam connosco, não se saber se eram funcionários do hospital ou doentes e, neste caso, que vida era a sua.

Lá dentro, o ambiente era frio e lembrava o duma prisão, porventura amenizado pela brandura e simpatia dos guardas-enfermeiros e do médico.

Não tardaria que Valentim de Barros nos aparecesse, falando falsete e chinelando nuns sapatinhos vermelhos, uma das muitas coisas que ele passa o tempo a fabricar.

Ao vê-lo, assim gordo e deformado, ninguém pensaria no jovem bailarino e no filho do professor universitário que as fotografias antes vistas tinham trazido até nós.

Valentim tinha dado entrada ali com vinte e dois anos, e está agora com cinquenta e dois.

O tempo e a inactividade não tinham perdoado.

Fora uma irmã que nos falara da sua infância.

Seu pai, o doutor Joaquim José de Barros, fora brilhante assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa e considerado, nos anos trinta, um dos mais abalizados cientistas portugueses.

Especialista em biologia, mas igualmente conhecedor profundo de electrotecnia, bacteriologia e telégrafos, fizera estudos na Alemanha, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Holanda, França, Dinamarca, Suécia e Noruega.

Em meio desta actividade profunda e vasta o dr. Joaquim de Barros tivera ainda tempo para se casar e ter oito filhos, o mais novo dos quais era Valentim. Foi na altura em que o dr. Joaquim de Barros se separou da sua primeira mulher e mãe dos filhos para se casar com uma senhora alemã que seu filho mais novo, então com dezasseis anos, fugiria de casa, para nunca mais ser visto.

● **A fuga**

Ali foi apanhado pela Guerra Civil e feito prisioneiro pelos republicanos. Viu-se, assim, enquanto prosseguia a luta, a trabalhar num talho. Conseguiu-se evadir deste cativeiro duma forma rocambolesca. Aproveitando a sua beleza e geito para o «travesti» refugiou-se num convento e conseguiu fugir, disfarçado de freira, conjuntamente com um grupo de membros da colectividade a que se recolhera.

Assim chegou a Itália e a França, onde continuou a dançar, sempre em «tournée». Iria finalmente, parar à Alemanha, no período agitado que marcou o advento da guerra.

Esteve em Epsen, Berlim e Stutgartt. Foi, contudo, nesta última cidade que Valentim de Barros ganhou fama, sendo uma das primeiras figuras do Teatro da Ópera, como no-lo demonstram programas e fotografias da época. Era considerada insuperável a sua interpretação de «Prometeu», num bailado com música de Beethoven sobre o «Prometeu Aguilhoado» e, no no mesmo programa, na «Petrouschka».

Jornalista desde Maio de 1961. Começou no «Diário de Lisboa». Tem 28 anos. A Fundação Calouste Gulbenkian distinguiu-o por duas vezes com bolsas para o estrangeiro, onde fez estudos sobre teatro e bailado. Também bolseiro do Instituto Francês, em Lille. É membro da direcção da Casa da Imprensa. Visitou em serviço a Espanha, França, Bélgica e Inglaterra, contactando com os mais famosos encenadores e coreógrafos.

Valentim de Barros fora sempre um rebelde, que fugira à escola para dançar e se dedicar ao teatro, à pintura e à música, que cultivou com igual relevo, ensinado por uma mestra alemã que o pai contratara e vinha substituir sua mãe.

Foi, este drama familiar que empurrou Valentim para o estrangeiro.

Sem que a família soubesse o jovem matriculara-se nas classes de dança de Ruth Aswin, então professora muito em moda, recém-aparecida em Portugal. O pai contrariava, aliás, como é natural, as tendências do rapaz. Isso de nada valeu porque Valentim fugiu nessa altura para o estrangeiro, contratado por uma companhia de bailados que o levou para Espanha.

Os homens do regime enchiam-lhe o camarim de flores e na sua mesa havia sempre uma garrafa de «champanhe». Data dessa altura a condecoração alemã com que Goering, em nome de Hitler, lhe atribuiu. A guerra estava, contudo, prestes a estalar e, impulsionado pelos acontecimentos Valentim de Barros teve de voltar à Pátria, desta vez já em circunstâncias dramáticas, porque, sem dinheiro, fora obrigado a recorrer ao auxílio do nosso representante diplomático.

Este é um período um pouco confuso da sua vida.

Envolvera-se entretanto, no uso de narcóticos, assim se acentuando as suas tendências nervosas.

Em 1937 está ainda em Stutgartt, mas no ano seguinte, data da morte do pai, aparece já em Lisboa.

Recebe da herança paterna a parte que lhe compete e vai viver com a mãe, em Lisboa. Mas o seu temperamento começa a tornar-se agressivo. Sonhava, em delírio, com a dança. Um dia agride a mãe e parte tudo em casa. Era o começo da loucura. Sonhava que era Nijusky e acomodava-se mal às realidades locais. A primeira cena com a mãe leva-o ao manicómio, onde é sujeito a uma operação, tendente a evitar as tendências «travestis» que começa a demonstrar publicamente.

Após uma permanência no manicómio volta à vida pública e chega a trabalhar no Éden, num espectáculo de Tropo Laner, com a actriz Maria das Neves. As coisas voltam a complicar-se, após uma cena violenta. Contam-nos que entrou «trovestiu» na casa de banho das senhoras e foi descoberto por uma das utentes, que exuberantemente manifestou o seu pânico ao perceber que estava perante

(Continua na página seguinte)

Valentim de Barros, aluno de Ruth Aswin, foi também seu «partenaire». A foto foi obtida pouco tempo antes de Valentim dar entrada no manicómio

A fotografia é de 1937 e foi tirada no Teatro da Ópera de Hamburgo. Valentim de Barros está em primeiro plano, com uma cabeleira branca

Trinta anos depois Ruth Aswin e Valentim de Barros voltam a estar juntos. A professora estivera pela última vez no manicómio, visitando o aluno, há quinze anos. Durante estes anos todos o bailarino não falara alemão. Parecia afinal, que não fizera outra coisa, todos os dias

Há 30 anos no manicómio...

(Continuação da página anterior)

um homem. Acabou por ser agredida e Valentim deu definitivamente entrada em Miguel Bombarda.

Contam-nos que [illegible] está há vinte anos no hospital, que era proverbial e temida a agilidade do louco Nijusky, que dava saltos prodigiosos. Era, igualmente, conhecida a beleza desse jovem de vinte e dois anos que assim se via privado da razão. Os anos foram passando e a enfermidade atenuou-se. Chegou a dar aulas de dança aos doidos, para se lhes arranjar uma terapêutica ocupacional, e participou, ainda em boa forma física, num espectáculo.

Mas Valentim é agora, fisicamente, um farrapo. Gordo e deformado.

Valentim de Barros dizia ainda para Ruth Aswin, que nos acompanhou na visita:

— Quando sair daqui quero voltar a fazer aulas com a «madame» e quero voltar a dançar.

E mostrava, desgostoso, as pernas, onde varizes rebeldes, começam a aflorar, comentando:

— Isto passa. Hei-de voltar a dançar.

Entretido com o seu «tricot», perdido na sua cela, entre pássaros, santos e flores, Valentim de Barros, absorto, lá ficou, distante no seu sonho de ser Nijusky, num país onde a dança ainda não pegou.

Luís d'Oliveira Nunes

ANTÃO MARQUES, LIMITADA

MATERIAL ELÉCTRICO — INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Rua da Mouraria, 60 - 62 Telef. 86 00 66 LISBOA

COSTA DO SOL

Hotéis de luxo e a preços acessíveis; Restaurantes típicos; Casino com «shows» internacionais; Roleta e Baccara; Praias, parques e jardins; Concertos, Teatro e Cinema; Dancings e boites Hi-Fi; Ténis, Golfe, Vela, Motonáutica, Equitação e Concursos Hípicos; Aviação de Turismo; Salões de Artes Plásticas; Touradas; Exposições Caninas; Desfiles de Marchas Populares; Cursos Musicais de Férias; Feira de Artesanato, e um sem fim de atracções

INFORMAÇÕES:

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

ESTORIL

EIS A REGISTADORA QUE LHE CONVÉM...

O novo modelo *Valentim*

A máquina acima de toda qualidade!
É uma caixa registadora robusta, completa, eficiente e... bonita!
É a máquina digna do seu estabelecimento, que fará aumentar os seus lucros melhorando o seu controle

DISTRIBUIDORES:

SOC. DE REP. SIDA SUECA, LDA.

R. DE S. NICOLAU, 13/17 • TELEF. 869331 • LISBOA

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

Rua dos Navegantes, 53 - 2.º

LISBOA

NITRATOS DE PORTUGAL

únicos produtores de

NITROLUSAL

NITRAPOR e

NITRATO DE CÁLCIO

Desde 1963 só com a exportação de excedentes fizeram entrar mais de 290.000 contos de divisas com as quais não só ajudaram a defender o Ultramar como contribuiram ainda para o prestígio do País e desenvolvimento da Economia Nacional

NÃO POUPE NOS ADUBOS!

Os adubos dos NNNN são sem dúvida, os ADUBOS DAS BOAS COLHEITAS

Prefira-os

o montepio geral

propõe-lhe a resolução dos problemas de previdência através de:

PENSÕES DE SOBREVIVÊNCIA E DOTES

CAPITAIS DE PREVIDÊNCIA

PENSÕES DE REFORMA

SUBSÍDIOS POR MORTE

HABITAÇÃO

1840 MONTEPIO GERAL CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA 1968

RENDAS VITALÍCIAS (com pagamentos mensais)

a caixa económica de lisboa

a resolução dos problemas financeiros através de:

EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS

EMPRÉSTIMOS SOBRE TÍTULOS DE CRÉDITO

Lisboa • R. Áurea, 219-241 • Porto • Aveiro • Bragança • Castelo Branco

Coimbra • Évora • Faro e Viseu

MINISTÉRIO DA MARINHA

Direcção-Geral da Marinha

Concurso para admissão de terceiros-oficiais

Faz-se público que, pelo prazo de 30 dias, a contar de 22 de Março de 1968, se encontra aberto concurso, nesta Direcção-Geral, entre indivíduos do sexo masculino, para o preenchimento de vagas — existentes e que ocorrerem nos próximos dois anos — de terceiro-oficial do quadro do pessoal civil do Ministério da Marinha. A esta categoria, que é de ingresso no grupo do «Pessoal de Secretaria», corresponde o vencimento mensal ilíquido de 2200$00, acrescido do subsídio de 484$00.

As condições do concurso constam do aviso publicado no «Diário do Governo» n.º 70, 2.ª série, de 22 de Março de 1968, e encontram-se patentes na 5.ª Secção da 1.ª Repartição da Direcção da Marinha Mercante, Ministério da Marinha, Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos, e afixadas no portão principal do Ministério da Marinha, Praça do Município, Lisboa.

Direcção-Geral da Marinha, 29 de Março de 1968.

O DIRECTOR-GERAL,
António Morgado Belo
C/Almirante

WIESE & CA. Lda.

Estabelecidos em 1865

Agentes de Navegação

Uma empresa ao serviço da IMPORTAÇÃO e EXPORTAÇÃO, na Metrópole e no Ultramar

Rua do Alecrim, 12-A
Telef. 370241
Telex 1322 — Wiese P
Telegr. Wieseco — Lisboa
Lisboa-2

BANCO LISBOA & AÇORES

FUNDADO 1875

CAPITAL E RESERVAS ESCUDOS 338.000.000$00

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS LOCALIDADES DO PAÍS E NO ESTRANGEIRO

A MODERNA APARELHAGEM ELECTRÓNICA

RABOTTI

AO SERVIÇO DO MOTOR!...

- LÂMPADAS ESTROBOSCÓPICAS
- OSCILOSCÓPIOS
- GONIOSCÓPIOS
- TAQUÍMETROS ELÉCTRICOS
- ANALISADOR DOS GASES DE ESCAPE ETC, ETC,

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AUTO-LUSITANIA ALFREDO DUARTE LA AV. DA LIBERDADE, 73-7 LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

S. A. R. L. Gf. 18-A P.º 31-C

Ministério das Comunicações

DIRECÇÃO-GERAL DE TRANSPORTES TERRESTRES

Direcção dos Serviços de Exploração e Material

2.ª REPARTIÇÃO

CARREIRA REGULAR DE PASSAGEIROS
CONCESSIONÁRIOS: VINAGRE, LDA.

HORÁRIO

LISBOA (Garage Navarro) — SANTARÉM (Campo Sá da Bandeira)

2a Cheg.	2a Part.	3a Cheg.	3a Part.	4a Cheg.	4a Part.	5a Cheg.	5a Part.	LOCALIDADES	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.	Chg.	Part.	Chg.	Part.
		—	1.10	—	7.50	—	13.30	—	18.20	Lisboa	10.25	—	17.10	—	20.55	—				
		1.25	1.25	8.05	8.05	13.45	13.45	18.35	18.35	Encarnação	10.10	10.10	16.55	16.55	20.20	20.20				
		1.30	1.30	8.10	8.10	13.50	13.50	18.40	18.40	Sacavém	10.05	10.05	16.50	16.50	20.15	20.15				
		1.46	1.46	8.26	8.26	14.06	14.06	18.56	18.56	Póvoa de Santa Iria	9.49	9.49	16.34	16.34	19.59	19.59				
		1.54	1.54	8.34	8.34	14.14	14.14	19.04	19.04	Alverca	9.41	9.41	16.26	16.26	19.51	19.51				
		2.01	2.01	8.41	8.41	14.21	14.21	19.11	19.11	Alhandra	9.34	9.34	16.19	16.19	19.44	19.44				
		2.07	2.09	8.47	8.49	14.27	14.29	19.17	19.19	Vila Franca de Xira	9.28	9.28	16.11	16.15	19.38	19.38				
		2.12	2.12	8.52	8.52	14.32	14.32	19.22	19.22	Povos	9.23	9.23	16.06	16.06	19.33	19.33				
		2.17	2.17	8.57	8.57	14.37	14.37	19.27	19.27	Castanheira	9.18	9.18	16.05	16.05	19.28	19.28				
		2.23	2.23	9.03	9.03	14.43	14.43	19.33	19.33	Carregado	9.12	9.12	15.57	15.57	19.22	19.22				
		2.31	2.31	9.11	9.11	14.51	14.51	19.41	19.41	Vila Nova da Rainha	9.04	9.04	15.49	15.49	19.14	19.14				
		2.45	2.45	9.25	9.25	15.05	15.05	19.55	19.55	Azambuja	8.52	8.52	15.37	15.37	19.02	19.02				
		2.49	2.49	9.29	9.29	15.09	15.09	19.59	19.59	Ponte de Guerila	8.48	8.48	15.31	15.31	18.58	18.58				
		2.55	2.55	9.35	9.35	15.15	15.15	20.05	20.05	Canais de Lagos (exc.)	8.42	8.42	15.27	15.27	18.52	18.52				
		2.57	2.57	9.37	9.37	15.17	15.17	20.07	20.07	Cruz do Campo	8.38	8.38	15.25	15.25	18.48	18.48				
		3.07	3.09	9.47	9.49	15.27	15.29	20.17	20.19	Carlaxo	8.28	8.28	15.11	15.15	18.38	18.38				
		3.15	3.15	9.55	9.55	15.35	15.35	20.25	20.25	Vila Chã de Ourique (exc.)	8.20	8.20	15.05	15.05	18.30	18.30				
		3.25	3.25	10.05	10.05	15.45	15.45	20.35	20.35	Vale de Santarém	8.12	8.12	14.57	14.57	18.22	18.22				
		3.35	—	10.15	—	15.55	—	20.45	—	Santarém	—	8.00	—	14.45	—	18.10				

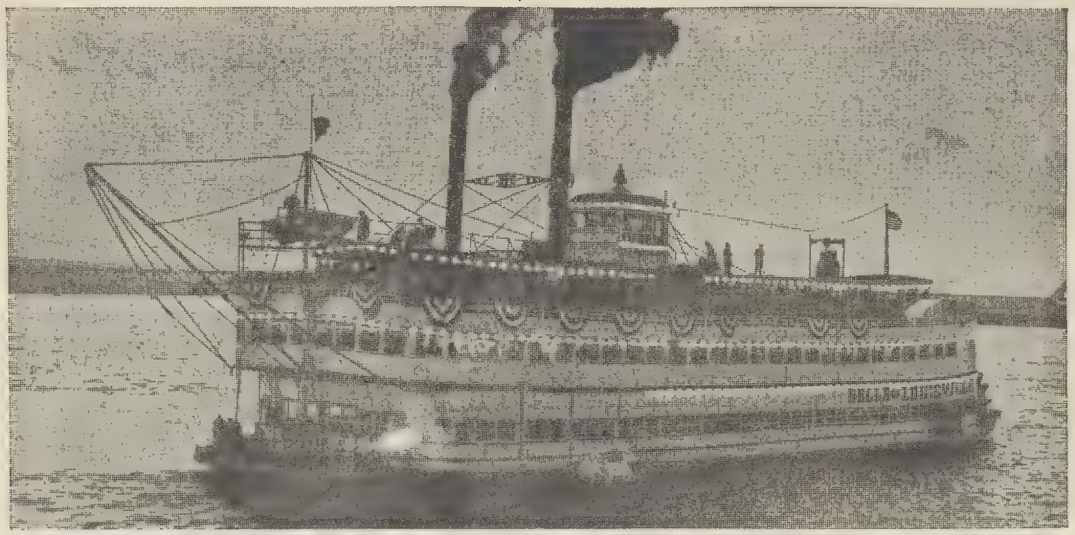
Observações

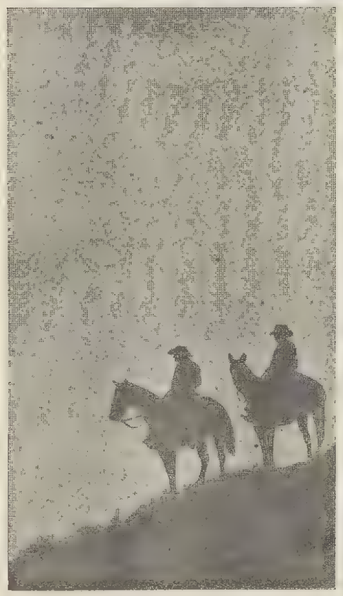
EFECTUAM-SE

a) —

b) —

Este horário anula todos os anteriormente aprovados. Entra em vigor em 15 Abril 1968





Faça da América que conhece dos filmes uma realidade.

Horizontes sem fim. Cidades brilhantes de aço e sonhos. Vaqueiros e índios. A América espera por si. Não a faça esperar a ela.

A Pan American propõe-se ajudá-lo a descobrir os verdadeiros Estados Unidos, transportando-o de Nova York para a Califórnia, de um oceano ao outro. Estamos afinal em terra onde crescemos e que conhecemos como as nossas mãos.

Teremos muito gosto em preparar-lhe um itinerário, de acordo com o que mais lhe interessa ver. Aliás, através duma das excursões organizadas em colaboração com a Pan American, poderá percorrer os Estados Unidos completamente ou em grande parte. Por exemplo: O nosso programa de 10 dias que se inicia em Miami, passando por Washington e terminando em Nova York, custa apenas Esc. 3.242$00 por pessoa, incluindo transporte, quarto duplo em bons hotéis, excursões e espectáculos. E não esqueça que tem ainda a possibilidade de utilizar o nosso plano «Viaje Agora — Pague Depois». 1968 é o ano para visitar a América... com a Pan American.

Para esclarecimentos, consulte o seu Agente habitual ou a Pan American em Lisboa, Praça dos Restauradores, 46 — Serviços de Reservas, Telefones 36 25 91 (5 linhas).

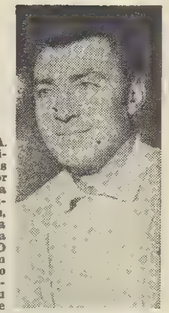
PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

A minha justificação

POR COSTA PEREIRA



Tem 37 anos e despediu-se do futebol (como jogador profissional) em Outubro de 1967, depois de disputar cerca de 400 jogos oficiais e conquistar sete títulos de campeão nacional e dois de campeão europeu de clubes, além de várias «Taças de Portugal» e «Taças de Honra», envergando a camisola do Benfica. Foi 29 vezes internacional (duas pela selecção B). Mas a sua carreira iniciou-se na cidade natal, Lourenço Marques, logo aos 15 anos. Estreia no Sporting, passagem para o Ferroviário na época seguinte. Ainda em Moçambique teve sucessivamente dois empregos extra-desportivos: mecânico de aviões da D. E. T. A. (é brevetado) e maquinista de guindastes eléctricos. Pormenor curioso — fez parte da selecção militar moçambicana que defrontou, e venceu por 1-0, a equipa da esquadra francesa do Índico. O Benfica contratou-o em 1954, começando então a fase europeia de Costa Pereira, que o levou a uma longa série de países. Hoje é treinador das escolas de jogadores do Benfica e duma equipa corporativa em formação, a Organização Cultural e Recreativa Cuanza - Sul, comentador desportivo da Sonarte (também foi comentador da R. T. P. por altura do Campeonato Mundial de 1966) e colaborador do «Diário de Lisboa» desde Janeiro de 1968. Aliás, constitui um caso único entre os profissionais do futebol português: dos relvados para a actualidade jornalística, com a mesma flexibilidade que o tornou famoso entre os postes.

MUITA GENTE se admirou que, depois do meu adeus ao futebol, tivesse aparecido como colaborador desportivo do «Diário de Lisboa».

No entanto, o caso não devia causar grande espanto, porquanto, quando ainda praticante, escrevia já «umas coisas» em jornais da especialidade, como «A Bola», o «Mundo Desportivo», o «Norte Desportivo» e «O Benfica».

Quando inesperadamente «despedido» do futebol do glorioso, tive o grato consolo de me ver solicitado por alguns periódicos, para que enveredasse pela carreira de jornalista. Reservei a minha decisão por algum tempo, hesitei «cobardemente» entre a satisfação que a nova carreira me proporcionaria, e o receio de não dar conta do recado, mas acabei por «atravessar o Rubicão»: mergulhei afoitamente para um dos lados, com a fúria de quem vai defender um «penalty», suplicando da Providência que o «inimigo» chutasse na direcção do mergulho!... E aqui estou, já decorridos alguns meses, na convicção de não ter desmentido da confiança de quem me convidou e animou.

Evidentemente que não desconheço as minhas insuficiências, e quanta tarimba me falta para vir a ser um profissional do jornalismo desportivo. Supro, porém, essas deficiências com a minha experiência de 20 anos de actividade futebolística, que me trouxeram ideias seguras e firmes, e conhecimentos práticos que procuro transmitir aos leitores.

Se conseguir ser lido com curiosidade e interesse, sentir-me-ei muito feliz.

Claro que a «coragem» que tenho demonstrado neste período de aprendizagem, não é toda minha. Devo mesmo confessar que tenho sido «corajoso» à força, ou melhor, graças ao «empurrão» que me deu o chefe da secção desportiva deste jornal, meu grande amigo e meu mestre, e ao estímulo e camaradagem que todos os colegas me dispensam, desde o chefe de Redacção ao «menino» dos telegramas...

Tenho rasgado e amarrotado muito papel, tenho corrigido ou riscado muitos parágrafos, para mim de antologia, mas para o chefe de deitar fora... Mas acho tudo bem, porque cheguei sem esforço à conclusão que é muito mais fácil defender a baliza das investidas da linha de ataque do Real Madrid do que escrever uma crónica desportiva com cabeça, tronco e membros... para mais num jornal como o «Diário de Lisboa», onde ainda paira a sombra gigantesca do grande jornalista desportivo que foi o sempre saudoso dr. Tavares da Silva!

DINHEIRO
Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER (HERD.ª)
Telefone 302881
RUA DO LORETO, 18

TRICICLOS
Para carga 120 quilos isenta de carta

MOTALI
Rua do Telhal, 12-A LISBOA
Telef. 4 08 87

OURIVESARIA RUBI, LDA.
OURO - PRATAS - JÓIAS
Rua do Ouro, 194
Telef. 3 59 60 — LISBOA

PARADELA DE OLIVEIRA
ADVOGADO
Rua Augusta, 123, 2.º
LISBOA

CASA TIROL
RUA DA PRATA, 70
É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE BEBIDAS E QUEIJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — E MERCEARIAS FINAS —

Antes de comprar um camião...
CONHEÇA AS VANTAGENS do SISTEMA 8
VOLVO

1 NOVO MOTOR

2 NOVA CAIXA DE 8 VELOCIDADES

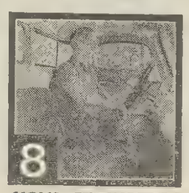
3 NOVO EIXO TRASEIRO

4 NOVO SISTEMA DE QUADRO

5 NOVO SISTEMA DE SUSPENSÃO

6 NOVO SISTEMA DE DIRECÇÃO

7 NOVO SISTEMA DE TRAVAGEM

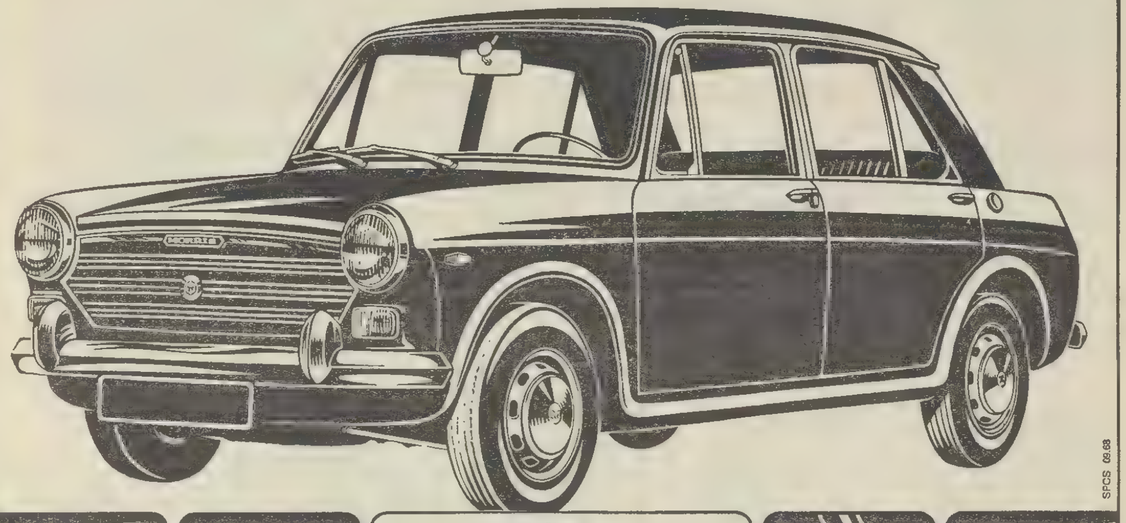

8 NOVA CABINA DE SEGURANÇA

VISITE OS REPRESENTANTES PARA PORTUGAL
AUTO - SUECO, LDA.
PORTO — VIA MARECHAL CARMONA
LISBOA — RUA JOSÉ ESTÊVÃO, 76-C
COIMBRA — ESTRADA NACIONAL N.º 1
LEIRIA — ESTRADA NACIONAL N.º 1
OU OS SEUS AGENTES DISTRITAIS

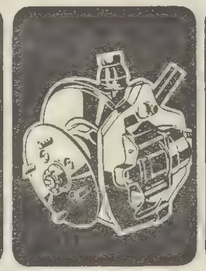
VOLVO
Cada componente tem algo de excepcional

DE MORRIS 1100 A MORRIS 1300

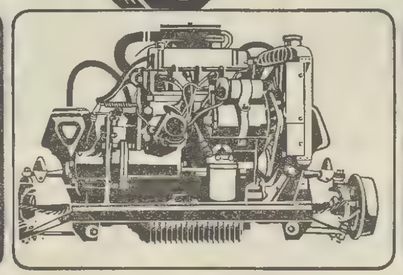
UM NOTÁVEL ACRÉSCIMO DE QUALIDADE



Novo desenho de grelha e do distintivo

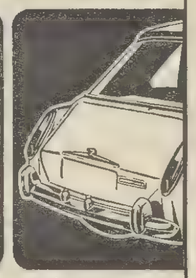


Travões de disco de nova concepção com maior capacidade de travagem



Maior cilindrada — 1275 c.c.
Maior potência - 58 H.P. — Maior velocidade e melhor arranque

Buzina, pisca-pisca, luzes e luzes de código incorporados numa só maneta na coluna de direcção



Farolins traseiros de nova concepção

Se o Morris 1100 é já um carro célebre, acreditamos que o Morris 1300, sendo uma versão cuidadosamente melhorada, atingirá ainda maior fama. Com mais potência, desenvolverá um maior arranque inicial e uma mais alta velocidade. Por outro lado, o sistema de travagem, tècnicamente aperfeiçoado, assegurará uma maior eficiência e segurança. E além das modificações indicadas em detalhe, os acabamentos requintam-se: os novos estofos oferecem melhor comodidade; o tablier remodelado permite uma mais rápida leitura dos instrumentos. Morris 1300—um carro que ocupará, sem dúvida, um lugar de destaque na linha dos grandes sucessos Morris!

Em exposição:
A. M. ALMEIDA, S.A.R.L. Avenida da Liberdade, 11 - Avenida 5 de Outubro, 168 - Lisboa / Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto

O Centenário da Presuria de Portugale

POR ANTÓNIO MACHADO

Tem 33 anos e há dez que é jornalista profissional, sempre ao serviço de «Diário de Lisboa», na delegação do Porto, onde, aliás, já colaborava assiduamente desde 1947. Colabora com frequência no jornal «Motor» e tem, ainda, colaboração diversa em várias publicações. Teve larga actividade na rádio e foi o produtor mais jovem, na altura, do hoje extinto Portuense Rádio Clube, onde apresentou numerosos programas. Em serviço, visitou a Espanha.

RUDE E PEDREGOSO continua a ser este Porto. Quem se internar pelas ruelas escusas e escuras da cidade, ou seja, ruas das Aldas, Pena Ventosa, S. Sebastião, Mercadores, Escura, e tantas outras, irá, por certo encontrar nessa parte velha do burgo uma história feita de heroismo, de bravura, enfim, de energia para todos quantos um dia lutaram pela defesa dos seus direitos.

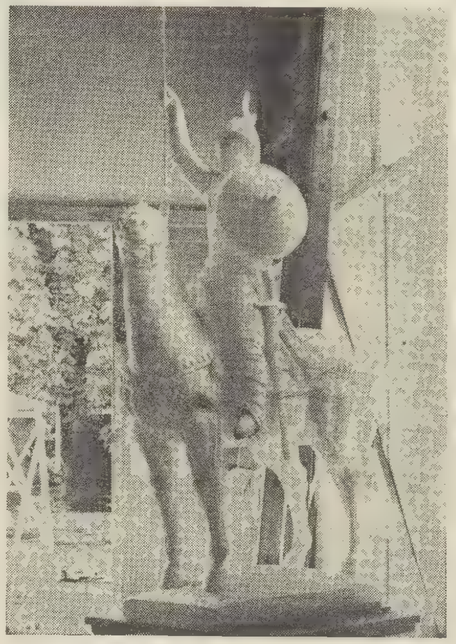
Quem por ali ande pensativamente, talvez encontre em cada pedra, corroída por um passado longínquo, uma façanha heróica de um homem desconhecido, mas credor de todo o respeito, muito embora não passasse, talvez, de um pobre dom quixote, ridículo para uns, cavalheiro para outros, o defensor dos oprimidos, amante de uma bela causa... E quem não desejaria ser um D. Quixote, se todos nós, no fundo, no mais recôndito das nossas almas, somos os defensores de uma liberdade feita da própria liberdade .. E o problema põe-se: apareça um dom-quixote capaz de transformar uma realidade vivida numa outra apetecida.

Vimara Peres, soldado cristão

Perfaz, agora, 1100 anos que foi reconquistado o Porto e seu termo aos Mouros, mercê da heroicidade de Vimara Peres.

Vem isto a propósito do evento que no próximo mês de Junho, de 18 a 23, a cidade do Porto vai comemorar condignamente — o XI Centenário da Presúria de Portugale por Vimara Peres, com um Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais, promovido, em boa hora, pela Camara Municipal do Porto.

Os estudos eruditos de medievistas portugueses, espanhois franceses, ingleses, italianos e russos irão dar contributo valioso em comunicações a apresentar. É certo que muito se tem escrito sobre o assunto, mas muito mais poderá, vir, em certa medida, contribuir para um melhor esclarecimento de factos ainda, não totalmente, postos a claro. Lembre-se, neste momento, o doutor Torquato Soares, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com os seus valiosos estudos. Um velho códice de Lorvão, «Liber Testamentorum», tem «a mais antiga referência ao nosso País depois de iniciada a Reconquista». Essa reconquista, foi a cristã, feita aos Mouros, que dominavam esta velha parte da Europa. Nesses documentos se fala não só de «portugale», mas de «vimara petri», isto é, dos dois pontos históricos fundamentais da consagração portuense que, como dissemos, decorrerá no próximo mês de Junho — a Presúria de Portugale.



A estátua de Vimara Peres, escultura de Barata Feio

Opiniões autorizadas sobre o congresso

O Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais, cujo temário deverá também considerar os multiplos aspectos que possam convergir para um melhor conhecimento do mesmo, seus antecedentes e projecção na época medieval. Constará, das seguintes secções: História política e militar; História eclesiástica; Instituições e Cultura; Aspectos económicos e sociais e Arqueologia e Arte.

Preside á comissão organizadora, o historiador, prof. doutor Damião Peres e a comissão de propaganda das comemorações é da presidência do sr. eng.º Veiga de Faria, vice-presidente da Câmara do Porto.

Aproveitamos o ensejo para registar a opinião de individualidades ligadas ás celebrações.

O eng.º Veiga de Faria, disse-nos estar convencido do êxito do Congresso, dado o interesse que tem despertado não só no nosso País como no estrangeiro e pelo elevado numero de inscrições até ao momento recebidas na secrtaria-geral, que funciona nos Paços do Concelho.

Por sua vez, o prof. Luís de Pina, declarou-nos: «Três são, em meu entender, os aspectos relevantes da comemoração que se projectou, ou sejam, o sentido patriótico, o sentido científico, o sentido regional e o sentido cristão. Quanto ao primeiro, sendo o feito de Vimara Peres um dos pilares da estruturação, da independência e liberdade dos povos desta região, deduz-se claramente o valor do seu exemplo, em todos os tempos. Relativamente ao segundo, o congresso a realizar, congregando cerca de dois centos e meio de participantes (portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, italianos e de outras nações, inclusive a Rússia), assistir-se-á por certo, a um notável e proveitoso certame, onde se debaterão as mais delicadas e difíceis questões históricas, algumas ainda muito ensombradas. Na parte referente ao terceiro ponto, será a comemoração um estímulo á gente portuense e nortenha, relembrando antigas virtudes que jamais se podem perder ou aniquilar. O sentido cristão, enfim tão ligado a este ultimo, foi a base segura, determinante e deriva do notabilissimo acto de Vimara Peres, que outros membros da sua família prosseguiram, com, por vezes, excepcionais manifestações religiosas de grande alcance, como a fundação na vila de Guimarães (convento, etc.) de Mumadoura.»

O dr. Fernando Castro Pires de Lima, secretário-geral do Congresso, afirmou-nos: «No próximo mês de Junho vai realizar-se a «Comemoração do XI Centenário da Presúria de Portugale» por Vimara Peres. Esta efeméride não é como qualquer outra, visto que tem verdadeira projecção nacional. Com efeito, além de profundos estudos medievais, procurar-se-á lançar luz sobre aquela figura, até aqui envolta em lenda ou imprecisões.»

D. Domingos de Pinho Brandão também secretário geral do dão, bispo auxiliar de Leiria e Congresso, disse-nos: «O Congresso reveste-se da maior importancia e contribuirá muitíssimo para o conhecimento da história no que se refere não só ao acontecimento a celebrar, mas ainda a variadissimos aspectos da história medieval relacionados, sobretudo, com Portugal e a Espanha. Além do mais estarão presentes medievistas portugueses, espanhóis e de muitas outras nações o que garante desde já o alto nível em que o Congresso decorrerá. Os títulos das comunicações já enviados são disso testemunho e garantia. Assim a ideia do Congresso e a sua temática recebeu o melhor dos acolhimentos dos eruditos portugueses e estrangeiros.»

Tivemos ainda o ensejo de auscultar a opinião de dois professores da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, os escultores Barata Feio e Charters de Almeida, o primeiro autor da estátua que em Junho será inaugurada pelo sr. Presidente da Republica na Calçada de Vandoma, á Sé, e o segundo o autor da medalha comemorativa.

A uma pergunta, mestre Barata Feio disse-nos: «Procurei inventar uma imagem merecedora de crédito, fazendo-a com sobriedade, subordinando os seus pormenores ao movimento e á forma e retratando nela o poder, a dignidade e a coragem.»

Charters de Almeida disse-nos: «Procurei, antes de tudo o mais, responder ao que me era pedido, numa memória descritiva que acompanhava o tema do concurso, escrita pelo prof. Flórido de Vasconcelos. Atendendo que o que estava em questão era fazer uma medalha, expressão que tem uma linguagem própria, procurei traduzir essas características o mais simbólicamente possivel.»

O cartaz premiado em 1.º lugar, da autoria de Rogério de Azevedo

RENAULT

Se deseja fazer no seu carro: Revisão, Serviço de Inspecção, Reparação e Estação de Serviço, visite

SERVIÇO OFICIAL

desta conceituada marca
GARAGEM SANTA LUZIA
Rua D. Estefânia, 109 - 111
Telef. 4 82 80

CANALIZADORES

Operários altamente qualificados para o desempenho das funções de monitor. Vencimentos de 4.800$00, 4.320$00 e 3.840$00, consoante provas a prestar.

C. N. F. M. — Rua de Xabregas, 52 — Lisboa.

BATE-CHAPAS

Operários altamente qualificados para o desempenho das funções de monitor. Vencimentos de 4.800$00, 4.320$00 e 3.840$00, consoante provas a prestar.

C. N. F. M. — Rua de Xabregas, 52 — Lisboa.

VENDEDORES

PRECISAM-SE

Respostas ao apartado 49—Leiria

GRANDES INSTALAÇÕES

Junto à PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL. Área aproximada 1.100 m2. LOJA e CAVE PARA QUALQUER RAMO DE NEGÓCIO. TRESPASSAM-SE. Trata-se telef. 362521.

• TELEVISORES
• FRIGORÍFICOS
• MÁQUINAS LAVAR
• ESQUENTADORES
• ASPIRADORES
• FOGÕES

MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

RUA DONA ESTEFÂNIA, 48-1.º ANDAR — LISBOA
RUA CONDE DE REDONDO, 119

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«LUGELA» a sair em 10 de Abril — Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega até 8 de Abril.

«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 26 de Abril às 12 horas — Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 20 a 23 de Abril.

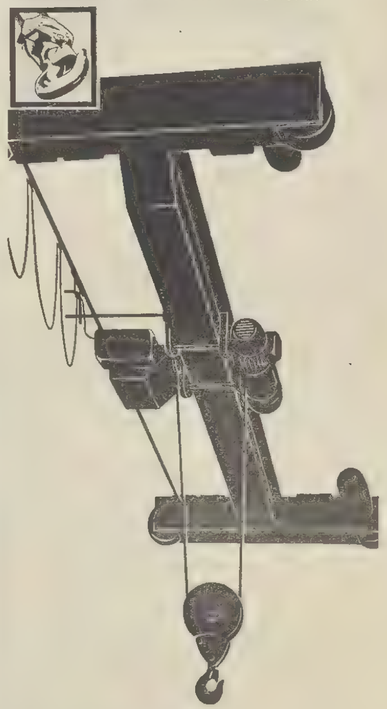
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 22 de Abril e 28 de Maio às 18 horas — Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), SAN JUAN DE PUERTO RICO, LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

DEMAG EQUIPA TODA A INDUSTRIA



Pontes rolantes fabricadas em cadeia...

As pontes rolantes Standard são fabricadas em série, nos tipos monoviga e biviga, pelo sistema de combinação de peças normalizadas.
Para vãos até 28 m e capacidades de carga de 250 kg a 20.000 kg permitem a adaptação às vossas condições de trabalho.
Reduzido peso próprio, pequena altura de construção, prazos de entrega rápidos, preços excepcionalmente baixos, eis as vantagens das pontes rolantes standard «Demag»:
Consulte-nos e os nossos engenheiros efectuarão o estudo do seu problema gratuitamente.
Assistência exemplar - O vosso sucesso será também o nosso.

ROMAR UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDUSTRIA — SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.
LISBOA — TRAVESSA DA GALÉ, Nº 9. TEL. 635670 / 634061
PORTO — R. DE SÁ DA BANDEIRA, Nº 589/603. TEL. 2587 1/32205

ZIM ISRAEL NAVIG. Co LTD

LINHA DA AMÉRICA DO SUL
PARA
RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES
O PAQUETE
«THEODOR HERZL»
em 10 de Maio
recebendo passageiros em luxuosa Classe Turística aos preços habituais
Consulte o seu Agente de Viagens ou os AGENTES GERAIS DE PASSAGENS
M. DRUMMOND, LDA.
Rua do Arsenal, 134 — Telefs. 321814/35444 — LISBOA
R. Mouzinho da Silveira, 120, 1.º — Telefone 37145 — PORTO

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

CAPITAL E RESERVAS	750 000 000$00
DEPÓSITOS	13 240 469 379$33
VALORES À GUARDA	18 249 590 534$18
ACTIVO	34 858 282 149$17

75 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

SEDE SOCIAL — PORTO
SEDE CENTRAL — LISBOA

Limitações e necessidades do Desporto Nacional

POR ENCARNAÇÃO VIEGAS

A MODESTA cotação de que desfruta o desporto nacional no conceito das nações, as posições secundárias em que habitualmente se colocam as nossas representações nos confrontos internacionais, terão de situar-se na carência das infra-estruturas adequadas, na existência de um problema de génese cuja solução terá necessàriamente de prolongar-se por reflectir-se noutras equações, algumas até situadas á margem do fenómeno desportivo.

Abrindo um parentesis na nossa expressão desportiva, dentro do qual apenas cabem o futebol, o hóquei em patins e por vezes o hipismo que pelas circunstâncias normalmente favoráveis que rodeiam a sua prática saíram de há muito de uma órbita de mediocridade, é frequente o apelo aos predicados extra dos praticantes, desde o espírito de sacrifício á abnegação e outros de igual quilate, que afinal traduzem a presença de limitações técnicas cujos efeitos terão necessàriamente de ser reduzidos pela aplicação daqueles atributos para se alcançar o que normalmente se sintetiza por «presença honrosa».

Várias têm sido as razões apontadas, bastantes os argumentos para justificar, senão a impossibilidade, pelo menos a dificuldade em alcançar um expoente alto nos domínios do desporto. Desde a baixa densidade populacional até um inadequado índice morfológico para as práticas desportivas, tudo nos tem servido para cómodamente continuarmos a ignorar a necessidade de uma reestruturação no campo da educação física, a revisão de medidas inibitórias para que a juventude possa caminhar aberta e decididamente em direcção a uma valorização que certamente dará os seus frutos.

Reconhece-se por ser verdade ser insuficiente o número de professores e monitores de educação física, para as necessidades da nossa população na fase de iniciação, aceitamos ainda por ser autêntica a tendência pronunciada das nossas agremiações desportivas para a prática de modalidades profissionalizadas que absorvem todas as disponibilidades económicas em prejuízo da cultura física que afinal constitui, ainda que a longo prazo, a base fundamental de qualquer actividade. São factores que não poderão ser ignorados na análise do panorama desportivo português, que terão de ser considerados como realidades a eliminar para se conseguir a fuga ao comodíssimo preceito olímpico de que o «que importa é comparecer».

Impõe-se tomar medidas e de entre elas a necessidade de cursos ao nível distrital de monitores de ginástica. Cursos que funcionariam nos próprios estabelecimentos de ensino e cuja organização o INEF poderia chamar a si. Cursos que permitissem a existência de individuos com os conhecimentos bastantes para o ensino e orientação de crianças e jovens. Esse seria o primeiro passo, porque para o segundo teriam as autarquias locais um importante papel a desempenhar. A inclusão nos seus quadros do cargo de monitor de ginástica que prestaria a sua assistência ás colectividades concelhias e á semelhança dos lugares de médico, engenheiro, arquitecto e outros de características municipais.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA

CÂMARA DE COMERCIO PORTUGUESA
Fundada em 1834

A MAIS IMPORTANTE E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DO COMERCIO NACIONAL — SECÇÕES TÉCNICAS DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO — INFORMAÇÕES COMERCIAIS — CONTENCIOSO JURIDICO, FISCAL E ADUANEIRO — ESTUDOS ECONÓMICOS — PUBLICAÇÕES E ACTIVIDADES CULTURAIS — BIBLIOTECA

RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89
LISBOA 2 Telef. P. P. C. 327179 327289 323472

CASA ANGULO
RUA DA PRATA, 149

APARELHOS FOTOGRÁFICOS DE CINEMA E ÓPTICOS

Novos e usados provenientes de trocas

SECÇÕES DE:
TABACARIA E PAPELARIA — BRINQUEDOS
AGUARELAS, ÓLEOS E ESTAMPAS PARA QUADROS
ARTIGOS PARA BRINDES

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

SECÇÃO DE PROPAGANDA E TURISMO

PUBLICAÇÕES TURÍSTICAS

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «Portas e Brasões de Lisboa», por Luís Ferros Ponce de Leão; «O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João Pina Vidal; «Monumentos de Lisboa», por Maia Atayde; «Estufa Fria», por Jean Chabloz; «Arredores de Lisboa», por Ester de Lemos e Maia Atayde; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal; «Jardins de Lisboa», por Natércia Freire, e «Alfama», por João Pina Vidal.

Ao preço de 7$50 cada.

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

«Lisboa» de Luis Teixeira — ao preço de 15$00
«Lisboa» — Roteiro Turistico — » » » 12$50

PORTO DE LISBOA
— Porta da Europa

MOVIMENTO

• NAVIOS
26 880 mil toneladas de arqueação bruta

• MERCADORIAS
8620 mil toneladas

• PASSAGEIROS
403 mil passageiros de navegação marítima

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO PORTO DE LISBOA
Cais do Sodré
LISBOA - 2

O homem da camisa branca

POR NEVES DE SOUSA

O GAROTO FICOU-SE por ali, de boca espantada, mirando o gancho suspenso do cordel enorme, do cordel que subia para o céu com montes de papéis ou livre e airoso como o vento, sem compromissos. Na moldura de mosaicos, a escada lá para o alto era a única coisa que importava agora.

A ordem veio. E o garoto entrou na sala pejada de bulício. Serpenteou para a esquerda, até lá ao fundo. Pegou na carta e entregou-a ao sujeito de camisa branca, ao sujeito que (nesse instante pequenino do Mundo) era todo o próprio Mundo, ao sujeito sorridente e feliz que gulosamente parecia pendurado de um charuto enorme e ali estava, na frente, como o sol no bater da madrugada.

Os olhares foram tudo. O sujeito agarrou na caneta, na companheira de insónias e batalhas, e debruçou-se sobre a secretária. A certa altura, passou a mão pelo rosto do garoto e disse qualquer coisa para o colega do lado direito. O miúdo virou a cara e notou uma revista poisada sobre a secretária: uma «Esfera», capa castanha reflectindo o brilho loiro de um carro de combate esvoaçando entre poeiras. Fixou um nome e agradeceu: «Muito obrigado, sr. Félix». Depois, apertou a mão do outro sujeito, o da camisa branca, disse adeus a toda a gente e tornou à escada dos azulejos malandros, dos bonequinhos patifes que ali passavam o calendário a gozar a paródia de um gancho de papéis, no sobe-desce que era a sua vida.

Quando chegou à Baixa, o garoto espreitou ansiosamente o «Diário de Lisboa» dessa tarde rosa e verde, bem o esperava. Na terceira página, por debaixo da fotografia de Laura Alves, a notícia redentora: «um estudante pobre». Leu-a duas vezes só para si e muitas para a mãe:

«Procurou-nos hoje um pequeno que, com as lágrimas nos olhos, nos pediu para recolhermos os fundos necessários para matricular-se no 3.º ano do liceu. É órfão de pai, e a mãe tem trabalhado ruidemente para o sustentar e cumprir a promessa que fez ao pai, à hora da morte: fazer do pequeno um homem. Infelizmente, a vista dela começou a baixar, e teve de sair das casas, onde trabalhava, porque já não enxergava os objectos. O pequenito é um estudante de notável aplicação. Tem onze anos incompletos e, até aqui, foi protegido nos seus estudos por um organismo de caridade que, por falta de verba, encerrou as suas portas. Recomendamos, calorosamente, este caso à generosidade dos nossos leitores. A criança é tão simpática, tão precocemente inteligente, que bem merece que o seu sonho se converta numa realidade. Todos os donativos devem ser dirigidos à Administração do «Diário de Lisboa.»

No dia seguinte, o sonho continuou:

«Tem 11 anos, ânsia de estudo, e vai para o 3.º ano. Assim é o estudante, pobre, órfão de pai, apenas com o amparo de sua mãe que, por a vista lhe vir a faltar, tem dificuldade em arranjar casa para prestar serviços. Fino como o coral, inteligente e aplicado, que não pode matricular-se por falta de dinheiro.

«Mas, ainda há almas boas neste mundo. O pequeno continuará, por certo, a estudar, graças à generosidade dos nossos leitores. Os primeiros donativos indicam que a história deste rapaz, que nasceu pobre mas rico de vontade e inteligência, calou fundo no coração da gente boa.»

E, quase no rodapé da notícia, nota dos primeiros donativos recebidos. Em dinheiro e em palavras belas: «esse rapazinho que não desista. A persistência é a vitória».

Continuou, vinte e quatro horas mais tarde, a folhear o seu jornal. Lá vinha:

«As almas caridosas, principalmente aquelas que conhecem os tormentos da vida e o que representa esta situação de um pobre estudante desprotegido da sorte, de 11 anos, já no 3.º ano, vivo, inteligente e aplicado, querer matricular-se e não ter dinheiro para o fazer, estudar por livros emprestados, ter dificuldade em comprar um caderno de apontamentos, apiedaram-se. Há, assim, a certeza de que o pequeno académico se matriculará, continuando os estudos para os quais mostra decidida vocação. O rapaz e sua mãe, que quase não pode trabalhar por falta de vista, não cabem em si de contentes. Há lágrimas de alegria e reconhecimento nos seus olhos. Bem hajam todos.»

Foi assim, dias a fio, nesse Setembro de 41. Muitas vezes mais o garoto voltou a subir a escadinha estreita em que os malvados dos azulejos e o patife do gancho na pontinha do cordel dançavam, dançavam, dançavam. O sujeito da camisa branca e do charuto-chaminé mostrou o garoto a outro sujeito, mais grave e que ria menos, mas que lhe pegou pela mão e o levou até sua casa, na Rua de Ponta Delgada, onde havia um «alsácia» enorme e lindo que passou a ser (por um bom par de anos), companheiro de estudo e de correrias, tú-cá tú-lá com o garoto. Até que a sopa estivesse comida ou a lição de francês bem aprendida. Que o dr., o dr. Joaquim Manso, só então deixava aberta a porta para o jardim.

«juntos choraram vitórias, juntos perderam derrotas...»

A vida desencaminhou o garoto dos bons amigos do «Diário de Lisboa». E passaram muitos anos, e correram muitas águas sob as pontes, e fugiram muitas estrelas. O garoto passou a vestir calças, substituiu o laço pela gravata e perdeu a ingenuidade ganhando vícios. O de ir à bola, por exemplo. E ali voltou a encontrar o sujeito da camisa branca e do charuto enorme, do charuto-gigante que não havia meio de ficar pequenino. Falaram muito e por muita vezes. Riram, beberam, viajaram: juntos, choraram vitórias; juntos, perderam derrotas.

As folhas tornaram a cair das árvores. Os homens tornaram a crescer e o rapaz envergonhou-se dos pelitos de barba e passou a falar com os homens. Duro. Com navalhas no olhar que alguém escrevera pertencer a «garoto fino como coral». Ganhou carta de alforria e foi por esses mares até às Índias.

☆

Voltou três anos vencidos e soube que o charuto enorme, enorme, do sujeito da camisa branca, já não deitava fumo. E que o sujeito da camisa branca estava doente, doente sem remédio e sem esperança. Cinco ou seis dias retardou o momento que sabia ser de adeus. Lá foi, até casa do sujeito de camisa branca, a ficar assim, hirto e dominado, atónito, encostadinho à cama, sorvendo em mudez as palavras que ninguém dizia.

Era uma cama muito branca, branca como a alma do sujeito da camisa branca, que já não se pendurava do charuto que parecia uma chaminé. A esposa, aconchegou-lhe os cobertores. O silêncio tinha o peso do chumbo, a tombar muito frio, muito frio, muito frio. Chegaram água aos lábios secos do sujeito da camisa branca, da mesma camisa branca de muitos Verões deixados no lixo. Então, ele mirou bem, BEM, os olhos do garoto pobre e órfão e disse para a Senhora que ali estava, como sentinela, na última tarde do sujeito da camisa branca:

— Uma das poucas obras boas que eu fiz na minha vida...

A mão do garoto ficou presa das suas. Recolhida. Sem mais. Só a pele do sujeito de camisa branca, uma pele prodigiosamente amarela, bailava nas lágrimas do garoto pobre, mais pobre nessa última tarde. Saiu dali com um último olhar, cheio de agradecimento, de gratidão, prenhe de um obrigado que nada nem ninguém esmagaria. Um olhar que o garoto só poderia voltar a oferecer outra vez na vida.

☆

Foi isto que o garoto pobre e órfão contou há instantes: só para mim, que sou ele próprio.

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

1414 KM ATRAVÉS DE ANGOLA

LIGAÇÕES RÁPIDAS E CÓMODAS PARA PASSAGEIROS E CARGA, SERVINDO AS REGIÕES DE

BENGUELA, HUAMBO, BIÉ, MOXICO e LUNDA em ANGOLA

BEIRA e LOURENÇO MARQUES em MOÇAMBIQUE

CONGO (ex-Belga), ZÂMBIA, e REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

No Lobito: HOTEL TERMINUS

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL E RESERVAS: = ESC. 574.850.992$63

SEDE EM LISBOA, NO LARGO DO CHIADO, 8

Filial no Porto: PRAÇA G. GOMES FERNANDES, 10

AGENTES POR TODO O CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

Armas nas mãos das crianças —problema para os adultos

POR AFONSO PRAÇA

A CRESCENTE expansão do comércio de brinquedos, actualmente verificada no nosso País, transformou o que era luxo para o Natal no «pão-nosso-de-cada-dia» (ou, pelo menos, de cada mês) de muita gente.

Um tipo de brinquedos, porém, está a ter menos procura, desde há poucos mais de um ano: os brinquedos bélicos ou, antes, os brinquedos cuja utilização levam as crianças a simular cenas de violência.

As duas tendências têm as suas causas e são explicadas por comerciantes do ramo: no primeiro caso, a careza dos brinquedos é, em parte, destruída pelo maior poder de compra de algumas classes. Esta restrição é compreensível se dissermos, desde já, que uma pequena reprodução de um automóvel custa três ou quatro dezenas de escudos, havendo automóveis-brinquedos que atingem os 3 contos e meio, ou seja, um pouco menos que o valor de alguns «utilitários» que rodam ainda por essas ruas, prestando inestimáveis serviços.

Por sua vez, a regressão verificada no comércio dos brinquedos bélicos não será estranha à abundancia actual de conflitos armados em todo o Mundo, o que nos levaria a pensar que os adultos, em Portugal pelo menos, estão saturados das guerras que os meios de informação lhes mostram. O proprietário de uma importante casa de Lisboa afirma:

Vende-se pouco. Umas pistolas de «cow-boy», umas espingardas e pouco mais. Os pais retraem-se e, normalmente, só compram brinquedos bélicos quando os filhos insistem. Para oferecer, por exemplo, é muito raro... Além disso, há as campanhas que se têm feito em todo o Mundo contra o brinquedo bélico...

É verdade, temos ainda as campanhas — sublinha o repórter que recorda uma bastante recente, em Paris, e de que ouviu falar. Foi assim: estudantes compraram muitos brinquedos educativos, dos mais caros e atraentes e resolveram percorrer algumas ruas com o intuito de os oferecer a crianças que, porventura, tivessem brinquedos bélicos.

Muitos pedagogos não condenam apenas estes brinquedos, mas também tudo o que evoque a guerra ou qualquer tipo de violência. Eis alguns dos assuntos considerados maléficos num estudo feito por um técnico do Instituto Costa Ferreira sobre 400 números de 8 jornais portugueses para a infância agora reduzidos a estatísticas: 178 citações de armas brancas (flechas, lanças, espadas, punhais); 254 citações de armas de fogo diversas; 274 cenas de lutas entre homens e animais e cenas de guerra; 898 citações de piratas, ladrões, bandidos, roubos, raptos prisões, mortes, crimes, espionagem; 1354 citações de aventuras, imprevistos, peles-vermelhas, índios, «cow-boys», etc.).

Do revólver de «cow-boy» ao tanque electrónico

A indústria japonesa é, hoje, a que produz maior quantidade de brinquedos bélicos, conseguindo, ao mesmo tempo, a preço mais baixo. Predomina a tendência para os brinquedos eléctricos e electrónicos. A Itália, por sua vez, preocupa-se com a perfeição, entregando no mercado armas-brinquedos que, muitas vezes, são reproduções exactas das verdadeiras. A Alemanha produz também brinquedos bélicos que, no entanto, têm pouca «saída» no mercado local, tendo já estado mesmo proibida a sua exposição em montras.

Em Portugal, a indústria é débil: pouco mais que umas revólveres de «cow-boy» e umas pistolas de plástico. O mercado nacional está contudo, bem fornecido, graças à importação.

O preço (12$50 a 15$00) transformou o revólver de «cow-boy» no brinquedo bélico mais vulgarizado entre nós. Mas temos outros: pistolas de vários tamanhos, pistolas-metralhadoras, armas de repetição e automáticas, metralhadoras, tanques de guerra, aviões de guerra, equipamentos militares. A última novidade: um tanque de guerra tele-comandado, com dispositivo electrónico que dá a possibilidade de todas as manobras e controlo dos disparos: Preço: 3 mil e quinhentos escudos. O último «requinte»: equipamento completo (arma, capacete, cartucheira e bornal), ao preço de mil e oitocentos escudos.

Poderíamos continuar a enumeração, mas não é necessário. Não esqueçamos, porém, as armas brancas com todas as suas variedades.

A pistola faz o gangster?

Perguntando a várias pessoas se costumam dar brinquedos bélicos aos filhos, todas responderam que «procuram, pelo menos, não dar». O secretário de uma grande empresa, encarregado de comprar, pelo Natal, brinquedos para os filhos de todos os empregados, afirma que nunca comprou nem comprará brinquedos bélicos e expõe as suas razões.

Afinal, os brinquedos bélicos produzirão, necessàriamente, negativos na educação da criança?

A pergunta deve ser posta nestes moldes, porque o problema pertence, sobretudo, aos adultos que são (ou deviam ser) os educadores. Respondendo, com base na opinião de pedagogos, convém acentuar, antes de mais, que o que está em causa não é o brinquedo em si, porque a criança, na sua actividade lúdica, não dá ao brinquedo bélico o mesmo significado dos adultos. E, embora não haja qualquer conveniência em pôr uma arma nas mãos da criança (há tantos outros brinquedos!) ninguém deve ficar preocupado se o filho lhe pedir uma pistola, um tanque ou uma espada. Isto, porque a criança inventa com facilidade o brinquedo desejado que lhe negam. Um exemplo conhecido: na falta do cavalo, há o recurso imediato à vassoura ou a um simples pau.

O ambiente é que assume, no caso, a máxima importância, porque a criança recria, por imitação tudo o que o ambiente lhe mostra. E num mundo em que impera a violência e se sucedem as paradas militares como demonstração de força, parece exagerada a atenção que os adultos prestam à criança que brinca com uma arma.

O miúdo que gosta de pistolas corre o risco, só por isso, de se transformar num «gangster»? Seria absurda uma resposta afirmativa, poque também não pensamos que o treino do triciclo determina a vocação de um corredor de bicicleta.

Evidentemente que pode haver da parte do adulto uma determinada intenção ao preferir, para a criança, os chamados brinquedos bélicos. Uma educação deste tipo será no fundo, a projecção de qualquer sonho frustrado que o adulto espera se realize por influência dele.

Seja como for, o problema respeita, essencialmente, aos adultos que nem sempre, porém, o encaram em todas as suas incidências.

O menino «cow-boy»

O menino corre pelo jardim e leva consigo a alegria de ser «cow-boy» entre as flores. Esconde-se por detrás das árvores e, quando pressente alguém, prepara-se para «abater o inimigo». Então o seu inofensivo revólver de plástico avança por detrás da árvore e, rápido, dispara três «tiros»: está «morto» o inimigo que continua, no entanto, a caminhar. Foge para junto de outra árvore, à espera que surja nova vítima.

A criança gosta do movimento, da aventura. E não vamos concluir que, na conjectura em que vivemos, o brinquedo bélico vai, por si só, predispor a criança para a guerra contra o seu semelhante.

Mas a pistola do menino «cow-boy», mesmo de plástico, é sempre uma pistola. Não mata, mas faz pensar. E, em todos os jardins, ela está apontada, por detrás de uma árvore, aos adultos que passam e que, apesar dos «tiros», continuam a caminhar.

LUSALITE – SOCIEDADE PORTUGUESA DE FIBRO-CIMENTO, S. A. R. L.
SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA
ESCRITÓRIOS: Rua S. Nicolau, 123 — LISBOA-2
Telef. 322091/5

AGÊNCIA BARATA
GASTÃO MENDES BARATA
REGISTADA
A primeira organização do género no País EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS
OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» FÚNEBRES
GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS
SEDE NA:
194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202
Telefone P. B. X. 661113 - 665027 PORTUGAL LISBOA

Pela primeira vez em «cabarets»

POR ANTÓNIA DE SOUSA

Tem 27 anos e é uma das pouquíssimas mulheres jornalistas do nosso País. Começou no «Jornal Feminino», do Porto, em 1960. Colaborou seguidamente em «O Primeiro de Janeiro», «Diário de Lisboa» e «Diário Popular», ingressando definitivamente no nosso jornal em Julho de 1966. Publicou «As mulheres na vida de Balzac» (Lisboa, 1967).

Meia-noite, no átrio dum cinema qualquer onde fora ver um filme sem importância. A sequência das imagens amortecera a ideia da reportagem que eu decidira fazer, apesar dos sorrisos curiosos e trocistas de alguns camaradas da redacção. Mas ali, no átrio, à espera dos «gorilas» que me acompanhariam a mim e à amiga, antepara da minha timidez, experimentei um terrível desejo de fugir, de me libertar do suor gelado que me humedecera as mãos. Senti-me burguesa, com direito a ir-me embora e, ao mesmo tempo, e com que força, jornalista, profissional a quem nada mete medo, humana, mas couraçada. À socapa, limpei as mãos. Venci o nervosismo. Enfrentei os «gorilas». Para eles seria um frete e isso deu-me vontade de rir. Pedi um café. Deram-me um uísque no primeiro «cabaret» onde me levaram.

Como se vai vestida para um «cabaret»?

Como se vai vestida para um «cabaret» sem destoar do meio? De qualquer maneira, de qualquer maneira! Vesti um vestido decotado, de «coktail». Acendi todas as luzes espalhadas no meu quarto e como aquele bocado de tecido com fios metálicos brilhava! Como brilhava demais! Já com o táxi à porta, arranco o vestido e encafuo uma saia e blusa qualquer, com que poderia passar na rua sem atrair atenções. É o primeiro fracasso da reportagem! Não, era o segundo, porque eu devia ir sòzinha.

Os «gorilas» tiraram os sobretudos e entregaram-nos ao porteiro. Nós ficamos com os casacos. Eu fiquei dentro do casaco sem constrangimento nenhum. *Quisera.* Cumpria-me ir para a frente.

Desci as escadas em primeiro lugar. Os noctívagos conhecem essas escadas. Eram surpresa para mim, mas não me chocaram. Gostei da luz difusa, daquele caminhar para o centro da terra, semiprimitivo e que eu imaginei ser quente. Pensei no inferno sem chamas, quando vi a luz encarnada ao fundo. Pisei firme. Era como se estivesse a descer as escadas do «Piquenique», à noite, para ir tomar uma refeição ligeira. Simplesmente, não contava com o frio. Apesar da boa sonorização da sala, o ambiente estava gelado. Ninguém dançava. Quatro, cinco mulheres sentadas a distância umas das outras, em mesas chegadas à parede, esperavam. Quem ainda não viera. Dois homens sentados á mesa do bar conversavam desinteressadamente com a mais forte do grupo, embora não fosse gorda.

O homem-tango

As raparigas olharam-nos. Nós olhamos as raparigas. Estavam ali, sentadas, à espera. Esperávamos também que acontecesse alguma coisa. Julgaram-nos turistas, mas não falávamos língua estrangeira. O gerente, a certa altura, disse ás raparigas:

— Cuidado, estão ali dois senhores acompanhados!

As raparigas moveram-se. Falaram, mas não disseram nada. De pé, pareceram-nos raparigas de profissões humildes. Uma teria sido costureira, a outra, professora ou regente numa escola de aldeia — nem os óculos e os cabelos compridos negros *lhe* faltavam —, outra ainda mostrava ter deixado, há pouco, o serviço doméstico, mas no geral, agrupadas, davam ideia de filhas de gente modesta, sentadas ali por engano. Não, uma de entre elas tinha raça. Era gente. Talvez estivesse ali por gostar de estar ali e dançou sòzinha no meio da sala, com os quadris firmes a seguir a cadência do tango.

Começaram a chegar homens. Sós. Desinteressados. Olhavam em volta e sentavam-se sòzinhos. Mandavam vir bebidas. As raparigas fitavam-nos. Deviam conhecer as raparigas e olhavam para nós, desconhecidas no meio.

O homem careca de cerca de sessenta anos sentou-se ao lado da rapariga com ar de professora, mas não lhe falou e ficou a observar-nos, com ar distante e solitário. A rapariga também nada lhe disse. Foi então que entrou o homem de bigode, espadaúdo, a dominar a casa toda. Passou revista ás raparigas, uma a uma. Era conhecido. Viravam-lhe a cara e não respondiam ou respondiam acremente ás suas saudações.

O conjunto tocava. De novo um tango. E aquele homem pareceu-me a encarnação do tango retintamente argentino. Mas ele era português. Com avós moiriscos. Feições de argelino. Modos de tango. Do tango obsceno.

Pois! Pois...

O homem-tango a quem as raparigas viravam a cara fixou-se na que tinha feições de professora e principiou a troçar dela.

— Ainda se ao menos deixasses de falar *achim*...

Ela falou *achim* a defender-se, quis virar-lhe a cara, mas ele troçou de novo e ela não conseguiu virar-lhe a cara e foi dançar com ele.

Enquanto dançava ele olhava-nos com olhos famintos de árabe, de argelino ou de tango argentino obsceno e dizia, dominador e rasca:

— Pois... pois...

Os nossos «gorilas» pagaram a conta. Saímos. À saída, porém, o vulto do tango surgiu primeira. Até á meia-noite vem cá muita gente séria...

— Devia ter trazido o meu vestido flamejante! — disse eu para os «gorilas», que se aborreciam, com razão, a nosso lado.

Mas já que se tinham metido naquela friam levar a cruz ao calvário.

Burguesa à procura de emoções fortes

O «cabaret» a seguir era de terceira ou quarta ordem, mesmo sexta. Entramos e saímos. Deviamos talvez ter ficado, nós duas mulheres que queríamos conhecer o ambiente. A promiscuidade, porém, assustou-nos, assim como os olhares agressivos de mulheres e homens que sentiram não sermos nós dali. E desse «cabaret», do «cabaret» da decadência, soubemos, depois, a história comovente da mulher que deixou de, certa noite, levar dinheiro para casa só porque quis fazer companhia a um jovem triste, ido ali para distrair a sua solidão e desespero e de certo modo o ajudou a definir o rumo da sua vida. A mulher de uma noite, porque está marcada, tem tantas vezes a verdade dentro de si.

Senti-me a mais nesse «cabaret» promíscuo, não por ser promíscuo, mas por me sentir burguesa, com a minha saia e blusa e os meus olhos quase sem pintura. Eu que piso com firmeza e olho toda a gente de frente, não poderia em boa verdade olhá-las a elas de frente, a elas mulheres marcadas por homens e mulheres e a quem eu, no fundo, ia observar como espécies curiosas.

Merecia ter sido corrida, burguesa, turista, no fundo á procura de emoções fortes sob o pretexto da reportagem. Se queria ver, movida por curiosidade humana, para confirmar as minhas teorias sociais, não fui julgar ninguém, nenhuma das mulheres que não dormem na sua cama e aparecem, farrapos, na manhã seguinte — nos cabeleireiros onde ás vezes vou, também por curiosidade, para atimentar a experiência humana — recompor os estragos da noite perdida.

Madrugada

Acabamos a noite num «cabaret» incaracterístico. Num «cabaret» onde se acaba a noite, depois de nos outros sítios deixar de «render», onde se bebe, dança, num tom comedido, de ambiente sério. Dancei também com os nossos «gorilas» de noite estragada. E ri do olhar interdito dum conhecido, que não escondeu o movimento de espanto quando deparou comigo ali. Ri e como burguesa que fui e de quem não soube ainda despir completamente a camisa, compreendi o suor frio das minhas mãos antes de iniciar a ronda da minha primeira noite em «cabarets». Por causa da reportagem. Sobretudo para satisfazer a curiosidade do que lá se passa ou não passa e adivinhei.

Espumantes naturais
RAPOSEIRA
desde 1898
símbolo da mais alta qualidade
BENARUS, LDA.
RUA DA EMENDA, 100 — TELEFS. 325674 - 327946 — LISBOA

A profissão de advogado: o acesso e o exercício

POR JORGE SAMPAIO

1. Consta-me que se volta a ouvir falar, em vários sectores da advocacia de Lisboa, no candente problema das sociedades ou firmas de advogados. Trata-se de sintoma bem claro das dificuldades do momento presente...

A ideia tem tido em Portugal os seus adeptos, de resto normalmente em busca da melhor forma de dar ao problema uma dimensão pública.

Que me lembre, e sem querer esquecer ninguém, há anos uma comissão de estudantes de Direito, integrados na respectiva Associação de Estudantes, procurou lançar a discussão do assunto numa perspectiva de análise das questões que se colocam ao recém-formado. Mas o esforço de então não teve continuidade nem — segundo creio — qualquer resultado prático, devido ao embate com certo tradicionalismo profissional semelhante ao que, no campo médico, defende a vigência do «João Semana» face à suposta perda de personalidade ocasionada pelo crescente grau de especialização.

O problema, contudo, não se liga apenas à fase do ingresso no quadro de uma estrutura profissional. Uma outra face dele prende-se com as condições do próprio exercício da profissão e na resposta que os respectivos profissionais conseguem dar às solicitações do meio em que se enquadram, dia após dia em acelerado ritmo de crescimento.

Procurarei dar, brevemente, alguns pontos de detalhe quanto aos dois aspectos.

A Situação Portuguesa: o ingresso na profissão e o seu exercício

2. A advocacia — para a qual o curso universitário não prepara especialmente — (1) é uma das carreiras que teòricamente se abre ao licenciado em Direito.

Mas ela obriga a um estágio prévio, quase sempre não remunerado, a que se segue uma incerteza completa quanto ao futuro sucesso profissional, dependente de numerosos factores, dentre os quais não será menos importante a necessidade de clientela, que não surge, salvo excepções, em ritmo capaz de assegurar, nos primeiros anos, uma base económica.

Muito embora a grande maioria dos estudantes que frequentam a Universidade encontre na família a origem dos seus recursos económicos (2), na maior parte dos casos o sacrifício familiar não pode ir muito além do recebimento da carta de curso e nem o filho-família se sente moralmente capaz de continuar ùtente da mensalidade dos progenitores a partir do momento em que possui, em princípio, um instrumento de trabalho.

Logo, por conseguinte, a carreira fica vedada aos que tenham uma carência económica imediata e não possam defrontar-se com o imponderável.

3. A situação não é mais risonha para o que se decide pela profissão de advogado.

Surgem então as variadas combinações de *circunstância*, sempre qualificadas como transitórias, mas que o processar difícil da vida vai tornando permanentes.

A necessidade de montar um escritório ou de se associar a um já existente, beneficiando então de uma estrutura montada (3) exigem despesas imediatas e permanentes que se têm agravado nos últimos anos. Urge assim fazer face a esta forma de passivo mensal, dificilmente suportável mesmo para o extracto de licenciados que, por econòmicamente mais sólidos, se podem atribuir a faculdade de tentar a profissão «livre».

A vida prática mostra-nos exemplos variados das impostas combinações: o emprego «part-time» ou a advocacia para depois das 18 horas, a avença como forma de segurança, a dispersão consequente por diversas obrigações, a expectativa de trabalhar, com a ressalva dos aspectos éticos ou deontológicos, numa imensa variedade de casos puramente ao sabor do que vai surgindo, etc., etc.

A situação tem assim, além do mais, duas consequências imediatas de certa gravidade.

A primeira consiste no facto de ser difícil depois, com o correr dos anos, prescindir dos apoios transitórios. Mesmo com a melhoria de um estatuto profissional, as exigências aumentaram e a própria actividade profissional ficou condicionada — embora haja outros factores — pelo tempo disponível (no tipo e extensão de clientela, por exemplo). Por outras palavras, a limitação, imposta pelas circunstâncias no início da profissão liberal, acaba por vir a condicionar a possibilidade, só mais tarde surgida, de uma completa integração na advocacia sem qualquer dependência.

A segunda reside na circunstância de a situação descrita impedir a especialização que se poderia conseguir ou alicerçar na altura exacta. Aqui reside, quanto a mim, o verdadeiro nó do problema, capaz de ser o obstáculo decisivo ao constante e necessário progresso da actividade profissional e da forma como é exercida.

A situação mostra que, em muitos casos, a especialização neste quadro profissional só foi adquirida muito tarde e consequência apenas de sucessos iniciais.

A necessidade da especialização

4. A crescente internacionalização da vida comercial ou puramente da das pessoas, o acréscimo de actividade que decorre duma industrialização apesar de tudo crescente, a interpretação dos diversos sistemas de direito que decorrem de tronco comum, a necessidade de estudar a elaboração doutrinária portuguesa e também a estrangeira, não raras vezes inspiradora de soluções legislativas nacionais, o desenvolvimento, para níveis inesperados, de vários ramos de direito de técnica específica, tudo são razões que dificultam a actividade do advogado sem especialização.

A verdade destes factos não deve surpreender ninguém. A evolução apresentada é característica do tempo em que vivemos e são bem conhecidas, por exemplo, para usar o mesmo termo de comparação, as dificuldades postas ao exercício do clínico profissional desintegrado de uma unidade hospitalar ou sem poder recorrer aos serviços que esta ou outras instituições de apoio oferecem (4).

Por toda a parte se procura, para resolver qualquer questão, o melhor apoio possível, seja qual for o ramo do conhecimento ou a forma de actividade.

Não parece de atender o argumento de que essa corrida à especialização degrada a preparação geral do profissional e faz-lhe perder perspectivas humanas.

A questão parece-nos anterior. O cerne dela reside na eficácia duma actuação profissional, mas o exercício desta não deve ser o quadro de aperfeiçoamento ou de prodigalização de conhecimentos gerais que devem ter a respectiva sede na Universidade ou em curto período post-universitário.

Está em causa, por conseguinte, a qualidade da resposta que uma determinada classe profissional pode dar aos problemas, de complexidade crescente, que lhe põem os componentes do agregado em que se insere.

5. Alguns países estrangeiros já deram, há muito, resposta a esta interrogação. Ressalvando particularismos locais, por toda a parte proliferam sociedades de advogados, com personalidade jurídica distinta da dos respectivos componentes. (5)

Mesmo em França, país de tradição jurídica muito semelhante à nossa, foi há meses aprovada no Parlamento uma lei que permite a associação de advogados com fins de exercício profissional. Simples reflexo da necessidade de adequar uma estrutura profissional às exigências da vida francesa, a que não terá, porventura, sido estranha a nova gama de problemas suscitados pela integração europeia.

Esta fórmula apresenta largas possibilidades de solução para as duas questões atrás enunciadas: a do acesso à profissão e o respectivo exercício em condições adequadas.

O jovem recém-formado encontra logo uma estrutura profissional montada, para 'onde entra em posição menor, é certo, mas sentindo um apoio técnico que só raramente encontra doutro modo. Por outro lado, a divisão de esforços dos diversos profissionais reunidos permite uma especialização crescente e eficaz e os jovens advogados podem-na iniciar a tempo visto que beneficiam, por meio da escolha possível, do âmbito de clientela de que a firma já goza e do apoio económico por outra forma difícil de conseguir.

Daqui parece só poderem advir benefícios no exercício da profissão e a possibilidade de melhor preparação profissional, com a evidente vantagem para o cliente e, duma forma geral, para o próprio processamento da vida jurídica na parte consequente á actividade do advogado.

Que se passa, contudo e neste aspecto, entre nós?

A ideia das firmas

6. Para além a situação descrita, tem-se normalmente entendido que não é possível a outorga de procuração forense a firmas de advogados, mas apenas a estes individual ou colectivamente. Razão de sobra para que aquelas nunca se tenham constituído.

Ensaiaram-se já algumas fórmulas de associação privada, mas não têm elas, para já, a segurança de um enquadramento jurídico nem englobam a vantagem da possibilidade de uma carreira, através da promoção sucessiva, de simples estagiário a sócio.

De resto, esse tipo de associação tem-se revestido de simples carácter acidental, pois na maioria dos casos surgiu em circunstâncias que arrancam do prestígio profissional de determinado advogado e da sua notória impossibilidade de tempo em cuidar sòzinho de todos os problemas que lhe são postos.

Falta, assim a perspectiva de conjunto. Parece-me que só esta poderá constituir o caminho desejado para a resolução dos problemas que deixei enunciados.

Vai sendo tempo de surgir a resposta cabal às exigências, de complexidade crescente, que o meio português vai dia a dia colocando á actividade do advogado.

Se o país precisa de advogados — e a colocação em Lisboa de quase metade dos inscritos na Ordem respectiva assim o indica — urge que se dêm aos novos as condições mínimas imprescindíveis para o exercício profissional.

Mas como não tenho dúvidas de que o país também precisa de advogados cada vez melhor apetrechados, julgo que só a possibilidade de constituição de firmas de profissionais do foro poderá representar o modo de preenchimento dessa carência.

Fico na esperança de que o assunto comece a ser públicamente discutido pelos interessados. O problema é urgente e está-se na altura de arquivar a ideia de que o advogado tem de defender uma concepção que é apenas de pseudo-liberalismo profissional, inadequado às exigências com as quais se tem de defrontar.

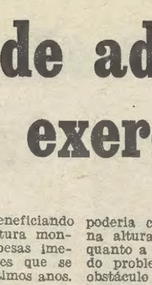
(1) É esta uma «vexata quaestio» entre todas. Liga-se á própria missão da Universidade e ao *modo* como esta deve preparar os estudantes para a vida. Preparação geral? Epreparação técnica especializada? Não quero entrar na questão nem seria este o lugar próprio. Note-se todavia que me limito a verificar um facto: a preparação da Faculdade de Direito, dando embora as linhas mestras, está muito longe de constituir uma introdução real á profissão. Já é outro problema o saber se será essa a sua missão.

(2) Cfr., por exemplo, «Situação e opinião dos Universitários», inquérito promovido pelas Direcções Gerais da Juventude Universitária católica, Lisboa-Março 1967, pág. 151, Anote-se, de passagem, segundo a mesma fonte, que as bolsas de estudo são referidas como fonte de rendimento mensal apenas por 4,9% de estudantes. Mas não existem bolsas de estudo para os estagiários de advocacia...

(3) Embora não existam dados, como é hábito, julgo que devem ser poucos os colegas que permaneçam no escritório onde fizeram o estágio e lá exerçam a sua actividade profissional em regime de ocupação graciosa transitória e em colaboração com o antigo patrono.

(4) Referem-se apenas algumas razões de fundo. Outras, não menos importantes, já nos parecem acidentais ou mera consequência das primeiras. Como exemplos, temos a dispersão dos tribunais e a multiplicidade de jurisdições especiais.

(5) É o caso de algumas experiências que conheço: Estados Unidos e Grã-Bretanha, para só falar destas. Neste último país, por exemplo, alguns problemas aqui postos têm ainda outra solução, hoje pasto de controvérsia, que consiste na diferença entre o «solicitors», advogado que não vai a Tribunal, e o «barristers» que apenas se dedica a actividade nos Tribunais.



Pancada, Moraes & C.ª

Banqueiros

37, RUA AUGUSTA — LISBOA

Depósitos à ordem e a prazo

Guarda e administração de valores. Execução de Ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras. Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de informações sobre Títulos, Câmbios e Comércio Externo

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

Ganhar tempo?

POR JOÃO GOMES

Começou a actividade profissional no «Diário de Lisboa», em Novembro de 1961. Em 1964 partiu para França, tendo-se matriculado na Escola Superior de Jornalismo de Lille, curso que veio a terminar em 1966. Após a obtenção do respectivo diploma fez estágios nos diários parisienses «Le Monde» e «La Croix». Regressou depois á Secção de Estrangeiro do nosso jornal. Tem 33 anos. De 1957 a 1959 foi presidente nacional da J. O. C., período em que dirigiu também o jornal «Juventude Operária», órgão deste movimento. No ano passado foi secretário da direcção da Casa da Imprensa.

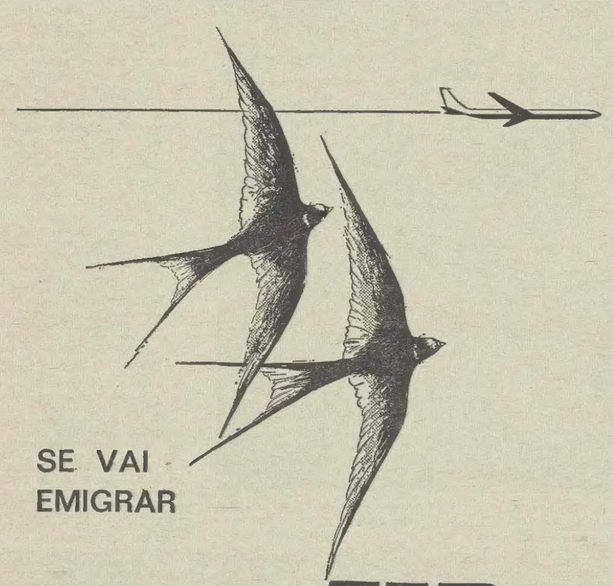
A declaração norte-vietnamiana de 4.ª feira, transmitida por Rádio Hanói, abriu nova perspectiva de paz no Sueste Asiático. O texto difundido começava por criticar a decisão do presidente Johnson de apenas suspender parcialmente os bombardeamentos e de continuar as hostilidades no território do Sul. Segundo as agências oficiais e a citação do presidente americano, o parágrafo referente á aceitação de discussões preliminares é do seguinte teor:

«O Governo da R. D. V. declara que pelo seu lado está disposto a designar um representante para entrar em contacto com um delegado dos Estados Unidos, a fim de determinar as condições da cessação incondicional dos bombardeamentos americanos e de todos os outros actos de guerra dirigidos contra a R. D. V., de modo a ser possível encetar conversações».

A decisão do presidente Johnson, anunciada em termos espectaculares, no domingo, podia não se coadunar com um silêncio total por parte de Hanói.

No entanto, é assaz estranha a sua anunciada deslocação a Honolulu, a fim de discutir com chefes militares americanos as possíveis consequências da oferta de Hanói. Dir-se-ia que o chefe da Casa Branca pretende convencer a opinião pública norte-americana das possibilidades efectivas de paz e do desejo dos dirigentes de Hanói de corresponder á aparente política de mão estendida de Washington. Se esta tentativa falhar, Johnson sentir-se-ia com força moral perante os seus concidadãos para intensificar a «escalada» até á guerra total.

Não é de crer que Hanói renuncie ás condições que sempre tem apresentado para a realização de verdadeiras conversações de paz. E os contactos que hipotèticamente se poderiam realizar poderiam constituir apenas uma forma de ganhar tempo até á expiração do mandato de Johnson.



SE VAI EMIGRAR

VÁ E VOLTE COM A TAP

A TAP OFERECE CERTAS TARIFAS ESPECIAIS PARA EMIGRANTES

Consulte o serviço de assistência a emigrantes que a TAP organizou para si na Delegação do Porto - Praça D. Filipa de Lencastre, 3 e na Delegação de Lisboa - Praça Marquês de Pombal, 3. Deve também consultar a Junta de Emigração. Viaje pela TAP e terá durante a viagem a assistência de pessoal português e ao chegar, um escritório TAP pronto a ajudá-lo. A TAP transporta-o. A TAP recebe-o.

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Lembrança da Grécia

POR DAVID MOURÃO-FERREIRA

SABES SEQUER o dia exacto em que chegaste à Grécia? Sabes apenas que foi em Agosto, há perto de três anos; e que ao sabor das ondas (era já de noite) o navio dançava, à saída de Brindisi, como que na pânica expectativa de passar do Adriático para o Jónio. Pela manhã, desembarcaste em Corfu, sem teres ainda a sensação de que pisavas solo grego: divisavas, ao longe, as montanhas da Albânia — e quase tudo, na ilha, se te afigurava bem mais um eco da Itália que um anúncio da Grécia. Em contrapartida, não desembarcaste em Itaca: aí, sim, gostarias de ter ficado; mas tiveste de limitar-te a contemplá-la do tombadilho do navio, tão de perto, no entanto, que vias as pessoas moverem-se dentro das casas —, daquelas casas pobres e brancas, assustadoramente dignas, hieràticamente alinhadas ao longo do cais.

Nessa mesma noite aportaste a Patras, que te pareceu um triste porto, mais pardacento do que lúgubre, a despeito da sua excepcional situação, mesmo na espádua do Peloponeso, à entrada do golfo de Corinto. E parte dessa margem do golfo de Corinto havias de corrê-la, horas depois, num autocarro já nada jovem — mas truculento como um alcoólico de meia-idade — que num excesso de brio te arrastou, em ofegante maratona, ao longo de pequenas praias adormecidas, através de aldeias iluminadas e despertas. Com o fito de iludir o calor, havia quem tivesse trazido as camas para a rua; mas ainda ninguém se mostrava disposto a ocupá-las: e assim os faróis do autocarro descobriam, de quando em quando, na berma da estrada, a insólita alvura de lençóis impecáveis. Dir-se-ia que as camas estavam feitas, ao ar livre, aguardando sòmente a visita dos deuses.

E chegaste por fim a uma praia — Xylocastron — transformada em campo de férias. Mal se distinguia o ruído do mar, de tão absorvente e tão intenso que era o cheiro a jasmim. Abrira-se um postigo sonolento, no serviço de recepção, sem que ninguém, no entanto, estivesse preparado para te receber. Nem sabiam dizer-te onde haverias de te instalar; e acabaste por dormir, durante duas ou três horas, numa exígua tenda de campanha. Que primeiro contacto mais directo com a terra da Grécia poderias ter desejado? Acordaste às sete da manhã, com o sol no rosto, julgando que já fosse meio-dia. Às oito, estavas a nadar no golfo de Corinto; às dez, tinham-te enfim arranjado alojamento. E começaste a familiarizar-te com os vários sectores do campo de férias, com as pequenas alamedas talhadas entre pinheiros, com os toscos «bungalows» de madeira — que tinham à porta nomes de deuses, de semideuses, de heróis, de sábios, de poetas... Dissipara-se, entretanto, o cheiro a jasmim: só à noite voltarias a dar por ele. Dia após dia, ao longo de uma semana, o mesmo tornaria a verificar-se — como se a terra, nesse lugar, apenas usasse aquele perfume durante a noite.

Uma semana em Xylocastron, entrecortada de peripécias e de excursões, parece-te agora um espaço estranhamente elástico, tão depressa uma tarde muito breve tragada por uma noite ainda mais curta, como logo a seguir a pausada alternância de séculos de Sol, de milénios de Lua... Mal sabias, então, que era a penúltima semana da tua juventude.

Aquela rapariguinha francesa, que estudava Letras em Poitiers, nunca tinha ouvido falar de Valery Larbaud. Nem de Pleyre de Mandiargues. Nem de Julien Gracq. Mas ofereceu-se gentilmente, em troca do que lhe disseste, para te ensinar a dançar o «let kiss». Foi a única oferta que te fez. E deves ter sido um péssimo aluno. Que importa! O essencial, para ambos, era sentir debaixo dos pés o solo da Grécia, sentir a gratuita fascinação daquele instante, sentir como invariàvelmente se contém — ainda que não chegue a deflagrar —, no efémero de cada ritmo, a eternidade de certos ritos.

Havia outra rapariga, também francesa, um tanto mais alta, de feições mais duras, que andava sempre com ela: esta, como não sabia sequer dançar, nem isso te podia oferecer. Gostavas muito de conversar com as duas; mas era difícil conseguir falar-lhes em separado. E leste-lhes uma noite, na versão francesa do André Bonnard, meia dúzia de poemas da Safo. Ainda hoje vês o «público» dessa leitura: duas mãos tranquilas em cima da mesa; duas outras, mais breves, levemente crispadas... Umas e outras pareciam por vezes «entreolhar-se».

E aquelas italianas que dançavam como frenéticas coribantes? E, entre elas, a «bruna ragazza», que até de noite andava de «bikini», sem porventura suspeitar que poderia servir de modelo para uma estátua de Afrodite? E a holandesa de cabelos escuros, olhos pisados, pernas esguias — com recente fractura num tornozelo —, que deveria ter herdado alguns segredos da própria Circe, a avaliar pelo número de adoradores que lhe giravam em redor e que ela, geralmente, conseguia tornar ridículos? E as serelas escandinavas que dentro de água passavam o dia inteiro? A quase todas havias, aliás, de perder-lhes o rasto, no dia em que deixaste Xylocastron, para subir ao santuário de Delfos.

Niiral

A MARCA DE CONFIANÇA

Niiral

EMBOLOS - EMBOLOS COM CAMISA

EQUIPAMENTO DE ORIGEM DE GRANDE NÚMERO DE FABRICANTES DE VIATURAS
EMBOLOS ESPECIAIS PARA MOTORES A GASOLINA E PARA MOTORES DIESEL

C. SANTOS S.A.R.L. — Lisboa - Porto - Coimbra - Braga - Faro - Ofir

UM HOMEM FORA DE UMA GARRAFA

Os mastros iam-se erguendo para lá do gargalo...

POR PEDRO ALVIM

Os guindastes pendiam, tristes, sobre o cais. Observavam, quietos, a morte de um homem: um fardo esmagara um estivador.

Vieram, depois, homens vestidos de ganga azul. Também eles se debruçavam sobre o corpo ensanguentado, na descoberta precipitada do companheiro.

— É o João — disse um.

— É o João — concordaram todos.

«... homem comprido, de ombros sólidos, queimado, que se casara duas vezes e duas vezes enviuvara...» — ia um velho estivador contando ao repórter

Era, efectivamente, o João. Estivador havia uns vinte e cinco anos — homem comprido, de ombros sólidos, queimado, que se casara duas vezes e duas vezes enviuvara. Viera do Norte, parece que de Trás-os-Montes, e, ainda novo, prendera-se ao Tejo, ali na Ribeira. Um dia fumava um cigarro no cais das Colunas, veio um amigo e perguntou-lhe se queria ser estivador. Ele disse que sim — e foi toda uma longa vida a bordo dos navios ancorados, adormecidos junto à pedra dos cais, os olhos mergulhados na escuridão imensa dos porões...

— É o João — disse um.

— É o João — concordaram todos.

Os guindastes, curvos, continuavam a meditar sobre o cadáver. E os homens de ganga azul falavam, falavam, recordavam coisas. O João, quando se viu só de todo, viuvo duas vezes, passou a dedicar-se a um passatempo curioso, de uma paciência infinita: introduzia barcos em garrafas vazias.

— Só visto! Sentava-se á mesa da cozinha, uma garrafa com vinho, outra garrafa vazia. E os barcos iam sendo construidos com toda a atenção, os olhos muito fixos, a lampada acesa no tecto... Depois, bebia um copo da garrafa com vinho e limpava a garrafa vazia muito bem, com água quente e umas pedrinhas de sal. E punha a garrafa a secar, até ficar enxutinha de todo. Depois...

O homem continuava estendido no cais, tendo por fundo um navio ancorado. Um guindaste, muito alto, rodava lentamente sobre si, já desatento, a cumprir a sua tarefa mecanica de sacar os fardos do fundo negro do porão.

— É o João — disse um.

— É o João — disseram todos.

— Depois...?

— Depois, o barquinho, feito em casquinha, os mastros de faia, era cozido. A água fervia, fervia muito — e, no fim, todo o barco se podia comprimir, até caber numa mão fechada. Fechadinha. Então, o barco, de mastros deitados, era introduzido na garrafa — e o gargalo apertava-o, apertava-o ainda mais.

Evolava-se o fumo de uma chaminé grande, uma chaminé com duas faixas de cor no topo. Um fumo negro, espesso, que lentamente se desfazia no azul, e parecia um lençol negro por sobre o corpo do estivador...

— É o João, é — diziam os homens vestidos de ganga azul.

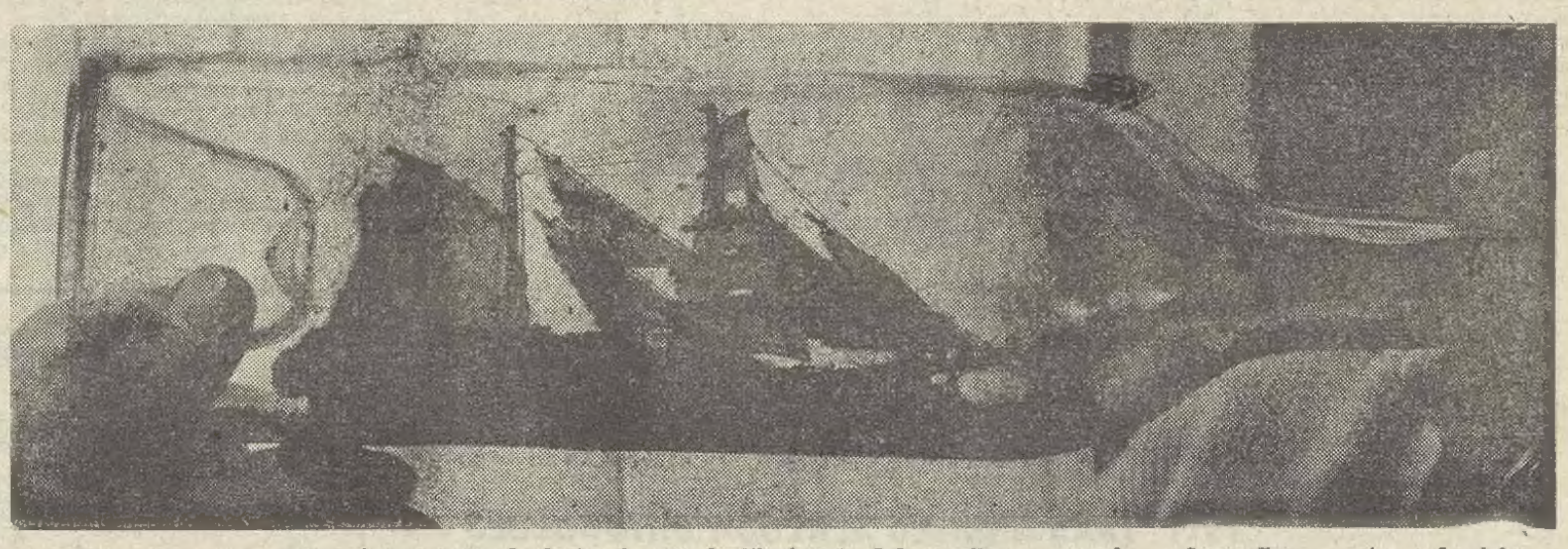
«Depois — ia contando o estivador velho —, depois, o barquinho, feito em casquinha, os mastros de faia, era cozido. A água fervia, fervia muito — e, no fim, todo o barco se podia comprimir, até caber numa mão fechada...»

— ... Então, o barco, de mastros deitados, era introduzido na garrafa — e o gargalo apertava-o, apertava-o ainda mais. Zás! o barco assentava na plasticina que se metera já na garrafa. Parecia um gafanhoto em geleia... A casquinha ia arrefecendo, arrefecendo, arrefecendo. Voltava, lentamente, ao seu volume normal. E, então...

— Então...?

— Chegava a altura de endireitar os mastros. João olhava a lampada no tecto, cerrava os olhos, fininhos, e começava a puxar as linhas que, atadas aos mastros, ás pontas dos mastros, pendiam para cá do gargalo... Um a um, os três mastros iam-se erguendo dentro da garrafa. Finalmente, João arrolhava a garrafa — e desarrolhava a outra, a do vinho, e bebia mais um copito...

Súbito, a ambulância surgiu no cais — e, minutos depois, o estivador João estava estendido no silêncio da Morgue. Fora de uma garrafa para todo o sempre.



«... Um a um, os três mastros iam-se erguendo dentro da garrafa. Finalmente, João arrolhava a garrafa — e desarrolhava a outra, a do vinho, e bebia mais um copito...»

1», de «A Planície». Tem assinado, nos ultimos tempos, uma série de contos em «O Século» dominical.

FOTOS DE JOÃO RIBEIRO

Tem 42 anos. Fez os primeiros trabalhos de fotografia para jornais aos 14, sob a orientação de Armando Silva, profissionalizando-se três anos depois como repórter fotográfico de dois diários: «O Século» e «Diário da Manhã». Em 1947 fez em Roma a reportagem da canonização de S. João de Brito, em exclusivo para Portugal. Trabalhou como colaborador da extinta agência «International Photo News» e tem visto fotografias suas publicadas em jornais e revistas de todo o mundo. Visitou em reportagem a Espanha, França, Itália, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Grécia, Turquia e Canadá. No «Diário de Lisboa» desde Janeiro de 1968, depois de várias colaborações anteriores.

Tem 33 anos. Jornalista desde fins de 1959, começando em «O Primeiro de Janeiro». Ingressou no «Diário de Lisboa», em Novembro de 1961. É também redactor de «O Século Ilustrado». Fez parte dos corpos gerentes da Casa dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Visitou a Espanha, França e Alemanha Ocidental. Dois livros de poemas: «Sábado» (Porto, 1960) e «Cadernos Convívio —